

NADA DISTO É VERDADE



LISA JEWELL

AUTORA BEST-SELLER DE A FAMÍLIA PERFEITA

 Planeta

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

NADA DISTO É VERDADE



LISA JEWELL

AUTORA BEST-SELLER DE **A FAMÍLIA PERFEITA**

 Planeta

LISA JEWELL

NADA DISTO É VERDADE

Tradução
CARLOS SARAIVA



Companhia
Editora Nacional

Prólogo

Abandonar aos tropeções o ambiente fresco com ar condicionado do *foyer* do hotel e ser confrontado com o calor húmido da noite não ajuda a torná-lo mais sóbrio. Fá-lo sentir-se em pânico e claustrofóbico. O suor, que parece ser puro álcool, forma-se rapidamente sobre a sua pele, deixando-lhe as costas molhadas. Como é possível estar tanto calor às três da manhã? E onde está ela? Onde está ela? Vira-se para verificar se a rapariga está atrás de si, e vê-a em duplicado, distorcidamente, através das janelas do hotel. Depois apercebe-se de um carro a fazer sinal para encostar e o seu ritmo cardíaco começa a abrandar. Ela chegou. Finalmente. Graças a Deus. Esta noite terrível está a chegar ao fim. Semicerra os olhos para focar a imagem, para procurar no banco do condutor algum vislumbre do seu cabelo louro-platinado que o deixe mais tranquilo, mas não está lá. A janela de vidro baixa e ele recua ligeiramente.

– O quê? – diz ele à mulher de cabelo negro ao volante. – O que estás aqui a fazer? Onde está a minha mulher?

– Está tudo bem – diz a mulher. – Ela mandou-me cá. Bebeu demais. Pediu-me para te levar a casa. Anda. Entra no carro.

Ele olha para trás em busca da rapariga e vê que abandona o hotel a caminhar em passo apressado na direção oposta, com a sua mala bem apertada junto ao corpo.

– Tenho água. Tenho café. Anda. Estás em casa em menos de nada.

O cão ao colo dela rosna-lhe suavemente quando ele se senta no banco do passageiro.

– Pensava que tinhas partido – diz ele, tentando encontrar o cinto de segurança atrás de si. – Pensava que tinhas ido embora.

A mulher sorri-lhe enquanto desenrosca a tampa de uma garrafa de água e lha estende.

– Sim – diz ela. – Tinha. Mas ela precisou de mim. Por isso, seja como for, bebe isso. Bebe isso tudo.

Ele leva a garrafa à sua boca seca, tão seca, e bebe tudo de um trago.

Depois fecha os olhos e espera até chegar a casa.

Primeira parte

Em maio na Netflix:
Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

Dos criadores de *The Monster Next Door* e *The Serial Date Swindler*, trazemos-lhe algo inédito. Um *podcast* inserido num documentário, uma espécie de «podumentário», se quiser. Em junho de 2019, a famosa *podcaster* Alix Summer, mais conhecida pela sua série de *podcast* sobre mulheres de sucesso, *Plenamente Mulher*, dedicou-se a um projeto único, ao qual chamou *Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!*, sobre uma mulher da sua comunidade que partilhava consigo o mesmo dia de aniversário. À medida que o projeto se desenvolvia, Summer começou a descobrir muito mais acerca da sua modesta vizinha do que alguma vez imaginara. Em poucas semanas, a vida de Summer ficou despedaçada e duas pessoas tinham morrido. Material absolutamente arrepiante, com alguns vislumbres chocantes dos aspetos mais sombrios da humanidade: garantimos que irá assistir a todos os episódios de uma vez só.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

Uma Série Original Netflix

*O ecrã está negro. Lentamente surge o interior de um estúdio de gravação.
Surge o texto no ecrã:*

Gravação do podcast de Alix Summer, 20 de junho de 2019

Ouve-se suavemente a voz de uma mulher.

– Estás confortável, Josie?

– Sim. Estou bem.

– Ótimo. Bom. Enquanto vou ajustando tudo, por que não me dizes o que comeste esta manhã ao pequeno-almoço?

– Oh! Hum...

– Só para testar a qualidade do som.

– Certo. *OK.* Bom, comi torradas. Duas fatias. Uma com compota. Outra com manteiga de amendoim. E uma caneca de chá. Daquele chique do Marks. Da caixa dourada.

– Com leite?

– Sim. Com leite.

Há uma pequena pausa.

A câmara gira em torno do estúdio de gravação, focando alguns detalhes: as linhas sobem e descem no monitor, um par de headphones abandonados, uma chávena de café vazia.

– Como está? Está bom?

– Sim. Está perfeito. Tudo pronto. Vou fazer uma contagem decrescente a partir do três e depois apresento-te. *OK?*

– Sim. *OK.*

– Ótimo. Então... três... dois... um... Olá, e sejam bem-vindos! O meu nome é Alix Summer e tenho para si algo diferente...

O som desvanece e a imagem volta a escurecer.

Começam os créditos de abertura.

Sábado, 8 de junho de 2019

Josie consegue sentir o desconforto do marido quando entram e se deixam envolver pelo brilho dourado do *gastropub*. Ela já passara à porta deste sítio centenas de vezes. Pensara: *Não é para nós*. Toda a gente é muito jovem. Na ardósia na parte de fora estava escrito o nome de comida da qual nunca ouvira falar. *O que é butarga?* Mas este ano o seu aniversário calhara num sábado e ela não respondera: «Oh! Irmos buscar comida e uma garrafa de vinho serve perfeitamente», quando Walter lhe perguntara o que ela queria fazer. Este ano ela pensara no brilho amarelado do Lansdowne, no burburinho das conversas, no champanhe em baldes de gelo nas mesas exteriores em dias de verão e na pequena quantia que a sua avó lhe deixara no mês passado em testamento, olhara para si mesma no espelho tentando ver-se como o tipo de pessoa que celebrava o aniversário num *gastropub* em Queen's Park e dissera:

- Devíamos ir jantar fora.
 - OK – dissera Walter. – Tens algum sítio em mente?
 - O Lansdowne. Tu sabes. Na Salusbury Road – dissera ela.
- Ele erguera simplesmente uma sobranceira e dissera:
- O aniversário é teu. Tu é que escolhes.

Ele abre-lhe a porta e ela entra. Permanecem por momentos junto a uma placa que diz: *Por favor, aguarde que lhe indiquem a sua mesa*. Josie olha em volta para os clientes que jantam e bebem ao final da tarde, com a sua mala bem segura pelos braços junto ao corpo.

– Fair – diz ela ao jovem que aparece a segurar um bloco de notas. – Josie. Mesa reservada para as sete e meia.

Ele sorri para ela e para Walter, e diz:

- Para dois, certo?

São levados para uma mesa agradável num canto da sala. Walter senta-se numa banqueta, Josie numa cadeira de veludo. São-lhes entregues os *menus* presos numa tábua. Nesse dia ela já tinha verificado o *menu online*, para poder ir ao Google pesquisar alguma coisa que desconhecesse, por isso já sabe o que vai comer. E vão pedir champanhe. Ela não quer saber da opinião de Walter.

Uma entrada espalhafatosa no *pub* chama a sua atenção. Uma mulher entra a segurar um balão onde se leem as palavras *Birthday Queen*. Tem o cabelo louro-platinado, num corte que lhe dá um movimento fluído. Veste calças largas e um *top* composto por duas tiras de tecido preto presas por cordões. A sua pele está bronzada. O sorriso é desafogado. Um grupo segue-a, pessoas da mesma idade; alguém segura um buquê de flores; outra pessoa carrega uma série de sacos de presente elegantes.

– Alix Summer! – diz a mulher, projetando o tom de voz. – Mesa para catorze.

– Olha – diz Walter, tocando-lhe ao de leve. – Outra aniversariante.

Josie anui distraidamente.

– Sim – diz ela. – É o que parece.

O grupo segue o empregado até uma mesa mesmo em frente a Josie. Ela repara que há três baldes de gelo já sobre a mesa, cada um contendo duas garrafas de champanhe gelado. Todos se sentam ruidosamente, discutindo em voz alta sobre quem se deve sentar onde e não querendo ficar sentadas junto aos maridos, por amor de Deus. A mulher que se chama Alix Summer vai orientando todos com o seu enorme sorriso enquanto um homem alto e ruivo, que é provavelmente o seu marido, tira o balão da mão dela e o prende às costas de uma cadeira. Depressa todos estão sentados, e as primeiras garrafas de champanhe são abertas e o líquido derramado em catorze copos, erguidos por catorze pessoas com braços bronzados e pulseiras de ouro e mangas de camisa brancas. Todos juntam os copos num brinde, aqueles mais ao fundo da mesa levantam-se para chegar mais perto, e todos dizem: «À Alix! Feliz aniversário!»

Josie observa a mulher.

– Que idade achas que ela tem? – pergunta a Walter.

– Jesus. Não sei. Hoje em dia é difícil dizer. Quarenta e poucos, talvez?

Josie concorda. Hoje é o seu quadragésimo quinto aniversário. Parece difícil de acreditar. Outrora tinha sido jovem e pensara que os quarenta e cinco demorariam a chegar. Pensara que os quarenta e cinco seriam outra vida. Mas chegaram depressa e não são o que ela imaginara. Ela olha para Walter, para esta versão apagada, e pergunta-se quão diferentes teriam sido as coisas se não o tivesse conhecido.

Tinha treze anos quando se conheceram. Ele era um pouco mais velho do que ela; bom, *muito* mais velho do que ela, aliás. Toda a gente ficou em choque na altura, menos ela. Casaram quando ela tinha dezanove anos. Teve um bebé aos vinte e dois. Outro aos vinte e quatro. Uma vida vivida a correr e agora, aparentemente, ela deveria estar no auge e lentamente a ressurgir satisfeita do outro lado, mas não parece alguma vez ter havido um auge, ao invés disso, um abismo formado pelo trauma que ela continua a alimentar de forma

ininterrupta e que lhe causa nós no estômago.

Walter está agora reformado, o seu cabelo já se foi e muita da capacidade auditiva e visual também, o seu pico de meia-idade está tão distante no passado, e tão diluído no fervor da intensidade que foi criar crianças pequenas, que é quase impossível recordar-se de como ele era na idade dela.

Josie pede pão com queijo feta e tomate seco ao sol, seguido deatum *tagliata* («a palavra *TAGLIATA* deriva do verbo *TAGLIARE*, cortar») com puré de feijões *cannellini* e uma garrafa de Veuve Clicquot («a Yellow Label do Veuve Clicquot é apreciada pelo seu sabor rico e tostado»). Agarra a mão de Walter, passando o polegar sobre os sinais que surgem com o avançar da idade, e pergunta:

– Estás bem?

– Sim, claro. Estou ótimo.

– O que achas deste lugar, então?

– É... sim. É bom. Gosto.

Josie sorri.

– Que bom – diz ela. – Fico feliz.

Ela ergue a sua taça de champanhe e leva-a ao encontro da de Walter. Ele faz soar um brinde e diz:

– Feliz aniversário.

O sorriso mantém-se no rosto de Josie enquanto observa Alix Summer e o seu grande grupo de amigos, o seu marido ruivo com o braço descontraidamente pousado nas costas da sua cadeira, grandes travessas de carne e pão a serem trazidas para a mesa e colocadas na sua frente como se aparecessem do nada, o barulho que fazem, a forma como preenchem cada centímetro do espaço com as suas vozes e os seus gestos e as suas mãos e as suas palavras. A energia que emanam é efervescente, uma aurora boreal rodopiante e inebriante de um pedantismo glorioso e irritante. E ali, no meio de tudo, está Alix Summer com o seu enorme sorriso e os seus enormes dentes, o seu cabelo que reflete a luz, o seu colar dourado com um pendente que roça as suas clavículas brilhantes sempre que ela se move.

– Será que o dia de aniversário dela também é hoje? – comenta Josie.

– Talvez – diz Walter. – Mas é sábado, por isso nunca se sabe.

A mão de Josie pousa sobre a corrente que usa em torno do seu pescoço desde os trinta anos; o presente de aniversário que recebeu de Walter. Acha que talvez devesse acrescentar um pendente. Algo brilhante.

A esta altura, Walter passa sobre a mesa e na direção dela um pequeno presente.

– Não é nada de especial. Sei que disseste que não querias nada, mas não acreditei. – Ele sorri para ela e ela de volta. Abre o pequeno presente e retira um frasco de perfume Ted Baker.

– Adoro – diz ela. – Muito obrigada. – Ela inclina-se sobre a mesa e beija suavemente Walter na bochecha.

Na mesa oposta, Alix Summer está a abrir sacos de presente e cartões de felicitações e a agradecer aos seus amigos e família. Ela pousa sobre a mesa um cartão e Josie vê que tem o número 45 impresso. Ela toca em Walter.

– Olha – diz ela. – Quarenta e cinco. Fazemos os mesmos anos no mesmo dia.

Assim que as palavras saíram da sua boca, Josie é assolada pela sensação amarga de que a maior parte da sua vida passara por si a correr. Nunca antes tinha conseguido discernir este sentimento ou o que significava. Mas agora sabe.

Significa que ela está errada, que tudo, literalmente tudo, que a rodeia está errado e que ela está a ficar sem tempo para se corrigir.

Ela vê Alix a levantar-se e a dirigir-se aos lavabos, ela própria se levanta e diz:

– Vou à casa de banho.

Walter olha para cima, perplexo, interrompendo o seu presunto Parma com melão, mas não diz nada.

Pouco depois os reflexos de Josie e Alix estão lado a lado no espelho sobre os lavatórios.

– Olá! – diz Josie, a sua voz soando mais estridente do que imaginara. – Fazemos anos no mesmo dia!

– Oh! – diz Alix, com uma expressão imediatamente calorosa e recetiva. – Também faz anos hoje?

– Sim. Quarenta e cinco!

– Oh, uau! – diz Alix. – Eu também. Feliz aniversário!

– Para si também!

– A que horas nasceu?

– Céus – diz Josie. – Não faço ideia.

– Nem eu.

– Nasceu aqui perto?

– Sim. No hospital de Saint Mary. E você?

O coração de Josie fica em sobressalto.

– No Saint Mary também!

– Uau! – diz Alix de novo. – É assustador.

Os dedos de Alix dirigem-se ao pendente que tem em torno do pescoço e Josie vê que é uma abelha dourada. Está prestes a dizer algo mais sobre a coincidência dos seus aniversários quando a porta da casa de banho se abre e uma das amigas de Alix entra.

– Aqui estás tu! – diz a amiga. Está vestida com umas calças de ganga debotadas ao estilo anos setenta com um *top* que deixa os ombros a

descoberto, e enormes brincos de argola.

– Zoe! Esta senhora faz anos no mesmo dia que eu! Esta é a minha mana mais velha, Zoe.

Josie sorri para Zoe e diz:

– Nascidas no mesmo dia, no mesmo hospital.

– Uau! É incrível – diz Zoe.

Depois Zoe e Alix divergem a conversa da Grande Coincidência e Josie vê imediatamente que já passou, este estranho momento de conexão, que foi fugaz e ligeiro para Alix, mas que por alguma razão carrega tanta importância e significado para Josie, e ela quer agarrá-lo e reavivá-lo novamente, mas não pode. Tem de voltar para o seu marido e para o seu pão e deixar que Alix volte para os seus amigos e para a sua festa. Ela profere um discreto «Então adeus» enquanto se vira para sair e Alix sorri e diz-lhe:

– Parabéns, mana de aniversário!

– Para si também! – diz Josie.

Mas Alix já não a ouve.

1h00

A cabeça de Alix está a andar à roda. *Cocktails* de tequila à meia-noite. Foi demasiado. Nathan está a servir-se de um uísque e o cheiro faz com que a cabeça de Alix rode ainda mais. A casa está em silêncio. Por vezes, quando contratam uma *babysitter* muito enérgica, as crianças ainda estão acordadas quando chegam a casa, inquietas e irritantemente despertas. Por vezes a televisão está ligada no volume máximo. Mas hoje não. A *babysitter* de voz calma com cinquenta e poucos anos já saiu há meia hora e a casa está arrumada, a máquina de lavar loiça a funcionar, a gata está a caminhar tranquilamente sobre o sofá na direção de Alix, a ronronar ainda antes de a mão de Alix pousar sequer sobre o seu pelo.

– Aquela mulher – diz ela a Nathan, puxando uma das garras da gata das suas calças. – Aquela que não parava de olhar. Ela veio à casa de banho. Parece que também faz hoje quarenta e cinco anos. Era por isso que não parava de olhar.

– Ah! – diz Nathan. – Fazem anos no mesmo dia.

– E também nasceu no Saint Mary. É engraçado, sabes que sempre achei que era suposto haver duas de mim. Sempre me perguntei se a minha mãe teria deixado a outra no hospital. Será que é ela?

Nathan senta-se pesadamente ao seu lado e faz rolar dentro do seu copo de uísque uma solitária pedra de gelo, daquelas gigantes cilíndricas que faz com água mineral.

– Ela? – diz ele, pouco convencido. – Parece muito improvável.

– Por que não?

– Porque tu és linda e ela é...

– O quê? – Alix pressente o sentido de justiça a crescer no seu peito. Ela adora que Nathan pense que ela é bonita, mas também gostava que Nathan conseguisse ver a beleza nas mulheres menos convencionalmente atraentes. Denegrir a aparência das mulheres fá-lo soar superficial e misógino. E fá-la sentir que não gosta realmente dele. – Eu achei-a muito bonita. Sabes, aqueles olhos tão castanhos que são quase pretos. E aquele cabelo ondulado. Seja como for, é estranho, não é? A ideia de duas pessoas que nasceram no mesmo sítio, ao mesmo tempo.

– Nem por isso. Deve ter havido mais dez bebés nascidos naquele dia no Saint Mary. Talvez mais.

– Mas conhecer um deles. No dia de aniversário.

A gata está agora enroscada no colo dela. Ela passa as pontas dos dedos no amontoado de pelo do pescoço dela e fecha os olhos. A sala gira de novo. Ela abre os olhos, retira a gata do colo e corre até à casa de banho do corredor, onde vomita violentamente.

Domingo, 9 de junho

Josie acorda subitamente de um sonho muito ténue, um sonho tão superficial na sua consciência que quase consegue controlá-lo. Está em Lansdowne. Alix Summer está lá e chama-a para se sentar na sua mesa. A mesa está repleta de taças de fruta extravagantes. Os seus amigos vão-se embora. O *pub* está vazio. Alix e Josie sentam-se frente a frente, e Alix diz: «Preciso de ti.» E depois Josie acorda.

São os autocarros.

Os autocarros acordam-na sempre.

Moram mesmo ao lado de uma paragem de autocarro numa estrada movimentada e suja na interseção de Kilburn e Paddington. Os grandes casarões vitorianos desta rua foram construídos em 1876 por mercadores abastados, segundo um *website* de história local. A estrada chegara a ir dar às termas de Kilburn Priory e teria ecoado o som das rodas das carruagens e o bater das ferraduras dos cavalos. Atualmente, cada casarão da rua foi convertido numa amálgama de apartamentos e o exterior de estuque está manchado da cor dos jornais velhos devido ao trânsito infinito que passa tão perto. E os autocarros. Há três nesta rota e um deles passa ou para à sua porta em intervalos de poucos minutos. O assobio do sistema hidráulico quando encostam na paragem é tão estrondoso que por vezes o cão se acobarda nos cantos da casa.

Josie olha para as horas. São 8h12 da manhã. Abre as pesadas cortinas azuis-escuras e espreita para a rua. Está a poucos metros dos rostos das pessoas sentadas no interior do autocarro, todas alheias ao facto de haver uma mulher que as espia desde a janela do seu quarto. O cão vem ao seu encontro, e ela coloca a mão sob o seu focinho.

– Bom dia, *Fred*.

Está levemente ressecada. Bebera meia garrafa de champanhe na noite anterior e terminaram com Sambuca. Muito mais do que aquilo a que Josie está habituada a beber. Vai até à sala, onde Walter está sentado à mesa junto à janela que dá para a rua.

– Bom dia – diz ele, esboçando um pequeno sorriso antes de devolver a atenção ao ecrã do seu computador.

– Bom dia – responde ela, dirigindo-se à cozinha. – Deste comer ao cão?

– Dei sim, senhora. E também o levei à rua.

– Obrigada – diz ela calorosamente. *Fred* é o cão dela. Walter nunca quisera um cão, muito menos um cão tão pequeno como *Fred*, que é um pomchi. Ela responsabiliza-se totalmente por ele e fica grata a Walter sempre que ele faz algo para a ajudar.

Ela prepara torradas e uma caneca de chá e aninha-se no pequeno sofá ao canto da sala. Quando desbloqueia o telemóvel, percebe que pesquisara no Google o nome Alix Summer na noite anterior. Isso explica por que estava a sonhar com ela quando acordou.

Alix Summer, ao que parece, é uma *podcaster* e jornalista relativamente conhecida. Tem oito mil seguidores no Instagram e os mesmos no Twitter. Na sua biografia consta: «Mãe, jornalista, feminista, bisbilhoteira e perguntadora profissional, fanática de ioga falhada, moradora/apaixionada de Queen's Park.» Depois há uma hiperligação para o canal do seu *podcast*, que se chama *Plenamente Mulher*, onde entrevista mulheres de sucesso sobre o que é ser uma. Josie reconhece alguns dos nomes: uma atriz, uma pivô de notícias, uma desportista.

Começa a escutar um: uma mulher chamada Mari Le Jeune que gere um império global de beleza. A voz de Alix na introdução é como veludo e Josie consegue perceber a razão por que ela terá escolhido esta carreira em particular.

– O que estás a ouvir? – pergunta Walter.

– Só um *podcast*. É aquela mulher, a Alix, que conheci ontem no *pub*. A que faz anos no mesmo dia que eu. É o que ela faz – responde.

Ela continua a ouvir durante algum tempo. A mulher de nome Mari está a falar sobre o seu casamento numa idade precoce com um homem que a controlava. «Tudo o que eu fazia, tudo o que eu comia, tudo o que vestia. Ele colocou os meus filhos contra mim. Colocou os meus amigos contra mim. A minha vida era tão pequena, ele tomou o controlo dela e espremeu-me até não existir nem uma réstia de *mim*. E depois, em 2005, ele morreu, muito subitamente. E foi como se tivesse carregado no botão «reiniciar» da minha vida. Descobri que ao longo de todos aqueles anos negros com o meu marido, quando pensei que estava completamente sozinha no mundo, tinha havido nos bastidores um grupo de pessoas à espera de que eu voltasse para elas, sempre tinham estado lá. Elas ergueram-me do chão e levaram-me com elas.»

Depois regressa a voz de Alix. «E se o seu marido – e espero que isto não soe demasiado duro ou insensível – se ele não tivesse falecido tão jovem, que caminho acha que poderia ter seguido a sua vida? Acha que teria chegado

onde está hoje? Acha que de alguma forma o seu sucesso, tudo o que alcançou, talvez tenha sido obra do destino? Ou acha que foi apenas a trágica morte do seu marido que lhe permitiu seguir este caminho?»

«Essa é uma excelente questão e, de facto, eu penso nisso constantemente. Tinha trinta e seis anos quando o meu marido faleceu. No momento do seu prognóstico, eu não era, nem de perto nem de longe, suficientemente forte para o deixar, subconscientemente estava à espera que os miúdos crescessem. No entanto, já tinha passado tantos anos a sonhar com tudo o que faria quando o deixasse que tinha todo o esboço da minha vida sem ele já elaborado, mesmo que não fizesse ideia de como algum dia iria escapar. Por isso é possível, sim, que pudesse ter seguido este caminho mesmo que ele não tivesse falecido com cancro. Mas isso acabou por acontecer mais cedo, suponho. O que me deu mais tempo para criar a empresa, para a conhecer, para a fazer crescer, e crescer com ela. Teria sido diferente se tivesse esperado. E, por muito mau que soe, a morte é um corte definitivo. Não há zonas cinzentas. Não há ambiguidade. É como se fosse uma tela em branco. E isso revelou-se uma grande ajuda para mim em termos de negociação das inúmeras possibilidades que me surgiram durante aqueles primeiros anos. Não estaria onde estou neste momento, caso ele fosse vivo.»

Josie pressiona o botão de pausa. Está ligeiramente ofegante; sente-se quase exausta. *A morte é um corte definitivo.* Ela olha para Walter, no fundo da sala, para perceber se ele reparou, mas ele está a leste. Ela pressiona *play* e ouve o resto do *podcast*. A mulher de nome Mari possui agora três propriedades em todo o mundo, dá emprego aos seus quatro filhos no negócio de família e é a fundadora da maior instituição de caridade contra a violência doméstica do Reino Unido. No fim do *podcast*, Josie senta-se por momentos e deixa a sua mente absorver tudo o que ouviu sobre a vida extraordinária desta mulher. Depois volta aos resultados do Google e percorre durante algum tempo o *feed* do Instagram de Alix. Ela vê, como sabia que veria, uma enorme cozinha com uma ilha, crianças ruivas em praias selvagens, vistas a partir de arranha-céus em Londres, *cocktails*, gatos e férias de luxo. Os filhos de Alix parecem jovens, provavelmente não têm mais de dez anos, e Josie pergunta-se o que Alix teria feito todos aqueles anos antes; o que se faz quando se tem trinta anos, se não se está a criar filhos? Como se passa o tempo?

Ela para numa fotografia de Alix e do marido. Ele é alto, até mesmo comparado com Alix, que é mais alta do que a maioria das mulheres, e a sua cabeleira espessa de cabelo ruivo parece muito mais vivo do que na realidade sob o efeito de uma espécie de filtro. Na legenda pode ler-se: «Assinalam-se hoje quinze anos desde que entraste na minha vida. Nem sempre foi fácil, mas sempre estivemos unidos», seguida de uma série de *emojis* com corações.

Josie tem contas nas redes sociais, mas não publica nada. A ideia de colocar

uma foto sua e de Walter na internet, para que todos vejam e julguem, fá-la sentir nauseada. Mas não se importa nada que os outros o façam. É uma bisbilhoteira assumida. Nunca publica, nunca comenta, nunca põe «gosto». Só observa.

*

Domingo amanhece quente e pegajoso. Nathan não está ao seu lado na cama e Alix tenta recuperar fragmentos da noite anterior para tentar obter uma ideia do que aconteceu. O *pub*, o champanhe, a tequila, a caminhada até casa pelo parque, falar com os patos da quintinha de animais através da vedação, *quá quá*, Nathan a servir-se de uísque, a gata aninhada no seu colo, o cheiro do difusor aromático da casa de banho do rés do chão misturado com o cheiro do seu vómito, espreitar para os quartos dos miúdos, as pestanas a tocarem nas bochechas, as luzes das mesas de cabeceira, os pijamas, o rosto de Nathan no espelho ao lado do seu, a boca dele no seu pescoço, as mãos nas suas ancas, a querer sexo, NÃO ESTÁS DOIDO OU QUÊ, depois cama. Mas a almofada do lado dele não foi tocada. Será que discutiram? Onde está ele a dormir?

Ela sai da cama e espreita para dentro da casa de banho da suíte. Não está lá. Desce as escadas até ao corredor e ouve a voz dos seus filhos. A televisão da cozinha está ligada, e Eliza está deitada no sofá frente à mesma com a gata deitada sobre o seu peito. Leon está no computador portátil. Há restos de pequeno-almoço espalhados pelo longo balcão creme da cozinha.

– Onde está o pai?

Eliza olha para cima. Encolhe os ombros.

– Leon. Onde está o pai?

Ele retira os auscultadores e semicerra os olhos na direção dela.

– O quê?

– Onde está o pai?

– Não sei.

Alix vai até ao jardim. As lajes do terraço das traseiras já estão quentes sob os seus pés. Nathan não está na oficina, nem no estúdio. Ela retira o seu telemóvel do bolso do pijama e liga-lhe. Começa a chamar.

– Já o viste hoje? – pergunta a Eliza quando regressa à cozinha.

– Népia. Mãe?

– Sim?

– Podemos ir à livraria hoje?

– Sim. Claro. Claro que vamos.

Alix faz café, bebe água e come uma torrada. Ela sabe o que aconteceu e sabe o que esperar. Não acontece há alguns meses, mas ela lembra-se dos

contornos, do pesadelo horrível e torturante que é. O prazer da sua noite de aniversário já se desfez na sua memória.

Quando se senta com um segundo café, lembra-se de algo da noite anterior. A mulher da casa de banho que fazia anos no mesmo dia. *Como disse ela que se chamava?* Ou talvez não tenha dito.

Pergunta-se o que a mulher estará a fazer esta manhã. Pergunta-se se o marido dela terá desaparecido silenciosamente a meio da noite, deixando-a acordar sozinha. *Não, pensa ela, não, claro que não desapareceu.* Os outros maridos não o fazem. Só o dela.

*

Às quatro da tarde, ele reaparece. Está a usar a mesma roupa que usara na noite anterior. Passa por ela na cozinha para chegar ao frigorífico, de onde retira uma Coca-Cola Diet e bebe sedentamente.

Alix observa-o, esperando que fale.

– Tu apagaste completamente – diz ele. – Eu ainda estava... aceso. Só precisava de...

– Beber mais?

– Sim! Bem, não. Quer dizer, podia beber aqui. Mas só queria, sabes, *sair*.

Alix fecha os olhos e inspira profundamente.

– Estivemos fora a noite inteira. A noite inteira, das seis à meia-noite. Vimos todos os nossos amigos. Estivemos a beber durante seis horas seguidas. Divertimo-nos. Voltámos para casa. Bebeste um uísque. E depois ainda quiseste mais?

– Sim. Acho que sim. Quer dizer... estava muito bêbado. Não estava bem em mim. Só segui os meus instintos.

– Onde foste?

– Ao Soho. O Giovanni e o Rob estavam lá. Só bebi mais uns copos com eles.

– Até às quatro da tarde?

– Arranjei um quarto num hotel.

Alix resmunga levemente entre dentes.

– Pagaste para dormir num hotel em vez de vires para casa?

– Não estava capaz. Pareceu a melhor opção no momento.

Ele está com péssimo ar. Ela tenta imaginá-lo aos tropeções pelo Soho a meio da noite, a despejar bebida atrás de bebida pela goela abaixo. Tenta imaginar o aspeto dele a entrar num hotel às quatro da manhã, o seu cabelo ruivo intenso desalinhado, a atirar à cara da rececionista um hálito pútrido subsequente a uma longa noite de consumo de álcool e comida, antes de colapsar numa cama de hotel e ressonar violentamente num quarto vazio.

– Não te expulsaram ao meio-dia?

Ele acaricia a barba meio grisalha do queixo e esboça um pequeno sorriso.

– Sim – diz ele. – Aparentemente, fizeram algumas tentativas para me acordar. Eles, hum, acabaram por ter de entrar no quarto. Só para verificar que eu não estava, sabes, morto.

Ele sorri com ar travesso quando diz isto, e Alix apercebe-se de que há vinte anos isto seria algo que os faria rir. Teria sido engraçado, de alguma forma, um homem adulto que bebeu durante quase doze horas, desaparecido no Soho, a forçar os funcionários do hotel a entrar no seu quarto por pensarem que poderia estar morto, e dando com ele, sem dúvida, meio despido e esparramado na cama, sem noção de nada, de ressaca, com aspeto nojento.

Ela teria rido.

Mas já não.

Não agora que tem quarenta e cinco anos.

Não agora.

Agora está simplesmente repugnada.

*

Na semana seguinte, Josie ouve quase trinta episódios do *podcast* de Alix. Ouve as histórias de mulheres que recuperaram depois de uma centena de tipos diferentes de dificuldades: doenças, homens tóxicos, pobreza, guerra, problemas de saúde mental e tragédias. Perderam filhos, partes do corpo, autonomia; foram agredidas, humilhadas, oprimidas. E depois reerguem-se, todas elas, reerguem-se e encontram objetivos que não sabiam ter. O *podcast* ganhou prémios e Josie percebe porquê. Não só as histórias das mulheres são inspiradoras como a abordagem de Alix é tão empática, tão inteligente, tão humana, que ela consegue tornar uma entrevista a qualquer pessoa com quem escolha falar soar comovente. Josie tenta descobrir mais sobre Alix na internet, mas há muito pouca informação. Raramente foi entrevistada e, quando foi, fornece poucos pormenores. Josie presume que ela seja uma mulher empreendedora, no controlo da sua vida. Presume que tem para contar uma história semelhante às das mulheres que entrevista, e Josie formula fantasias sobre cruzar-se de novo com Alix, sobre partilharem as suas próprias histórias, sobre Alix talvez poder de alguma forma tornar-se sua mentora, mostrando-lhe como poderá tornar-se a pessoa que ela pensa que sempre esteve destinada a ser.

Depois, numa tarde, surge uma nova foto no perfil de Instagram de Alix. É a festa de aniversário de uma das crianças. Há balões com o número onze e a filha de cabelo ruivo está vestida de fada *punk*, o pai está de pé atrás dela,

observando-a com orgulho enquanto ela franze os lábios para soprar as velas num enorme bolo cor-de-rosa, e outras pessoas também se posicionam atrás dela, as mãos a postos para bater palmas, sorrisos nos rostos. E depois Josie aumenta o que está em segundo plano na foto sobre algo que lhe parece familiar. Uma foto escolar assente sobre o aparador atrás do grupo, com as duas crianças vestidas com uma farda de polo azul-claro com um logotipo azul-escuro. Percebe que os filhos de Alix Summer andam na mesma escola que Roxy e Erin frequentaram quando eram pequenas e subitamente volta a senti-la, aquela onda estranha de ligação, aquela sensação de que há algo que a une a Alix Summer, algo no universo. Ela imagina Alix Summer no mesmo recreio que durante tantos anos ela pisara, a entrar no mesmo gabinete abafado para pagar visitas de estudo e refeições escolares, sentada e apertada nos mesmos bancos corridos ao fundo do mesmo edifício para assistir a reuniões e a festas de Natal, a pendurar os mesmos uniformes azuis-escuros e azuis-claros para secar.

Nascidas no mesmo dia.

No mesmo hospital.

A celebrarem o quadragésimo quinto aniversário no mesmo *pub*, à mesma hora.

E agora isto.

Quer dizer alguma coisa, ela tem a certeza disso.

Segunda-feira, 17 de junho

Alix observa o marido na cozinha, o seu cabelo ainda molhado depois do duche, a camisa colada às costas – ela nunca compreendeu porque não se seca como deve ser antes de se vestir – a beber café na sua caneca favorita e a instigar os miúdos para se despacharem, para comerem, para se calçarem. Está a agir como se fosse uma segunda-feira normal, mas não é um dia normal. É a segunda-feira após a sua segunda noite de farra seguida. A segunda-feira após ele ter novamente dormido fora de casa e ter aparecido mais uma vez, sujo e miserável, no domingo à tarde, a tresandar da noite anterior. É a segunda-feira em que Alix começou de novo a pensar seriamente no futuro do seu casamento. Se ela continuar a interrogar-se desta forma sobre o futuro do seu casamento, esta pode bem ser a segunda-feira que marca o princípio do fim. Nathan sempre foi a personificação de uma lista de vantagens e desvantagens, logo desde o momento em que o conheceu. Ela chegara mesmo a escrever uma lista depois do terceiro encontro, para a ajudar a decidir se deveria ou não continuar a vê-lo. O comportamento dele nestes dois últimos fins de semana acrescentou de súbito mais elementos à coluna das desvantagens, o que é mau, porque as vantagens sempre foram mais parcas. Dançar bem, por exemplo. É ótimo para o segundo encontro, mas não tão relevante após quinze anos e dois filhos, duas carreiras e um futuro com que se preocupar.

Às oito e quinze, Nathan sai. Despede-se em voz alta do corredor. Já passou muito tempo desde que era hábito beijarem-se sempre que saíam de casa. Dez minutos depois, Alix acompanha as crianças até à escola a pé. Leon está rabugento. Eliza está hiperativa.

Alix caminha entre eles, a olhar para o telemóvel, a verificar *e-mails*, a tentar encontrar em *websites* o cachorro que prometeu que arranjariam ainda este ano, um pastor-australiano que deverá, idealmente, ter um olho de cada cor e, por isso, parece impossível de achar, o que secretamente deixa Alix aliviada. Neste momento não tem espaço na sua mente para um cachorro, por muito que tenha saudades de ter um cão em casa.

Acabou recentemente de gravar o trigésimo episódio do *Plenamente*

Mulher; irá para o ar na semana seguinte e depois disso ela quer tentar algo novo. O tema já deu o que tinha a dar e está pronta para um novo desafio, mas ainda está à espera de ser invadida pela inspiração e o seu diário está vazio, e um diário vazio é tão enervante como um diário cheio no que diz respeito à carreira.

As crianças desaparecem alguns minutos depois, sugadas pelo turbilhão do recreio, e Alix começa o caminho de regresso a casa. Após uma manhã nublada, o sol aparece de repente e encandeia-a. Ela procura na sua mala os óculos de sol e, quando os encontra, olha para cima e vê uma mulher muito próxima de si. A mulher parece-lhe de imediato familiar. Por um momento, ela pensa ser a mãe de algum aluno da escola, e depois lembra-se.

– Oh! – diz ela, dobrando as hastes dos seus óculos. – Olá! É a mulher do *pub*. A que faz anos no mesmo dia do que eu!

A mulher parece surpreendida, de forma quase teatral.

– Oh, olá! – balbucia. – Estava a achar que me parecia familiar. Uau!

– Está... tem cá filhos? – Alix gesticula na direção da escola.

– Não! Bem, já não. Eles frequentaram esta, mas já saíram há muito tempo.

Têm vinte e um e vinte e três.

– Oh! Já adultos!

– Sim, são mesmo.

– Rapazes? Raparigas?

– Duas raparigas. Roxy e Erin.

– Ainda vivem consigo?

– A Erin vive, a mais velha. É uma espécie de ermita, suponho que a possamos chamar assim. E a Roxy, bem, saiu de casa quando era muito nova. Dezasseis anos.

– Dezasseis anos. Uau! Isso foi cedo. Eu sou a Alix, já agora – ela estende a mão a Josie.

– Josie – responde a mulher.

– Muito prazer, Josie. E quem é este? – pergunta ela, reparando num pequeno cão de cor creme e caramelo numa trela, junto aos pés de Josie.

– Este é o *Fred*.

– Oh, é amoroso! De que raça é?

– É um pomchi. Ou, pelo menos, foi o que me disseram. Agora que já é adulto não tenho muita certeza. Acho que deve ser arraçado. Tenho dúvidas sobre o sítio onde o fui buscar – não tenho muita certeza se seria legítimo, sabe, agora que penso nisso. Estou sempre com ideia de fazer um daqueles testes de ADN. Mas depois, sabe, olho para ele e penso, quero lá saber.

– Sim – Alix concorda. – É lindo, seja lá o que for. Adoro cães.

– Tem um?

– Não. De momento não. Perdemos a nossa menina há três anos e ainda

não consegui mentalizar-me para a substituir. Mas tenho andado à procura. Os miúdos, sabe, estão naquela idade em que eu acho que ter um cão é muito bom: estão a entrar na adolescência. A *Teeny* era a minha cadela, a cadela que tinha antes de ter filhos. Este seria para eles. Mas vamos ver.

Ela agacha-se para fazer festas ao cão, mas este afasta-se.

– Desculpe – diz Josie, demasiado apologetica.

– Oh! – diz Alix – É tímido. Não faz mal.

Alix olha para Josie e repara que a observa com demasiada atenção. Fá-la sentir-se desconfortável por um segundo, mas depois Josie esboça um pequeno sorriso e Alix vê que ela é, tal como achara na noite em que se conheceram no *pub*, timidamente e secretamente bonita: dentes alinhados, lábios cor-de-rosa, um nariz pequeno e empinado que confere ao rosto algo de especial. O cabelo dela é castanho avelã e ondulado, com risco ao lado e preso atrás. Veste uma *T-shirt* com padrão floral e uma saia de ganga, e tem uma mala também de ganga. Alix repara que a coleira do cão e a trela também são de ganga e adivinha que deve ser uma tendência. Algumas pessoas têm isto, reflete, um padrão repetitivo, um tique estético que as define e que de alguma forma as faz sentirem-se protegidas. A mãe da amiga dela só compra coisas que sejam roxas, lembra-se. Tudo. Roxo. Até o frigorífico.

– Bom – diz Alix, abrindo os óculos de sol e colocando-os no rosto. – Tenho de ir andando. Foi bom revê-la.

Ela vira-se para ir embora, mas Josie diz:

– Há algo que gostaria de discutir consigo, na realidade. Se tiver um minuto. Nada de importante. Só... tem a ver com o facto de fazermos anos no mesmo dia. Só isso. – Ela sorri de forma apologetica e Alix sorri de volta.

– Ah, sim? – responde ela. – Agora?

– Sim. Se tiver um minuto?

– Peço imensa desculpa. Agora não posso mesmo. Mas talvez noutra altura.

– Amanhã?

– Não, amanhã não.

– Quarta-feira?

– Céus, Josie, lamento, lamento mesmo. Mas estou extremamente ocupada o resto da semana, para ser sincera.

Ela começa de novo a ir embora, mas Josie coloca gentilmente a mão sobre o seu braço.

– Por favor – diz ela. – Seria mesmo muito importante para mim.

Há um vislumbre de lágrimas nos olhos de Josie; ela parece desesperada, de alguma maneira, e Alix sente um arrepio a atravessar-lhe o corpo. Mas suspira suavemente e diz:

– Amanhã tenho uma hora livre à tarde. Talvez possamos tomar um café

rápido.

O rosto de Josie espelha desilusão.

– Oh! – diz ela. – À tarde trabalho.

Alix sente alívio ao pensar que talvez se tenha esquivado ao compromisso. Mas depois Josie diz:

– Ouça. Eu trabalho naquele sítio que faz arranjos de costura, perto da estação de metro de Kilburn. Por que não passa por lá amanhã, e podemos conversar um pouco? Não lhe tomo mais do que alguns minutos, prometo.

– E quer conversar sobre o quê?

Josie morde o lábio, como se ponderasse partilhar um segredo.

– Amanhã digo-lhe – responde. – E se tiver alguma roupa que precise de arranjo, traga-a. Posso fazer-lhe vinte por cento de desconto.

Ela sorri, apenas uma vez, e depois vai-se embora.

18h00

Josie trabalha em regime de *part-time*: do meio-dia às cinco e meia da tarde, quatro dias por semana. Trabalha na Stitch há quase dez anos, desde que foi inaugurada. Foi o seu primeiro emprego, com trinta e cinco anos. Sempre fizera roupas para as miúdas quando eram pequenas, e sendo que deixou a escola aos dezasseis anos praticamente sem realizar exames e depois passou os dez anos seguintes a cuidar do seu marido e a criar as filhas, não tinha muitas competências às quais recorrer quando finalmente decidira que era hora de fazer algo fora de casa. Poderia ter trabalhado com crianças – numa escola, talvez. No entanto, não tem muito jeito para lidar com pessoas e este emprego não implica contactar diretamente com o público. Fica sentada atrás da sua máquina de costura junto a uma grande janela com vista para a linha do metro e que treme de cada vez que passa um comboio. Conversa de vez em quando com as outras mulheres, mas na maioria do tempo ouve a Heart FM nos seus auscultadores. Hoje passou a maior parte do dia a coser longas barbas falsas a imagens do rosto de um noivo impressas em vinte *T-shirts* para uma despedida de solteiro. Iam todos a Riga, aparentemente. Mas normalmente eram só bainhas e cós.

Walter está sentado à mesa de jantar à janela quando ela chega a casa, a olhar para o seu computador portátil. Vira-se e lança-lhe um sorriso quando a ouve.

– Olá – diz ele. – Como correu o trabalho?

– Correu bem. – Ela pensa em contar-lhe sobre a barba falsa, mas considera que, na realidade, perderia a piada ao ser contado. – Como foi o teu dia? – continua, pegando ao colo o cão e beijando-lhe a cabeça.

– Calmo. Fiz alguma pesquisa sobre o Lake District.

– Oh, que bom! Encontrei alguma coisa de interesse?

– Na realidade, não. Parece tudo tão caro. É uma grande roubalheira.

– Bom, lembra-te, recebi a minha herança inesperada. Este ano provavelmente podemos gastar mais um pouco.

– A questão não é se temos dinheiro – diz ele. – Não gosto de sentir que estou a ser roubado.

Josie anui e coloca o cão de novo no chão. Uma das razões pelas quais ele não é mesmo um pomchi deve-se ao facto de Walter se ter recusado a pagar o preço de um pomchi puro e estar determinado em conseguir uma pechincha. Ela foi na conversa.

– O que havemos de jantar? – diz ela. – Há imensa coisa no frigorífico. Aquelas almôndegas pré-feitas. Posso fazer uma massa?

– Sim. Parece-me bem. Põe malagueta. Apetece-me algo picante.

Josie sorri.

– Vou só trocar de roupa primeiro – diz ela. – Depois começo.

Ela passa pelo quarto de Erin para chegar ao seu. A porta está fechada, como é hábito. Ela consegue ouvir o chiar da cadeira de *gaming* no quarto, aquela cara que lhe compraram quando ela fez dezasseis anos e que atualmente está presa por fita adesiva. Walter aplica-lhe WD40 na base de meses a meses, mas ainda chia sempre que ela se mexe. Josie consegue ouvir o clique dos botões no comando, e os efeitos sonoros abafados nos auscultadores de Erin. Pensa em bater à porta, em dizer olá, mas não quer encarar aquilo. Não quer mesmo. O fedor que lá está dentro. A desarrumação. Amanhã verá como ela está. Deixa-a estar por agora. Toca na porta com as pontas dos dedos, e continua a andar. Assume o sentimento de culpa, e deixa que passe como uma nuvem.

Mas assim que a culpa em relação a Erin passa, surge a preocupação com Roxy; andam sempre de par em par. Pega na foto de Erin e Roxy que está sobre a cómoda do seu quarto, tirada quando tinham uns três e cinco anos. Bochechas gordas, pestanas longas, sorrisos marotos, roupas coloridas.

Quem poderia adivinhar?, pensa para si própria. *Quem poderia adivinhar?*

E depois pensa nas crianças de Alix Summer esta manhã, nos seus uniformes de Parkside Primary: a rapariga numa trotineta estilosa, o rapaz a arrastar os pés pelo passeio, nas suas peles macias, e nos cabelos que ela sabe, mesmo sem ter chegado perto deles, que cheiram a fronhas de almofada lavadas e a champô de criança. As crianças pequenas não cheiram mal. Isso acontece mais tarde. O choque do cabelo com caspa, das axilas corrosivas, dos pés com chulé. E isso é só o princípio. Ela suspira ao pensar nas crianças amorosas que um dia teve e repõe a foto sobre a cómoda.

Muda de roupa e lava as mãos, volta para a cozinha, abre o frigorífico, retirando as almôndegas, uma lata de tomate triturado e algumas ervas aromáticas do armário, corta uma cebola, observa Walter a teclar nos botões

do computador junto à janela, vê um autocarro a passar, analisa os rostos dos passageiros a bordo, pensa em Roxy, pensa em Erin, pensa naquilo que a sua vida se tornara.

Enquanto as almôndegas estão a ferver em lume brando no molho de tomate, ela cobre a panela com a tampa e abre outro armário. Retira seis boiões de comida para bebé; são os boiões maiores para os bebés com mais de sete meses. São basicamente misturas de carne e vegetais. Sem ervilhas. Erin não tolera ervilhas. Josie retira as tampas e coloca-os no micro-ondas. Quando estão mornos, mas não quentes – Erin não come alimentos quentes – ela mistura-os e coloca-os num tabuleiro com uma colher de chá e uma folha de papel absorvente. Retira do frigorífico uma mousse de chocolate Aero e adiciona-a ao tabuleiro; depois leva o tabuleiro até ao corredor e deixa-o à porta do quarto de Erin. Não bate à porta. Erin não ouvirá. Mas a certa altura, desde o momento em que Josie deixa a comida e vai para a cama naquela noite, os boiões de comida de bebé hão de reaparecer vazios à porta do quarto de Erin.

Passa outro autocarro. Está vazio. Walter fecha o computador e levanta-se.

– Levo o cão à rua antes de comermos?

– Oh! Deixa estar, eu posso levar.

– Não. Faz-me bem. Ar fresco. Exercício.

– Mas não te importas de apanhar as necessidades dele?

– Atiro-as para a sarjeta.

– Não podes fazer isso, Walter.

– Claro que posso. Seja como for, os cocós dele parecem de coelho.

– Por favor, apanha-os – implora ela. – Não parece bem deixá-los pelo caminho.

– Logo vejo – diz ele, pegando a trela do cão da mão estendida de Josie. – Logo vejo.

Pela janela da frente ela observa-os a afastar-se. *Fred* para e cheira a raiz de uma árvore, e Walter puxa-o impacientemente pela trela, de olhos postos no telemóvel. Josie gostava de estar ela mesma a passear *Fred*. Os cães precisam de farejar coisas. É importante.

Ela mexe as almôndegas no fogão e adiciona alguns pedaços de malagueta desidratada. Derrama água numa panela e coloca-a a ferver. Pega no telemóvel e digita no browser «Roxy Fair». Depois vai a «Ferramentas» e define os resultados para «Última semana», para que só veja os mais recentes. Faz isto duas vezes por dia, todos os dias. De cada vez que o faz, não aparece nada. A esta altura Roxy já terá certamente mudado de nome, ela sabe disso. Mas, ainda assim, não pode parar de procurar. Não pode simplesmente desistir.

Às oito da noite, Walter regressa com o cão.

– Ele fez cocó?

- Não.
- Tens a certeza?
- Toda a certeza.

Está a mentir, mas Josie não vai insistir.

Comem o seu esparguete com almôndegas em frente à televisão. Walter faz de conta que está muito picante e bebe de forma teatral e de um só trago o seu copo de água, e Josie ri-se complacentemente. Levantam-se para ir para a cama às dez da noite. Os boiões de comida de bebé vazios estão à porta do quarto de Erin. Josie leva-os para a cozinha e passa-os por água antes de os colocar na reciclagem. Walter está a escovar os dentes na casa de banho, em tronco nu. De costas, parece um idoso. É fácil esquecer o que outrora ele fora. Josie veste o pijama e espera que Walter saia da casa de banho, depois entra e escova os dentes, escova o cabelo, lava o rosto, aplica creme na face e nas mãos. Na cama pega no seu livro, abre-o e lê por alguns momentos.

Às onze da noite apaga a luz da sua mesa de cabeceira e diz boa noite a Walter.

Fecha os olhos e finge estar a dormir.

Walter faz o mesmo.

Meia hora depois, sente-o abandonar a cama. Ouve os seus pés a roçar suavemente na alcatifa. Depois, o chiar do soalho do corredor. Depois ele desaparece, e ela estica-se na cama vazia, sabendo que é só dela pelo que resta da noite.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra um cadeirão de padrão floral vazio num estúdio grande e amplo.

Pela lateral do ecrã surge uma jovem mulher.

Veste um macacão elegante sobre um top de alças preto e exhibe braços tatuados.

Senta-se no cadeirão, cruza as pernas e sorri para a câmara.

Na legenda no ecrã pode ler-se:

Amy Jackson, vizinha de Josie e Walter Fair

Amy, rindo:

– Chamávamos-lhe Ganga Total.

Entrevistador, fora do plano do ecrã:

– E porquê?

Amy:

– Porque tudo o que ela vestia era de ganga. Literalmente. Tudo.

O ecrã mostra brevemente uma foto de Josie Fair a vestir uma saia e casaco de ganga.

Entrevistador:

– Quando se mudaram para o apartamento ao lado de Josie e Walter Fair?

Amy:

– Acho que foi no final de 2008. No mesmo ano em que tive o meu primeiro filho.

Entrevistador:

– E o que achavam de Josie e Walter como vizinhos?

Amy:

– Achávamos que eram mesmo esquisitos. Quer dizer, ele não era mau. Pensávamos que era pai dela, quando fomos viver para lá. Ele cumprimentava-nos sempre e dizia olá quando nos cruzávamos no corredor. Mas ela era mesmo antipática, parecia que tinha a mania que era melhor do que os outros, está a ver? Depois às vezes perguntava-me se talvez ela estivesse só a manter a distância porque estava a tentar que as pessoas não se metessem na sua vida, sabe? Se talvez se passasse alguma coisa entre quatro paredes.

Entrevistador:

– Chegou a conhecer as filhas?

Amy:

– Sim. Quando nos mudámos para lá, estávamos sempre a ver as miúdas. Acho que a Erin tinha uns doze anos, a Roxy devia ter uns nove, dez? Era uma casa muito barulhenta. Havia muitos gritos. Muitas portas a bater. E depois um dia, acho que há uns cinco ou seis anos, de repente ficou muito silenciosa. E eu nunca soube o porquê. Até isto tudo ter acontecido.

Entrevistador:

– Isto tudo?

Pausa breve.

Amy:

– Sim. Isto tudo. Todos os homicídios. Todas as mortes.

O ecrã escurece.

Terça-feira, 18 de junho

Stitch é um lugar bonito e alegre, criado dentro do que outrora fora uma loja vitoriana de bugigangas. Na fachada ainda mantém as janelas panorâmicas em curvatura e há uma enorme janela de guilhotina nas traseiras com vista para os carris do metro. Lá dentro estão seis máquinas de costura divididas em duas filas. Alix repara em Josie na máquina mais ao fundo. Tem auscultadores nos ouvidos e o cabelo está preso atrás num rabo de cavalo descaído. Alix leva o seu saco de lona até ao balcão e sorri.

– Olá – diz ela –, a Josie está cá hoje?

A mulher chama Josie por cima do ombro, que olha para cima e depois retira os auscultadores e sorri amplamente quando vê Alix. Ergue um dedo e soletra silenciosamente «Um minuto», e depois termina o que está a fazer.

– Olá, Alix – diz ela, sacudindo pedaços de linha e algodão das suas calças de ganga –, vieste!

– Sim! Lembraste-me que tinha coisas que queria mandar arranjar ainda antes de ter filhos.

Abre o saco e mostra a Josie dois vestidos, um deles um vestido maxi com alças demasiado longas e o outro um vestido de grávida que sempre desejou poder continuar a usar já que o padrão era tão bonito.

– Precisas de experimentar este – diz Josie, pegando no vestido maxi. – Para eu ver quão longas têm de ser as alças. Por aqui. – Ela abre a cortina de um cubículo de provas. – Estou aqui fora, quando estiveres pronta.

Alix leva o vestido das mãos de Josie e entra no cubículo, despe o seu vestido de verão e coloca o vestido maxi. É estranho sentir as mãos de Josie sobre a pele dos seus ombros e braços enquanto mexe nas alças.

– Corte estranho – diz ela. – É que já és bastante alta. Seria de esperar que as alças te assentassem perfeitamente. Não estou a ver alguém mais baixa a ter qualquer hipótese com este vestido. Parece que acham que todas as mulheres têm de ter a mesma altura de uma girafa.

Ela prende alfinetes no tecido, afasta-se e sorri.

– Está bem assim? – pergunta ela, virando Alix para o espelho.

Alix acena com a cabeça.

– Perfeito.

Depois Alix veste o vestido de grávida e ela e Josie conversam sobre gravidez enquanto ela ajusta a cintura com alfinetes. As mãos dela roçam ao de leve a barriga de Alix, e ela cheira a pó sobreposto com *spray* corporal.

Alix volta a vestir a sua roupa e espera enquanto Josie faz as contas ao valor dos arranjos, aplica orgulhosamente os vinte por cento de desconto e apresenta-lhe a conta.

– Então – diz Alix. – Querias falar comigo sobre o quê?

Josie dá uma vista de olhos em seu redor, certificando-se de que ninguém está a ouvir, e depois diz:

– Vi que fazias *podcasts*. Quer dizer, ouvi-te a dizer o teu nome no Lansdowne naquela noite e achei que me soava familiar, por isso procurei-te no Google e percebi por que já tinha ouvido falar de ti. Não ando a perseguir-te, nada disso. E ouvi alguns dos teus *podcasts*. Tão inspiradores. Aquelas mulheres! Isto é, o que tiveram de suportar. É tão impressionante. E eu... – Ela faz uma pausa e olha de novo em seu redor. – Espero que isto não te pareça estranho, mas pergunto-me, alguma vez pensaste em fazer um *podcast* sobre alguém que está prestes a mudar a sua vida, ao invés de alguém que já o tenha feito?

– Oh! – diz Alix com surpresa. – Não. Não pensei. Mas vejo como pode ser interessante.

– Sim. Foi o que pensei. Podias seguir a evolução de alguém enquanto ultrapassa obstáculos e atinge os seus objetivos. À medida que o faz.

– Sim. Definitivamente. Mas suponho que o problema é que as pessoas muitas vezes não se apercebem de que a sua vida está a mudar para melhor até o processo estar concluído, quando olham para trás.

Josie franze a sobrançelha.

– Não sei se isso é verdade. Porque, ouve, está a acontecer-me. Está a acontecer-me neste momento. Há trinta anos que vivo a mesma vida. Trinta anos. Estou com o meu marido desde os meus quinze anos. Nunca nada mudou. Tenho usado as mesmas roupas, tive o mesmo corte de cabelo, as mesmas conversas nos mesmos momentos, sentei-me no mesmo lado do sofá todas as noites da minha vida durante trinta anos. E as coisas... – Ela faz uma pausa, e Alix vê nela um rubor que sobe desde a clavícula até ao seu pescoço e bochechas. – As coisas que me aconteceram. Coisas más, Alix. Coisas muito más. O meu casamento...

Ela faz uma pausa, respirando fundo.

– O meu marido é... Ele é muito complicado. E a nossa vida em família tem sido muito traumatizante em certos momentos, e eu só... Não sei, a ouvir os teus *podcasts*, aquelas mulheres extraordinárias – eu tenho quarenta e cinco

anos, se não me libertar agora do passado, então quando o irei fazer? Está na hora. Está na hora de mudar tudo e não estou a pedir que me ajudes, Alix, só quero que tu... – Ela para e tenta encontrar as palavras certas.

– Queres que eu conte a tua história?

– Sim! É exatamente isso que eu quero. Porque eu sei que pareço muito vulgar, mas a minha história é extraordinária e merece ser ouvida. O que achas?

Alix permanece em silêncio por um segundo, não sabendo o que responder. O seu instinto diz-lhe veemente que se afaste, mas ela foi até ali por uma razão. Foi até ali porque a jornalista que há nela não conseguiu resistir à essência tentadora das palavras: «Há algo que gostaria de discutir consigo.» Ela queria ouvir o que Josie tinha para lhe dizer. E agora sabe que Josie tem uma história extraordinária para partilhar, e apesar de Alix se sentir levemente repugnada pela intensidade de Josie, também está doentiamente atraída pela ideia de descobrir que história é.

– De facto – diz ela –, acho que isso parece ser uma ideia muito interessante. O que fazes amanhã?

*

Alix caminha de regresso a casa pelas ruas secundárias entre Kilburn High Road e Queen's Park. A brisa de junho é fresca, e ela caminha pelo lado soalheiro da rua. Restam-lhe duas horas até ter de ir buscar as crianças à escola, e ela nem consegue pensar em regressar ao trabalho para editar o episódio final da série *Plenamente Mulher*. Está aborrecida de ouvir mulheres que tomaram boas decisões e acabaram exatamente onde queriam estar e está plena e inequivocamente convicta de que o que ela quer neste momento, quando nuvens negras começam a bloquear a felicidade da sua própria vida, é testemunhar em primeira mão a verdade sombria por detrás do casamento de outra mulher. Alix sente o entusiasmo da antecipação a crescer dentro dela. Já faz a mesma coisa há tanto tempo. A ideia de fazer algo completamente diferente é estimulante.

Faz um desvio até à *boutique* em Salusbury Road e passa uma hora a vasculhar entre roupas de que não precisa antes de sair com uns óculos escuros de armação verde-natureza de que também não necessita. Passa numa charcutaria e compra umas entradas italianas dispendiosas para comer hoje à noite no jardim, para não ter de cozinhar. Compra *brownies* na Gail e um cato numa florista da moda. O dinheiro que está a gastar é de Nathan; o dinheiro que Nathan ganha a arrendar escritórios glamorosos nos edifícios mais altos em vários cantos da cidade. Ele trabalha tanto. Ganha tanto. É tão generoso. Nunca verifica os movimentos bancários nem faz comentários maliciosos

sobre amontoados de carteiras de marcas de luxo. O dinheiro dele, como sempre diz, é o dinheiro dela. O dinheiro que ela ganha também é dela, mas ele não espera que ela contribua para as despesas familiares, e agora que pensa nisto, sente a lista das vantagens e desvantagens alterar-se um pouco, voltando a focar-se na coluna das vantagens. A memória da cama vazia na manhã de domingo começa a desvanecer-se. A ideia de o encontrarem inconsciente num quarto de hotel perde força. A raiva e o ressentimento passivo-agressivos deixam de a atormentar. Esta noite irá abrir uma garrafa de vinho. Irão comer a comida cara na varanda, sentar-se e maravilhar-se com a forma como o céu de verão ainda é luminoso às dez da noite, deixar que os miúdos fiquem de pé após a hora de deitar, ouvir música no Spotify e ter o tipo de noite que os outros esperam que alguém como ela deve ter.

Quarta-feira, 19 de junho

Na manhã seguinte, Josie olha para o seu reflexo no espelho. A sua pele parece bonita; é hereditário, nada a ver com cremes ou tratamentos caros. O cabelo precisa de um corte, está demasiado longo e com pontas espidas. Ela abre o fecho da sua bolsa de maquilhagem de ganga e retira uma máscara de pestanas. Normalmente nunca usa maquilhagem para passear o cão, mas normalmente também nunca se encontra com uma *podcaster* famosa a meio do passeio. Dá mais cor ao rosto com pó bronzeador, usando um enorme pincel farfalhado, e aplica um pouco de batom de cíeiro avermelhado. Depois veste o seu vestido favorito; é feito de ganga e tem botões à frente até ao colarinho semelhante a uma camisa, e é atado na cintura com um cinto a combinar. Ela usa-o com os seus sapatos de ganga e sola de borracha e avalia a sua figura no espelho de corpo inteiro.

Walter está sentado à janela que dá para a rua, a olhar para o seu computador portátil. Ela tenta evitar o olhar dele, já que irá estranhar a maquilhagem e o vestido apertado, e ela não quer contar-lhe sobre o encontro com Alix até ter acontecido e já saber o que significa.

No corredor, coloca o arnês no cão.

– Vou levar o *Fred* à rua – grita ela. – Até daqui a uma hora, mais ou menos.

Walter acena com a cabeça e diz:

– Até já.

Vira-se para sair e para por instantes à porta do quarto de Erin. Erin deverá estar a dormir agora; dorme até tarde, pelo menos até à hora de almoço. Podia abrir uma fresta da porta, só para ter um vislumbre da sua bebé, mas ela sabe o que mais está por detrás daquela porta e não tem capacidade para o suportar. Não agora. Talvez mais tarde.

A meio caminho de Salusbury Road, *Fred* começa a atrasar o passo, por isso ela pega nele e coloca-o dentro da sua transportadora. Ela adora carregá-lo assim, perto do peito, fá-la lembrar do tempo em que levava as suas bebés no *sling* – chamavam-se Baby Björns. Walter achava que eram coisa de *hippies*,

esboçava um esgar quando ela prendia neles as bebês, e dizia:

– Qual é o problema de um carrinho de bebê? Serviu muito bem para os meus dois outros filhos.

Ela distingue Alix de imediato, através do seu cabelo louro-platinado, rosto e ombros proeminentes. Acena-lhe e Alix acena de volta e depois cumprimentam-se com um beijo, o que surpreende Josie, já que nunca beija ninguém. Segue Alix até um dos cafés da moda em Salusbury Road, aqueles que costuma ver do lado de fora e onde nunca entra, e tenta ser ela a pagar pelas bebidas, mas Alix não permite, diz que é uma despesa profissional, o que dá arrepios a Josie.

– Então – diz Alix pouco depois, afastando para o lado a chávena de café e ocupando o espaço com um iPad. – Estive a pensar muito na tua ideia. A princípio, não estava muito certa. Já ouviste os meus *podcasts*, por isso conheces o formato. São histórias totalmente formadas com princípio, meio e fim, o que significa que mesmo antes de começar a gravar, já sei qual será o formato. Já o fiz vinte, trinta vezes, e sei o que estou a fazer, sei como passar a história para o gravador e como a editar de forma a torná-la cativante para o ouvinte. Mas isto seria algo muito diferente. Não faço ideia de como a tua história irá terminar, mas tu prometes que vai valer a pena acompanhar, por isso já estou de certa forma interessada. Também quero saber. E se eu quero saber, então talvez os meus ouvintes também queiram. Por isso, pensei que poderíamos dar uma oportunidade a isto, sabes. Não será para o *Plenamente Mulher*, isso terminou. Isto será algo completamente novo e diferente, algo único. As entrevistas serão maioritariamente feitas em estúdio, mas também adoraria falar contigo em diversos locais que se relacionem com a tua história – onde cresceste, na escola em que andaste, onde conheceste o teu marido, esse tipo de coisas. E depois podemos avançar para os traumas que mencionaste, e o que vais fazer a seguir para escapar da armadilha em que te encontras. Pensei que se podia chamar *Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!* Não sei se te recordas, mas foram as tuas primeiras palavras quando nos encontrámos na casa de banho do Lansdowne. Acho que simboliza o início de uma viagem que pode seguir qualquer direção que imaginemos. O primeiríssimo momento em que nos cruzámos. A faísca, se lhe quiseses chamar assim. O que te parece?

Josie apercebe-se de que parou de respirar e de se mover. A sua colher de chá ainda está suspensa sobre o seu café americano, o açúcar que ela adicionou ainda está amontoado no fundo da chávena. Ela observa Alix, estupefacta, e anui.

– Sim. Parece-me bem.

Alix sorri.

– Ótimo! – diz ela. – Vai implicar passarmos algum tempo juntas, mas tu

trabalhas em *part-time* e as tuas filhas são crescidas. Por isso talvez sejas capaz de conciliar. Uma hora ou duas, de vez em quando?

– Sim – diz Josie. – Sim. Definitivamente. Onde o fazes? Onde gravas?

– Na minha casa. Tenho um estúdio. – As pontas dos dedos de Alix apertam o seu pendente dourado da abelha e fazem-no deslizar para um lado e para o outro ao longo do fio. – Podemos fazer um episódio de teste. Só tu e eu a conversar durante uma hora, no meu estúdio. Eu edito e depois envio-te qualquer coisa para ouvires, sem compromisso, e ficas livre para recusar se não gostares de como te soa. Prometo.

Josie pensa nos oito mil seguidores de Alix no Instagram. Na sua mente vê um mar de mulheres de cabelo louro-platinado com ombros proeminentes e óculos de sol demasiado grandes a ouvi-la através dos seus dispendiosos AirPods enquanto preparam jantares saudáveis para as suas crianças ruivas em cozinhas de plano aberto. Abana a cabeça ligeiramente para repelir os pensamentos. É demasiado. Em vez disso, concentra-se na ideia principal que é estar sentada no estúdio de Alix durante uma hora, só as duas, a conversar. Ela tem tanto para partilhar.

Ela pega no seu café e bebe um gole, depois coloca-o cuidadosamente de volta sobre o pires.

– Acho que podemos ir por aí – diz ela. – Podemos pelo menos tentar.

*

Walter está na cozinha quando ela regressa do café com Alix. Está a fazer chá e oferece-se para lhe preparar um também, e ela responde:

– Não, obrigada, acabei de beber café.

Ele olha para ela e franze a sobancelha.

– Ai sim? Sozinha?

– Não! – diz ela, retirando *Fred* da sua transportadora e pousando-o no chão. – Não, eu... – ela paralisa. Não pode. Ele ficaria horrorizado. Tentaria convencê-la a não o fazer. – Encontrei uma mãe da antiga escola primária da Erin e da Roxy. Estivemos a pôr a conversa em dia.

Ela vira as costas, mas recompõe-se rapidamente. Nem sequer era mentira. Era verdade.

– Foi bom?

– Sim. Muito bom. Talvez nos encontremos de novo.

Ela sabe que ele não irá perguntar mais nada. Walter nunca se envolveu muito na vida escolar das miúdas, sobretudo depois de toda aquela situação com os serviços sociais quando Erin estava no sexto ano.

– Vou despachar-me para ir trabalhar – diz ela, pendurando o arnês de *Fred* no bengaleiro dos casacos. Walter anui, e depois hesita quando repara

melhor nela, afastando-se do balcão da cozinha a segurar no seu chá.

– Estás toda aperlada – diz ele, apontando para o seu vestido de botões.

Ela olha para baixo na direção do mesmo.

– Sim – diz ela. – O resto da minha roupa de verão precisa de ser lavada. E eu pensei, porque não?

– Estás linda – diz ele, acenando com a cabeça em sinal de aprovação. – Muito elegante.

– Obrigada – diz ela, colocando a mão sobre a barriga. – O corte favorece, suponho eu.

Ele elogia-a mais uma vez e acena.

– Linda.

Ele sorri, mas não há afeto na sua voz.

Quinta-feira, 20 de junho

O estúdio de Alix fica ao fundo do jardim. Foi o presente de Nathan no seu quadragésimo aniversário, em reconhecimento pelo sucesso do seu recém-lançado *podcast*. Tinha-lhe oferecido um fim de semana entre amigas, mandou fazer tudo de forma profissional, depois embrulhou o anexo com um enorme laço e guiou-a até lá de olhos fechados quando ela regressou. Será assim tão estranho que Alix se sinta tão dividida em relação ao seu casamento, quando o seu marido é capaz de tais atos de generosidade e afeto, e ao mesmo tempo é capaz de a fazer ter vontade de morrer?

Ela liga a máquina de café Nespresso e coloca na secretária um vaso de flores. Às dez horas, a campainha toca e Josie está à sua porta com o seu pequeno cão dentro de uma mala a tiracolo.

– Espero que não haja problema em trazer o *Fred* – diz Josie. – Devia ter confirmado antes.

– Problema nenhum – responde Alix. – Tenho uma gata, mas desde que ele fique connosco dentro do estúdio, ela não o incomoda. Entra.

– A tua casa é maravilhosa – diz Josie enquanto segue Alix pela cozinha de plano aberto até às traseiras da casa, e lá para fora pelo jardim.

– Muito obrigada.

– A minha casa provavelmente já foi maravilhosa um dia. É uma daquelas grandes vivendas em estuque. Sabes quais são. Mas nos anos setenta o município dividiu-as para obter vários apartamentos, e agora são feias.

Alix sorri e diz:

– É tão triste. Londres está cheia de sítios assim.

Josie exclama de admiração ao ver o estúdio de Alix, passa a mão sobre o equipamento de gravação brilhante, dá uma pancadinha na superfície almofadada do microfone.

– Vou falar para aqui? – diz ela.

– Sim.

Josie acena com a cabeça, de olhos arregalados.

Deixa o pequeno cão sair da transportadora, e ele passeia alegremente,

cheirando tudo.

Alix prepara uma chávena de chá para Josie e um café expresso para ela própria. Colocam os auscultadores e sentam-se frente a frente na secretária de gravação. Alix faz um teste com Josie, as perguntas habituais sobre o que tomou ao pequeno-almoço, e depois começam.

– Josie, antes de mais, olá e muito obrigada por me concederes o teu tempo de forma tão generosa. Nem te consigo explicar o quão entusiasmada estou por dar início a este projeto. Para os ouvintes que eram fãs da minha série *Plenamente Mulher*, bem-vindos e obrigada por arriscarem em mim neste meu novo trabalho. Para os novos ouvintes que chegaram até este *podcast* de outras formas, bem-vindos. Então, vamos começar com uma pergunta fácil, Josie. O teu nome. É diminutivo de quê? Se é que é mesmo um diminutivo.

Josie abana a cabeça.

– Não – diz ela. – Não. Só Josie. Não é diminutivo de nada.

– Deram-te o nome de alguém?

– Não. Não que eu saiba. A minha mãe chama-se Pat. A mãe dela chamava-se Sue. Acho que ela só queria dar-me um nome bonito, sabes. Algo feminino.

– Então, só para partilhar com todos o contexto, a história por detrás do título deste *podcast*, *Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!*, é que essas foram as primeiras palavras que Josie me dirigiu quando nos encontramos no *pub* local na noite em que ambas fazíamos quarenta e cinco anos. A Josie e eu não só fazemos anos no mesmo dia como nascemos também no mesmo hospital. E agora vivemos a menos de um quilómetro e meio na mesma zona do norte de Londres. Então, antes de começarmos a ouvir a tua história de vida, vamos falar do teu nascimento. O que te contou a tua mãe sobre o dia em que nasceste?

Josie pisca os olhos. Surge um silêncio aborrecido que Alix já sabe que poderá cortar na edição.

– Bem – diz ela, por fim. – Nada de mais, na verdade. Apenas que doeu!

Alix ri-se.

– Bom – diz ela –, sim. Isso é certo. Mas o que te contou ela sobre o dia em si: como estava o tempo, quem era a parteira, sobre a primeira vez que te viu?

Segue-se outro silêncio.

– É como digo. Nada. Nunca me contou nada. Só que doeu tanto que ela soube logo que nunca mais voltaria a fazê-lo.

– E não fez?

– Não, não fez.

– Então, não tens irmãos?

– Não tenho irmãos. Sou só eu. E tu? Oh! – Josie para e coloca a mão sobre peito. – Desculpa. Posso fazer-te perguntas?

– Sim! Claro! Eu sou uma de três irmãs. Sou a do meio.

– Oh! Que sortuda. Eu adorava ter tido uma irmã.

– Ter irmãs é a melhor coisa. Sou muito sortuda. Fala-me sobre a tua mãe.

Ela ainda é viva?

– Oh, céus! Sim. Muito viva. Vive no mesmo bairro onde eu nasci, gere o centro comunitário, cuida de idosos, grita aos políticos, trabalha com uma brigada anti-gangues, isso tudo. Tem muita vida. É muito extrovertida. Toda a gente a conhece. É como se fosse famosa.

– E o teu pai?

– Oh! Ele nunca esteve na equação, o meu pai. A minha mãe engravidou por acidente e depois fugiu e deu-me à luz sem sequer lhe dizer. Nunca o conheci.

Alix fecha os olhos e recupera mentalmente a imagem do homem que vira no *pub* no dia do seu aniversário, e que ela assumira que seria pai de Josie.

– Então, no *pub*, na noite em que nos conhecemos – o homem com quem jantavas. Esse era o teu...?

– Esse era o meu marido. Sim. Não o meu pai. E não, não és a primeira pessoa a cometer esse lapso. O meu marido, Walter, é muito mais velho do que eu. Estou com ele desde os meus quinze anos. – Josie faz uma pausa e olha para Alix.

Alix tenta esconder a surpresa.

– Quinze anos – repete ela. – E ele tinha...?

– Quarenta e dois.

Alix fica em silêncio por um momento.

– Uau. Isso é...

– Sim. Eu sei. Eu sei o que parece. Mas na altura não senti que fosse o que parece agora. É difícil de explicar. – Josie franze os lábios e encolhe os ombros. – Há muito poder em ser-se adolescente. Tenho saudades desse poder, de certa forma. Gostava de o recuperar.

– De que maneira há poder?

Josie encolhe novamente os ombros.

– Só porque tens algo que muita gente quer. Muitos *homens* querem. E muitos deles querem. Querem tanto.

– Querem o quê? Juventude?

– Sim. É exatamente isso a que me refiro. E quando conheces alguém que está muito *certo* daquilo que quer, e sabes que a única coisa que está entre aquilo que querem e o que tu tens é o teu consentimento... Às vezes, quando se é uma rapariga muito jovem, há um certo poder em dar esse consentimento. Ou, pelo menos, foi isso que eu senti na época. É assim que *eles* te fazem sentir. Mas, na realidade, não é assim, pois não? Agora vejo isso. Vejo que talvez tenha sido usada, que talvez até tenha sido manipulada? Mas esse sentimento

de me sentir poderosa, logo no início, aconteceu quando ainda me sentia em controlo da situação. Sinto saudades disso, às vezes. Sinto mesmo. E o que eu gostaria, mais do que tudo, era recuperar isso.

Alix deixa um breve silêncio pairar no ar, para dar espaço para que as palavras de Josie cheguem adequadamente aos ouvidos. Mantém a compostura, mas sob a superfície o seu sangue bombeia a alta velocidade, fruto do choque.

– E tu e o Walter, como se conheceram?

– Ele era empreiteiro, estava a tratar da instalação elétrica no nosso bairro. Era o líder do projeto e a minha mãe, claro, fazia questão de se envolver em tudo, por isso um dia, tinha eu treze anos, estava sentada no meu quarto e a campainha tocou, eu olhei e ele estava ali. Tinha vestido o seu colete refletor, e na mão o capacete protetor. Foi a primeira vez que o vi.

Alix pergunta:

– E o que achaste?

Josie solta uma pequena gargalhada.

– Eu tinha treze anos. Ele tinha quarenta. Não havia muito para achar, na verdade. Só quando fiz catorze é que percebi que havia ali algo mais. Ele entrou na casa quando eu estava a soprar as velas do meu bolo de aniversário. Estava lá com a minha melhor amiga, Helen. E a minha mãe convidou-o para comer uma fatia de bolo, ele sentou-se ao meu lado e foi... – Josie expira e emite um som, como se tivesse sido esmurrada na garganta. – Estava apenas ali. Um monstro invisível na sala.

– Um monstro?

– Sim. Foi o que pareceu. O interesse dele em mim. Parecia um monstro.

– Então, tiveste medo dele?

– Não dele. Não. Ele era simpático. Tive medo do seu desejo por mim. Nem acreditava que mais ninguém o via. Só eu. Era tão grande e tão real. Mas a minha mãe não o viu. Helen não o viu. Mas eu vi. E tive medo.

– Então, nesse momento, não te pareceu que tinhas poder?

– Bem, não. E sim. Parecia ambas as coisas ao mesmo tempo. Era confuso. Fiquei obcecada com a ideia dele. Mas só passado um ano é que algo aconteceu.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

No ecrã surge uma mulher a carregar uma pequena mala pelo aeroporto. É alta e bem constituída, o seu cabelo negro está puxado para trás num pequeno

coque.

O plano seguinte mostra-a sentada num café, com um cappuccino à sua frente.

Na legenda lê-se:

Helen Lloyd, colega de escola de Josie Fair

Helen começa a falar.

– A Josie e eu éramos melhores amigas. Desde os cinco anos. Desde a escola primária.

Helen faz uma pausa.

Há um breve silêncio.

Depois diz:

– Ela sempre foi um pouco estranha. Controladora... Não gostava que eu tivesse outros amigos. Queria sempre que fosse tudo centrado nela. «Passivo-agressiva» é o termo que se usa hoje em dia. Nunca se dirigia a mim diretamente para dizer o que a estava a incomodar. Tornava tudo mais complicado para lá chegar. E amuava também. Deixava de me falar. Quando ela conheceu o Walter, já tínhamos começado a deixar de nos relacionar.

O entrevistador pergunta algo que não se ouve no microfone:

– E como foi quando ela conheceu o Walter?

– Estranho. Quer dizer, ele era um velho, supostamente. E foi isso. Desde o dia em que fez catorze anos, simplesmente desapareceu. Para este *outro mundo*. Com um velho.

O entrevistador intervém:

– Diria que Walter Fair manipulou Josie?

– Bem, sim. Obviamente. Mas...

Os olhos de Helen encontram os do entrevistador. Ela toca na borda da sua chávena de café.

– Por muito mau que soe. Por mais estranho que soe. Aquilo foi recíproco, sabe? Ela desejava-o. Ela desejava-o, e fez com que ele a desejasse.

*

11h00

Uma hora depois, Josie regressa a casa, deixando a de Alix. Tem a cabeça a andar à roda com tudo aquilo.

Ela pensa na casa de Alix: vista de frente, uma casa cuidada com terraço e uma janela panorâmica, semelhante a qualquer casa vitoriana, mas lá dentro era outra história. Uma casa de revista com paredes azul-escuras e luzes douradas e uma cozinha que parecia estranhamente maior do que toda a casa, com armários cinza-prata e bancadas em mármore creme e uma torneira que

derramava água a ferver com um simples toque. Uma das paredes estava unicamente reservada aos desenhos das crianças!

Ela lembra-se de prender os desenhos das miúdas ao frigorífico com ímanes e de Walter os retirar porque dava mau aspeto.

Depois o jardim com as luzes de fada, um caminho cimentado e o anexo mágico ao fundo que continha mais um mundo maravilhoso. Até uma gata; uma gata como ela nunca antes vira. Siberiana, ao que parece. Pequena, felpuda e com enormes olhos verdes como uma princesa da Disney.

A mão dela dirige-se ao bolso interior da sua carteira, onde ela toca na superfície suave da cápsula Nespresso que retirara quando Alix não estava a olhar. Havia um enorme jarro cheio delas na prateleira atrás da secretária de gravação, todas de cores diferentes, como pedras preciosas gigantes. Ela não tem uma máquina Nespresso em casa, mas só queria possuir um pouco do *glamour* de Alix, guardá-la numa gaveta do seu apartamento medíocre, saber que estava ali.

Walter está ao computador à janela quando ela chega a casa. Olha para ela com curiosidade, os seus olhos atrás da lente grossa dos óculos que usa para ler. Ela dissera-lhe que ia novamente encontrar-se com a mãe da escola. Ele tinha erguido uma sobranceira, mas não respondera. Agora diz:

– Afinal o que se passa?

Há uma corrente de adrenalina que atravessa todo o seu corpo.

– Como assim?

– Quer dizer – diz ele –, estiveste fora imenso tempo. Não podes ter estado a beber café este tempo todo.

– Não – diz ela. – A seguir fui visitar a minha avó. Ao cemitério. – Uma mentira já predefinida.

– Porquê?

– Não sei. Tive um sonho muito estranho com ela ontem à noite e tive vontade de a ir visitar. Seja como for, tenho de me despachar para ir trabalhar. Já volto.

Vai até ao quarto, ouve o som da cadeira de *gaming* de Erin através da porta do seu quarto, *squick squick*, repara que o cheiro que vem dali está a começar a espalhar-se para o corredor. Não pode adiar isto por muito mais tempo. Mas agora não. Hoje não. Amanhã, sem dúvida.

Toca na porta de Erin com as pontas dos dedos quando passa, depois beija-as.

No quarto pega na fotografia das suas filhas pequenas que está no topo da cómoda e beija-a também.

Depois pega na cápsula Nespresso que trouxe dentro da mala e coloca-a dentro da sua gaveta de roupa interior, mesmo ao fundo.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!
UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

No ecrã surge uma cadeira de pele num pub vazio da cidade.

Há um feixe de luz pálida através de uma janela poeirenta.

Um homem entra e senta-se. Veste uma camisa branca e calças de ganga.

Sorri.

Na legenda lê-se:

Jason Fair, filho de Walter Fair

Começa a falar; tem um sotaque canadiano.

– Se me lembro da última vez que vi o meu pai? Acho que foi quando eu tinha uns dez anos.

O entrevistador intervém fora do microfone.

– E por que razão?

Jason responde:

– Porque ele abandonou a minha mãe por causa de uma adolescente e a minha mãe ficou tão enojada que emigrámos.

O entrevistador volta a intervir.

– E essa adolescente era...?

– Essa adolescente era a Josie Fair. Sim.

Jason abana tristemente a cabeça e dirige o seu olhar para o chão.

Quando torna a olhar para a câmara, está a chorar.

– Desculpem. Desculpem. Podemos só...

O ecrã escurece.

*

20h00

Nessa noite, Nathan não vem para casa depois do trabalho. Alix sente no estômago a dura inevitabilidade do facto no minuto em que o relógio passa das 20h para as 20h01. Ele tinha dito que estaria em casa às 19h. Mesmo tendo em conta todos os atrasos de última hora ou telefonemas ou problemas no metro, 20h é o limite para qualquer desculpa razoável para um atraso, e torna-se algo mais grave. Ela envia-lhe uma mensagem. Ele não responde. Às 20h30, ela liga-lhe. Vai para o atendedor de chamadas. E ela sabe. Alix sabe.

*

Às 21h, quando as crianças estão na cama, Alix leva um copo de vinho

para o estúdio e ouve a sua entrevista com Josie nessa manhã.

Falaram durante mais de uma hora, mas, agora que ouve, Alix suspeita que toda a conversa após edição se traduza num excerto de dez minutos. E esses dez minutos serão aqueles que Josie passara a falar sobre o momento em que conhecera o seu marido.

Alix mal conseguia respirar. Tinha-se limitado a acenar com a cabeça, de olhos esbugalhados, sem intervir com questões, só a ouvir e a interiorizar.

Uma rapariga de catorze anos.

Um homem de quarenta e um.

Alix pensa no homem em quem ela mal reparou no restaurante naquele sábado à noite, o homem que ela presumira ser o pai de Josie: desinteressante, careca, apagado, de óculos.

Tinham interrompido a gravação antes de Alix poder descobrir mais sobre o que acontecera depois do momento do bolo de aniversário no dia em que Josie completara catorze anos, o que tinha levado a que Josie e Walter se tornassem um casal. Irão abordar esse assunto no próximo encontro. Mas a pequena acendalha de excitação que tem sentido desde o primeiro momento em que decidira fazer um programa sobre Josie está a crescer a cada minuto. Ela consegue pressentir, com toda a fibra do seu ser, que há algo mais para vir, algo negro e espetacular.

*

De volta ao interior da casa, Alix olha para o seu copo de vinho vazio e por momentos considera a hipótese de o tornar a encher. Mas não, já passa das dez da noite e ela está cansada, quer ter a cabeça fresca quando acordar na manhã seguinte, no que ela já sabe que será uma cama vazia, e tiver de lidar com as consequências da mais recente transgressão de Nathan já tão cedo após a última, e esta num dia de semana. A mensagem que ela lhe enviou continua sem ser lida e a última tentativa de chamada voltou a ir para o atendedor. Ela sente a adrenalina a pulsar dentro de si e sabe que não irá conseguir dormir, mas vai para a cama ainda assim. Tenta ler um livro, mas o seu coração está a mil. Verifica as notícias no seu telemóvel, mas lê tudo na diagonal, e sente que, de repente, estranhamente, quer falar com Josie, Josie com a sua pele macia, a sua voz enfeitiçante e os seus olhos negros, muito negros, Josie que não conhece Nathan, que não dançou no dia do seu casamento, que não tem qualquer envolvimento na mítica miragem do que é o casamento deles.

Ela envia-lhe uma mensagem:

Foi ótimo falar contigo hoje. Muito obrigada pelo teu tempo. Acabei de ouvir a gravação, e consigo ver de que forma isto pode funcionar, e gostaria muito de dar

continuidade ao projeto, se estiveres interessada. Talvez da próxima vez possamos visitar o bairro onde cresceste, onde conhecestes o Walter. O que achas?

Ela pressiona o botão para enviar e observa durante alguns minutos o telemóvel, procurando um sinal de que Josie já a leu, de que está a responder. Mas dez minutos depois e ainda nada. Ela desliga finalmente o ecrã e deita-se na cama, tenta acalmar-se e cair no sono que ela sabe que não virá por muitas horas.

22h00

Josie assenta o livro aberto sobre o peito e olha para a mensagem no ecrã do telemóvel.

É de Alix. A visão das suas palavras no seu ecrã desperta algo dentro de Josie. Uma espécie de entusiasmo infantil. Como se fosse uma paixoneta. Ela abre-a e lê-a apressadamente, e depois novamente com mais calma. Imagina-se a si própria no bairro de Kilburn com Alix e estremece de satisfação. Podia apresentá-la à mãe, ver a expressão no rosto da mãe quando se aperceber de que alguém como Alix está interessada na filha dela. Conseguia imaginar a confusão, seguida de, sim, sem dúvida, uma pontinha de inveja. Ela imaginaria que Alix deveria fazer um *podcast* sobre *ela*, a lendária Pat O'Neill. E sem dúvida que Alix teria questões para colocar à sua mãe, mas seriam questões relacionadas com Josie, perguntas que a ajudassem a conhecer mais Josie, não sobre Pat. O estômago dela embrulha-se, mas de uma maneira boa. Não responde imediatamente, mas em vez disso vai ao *browser* e escreve no Google «Alix Summer», passa meia hora a ver fotos de Alix, o seu *feed* do Twitter, a sua página de Facebook, que está em modo privado, mas tem algumas publicações visíveis, o *feed* do Instagram. Lê as críticas dos ouvintes do *podcast* de Alix e vê fotos dela em cerimónias de entrega de prémios em vestidos esvoaçantes de cetim. Quando Josie já tem a sua dose de Alix Summer, regressa à mensagem, mas apercebe-se de que já passa das onze, que, de acordo com as regras da boa educação, já é demasiado tarde para responder. Ela suspira, desliga o ecrã e pega no seu livro.

De outra divisão no apartamento, ela consegue ouvir o som abafado da voz do seu marido. Coloca os auscultadores e vira a página do livro.

Sexta-feira, 21 de junho

Nathan responde por fim à mensagem de Alix às seis da manhã. Ela ouve o telemóvel a vibrar na mesa de cabeceira, puxa para baixo a máscara de dormir, agarra no telemóvel e semicerra os olhos para ler.

Porra. Desculpa. Não sei o que aconteceu. Estou na casa do Giovanni. Perdi os sentidos. Por favor, não me mates.

Ela coloca o telemóvel de volta na mesa de cabeceira e ajusta de novo a máscara de dormir sobre os olhos. Restam-lhe trinta minutos até o despertador tocar – e ela não vai desperdiçá-los. Acabou por só conseguir adormecer depois das duas da manhã e sente a cabeça repleta de cansaço e desespero. Tenta agarrar-se com unhas e dentes à meia hora usurpada, mas a adrenalina está de novo em alta; o seu marido foi a algum lado ontem à noite, acordou no apartamento do amigo e não sabe o que aconteceu entretanto. O seu marido, que tem uma carreira, uma hipoteca e dois filhos em que pensar. O seu marido que tem quarenta e cinco anos.

Um segundo depois o telemóvel torna a vibrar. Ela resmunga e pega nele.

A caminho de casa. Por favor, não me odeies. Amo-te. Desculpa. Sou um idiota.

Mais uma vez, ela põe de lado o telemóvel e coloca a máscara sobre os olhos. Mas a adrenalina tomou agora ainda mais conta dela. Está furiosa. *Por favor, não me odeies*. Parece um menino chorão.

Ela desiste de tentar salvar a última meia hora de sono e senta-se na cama. Olha para as mensagens no telemóvel e pondera o que fazer. Decide não responder, ainda não, não enquanto a sua raiva não tiver acalmado. Mas no momento seguinte o telemóvel vibra de novo e é ele, em tom queixoso:

Alix???

As mãos dela tremem levemente de raiva quando pressiona o botão de chamada no contacto dele.

– Olá. – A voz dele é sumida, e fá-la sentir-se ainda mais zangada.

– Só consegui adormecer depois das duas da manhã, Nathan. Duas da manhã. À espera de notícias tuas, a perguntar-me onde raio estarias. E depois a tua mensagem às seis da manhã acordou-me, sabes que o meu despertador toca às seis e meia e, no entanto, não pudeste esperar meia hora porque és uma merda de um egoísta. Por isso, sim, obrigadinha, Nathan. Dormi quatro horas e agora tenho de acordar os nossos filhos e prepará-los para a escola e depois trabalhar um dia inteiro, e tu nem sabes por onde andaste.

– Alix, peço imensa desculpa. É que...

– Vai-te foder, Nathan.

Desliga a chamada e atira o telemóvel.

Depois sai da cama e toma um duche extralongo.

*

Quando pelas 8h50 chega à escola com os miúdos, está de novo calma. Nathan enviou mais três mensagens, proclamando a sua consternação em relação ao seu próprio comportamento, e prometendo que não se voltaria a repetir. É sexta-feira e a previsão de tempo indica que estará muito agradável no fim de semana. Alix irá almoçar com as suas irmãs no domingo, e não quer ficar presa a estas emoções terríveis e negras que a mantiveram naquele estado de pesadelo na noite anterior, por isso força-se a deixá-las ir.

Depois de se despedir das crianças à entrada da escola, está prestes a virar-se e a ir embora quando se lembra que tem um papel que tem de ser entregue na secretaria. Vai até à lateral do portão e toca à campainha, a porta é aberta pouco depois.

– Olá, Alix!

É Mandy, a coordenadora da secretaria escolar.

– Olá, Mandy. Este papel é para a visita de estudo de amanhã ao Museu de História Natural. Peço desculpa, tem andado dentro da mala há semanas, e estou sempre a esquecer-me de o entregar. Desculpe, está um pouco amarrutado.

Ela passa a Mandy a folha amarrutada sobre a secretária, que sorri e diz:

– Sem problema, querida. Já vi pior, acredite.

E quando diz isto, Alix olha para ela e pensa, *a Mandy trabalha aqui há vinte anos*; no ano anterior tinha havido uma comemoração para assinalar a data. A funcionária mais antiga ao serviço.

– Ah, Mandy. Já agora. Comecei recentemente a falar com uma mãe cujas filhas andaram nesta escola há muito tempo. Têm vinte e poucos anos agora.

Será que se lembra delas?

– Oh! Vamos ver! Orgulho-me sempre de nunca me esquecer de nenhum dos meus alunos.

– Roxy e Erin? Fair?

Uma nuvem negra toma conta do rosto de Mandy.

– Sim. Lembro-me da Roxy e da Erin. Eram...

Alix inspira e espera.

Mandy olha para trás de si, para a porta do gabinete da diretora, e depois da esquerda para a direita, antes de se inclinar na direção de Alix e diminuir o tom de voz.

– Eram uma família estranha, creio que se pode dizer. Digo, a Roxy era selvagem. Contestatária, sabe. Virava os móveis. Atirava coisas pelo ar. Teve de ser suspensa algumas vezes. Mas a Erin era a coisa mais amorosa. O completo oposto da irmã. Tão sossegada. Tinha alguns problemas, provavelmente relacionados com o espectro do autismo? Mas não chegou a ser diagnosticada, do que me recordo. E houve uma vez, acho que quando a Erin estava no sexto ano, já no fim do seu último ano cá... – Mandy faz uma pausa e olha de novo em volta antes de continuar, numa espécie de sussurro. – Ela chegou aqui com um braço partido. E falou-se de que tinha caído da cama e depois um dia ela contou a uma amiga que tinha sido a Roxy.

– A Roxy?

– Sim. A irmã mais nova. Ela disse que tinha sido ela. Tive de chamar os serviços sociais. Foi uma grande trapalhada.

– E foi ela? A irmã mais nova? Que lhe partiu o braço?

– Acho que nunca se provou. Mas os pais ficaram em choque. Houve umas cenas horríveis. Foi a única vez que estive com o pai delas. Um homem corpulento. Com mau feitio. E a mãe...

Alix acena com a cabeça, de novo a suster a respiração.

– Ela era muito estranha. Nem se mexia. Só ficava imóvel, de olhar impávido. Deixava que tudo se desenrolasse como se não fosse nada com ela, sabe? E depois retiraram a Roxy da escola. Deram-lhe aulas em casa até ela ir para a secundária, do que me recordo.

– E para que secundária foram?

– Para Queen's Park High, acho eu. Mas sim. Uma família peculiar. Sempre me perguntei o que lhes teria acontecido. E agora é amiga da mãe, é?

– Bom, não diria amiga. Não. Conhecida.

– E as meninas? Já conheceu?

– Não. Não, de todo.

– Adoraria saber como estão agora. Nunca tive um bom pressentimento em relação a nenhuma delas, sabe como é?

Alix acena com a cabeça e sorri.

Domingo, 23 de junho

No domingo, Josie prepara um churrasco. Ela e Walter comem calmamente na mesa junto à janela que dá para a rua. É a única refeição da semana em que comem à mesa. Depois ela tritura as sobras com a varinha mágica e coloca numa taça para Erin. Cobre com um prato para a manter afastada do focinho de *Fred* e deixa num tabuleiro à porta do quarto de Erin, juntamente com uma embalagem individual de gelado de chocolate e duas colheres de sobremesa. Ainda não entrara no quarto. Quanto mais adia, mais difícil se torna. Ela vai entrar. Na próxima semana. Vai entrar e limpar. Walter diz que não está assim tão mau. Mas ela não sabe como isso pode ser verdade, tendo em conta o cheiro.

Ela lava a louça devagar e limpa a cozinha a fundo. Às três da tarde está impecável, como se nada se tivesse passado. Olha para Walter por detrás da bancada da cozinha e diz:

– Vou levar o cão à rua. Queres vir?

Tem esperança de que ele recuse, e é o que ele faz.

Domingo à tarde, e a zona em redor de Queen's Park está repleta dos despojos dos dias de verão das outras pessoas: copos de plástico de meio litro de cerveja dourada ainda meio cheios abandonados ao calor à porta dos *pubs*, mantas de piquenique amarrotadas no parque, latas de cerveja vazias e caixas de piza amontoadas em caixotes do lixo, poças de gelado derretido no passeio de onde ela tem de desviar *Fred*. Há pessoas que passaram aqui todo o dia, a divertir-se, a desfrutar do bom tempo, a apreciar a companhia dos seus amigos e filhos. Outros estiveram a viver.

Ao pensar no quão extraordinárias são as vidas das outras pessoas, os seus passos guiam-na subconscientemente pelo contorno do parque até à casa de Alix.

Ela mantém a distância. Ficaria envergonhada, completamente envergonhada, se Alix a visse ali com as suas *leggings* debotadas e o seu casaco de ganga, a rondar a casa dela a um domingo à tarde. Mas precisa só de um vislumbre, nada mais, da existência de Alix, e depois pode regressar ao seu

apartamento para lidar com a longa tarde de domingo que a espera.

A vista através da janela da frente está obstruída por portadas brancas de madeira. A porta da frente está pintada de uma cor azul-pálido que lembra Josie de um vestido que ela tinha quando era pequena. Há um par de plantas semelhantes, uma de cada lado da porta, em vasos da mesma cor, podadas em forma redonda. Ela pergunta-se quem terá feito aquele trabalho, ou se é possível comprá-las já assim. Olha para as duas janelas no primeiro andar: mais portadas de madeira. A casa tem uma fachada branca. Não é como o seu apartamento, com as suas enormes janelas que deixam entrar todos os rostos dos passageiros do autocarro que conseguem literalmente ver o que eles estão a comer ao jantar. Um minuto ou dois depois vira-se para ir embora, mas nesse momento vê um grupo de mulheres a caminhar na sua direção. São altas e magras e numa fração de segundo ela percebe que uma delas é Alix, e que as outras duas se parecem muito com ela e que deverão ser as suas irmãs: uma tem cabelo louro-escuro até à cintura; a outra tem o cabelo louro-arruivado atado no topo da cabeça. São uma amálgama de brincos de argolas, enormes malas de pele com borlas, chinelos, verniz preto, saias longas que ondulam quando elas se mexem, bronzeados de outros países. Falam alto, ouve-se à distância; uma delas diz algo e as outras duas desmancham-se em gargalhadas – tantos dentes, que bocas enormes. Ela observa enquanto se dirigem até à porta da frente de Alix. Reconhece agora a mais baixa da noite do seu aniversário no *pub*. Zoe. Alix retira um molho de chaves do interior da mala presa no braço, insere uma na fechadura e ali estão à vista o corredor e a gata, e uma criança, ela ouve Alix dizer: «Voltámos!», e depois ali está o marido, Nathan, com o seu espesso cabelo ruivo, a cumprimentá-la distraidamente, e todas se amontoam e a porta fecha-se. Josie imagina uma garrafa de vinho a ser retirada do enorme frigorífico cromado e azeitonas a serem derramadas em taças, um aspersor de água a regar preguiçosamente a relva do jardim das traseiras. Ela imagina-o e deseja-o. Deseja-o mais do que tudo.

Agora certa de que Alix e a sua família estão firmemente instalados dentro de casa, atravessa a rua. Passa pela casa de Alix como se estivesse simplesmente a passar pela sua própria casa, mas enquanto o faz, deixa que as pontas dos seus dedos percorram a trepadeira que encobre o muro de Alix. Olha para baixo e vê uma extraordinária flor de maracujá roxa e verde-lima a observá-la por entre as folhas, e sustém a respiração. Puxa-a para si, arranca-a e guarda-a na sua mão durante todo o caminho de regresso a casa.

Terça-feira, 25 de junho

Alix está à entrada do bairro onde Josie foi criada. É um bairro de condição humilde, com edifícios que não ultrapassam os quatro pisos, erigido em torno de um parque infantil e com diversos caminhos circundantes. Josie surge pouco depois. Veste calças de ganga e um *top* de cambraia com mangas de balão. O cão espreita através da abertura da transportadora de ganga.

– Desculpa o atraso – diz Josie. – Não conseguia sair.

Alix debruça-se na sua direção para a beijar e sente que Josie transparece o mesmo embaraço em que reparara da primeira vez que a cumprimentou desta forma.

– Sem problema! Nenhum mesmo. – Alix vira-se para dar uma vista de olhos pelo bairro e diz: – Então, foi aqui que cresceste?

– Foi sim. A minha mãe vai ao nosso encontro na área comunitária. Pode ser? Podes montar o material por lá.

– Perfeito – diz Alix.

Ela segue Josie pelo bairro na direção de um edifício estreito mais ao fundo.

Lá dentro, uma mulher com cabelo pintado de castanho e óculos modernos de armação preta está a ajeitar cadeiras em torno de uma mesa. Exibe um vestido de verão e sandálias de tiras. Olha para Alix e para Josie e abre um sorriso.

– Bem-vindas! Bem-vindas! Trouxe sumo e bolinhos.

Ela não é de todo o que Alix esperava. Enquanto Josie é rígida e melancólica, a mãe é toda ela gestos expansivos e conversa. Também tem *glamour*, claramente tem cuidado com a sua aparência, considera-se uma mulher digna de atenção e respeito. Pede a Josie que vá fazer chá e café na *kitchenette* e convida Alix a sentar-se.

– Então – diz ela, olhando para ela atentamente. – Ouvi alguns dos teus *podcasts*, quando a Josie me falou de ti. Tão inspiradores. Eu teria uma carreira para partilhar contigo, não fosse ter dedicado toda a minha vida a este bairro. Este bairro foi a minha carreira, digamos assim. Não que receba qualquer tipo

de compensação monetária. Faça-o por amor.

Alix vira-se ligeiramente para olhar para Josie. Está de costas para elas, à espera que a água ferva na chaleira.

– Obviamente – continua Pat –, a minha primeira pergunta terá de ser, porquê a Josie?

– Oh! – Alix ri-se nervosamente. Olha de novo para as costas de Josie. Ela tinha-lhe pedido que não mencionasse à sua mãe a verdadeira razão pela qual queria fazer isto. «Diz-lhe só que estás a fazer uma série de *podcasts* sobre “manas de aniversário”», sugerira ela. «Faz com que pareça inócuo.»

– Bom. Porque não a Josie? – diz Alix. – Foi mesmo por aí que comecei. Uma mulher nascida no mesmo dia e no mesmo sítio que eu. Creio que foi uma espécie de cenário de «troca de bebés», mas ao contrário. Não fomos trocadas. Fomos para casa com os progenitores certos. No entanto, o que teria acontecido se não tivéssemos? O que me teria acontecido se a senhora me tivesse levado para casa? Se tivesse sido criada aqui, por si, e a Josie tivesse sido criada a pouco mais de um quilómetro daqui, pelos meus pais?

– A natureza *versus* o ambiente? – interroga Pat.

– Bem, sim, até certo ponto.

– Sabes, durante algum tempo estudei Antropologia Social. Na Goldsmiths. Mas depois engravidei. – Ela suspira. – Tive de desistir. Por isso sim, tens aqui outro cenário «e se». E se eu não tivesse engravidado? E se eu tivesse terminado o meu curso? Em primeiro lugar teria saído deste bairro, não é? E depois alguém teria de cá estar a fazer o que eu faço. Só que não faria, pois não, e depois este bairro estaria uma desgraça, como os outros aqui à volta. Por isso sim, se calhar é isso. Eu engravidei por uma razão; engravidei para poder sacrificar as minhas ambições e salvar este bairro. – Pat distrai-se e fica a olhar para o vazio por uns segundos. – Engraçado, quando pensamos nisto. Estranho. Mas acredito que talvez toda a gente tenha uma missão. Embora a de algumas pessoas seja mais difícil de descortinar. – Ela termina esta declaração já de olhos postos em Josie, enquanto esta puxa a cadeira ao lado de Alix e se senta. Alix sente um mal-estar. Esta mulher, suspeita ela com grande convicção, odeia a sua filha.

– Então, falando em quando engravidou de Josie, e dado que deu à luz no mesmo hospital e no mesmo dia que a minha mãe, quais são as suas memórias desse dia?

– Oh, céus! Tento nem pensar nisso. Tinha vinte anos. Não era casada. Estive em negação durante toda a gravidez – a beber, a fumar. Sei que isso é extremamente malvisto hoje em dia, mas na altura não importava muito. E eu não parecia grávida. Não antes do final da gravidez. Ainda vestia as minhas calças de ganga tamanho 38. Por isso continuei como se nada fosse. E depois vieram as contrações e eu tentei fingir que não estava a acontecer porque não

estava pronta. E não estava mesmo. Tinha tantas coisas que queria fazer. Estava a meio de um ensaio, e queria terminá-lo. E quase terminei, mesmo com as contrações. Mas depois tornou-se de mais e a minha mãe arranjou-nos um táxi para o hospital de Saint Mary, e quatro horas depois, chegou a bebé. O que aconteceu nessas quatro horas é algo que nunca mais quero relembrar ou mencionar.

– A que horas nasceu ela?

– Céus. Não sei. Acho que pelas oito da manhã.

– E como se sentiu, no primeiro momento em que a viu?

– Senti-me... – Pat para. Os seus olhos viajam até ao fundo do centro comunitário e fixam-se por um momento no vazio. – Senti-me aterrorizada.

Alix sente Josie a encolher-se ligeiramente na cadeira ao seu lado.

– Simplesmente aterrorizada. Não sabia o que fazer. Só pensava naquele maldito ensaio. E consegui terminar.

– Terminou?

– Sim. Bem, os recém-nascidos, eles só dormem, não é? Terminei. Entreguei. Tive nota máxima. Mas depois disso... acho que me rendi à maternidade. Deixei que me *invadis*se. Sempre achei que iria voltar, terminar o meu curso. Mas... – ela estende as mãos na direção da sala – ...aqui estamos nós. E de facto, provavelmente aprendi mais sobre a vida, mais sobre as *peçoas*, através das minhas experiências aqui do que algum dia aprenderia numa vida inteira a estudar livros. Por isso, acabou tudo por correr pelo melhor.

Alix semicerra um pouco os olhos e pigarreja.

– E no hospital, nesse dia em que a Josie nasceu, recorda-se de alguma das outras mulheres presentes? Recorda-se desta mulher? – Ela retira da sua mala a fotografia que tinha guardado na noite anterior: a sua mãe, numa camisola cinzenta e calças de ganga, o seu cabelo louro com um corte *bob* e uma permanente, com a recém-nascida Alix ao colo (ou Alexis, como fora batizada pelos seus pais), a sorrir para a câmara. – Tinha cerca de quatro dias nesta foto, tinha acabado de sair do hospital e chegar a casa.

Pat olha para a foto e sorri secamente.

– Céus! – diz ela. – Nesse dia podia lá ter estado o Elvis Presley, e eu não me iria lembrar. É tudo uma grande névoa. A sério que é. Quantos anos tem a tua mãe nessa foto?

– Trinta e um.

– Não era nova.

– Não. Não era nova. Ela sempre esteve focada em construir uma carreira antes de constituir família.

Alix repara numa expressão azeda no rosto de Pat.

– Bom – diz ela. – É bom quando se pode planear assim, creio eu.

Alix pestaneja. Ela quer perguntar a Pat porque não planeara assim. Era inteligente e tinha ambições. Porque engravidara aos vinte anos? Por que razão não regressara à universidade depois? Mas não pergunta. Em vez disso, coloca a foto de novo dentro da mala e diz:

– Podemos dar um passeio pelo bairro? Pode mostrar-me onde a Josie cresceu, memórias, etcétera.

– Termina o teu chá primeiro – diz Pat, e há na sua voz uma entoação que faz parecer que é mais uma ordem do que uma sugestão. Alix bebe o chá e levanta-se. Durante meia hora, Pat guia-as pelo bairro e todo esse tempo é preenchido pela elaboração ininterrupta de todos os seus feitos: o que fez, quando fez, o quão difícil foi fazê-lo, o quão gratas lhe estavam as outras pessoas. Era impressionante, o tipo de trabalho de uma vida que poderia eventualmente levar a uma condecoração pela própria Rainha, e Alix consegue imaginar Pat num elegante fato e chapéu um tudo-nada excêntrico, ajoelhada em frente à monarca, de sorriso arrogante no rosto.

No entanto, para Alix está claro que Pat é na realidade uma terrível narcisista, e ninguém que seja filho de uma pessoa assim consegue escapar sem mazelas. Esta noção dá outra perspetiva à sua opinião sobre Josie, ajuda-a a percebê-la melhor.

Pat leva-as até ao seu apartamento, onde Josie vivera quando era criança. É no rés do chão e tem um canteiro na parte de fora. Pat abre a porta e deixa-as entrar.

– Aqui – diz Josie, abrindo a porta de um quarto que está pintado de rosa e decorado para uma jovem menina. – Este era o meu quarto. E aqui foi onde eu vi o Walter pela primeira vez, pela janela.

Alix para por um momento e absorve a energia do quarto, imagina uma jovem Josie a espreitar pelas aberturas das venezianas de madeira que outrora cobriam a sua janela. De volta à cozinha, toca no tampo da mesa de jantar.

– Era aqui que estavas sentada? Quando Walter comeu o teu bolo de aniversário?

Josie sorri.

– Sim. Não nesta mesa, esta é nova, mas sim, aqui mesmo.

Alix vira-se para Pat.

– Sabia? – pergunta ela. – Naquele dia. No décimo quarto aniversário da Josie. Sabia o que ia acontecer?

– Referes-te à Josie e ao Walter? Não, claro que não. Quer dizer, vamos lá ver. Ele era mais velho do que eu! Como poderia eu imaginar? Como poderia saber?

– E o que pensou? Quando soube? Deve ter ficado muito chocada?

– Bem, o que achas? – Pat profere estas palavras com um tom de fúria.

Alix olha para Josie. O seu rosto está ruborizado, e Alix inspira fundo e

desiste de formular a sua pergunta seguinte.

20h00

Nathan tem sido extremamente querido desde os acontecimentos de quinta-feira à noite. Não que Nathan não seja sempre querido. É o seu modo predefinido. Mas tem estado a chegar a casa suficientemente cedo depois do trabalho para desfrutar um pouco do jardim com os miúdos, para ajudar a fazer o jantar, para ver um programa na TV e para verificar trabalhos de casa, conversar e fazer parte da família. Não deu explicação para a noite de quinta-feira, além de «perdi o controlo». Prometeu que não o torna a fazer e, por agora, banhava nas águas amenas da harmonia matrimonial, Alix escolhe acreditar nele.

Agora, enquanto levantam a mesa juntos, ele diz:

– Ah, já agora, amanhã fico a trabalhar em casa.

– Ai sim? – diz ela. – Porquê?

– Tenho uma data de papelada para pôr em dia e não tenho reuniões na agenda, pensei em aproveitar. Talvez possa levar-te a almoçar?

Ela pausa. Ainda não lhe contou sobre o novo projeto de *podcast* com Josie. Mas ela estará cá amanhã às nove e meia e Alix terá de explicar porquê. Ela diz:

– Amanhã de manhã vem cá uma entrevistada.

– Oh! OK. Pensava que já tinhas terminado a série. É algo novo?

– É... É, bem, é uma espécie de experiência, creio. É a mulher do *pub* da outra noite, aquela que fazia anos no mesmo dia que eu. Estou a fazer algo sobre, hum, pessoas que fazem anos no mesmo dia, sabes, sobre a aleatoriedade da vida, as vidas de estranhos, a natureza *versus* o ambiente, esse tipo de coisas. – O seu rosto é invadido por um rubor por ter contado a mentira branca, e ela vira o rosto a Nathan, para que ele não repare.

Nathan olha para ela, cético.

– Parece... diferente.

– Sim. Exatamente. Diferente.

– Difícil de executar?

– Talvez. Mas na verdade, já há algumas coisas empolgantes a acontecer-lhe neste momento.

– Que tipo de coisas empolgantes?

Ela sustém a respiração: um marido que a manipulou e seduziu quando era uma criança de catorze anos; uma mãe narcisista; duas crianças problemáticas; e atritos com os serviços sociais. Mas as coisas empolgantes parecem preciosas de alguma maneira, ainda não finalizadas e delicadas, ainda não prontas para o julgamento do seu marido.

– Bem – diz ela –, tens de ouvir o *podcast* para descobrir.

Nathan ergue uma sobrancelha com ar cômico.

– Acho justo – diz ele. – Acho justo.

Alix retira do caixote um saco de lixo cheio, ata um nó e leva-o para a frente do jardim. Para depois de colocar o saco no contentor, e olha para o céu azul-escuro de verão, à espera que o tempo passe. Não quer falar deste assunto com Nathan. Não agora. Ele não merece as suas confidências. Não merece saber tudo o que ela faz.

Nathan tem as suas prioridades, os seus próprios segredos. Ela também pode ter os seus.

Quarta-feira, 26 de junho

Josie está sem fôlego no momento em que chega à porta de Alix na manhã seguinte. Era tudo o que queria fazer, o único sítio onde queria estar, e caminhou em passo extrarrápido para ali chegar. Retira um lenço de papel da mala e limpa o suor da testa e do lábio superior antes de tocar à campainha.

Está completamente preparada para a expressão apaziguadora e feliz de Alix Summer quando a porta se abre, mas, em vez disso, ali está o marido. As suas feições são grosseiras e cruas, o tipo de homem que só é atraente devido a alguns fatores-base essenciais relacionados com químicos e atitude. Não há uma única coisa no seu rosto que Josie possa eleger que seja digna de nota; até os seus olhos são de uma cor turva e indefinida. Tem pestanas curtas e grossas e uma barba de dois dias que contém todos os tons de cabelo que existem, de branco, a ruivo, a louro. A sua boca é pequena e esguia. Veste uma *T-shirt* desleixada e calças de fato de treino cinzentas, e observa-a com curiosidade por cima de um par de óculos de leitura com armação em massa. Estala os dedos e diz:

– Josie?

Ela acena com a cabeça e responde:

– Olá. A Alix está à minha espera.

Subitamente, ele inclina-se na direção dela e por um terrível segundo ela acha que ele a vai beijar, mas logo percebe que ele está a alcançar a cabeça de *Fred*, que espreita pela abertura da transportadora.

– Oh, olá! – diz ele, retraindo-se ligeiramente quando *Fred* começa a rosnar-lhe. – És todo pispineta, não és? Ele? Ela? – Aproxima os seus dedos do focinho de *Fred*, para que ele os cheire, e ele acede, timidamente.

– Ele – diz Josie. – *Fred*. É um pomchi.

– Um pomchi – diz Nathan. – Nunca pensei. Seja como for, entra. A Alix está na cozinha.

Ela aparece então por detrás do seu marido, no rosto uma expressão que denuncia algum desapontamento por ter sido ele a receber Josie à porta, e não ela. Josie sorri para ela e, quando passa por Nathan, o seu braço roça no

algodão da sua *T-shirt*, suficientemente próximo para sentir o calor que emanava da sua pele.

Atravessam a cozinha onde a gata está sentada na ilha e parece quase um bibelô. O cão rosna silenciosamente quando passam por ela.

– Devemos demorar cerca de uma hora – grita Alix a Nathan por cima do ombro, que ainda está a empatar no *hall* de entrada.

– Certo – grita ele de volta, despreocupadamente.

Desta vez Josie tenta absorver cada detalhe da cozinha. O frigorífico, ela repara agora, não é de todo cromado. Está encastrado num armário que condiz com o resto da cozinha. Há uma batedeira enorme na bancada que é do mesmo azul-pálido que a porta da frente. Há um assento acolchoado junto à janela com vista para o jardim, coberto de almofadas com fronhas de algodão de vários tons de azul-mar. Há uma fila de calçado de plástico e botas junto à porta das traseiras. As taças de comida da gata são feitas de cobre e as cadeiras em redor da mesa da cozinha são todas de tamanhos e feitios diferentes.

– Como estás? – pergunta-lhe Alix enquanto atravessam o relvado.

– Oh! Estou bem, acho eu.

– Ontem parecias um pouco... stressada?

– Sim, um pouco. A minha mãe faz-me sempre sentir assim. Quer dizer, sei que ela parece muito ponderada. Sei que passa a ideia de ser uma pessoa decente, com toda aquela conversa de salvar o bairro e afins. Mas acredita no que te digo, não é de todo o que parece. Foi uma péssima mãe, Alix. Uma péssima, péssima mãe para mim.

– Na realidade, eu consegui perceber, Josie. E gostava de falar sobre isso hoje, se não te importares.

Josie encolhe os ombros.

– Acho que não me importo. Não sei bem. Se achares que é bom para o *podcast*, então sim.

– Acho que será bom para o *podcast*. Mas claro que depois darás o OK final antes de ir para o ar e se houver algo de que não gostes, eu não o incluo.

No estúdio, Alix prepara um café Nespresso para Josie e esta observa-a de costas. Tem vestido um *top* fino e longo sobre *leggings*. Através do tecido, Josie consegue vislumbrar o contorno da sua espinha dorsal e as costuras de um sutiã de desporto.

– Como foi o teu fim de semana? – pergunta-lhe.

– Oh, céus! Parece que já foi há imenso tempo. Mas sim. Foi bom. Estive com as minhas irmãs no domingo. É sempre divertido.

– Como se chamam?

– Zoe e Maxine.

– Nomes bonitos. O que fizeram?

– Um almoço demorado e cheio de álcool.

Almoço demorado e cheio de álcool. As palavras percorrem Josie como um sonho. Ela acena com a cabeça, sorri e diz:

– OK! Muito bem.

Alix coloca o café de Josie à sua frente, depois senta-se. Prende o cabelo atrás das orelhas e sorri a Josie.

– Muito bem – diz ela. – Vamos colocar esses auscultadores e começar, sim? E queria começar onde terminámos da última vez. Com Walter. E em como se tornaram um casal.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia! **UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX**

O ecrã mostra o estúdio de gravação de Alix vazio.

A câmara vai focando os detalhes da sala.

Ouve-se a gravação da voz de Josie em conversa com Alix.

No ecrã pode ler-se:

Gravação do podcast de Alix Summer, 26 de junho de 2019

– Ah, sim. Então, agora já estamos no meu décimo quinto aniversário. Eu e o Walter somos uma espécie de amigos, a essa altura. Ele parava sempre para falar comigo se nos cruzássemos no bairro. Acenava sempre, dizia-me alguma coisa simpática. Sabes como é. E no dia em que fiz quinze anos, o Walter veio atrás de mim quando eu estava a caminho da escola. Tinha-se lembrado de que era o meu aniversário, por causa do ano anterior, e tinha-me comprado um presente.

– O que te comprou?

– Uma pulseira. Olha. Esta.

– Ainda a usas. Uau.

– Bem, por que não usaria? Ainda estamos juntos.

Josie suspira pesadamente.

– E depois, nesse dia, os meus amigos levaram-me ao parque depois das aulas, e estava lá um rapaz, chamava-se Troy, acho eu. E a Helen queria que eu, sabes, o beijasse. Eu ainda não tinha tido um namorado e ela estava sempre a tentar que eu me enrolasse com um rapaz, e eu não queria enrolar-me com um rapaz porque eram todos nojentos, na verdade. E ele tinha estado a beber sidra e o hálito dele... Ainda hoje consigo cheirá-lo. O cheiro amargo, rancido, na minha cara quando ele avançava para mim, e eu simplesmente levantei-me e fui-me embora, e quando me fui embora soube, soube que estava farta. Farta

de ser aquele tipo de adolescente. Fui para casa.

– A minha mãe disse: «Voltaste cedo.» Disse-lhe que não me sentia bem. Ela perguntou-me se tinha estado a beber. Contei-lhe sobre a sidra e sobre o rapaz e ela disse-me que eu tinha bons amigos, que devia esforçar-me mais com eles. Eu disse: «Mas eu esforço-me. Só que depois eles fazem coisas que eu não quero fazer, e não há muito que eu possa fazer acerca disso.» Ela disse: «O que queres fazer, Josie?» Eu disse: «Não sei. Como é suposto saber? O que querias tu quando tinhas quinze anos?» Ela olhou para mim como se não acreditasse que fôssemos do mesmo sangue, e disse: «Queria conquistar o mundo todo, Josie. Era isso o que eu queria fazer.» Eu disse algo como: «Bom, não há de ser a beber sidra no parque que vou conseguir conquistar o mundo, pois não?», e ela disse: «Também não o vais fazer se ficares aqui comigo em casa. No teu aniversário.» Então eu disse: «OK. Tudo bem. Eu saio.» Bati com a porta e percorri o bairro todo, até chegar à cabine onde Walter trabalhava.

– Ia só agradecer-lhe pela pulseira, mas eu sabia, creio, sabia o que ia acontecer. Na altura, sentia-me poderosa. E ele levou-me ao *pub*. Sentei-me no *pub* com um homem de quarenta e dois anos e eu tinha quinze, ele pôs um *shot* de vodka na minha limonada e beijou-me, lembro-me de olhar para as minhas mãos, para os rabiscos de caneta que ficavam depois da escola, e de olhar para os meus sapatos, aqueles velhos botins da Kickers com as etiquetas de pele que toda a gente usava naquele tempo, e de pensar: *É agora. Vou dar o salto. Vou-me embora. Vou deixar este mundo. Vou para outro.* Era quase como se soubesse, mesmo na altura, que não havia retorno. Que assim que me envolvesse com o monstro, não haveria volta a dar. Para sempre.

*

Meio-dia

– Oh, meu Deus! – Alix sussurra para si própria uma hora depois, logo após a saída de Josie e de fechar a porta da frente. Encosta-se contra a porta, os seus braços atrás de si. – Oh, meu Deus! – sussurra de novo.

Fecha os olhos e tenta recompor-se, mas sente a cabeça às voltas. Tinha escondido o choque enquanto Josie falava. Acenava veemente com a cabeça. Emitia ruídos encorajadores que expressavam interesse. Intervinha com perguntas neutras. Tudo isto enquanto resistia à tentação de dizer: *Foda-se, Josie, casaste com um pedófilo.*

Volta ao anexo para arrumar o estúdio, trazer as chávenas e os pires, e trancar tudo. Na cozinha coloca as chávenas e os pires na máquina de lavar loiça e depois dirige-se à casa de banho do rés do chão, aquela que fica sob as escadas. Depois de usar a casa de banho, vira-se para a torneira para lavar as mãos e para quando percebe que não há sabonete líquido. Procura atrás de si, procura sobre a prateleira que percorre o chão e camufla os canos da água,

procura dentro do armário debaixo do lavatório. Lava as mãos sem sabonete e depois pergunta a Nathan quando regressa à cozinha:

– Fizeste alguma coisa ao sabonete líquido da casa de banho cá de baixo?

– Tipo o quê?

– Tipo, se o mudaste de sítio? Se o deitaste fora? Ainda há dias coloquei uma embalagem nova.

– Não – responde ele. – Claro que não. Se calhar foi a tua amiga esquisita.

Alix resmunga.

– Não sejas ridículo. Deve ter sido um dos miúdos. De certeza que irá aparecer.

13h00

Josie esconde o sabonete líquido no fundo da sua gaveta de roupa interior juntamente com a cápsula Nespresso. Tinha uma embalagem tão bonita: cinzenta-escura com um desenho de uma flor de cerejeira, como um quadro japonês. E cheira a Alix.

A experiência de ter estado de novo em casa de Alix deu-lhe uma estranha espécie de energia. Conhecer o marido foi um bónus, embora ela não saiba o que Alix vê nele. E usar aquela linda casa de banho com o espelho mosqueado e o excêntrico papel de parede com pavões. O sabonete líquido tão chique. A macia toalha preta pendurada numa argola dourada. E a entrevista em si: reviver os primórdios da sua relação com Walter, contar-lhe sobre a sua horrível mãe, a expressão de arrebatado fascínio no rosto de Alix, como se Josie fosse a mulher mais interessante que ela conhecera na sua vida.

Animada, dirige-se ao quarto de Erin e encosta o ouvido à porta. Consegue ouvir a cadeira a chiar, o clicar dos botões, os pequenos ruídos dos auscultadores. Consegue sentir as camadas de odor do quarto. Mas não pode continuar a ignorar. Não vai desaparecer. Ela pressiona a maçaneta e empurra a porta. Só avança alguns centímetros até parar, bloqueada pelas pilhas de objetos no chão. Chama Erin, mas não a ouve. Empurra com mais força, mais uns centímetros. Agora consegue ver um pouco de Erin, a lateral do seu rosto, os seus chinelos de pele de ovelha esfiapados, as suas mãos a segurar o comando, pálidas e ossudas. Decide que não é capaz. Não hoje.

Josie traz a imagem da cozinha de Alix de volta à sua mente. A sua luminosidade. A doçura. Os desenhos das crianças pendurados na parede especial. Depois lembra-se do aspeto do quarto de Erin, quando ela o partilhava com Roxy. Costumava ter duas camas cor-de-rosa e um armário branco com corações de papel colados. Onde hoje está a secretária de *gaming* de Erin, costumava estar um baú cheio de bonecas e brinquedos. Na sua mente ouve o som de duas crianças pequenas a rirem-se juntas na hora de dormir.

Fecha os olhos e torna a fechar a porta.

Sábado, 29 de junho

Alix procura no baú junto à porta de entrada a sua capa de chuva, aquela que comprou há uns anos para levar a um festival quando se previa chuva durante todo o fim de semana. A aberta de tempo quente e seco terminou, e os dias seguintes preveem-se frescos e molhados. Encontra a capa, coloca-a sobre as costas e depois chama Eliza. Vai acompanhá-la a pé até à casa de uma amiga para uma festa de anos, a cerca de oitocentos metros de distância.

Os passeios estão repletos de poças de água e os carros fazem ruídos sibilantes ao passar. No início, Alix mal repara em Josie, através do capuz da sua capa de chuva. Repara primeiro no cão, olha para ele e pensa: *Oh, um pomchi, como o da Josie!* Depois repara nos sapatos de ganga manchados pelos pingos de chuva, um casaco de ganga atado à cintura com um cinto a condizer e um guarda-chuva com um padrão tipo ganga, e diz:

– Josie!

Josie pestaneja quando olha para ela.

– Alix! Que surpresa!

– Não está propriamente bom tempo para andar a passear o cão – diz ela.

– Pois não. Mas se fosse esperar o dia todo que parasse de chover, o *Fred* ia acabar por nem sequer passear. Onde vais?

Alix coloca as mãos sobre os ombros de Eliza e diz:

– Vou levá-la a uma festa de aniversário. Ali umas ruas mais abaixo.

Alix repara que há uma espécie de ânsia no olhar de Josie.

– Oh, que bom! – diz ela. – Faz quantos anos?

– Onze.

– Bom, diverte-te muito, sim? Aproveita cada minuto.

– Daqui a umas horas já está em casa com a fúria do açúcar e do TikTok.

– Bom, divirtam-se. E bom fim de semana, Alix. Vemo-nos na próxima semana.

– Sim. Vemo-nos na próxima semana.

Enquanto caminham pela rua, Eliza olha para Alix e diz:

– Quem é aquela senhora?

– Oh! É a senhora que estou a entrevistar para o meu *podcast*.

– Porquê? Parece ser muito aborrecida. Fora o cão.

– Bem, sim. Mas é essa a ideia. Que as pessoas que parecem aborrecidas por vezes podem ter as histórias mais interessantes para contar. Só precisamos de conseguir que as contem, de alguma forma.

Alix fica um pouco na festa, o suficiente para beber uma chávena de chá e trocar alguns mexericos de escola com algumas das outras mães. Depois faz o caminho de regresso a casa passando pelas poças de água e os guarda-chuvas. Quando passa pelo sítio onde encontrara Josie a caminho da festa, para em sobressalto. Ela ainda lá está.

– Oh! – diz Alix. – Josie, o que ainda fazes por aqui à chuva?

– Não sei bem. Eu só...

Perde-se no seu raciocínio, e estranhamente parece que vai desatar a chorar.

– Estás bem?

– Sim. Sim. Estou ótima. Eu só... O que estamos a fazer, está a trazer-me muitas emoções. Muitas coisas que não sentia há muito tempo. Sabes? Está a fazer-me sentir que tenho vivido dormente. E quando te vi ainda agora, com a tua menina linda... eu só... Não sei bem, para ser sincera, Alix. Não sei bem. Não consegui fazer com que os meus pés funcionassem. Parece loucura?

– Não, Josie. Não. Não parece nenhuma loucura. Parece completamente compreensível. E, ouve, vamos sair da chuva, sim? Anda. Pago-te um chá. Ou algo mais forte?

Alix guia Josie até ao café mais próximo e senta-a à mesa enquanto se dirige ao balcão e pede dois *cappuccinos*. Acrescenta ao pedido dois biscoitos de chocolate e trá-los para a mesa.

Mas nem sinal de Josie.

16h00

Josie está encharcada até aos ossos quando chega a casa. Embrulha o cão numa toalha e enxuga-o, depois prepara uma chávena de chá para se aquecer e vai descalça até à sala onde Walter está no sofá a ver futebol.

– Estás encharcada.

– Sim. Não sei o que me passou pela cabeça para sair nestas condições.

O cão olha para o sofá com ar suplicante, e Walter olha para ele e diz:

– Nem pensar. Tresandas. Não te quero aqui.

Josie pega nele ao colo e aperta-o contra o peito. Não gosta quando Walter fala rispidamente para o cão.

Senta-se na ponta oposta do sofá e observa o jogo sem qualquer reação. Odeia o som do futebol – o tom monótono dos gritos dos homens, a entoação crescente e decrescente dos comentadores, os assobios e os tambores; parece o

cenário de um pesadelo, um exército de assassinos que não derramam sangue. Tem sido a banda sonora dos seus fins de semana nos últimos vinte e sete anos, desde o dia em que começara a viver com Walter. Nos primeiros anos assistia aos jogos com ele, proclamava o seu entusiasmo pelo jogo, gritava quando a sua equipa marcava golo, fingia ficar devastada quando perdia. Embora, não, não fingia. Na época era real. Tudo o que ela pensava, fazia, queria, se importava na altura tinha passado pelo filtro de Walter. Tudo o que ela queria, desde o momento em que se tinham juntado, era agradecer-lhe, ser a pessoa que ele pensava que ela era, ser o sonho dele tornado realidade.

Ela termina o seu chá e leva a caneca para a cozinha.

– Vou para a cama – diz ela. – Estou a sentir arrepios.

Walter olha para ela, a preocupação refletida no seu olhar.

– Oh, amor! Espero que não estejas a chocar alguma coisa.

– Não. Tenho a certeza de que estou bem.

– Queres que te leve algo para a gripe?

– Oh, não! Mas obrigada. Amo-te.

– Também te amo... – Mas o «o» da última palavra fica pelo caminho quando algo excitante acontece no ecrã e a atenção dele é desviada.

Ela leva o cão para o quarto e fecha a porta atrás de si. Sente-se abatida, derrotada. Não sabe o que lhe aconteceu. A última hora é um borrão confuso. A chuva que caía sobre ela, depois Alix no seu poncho de plástico, a sua filha a olhar para si com ar curioso sob o capuz do seu impermeável, e depois... nada. A seguir sentar-se no café, observar Alix ao balcão, os pingos de chuva a brilhar sobre o seu resguardo; depois tinha visto algo através da janela – o que era? Não tem a certeza. No momento, pensou ser Roxy. Estava convencida de que era ela. Pegou no cão ao colo, na sua mala, correu até ao passeio. Nem sinal de Roxy. Teria sido real? Ou uma memória? Uma sombra? Talvez só alguém que se parecia com ela?

Na cama, procura o canal do *podcast* de Alix no seu telemóvel e seleciona um aleatoriamente, deixando que o som da voz de Alix apague o ruído dos gritos dos fãs de futebol que ouvia da sala.

Segunda-feira, 1 de julho

Josie ouve a Heart FM através dos auscultadores. Camuflado pelos gloriosos pontos altos de *Greatest Day* dos Take That está o ruído das máquinas de costura, a passagem dos comboios, as conversas das suas colegas, a voz alta da cliente presente, mas ela concentra-se na música, na forma como a faz sentir, transmitindo-lhe clareza e certeza. O fim de semana parece um borrão. Passou a maior parte do tempo na cama. Walter diagnosticou-lhe uma constipação de verão e trouxe-lhe comida e bebida. Levou *Fred* à rua e alimentou-o. Mas hoje de manhã acordara a sentir-se revigorada e normal, e foi trabalhar apesar dos protestos de Walter de que ela deveria ficar em casa e cuidar de si.

No seu intervalo das três da tarde, prepara para si mesma um chocolate quente instantâneo e escreve uma mensagem a Alix.

Desculpa por sábado. Estava com uma constipação de verão. Passei o fim de semana na cama, a tremer. Creio que delirei um pouco! Estou bem agora e ansiosa pelo nosso próximo encontro. Amanhã de manhã posso.

A resposta de Alix surge um pouco depois.

Oh, não! Lamento teres estado doente. De facto, parecias um pouco estranha. Por favor, vem amanhã, se estiveres com disposição.

Josie responde com prontidão.

Vou adorar. Até amanhã.

Terça-feira, 2 de julho

– O que faz o Walter, agora que está reformado? – pergunta Alix quando começam a gravar.

Josie suspira.

– Boa pergunta – diz ela. – Não muito. Fica feliz só por ficar em casa, a ler as notícias *online*, a ver desporto, a enviar *e-mails* à família.

– A que família envia *e-mails*?

– Oh! Aos filhos! Têm trinta e poucos anos. Vivem no Canadá.

– Ambos?

– Sim. A mãe emigrou para lá quando ela e o Walter se separaram. Ele nunca mais os viu.

– E que idade tinham eles?

Josie encolhe os ombros.

– Dez e doze anos, quando partiram.

– Ele nunca mais viu os filhos desde que eram crianças?

– Não. É muito triste. Mas a ex não o deixava aproximar-se deles.

– Porquê?

Josie encolhe de novo os ombros.

– Acho que ficou mesmo muito desagrada com o que aconteceu comigo.

Alix regista este ponto alto na já estranha narrativa da relação de Josie com Walter.

– Então – começa ela devagar. – Josie. Gostava de ter mais detalhes sobre este assunto, mas só se estiveres confortável para falar sobre isso. Lembra-te, se houver algo de que não gostes, podemos sempre apagá-lo antes de ir para o ar.

Josie assente.

– Então, o Walter era casado? Quando o conheceste?

Há uma pequena fração de silêncio, o suficiente para Alix sentir o desconforto de Josie pela resposta que está prestes a dar.

– Sim – diz ela. – Era. Mas, obviamente, eu não sabia. Obviamente, ele não me disse. Caso contrário, nunca me teria envolvido com ele. Quer dizer, claro que não teria.

– Então, espera. Depois desse dia, do teu décimo quinto aniversário, quando ele te levou ao *pub*, quanto tempo passou até descobrires que ele era casado?

Desta vez o silêncio é ainda maior.

– Bastante tempo – diz ela eventualmente. – Diria que alguns anos.

– Alguns anos?

– Sim. Só quando tinha dezoito anos é que descobri que ele era casado.

– Então ele ainda vivia com ela? Até esse momento?

– Não. Não vivia. Era por isso que eu não sabia. Porque ele tinha o seu apartamento em Londres, que recebera do pai. Mas a ex e os meninos moravam fora de Londres, algures em Essex. Ele ia a casa aos fins de semana. Foi tudo... tudo uma grande trapalhada, digo eu.

Alix acena com a cabeça, mas permanece em silêncio.

*

Está a chover quando a sessão termina, pouco depois, e Alix oferece-se para levar Josie a casa de carro. Quando a deixa em casa, Alix observa dentro do carro enquanto ela caminha, para ver em que casa irá entrar. Alix conhece esta estrada. Já aqui passara milhares de vezes: uma estrada residencial com mau aspeto que liga Paddington a Kilburn. E ali, tal como Josie descrevera, estava uma longa fila de casas vitorianas geminadas em pares, todas construídas próximo do passeio, deterioradas e apagadas, sem árvores que as protegessem dos fumos do trânsito. Observa Josie a abrir a porta da frente de uma casa mesmo atrás da paragem de autocarro. Vê Walter à janela e fica chocada mais uma vez pelo quão velho ele aparenta ser. Tenta imaginar o belo quarentão que Josie descrevera a beijá-la no *pub* quando ela era uma menina, mas é difícil. Ele não envelheceu bem. Vê-o virar-se quando Josie entra na sala e surge um pequeno sorriso no seu rosto. Ele diz-lhe algo, e depois vira-se de novo para o computador. Josie aparece brevemente junto à janela, segurando no seu cão e olhando para trás de si, antes de desaparecer de novo. Há outra janela junto à reentrância onde Walter está sentado. Esta tem cortinas de ganga que estão entreabertas. Alix consegue ver o formato de um guarda-roupa e uma porta. Algures por detrás daquela porta, supõe ela, está Erin, a rapariga mais velha, aquela que ainda vive em casa, aquela que teve o braço partido pela irmã mais nova que saiu de casa quando tinha dezasseis anos.

E depois um autocarro para na frente da casa e desperta Alix do seu estranho devaneio. Engata a mudança do carro e conduz até casa.

*

No balcão da cozinha, ela abre o seu computador e coloca o endereço de Josie no Google. Acrescenta o nome «Walter Fair», mas não surge nada. Acrescenta os nomes «Josie Fair», «Erin Fair» e «Roxy Fair», e ainda assim não consegue nada. Tal como ela suspeitara. Anónima, tal como noventa por cento da população mundial. Mesmo na atualidade, em que deixamos impressões digitais em todas as redes sociais, a maioria das pessoas não deixa rasto na internet. Ela insere o endereço no Google Maps e fica a observar a rua durante algum tempo, rolando para cima e para baixo a imagem da rua de Josie, à procura de algo, sem ter a certeza do quê.

Quinta-feira, 4 de julho

Josie veste o seu casaco de ganga por cima da *T-shirt* e calças de fato de treino e observa o seu reflexo no espelho. É o mesmo casaco de ganga que tem desde que era adolescente, aquele que vestira no dia em que fizera quinze anos e estivera no *pub* com o Walter. Está gasto nos cotovelos e nas mangas, mas ela manteve-o inteiro ao longo dos anos, manteve-o em condições de ser usado. É o seu casaco da sorte, o casaco que estava a usar quando a sua vida deu uma reviravolta, quando ela deixou de ser o tipo de rapariga que bebia sidra quente com rapazes de má fama para ser o tipo de rapariga que tinha o amor de um homem a sério, que tinha bebés lindas e um apartamento T2. Mas essa rapariga... essa rapariga começa a sentir-se a mudar de forma, uma fraude, uma boneca de papel unidimensional. Na sua visão começa a desvanecer-se numa poça humana. Despe o casaco e olha para si mesma de novo. Manteve a sua figura, de alguma forma, sem esforço. Tem bom aspeto. Provavelmente conseguiria usar roupas semelhantes às de Alix e iriam assentar-lhe bem. Vasculha o seu guarda-roupa, à procura de algo que não seja de ganga – porque tem ela tanta coisa de ganga? – e algo que não seja cinzento. Encontra uma camisa negra tipo túnica que comprara uma vez para vestir sobre o fato de banho quando estava mesmo calor no Lake District. Veste-a sobre a sua *T-shirt* e calças de fato de treino e vira-se para um lado e para o outro à frente do espelho. Conclui que lhe fica bem e pendura o casaco de ganga no guarda-roupa. Retira um par de óculos de sol de uma das gavetas da cómoda e coloca-o sobre a cabeça, depois tira os seus brincos turquesa e substitui-os por um par de brincos de argolas que Walter lhe tinha oferecido uma vez pelo seu aniversário.

Walter olha para ela enquanto prepara o cão para ir à rua.

– Parece que estás de férias.

– Pareço?

– Sim. Pareces.

– Bom, o dia está bonito. Pensei em passear um pouco no parque. Comer um gelado.

Walter olha pela janela, e depois de volta para ela.

– Sabes, isso soa-me bem. Vou contigo.

Josie fica um pouco em choque.

– Oh! – diz ela. – Não. Quer dizer, vou encontrar-me com a minha amiga.

Aquela mãe da escola. Tu sabes.

Walter semicerra os olhos.

– Tens a certeza de que não vais encontrar-te com um pai da escola? – Há um tom de brincadeira na entoação, mas ela sabe que no fundo existe ali uma fina camada de ressentimento.

Responde com a mesma entoação ligeira e diz:

– Céus, Walter, claramente nunca viste nenhum dos pais da escola para dizes uma coisa dessas!

Ele acena lentamente com a cabeça e coloca de novo os óculos no rosto, virando-se para o ecrã.

– Bom – diz ele –, diverte-te. Até já.

Ela prende a coleira do cão à trela e abandona o apartamento.

*

– Oh! – diz Alix, observando Josie da cabeça aos pés à sua porta, quinze minutos depois. – Não estás a vestir nada de ganga!

– Não – Josie responde alegremente. – Hoje não. Não estava com disposição.

– Gostava de conversar contigo um dia, talvez, sobre a ganga? Pode ser?

– Sim. Acho que também gostaria de falar sobre isso.

Josie lança um olhar sobre a casa de Alix, procurando algum sinal do marido ruivo, mas hoje ele não está; a casa parece silenciosa e sossegada. Só as duas.

– O marido está a trabalhar?

– Sim. – Alix assente e sorri. – Ele quase nunca trabalha a partir de casa.

– O que faz ele?

– É agente imobiliário de espaços comerciais. Na City, a grande maioria.

– Parece ser stressante.

– Bem, sim, suponho que é, em muitos aspetos. É um trabalho duro.

– Mas claramente compensa. – Josie olha em volta para a cozinha de plano aberto.

– Sim. Sim, compensa. Temos muita sorte. A maioria das pessoas trabalha muito, não é? Mas nem toda a gente se pode dar ao luxo de viver numa casa como esta.

– Eu adoro esta casa.

– Obrigada.

– Não só por ser bonita, que o é. Mas por ser tão acolhedora. Não é só uma casa de revista. É um lar a sério. É... muito *tu*. – Josie passa as mãos sobre o mármore creme da bancada enquanto comenta. – O meu apartamento – continua ela –, nunca senti que fosse mesmo meu. Sempre senti que era do Walter. A mobília é toda dele. As coisas são dele. E, claro, pertence à câmara municipal, por isso não podemos investir nada nele. Olho em volta e só vejo os pertences de outras pessoas. E o Walter não gosta de ver nada nas paredes. Ou muita desarrumação. Sabes como é. Seria um sonho tornado realidade ter uma casa como esta, que eu pudesse encher com as coisas que gosto.

– E que coisas são essas?

– Bom, sim, esse é metade do problema. Não sei. Não sei mesmo. Eu só... perdi-me. Ou, começo a perceber, nunca *sequer* me encontrei. Entreguei a minha vida ao Walter quando era uma criança e nunca me dei a oportunidade de descobrir quem realmente era.

Josie endireita-se quando percebe que está prestes a chorar. Olha para Alix e sorri o mais alegremente que consegue.

– Não é tarde para descobrires – diz Alix. – Anda. – Ela guia-a na direção do estúdio. – Vamos começar agora.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

No ecrã surge a reconstituição do momento em que uma jovem segue um homem mais velho para o interior de uma grande casa branca.

Veste um casaco de ganga.

O som que acompanha as imagens é a voz de Josie, retirada do podcast de Alix. No ecrã pode ler-se:

Excerto do *podcast* de Alix Summer, 4 de julho de 2019

– A primeira vez que ele me convidou para ir ao seu apartamento, eu tinha dezasseis anos, exatamente um ano depois do nosso encontro no *pub* no dia do meu décimo quinto aniversário. Disse que íamos comer piza e que me ia dar o meu presente. Nunca lá tinha ido. Encontrávamo-nos sempre em locais públicos. Ou na sua cabine lá no bairro, depois do resto da equipa já ter ido para casa. Só nos beijávamos. Conversávamos. E eu sabia, sempre soube, que a certa altura ele haveria de querer mais de mim e deixei muito claro que, quando acontecesse, teria de ser perfeito. Por isso, ele tinha champanhe. Pôs música. Fechou as cortinas, acendeu uma vela. Deu-me um anel de noivado e

pediu-me em casamento. Eu disse sim. Claro. Claro que disse sim. E depois, cerca de doze horas depois de eu ter feito dezasseis anos, ele tirou-me a virgindade.

Sexta-feira, 5 de julho

Há um jovem rapaz à porta da casa de Alix. Esta demora um momento a perceber quem é e depois diz:

– Oh! Harry! Olá! Como estás?

Harry é o filho dos vizinhos. Alix conhece-o desde que era criança, mas agora é um adulto. Está no último ano da faculdade e há muito tempo que ela não o via.

– Estou bem. E tu?

– Nada mal. Está tudo bem?

– Bem, não. Acabei de chegar, a minha mãe não está e não volta tão cedo. E não tenho chave. Ela disse que talvez tenhas uma cópia?

– Oh! – diz, virando-se para a consola onde guarda coisas como chaves extra de casa dos vizinhos. – Acho que tenho, espera um segundo.

Vasculha as gavetas da consola, mas não as encontra.

– Entra – diz ela. – Entra. Acho que devem estar na cozinha.

Harry segue-a pelo corredor e permanece com algum embaraço à entrada da cozinha enquanto ela vasculha mais gavetas. Eventualmente, encontra-as num envelope com o nome da vizinha rabiscado.

– Ah! Ah! – diz ela triunfantemente. – Aqui estão elas. Acho que tinhas uns dez anos quando ela mas entregou. Foi quando fizeram aquela viagem de carro pelos Estados Unidos. Lembras-te?

– Ah – diz Harry, pegando no envelope que ela lhe estende. – Sim, lembro. E obrigado.

– De nada. – Ela guia-o de volta pelo corredor e aí, mesmo antes de chegarem à porta, ela recorda-se de algo. – Oh! Harry, já agora. Tu e o teu irmão andaram em Queen's Park, não foi?

– Sim, andámos.

– E quantos anos tens?

– Tenho vinte e um.

– Então, lembras-te de duas irmãs da tua escola, Erin e Roxy Fair?

Ela estuda a expressão dele cuidadosamente enquanto ele formula a

resposta.

– Oh, merda, sim. Claro que lembro – diz ele com um sorriso sarcástico. – A Roxy era do meu ano. Era louca.

– Louca?

– Sim. Assustadora como o raio.

– Oh, interessante! Em que sentido?

– Só assustadora. Sabes como é. Dura. Agressiva. – Harry inclina a cabeça e olha para ela. – Espera – diz ele –, tu conhece-la?

– Não. Não, nunca a conheci. Mas conheço a mãe.

– Certo.

– Aparentemente a Roxy saiu de casa quando tinha dezasseis anos.

Harry lança-lhe outro olhar.

– Saiu? Ou fugiu?

– Fugiu? Por que dizes isso?

– Não sei. Há muitos rumores sobre ela. Sobre as duas. Sobre a vida que tinham em casa. Tipo, cenas macabras.

– Tipo...?

– Não sei. Maus-tratos, talvez? A mais velha, Erin. Era tão estranha. Literalmente a pessoa mais estranha que alguma vez conheci. Nunca falei com ela, mas costumava vê-la por lá, com os seus olhos castanhos-escuros, e ela era tão magra. Sabes, parece que ela nunca comia sólidos. Foi o que eu ouvi. Nunca tinha comido sólidos na vida inteira. Só comida em papa. – Ele passa o envelope de uma mão para a outra, e depois sorri para Alix. – Bom, obrigado pelas chaves. Depois trago-as de volta. Para o caso de tornarmos a precisar delas alguma vez nos próximos onze anos. Até breve.

– Sim – diz Alix, fechando a porta quando ele sai. – Até breve.

Sábado, 6 de julho

Josie regressa ao mesmo lugar onde encontrara Alix na semana anterior, mesmo à porta do café onde não tivera a certeza de ter visto Roxy na rua. Compra um café e senta-se na esplanada. O dia está fresco e nublado, é o início de julho, mas mais parece setembro e sente-se no ar aquela nostalgia de fim de verão, embora ainda mal tenha começado. Josie sabe que não foi Roxy quem ela vira na semana anterior. No fundo da sua alma, tem 99 por cento de certeza. Mas ainda há o restante um por cento que acha: por que não? Por que não seria Roxy? Roxy já existira a três dimensões, não há razão para não continuar a existir, e ainda menos razões pelas quais essas três dimensões não pudessem estar ali, em Salusbury Road, a centímetros de onde ela está sentada.

Bebe o seu café e olha para a rua, observando o aspeto e figura de cada jovem mulher que passa. O cão vê um poodle e começa a ladrar-lhe furiosamente.

– Shhh – Josie sussurra-lhe ao ouvido. – Caladinho.

Faz durar o seu café o máximo possível e depois suspira e levanta-se.

Não viu Roxy.

O vazio deste facto fá-la sentir um vazio no estômago.

Mas depois o alívio rapidamente o substitui.

*

É quase meio-dia, e a casa de Alix parece sossegada, vazia. Josie procura o carro de Alix na rua, mas não está lá. Encorajada, caminha até ao caminho da entrada e espreita por entre as persianas. Vê uma sala de estar que nunca vira. Alix leva-a sempre diretamente da porta da frente pela cozinha até ao jardim. Vê a gata aninhada sobre uma cadeira. Espreita pela janela lateral da porta azul-pálido. Há uma pilha de cartas nas escadas, sapatos amontoados sob uma consola, uma planta florida espinhosa num vaso de latão. Observa um pouco mais, deliciando-se no luxo do tempo, de não ser apressada, de registar todos os detalhes. Uma foto dos quatro, numa praia, vestidos com impermeáveis. O

cabelo de Alix está enrolado dentro de um chapéu, apenas uma madeixa escapara, e está colada pelo vento sobre a sua testa. Nathan está corado e tem um ar algo ridículo.

Josie ouve um carro a abrandar na rua atrás de si e vira-se. Não são eles. Mas a injeção de adrenalina lembra-a de que poderão estar de volta a qualquer minuto, e ela está a rondar a sua porta de entrada sem nenhuma boa razão para lá estar. Procura em volta por algo que possa levar consigo, algum pedaço de Alix a que se possa agarrar até se encontrarem de novo. Levanta a tampa do caixote de reciclagem de Alix e vasculha lá dentro até encontrar uma revista de capa brilhante chamada *Livingetc*. Folheia-a e vê que está repleta de fotos lindas de casas. Enfia-a na sua mala de ombro e dirige-se para casa.

16h00

– Hum, Alix?

– Sim – Alix responde a Nathan, que está sentado na mesa da cozinha a olhar para o seu telemóvel com uma careta.

– Não é a tua amiga Josie?

Alix para o que está a fazer e aproxima-se de Nathan.

– O quê?

Ele vira o ecrã na direção dela.

– A aplicação Ring. Acusou movimento junto à porta de entrada por volta do meio-dia, quando estávamos na casa do meu pai. Por isso, fui verificar. E é ela, não é?

Alix coloca-se ao seu lado e tira o telemóvel da mão dele. E sim, é, claramente. É Josie, a espreitar primeiro pelas persianas, e depois pela pequena janela lateral que dá para o corredor. O rosto dela aparece e desaparece do ângulo de gravação da câmara. A certa altura, Josie vira-se ligeiramente e o focinho do cão surge no enquadramento, os seus cómicos grandes olhos a parecerem ainda mais esbugalhados.

– Ela deve ter cá passado, sem avisar – diz ela a Nathan.

– Mas olha – diz ele, apontando para o ecrã. – Olha quanto tempo ela ali ficou. A espreitar pela janela. Mas afinal, que raio está ela a fazer?

Alix continua a ver a gravação e os segundos passam devagar e ainda assim não há explicação óbvia para o que Josie está a fazer à porta da sua casa.

– Mas *isto* – diz Nathan. – Isto é o mais esquisito. Olha para o que ela faz a seguir.

Alix observa, mas não consegue perceber o que está a ver.

– Espera – diz ela –, volta atrás.

Nathan rebobina e ela vê de novo e sim, ali está, Josie a abrir a tampa do caixote de reciclagem e a retirar uma revista, a colocá-la dentro da sua mala e a ir embora, muito, muito depressa.

– Oh, meu Deus! – diz ela, sem fôlego. – Oh, meu Deus!

19h00

Nessa noite, Alix está sentada ao lado de Nathan no banco traseiro de um Uber, a caminho de um jantar de aniversário de um amigo em Acton. Quer conversar com ele sobre Josie, mas também não quer que a opinião dele distorça a maneira como pretende lidar com o assunto. O seu projeto parece-lhe simultaneamente empolgante e aterrador. Abriu a esta mulher uma porta física e metafórica, a uma perfeita estranha; trouxe-a para o interior da sua casa, fê-la sentir que é de alguma forma parte do seu círculo íntimo. Assume total responsabilidade perante as decisões que tomou até ao momento e agora precisa de decidir se está preparada para assumir o mesmo sobre o que possa vir a acontecer doravante a Nathan ou à sua família, em resultado disto. Se mencionar o assunto a Nathan, sabe o que ele dirá: «Põe termo a isso. Diz-lhe que acabou. Livra-te disso», e depois se ela o ignorar e este projeto acabar por ser um desastre, ele dir-lhe-á que a avisara, dir-lhe-á que ela estava errada e ele certo, e Alix não quer tomar decisões profissionais ou pessoais baseadas naquilo que o seu marido irá pensar se ela cometer um erro.

Porque se ela estiver certa e ele errado, este *podcast* pode ser o grande impulsionador da carreira profissional de Alix.

*

Ela observa Nathan nessa noite, à sua frente na mesa de jantar. Os amigos são os dele; Giovanni é o melhor amigo de Nathan; a sua companheira é Nathalie, que Alix só conhece pela relação com Giovanni. Quando o marido está com os seus amigos, é bombástico, cheio de energia, concentra todas as suas forças em encarnar a *persona* que os amigos esperam que seja. Para o conseguir, bebe duas vezes mais rápido do que quando está com os amigos de Alix ou com a sua própria família.

Ela sente algum desconforto quando vê Giovanni a dirigir-se ao armário das bebidas para retirar uma segunda garrafa de vodka, enquanto observa o derramar despreocupado e descontrolado do líquido no interior dos copos dos convidados, o olhar absorto de Nathan, a forma como fala alto, a quantidade de baboseiras, o riso exagerado, e já sabe que esta será uma daquelas noites, e não quer ser *esse* tipo de esposa, a que está sempre de sorriso fechado e se ofende com facilidade, a esposa que não consegue descontraír e divertir-se e estraga a festa a toda a gente. Quer beber *shots* de tequila, cantar e dançar e rir alto. Mas não consegue libertar-se desse papel porque Nathan já se apoderou dele, e um dos dois terá de manter-se alerta e controlado; um dos dois terá de ser o adulto.

Às onze da noite, ela sussurra ao ouvido de Nathan:

– Temos de voltar por causa da *babysitter*. – Mas mesmo enquanto o faz sabe que ele não a está a ouvir, ou mesmo que esteja, não faz qualquer tenção de ir para casa. Ele entrou na fase de embriaguez onde o tempo não tem qualquer significado, quando as consequências não têm qualquer significado, e por isso chama um Uber para si mesma, e vai-se embora.

*

Já na cama, uma hora depois, olha para o seu telemóvel. Encorajada pela bebida, envia uma mensagem para Josie.

Olá, Josie. Vimos que estiveste aqui à porta hoje mais cedo, através da câmara da campainha. Está tudo bem?

Os vistos ficam azuis imediatamente, e Josie está a escrever.

Está tudo bem. Estava de passagem. Pensei em dizer olá. Desculpa ter-vos preocupado.

Alix observa a mensagem por alguns momentos. Parece haver ali algo mais do que a sua resposta inócua indica. Mas é tarde, e se houver mais alguma explicação para o comportamento peculiar de Josie junto à sua porta de entrada hoje do que ela quer transparecer, então talvez seja um tópico de conversa mais indicado para o seu próximo encontro presencial.

Sem problema. Dorme bem.

Tu também, Alix.

Responde Josie, seguido de um *emoji* a dormir e de um coração.

Alix desliga o telemóvel e pega no seu livro, esperando que o sono a leve para longe do turbilhão de estranhas sensações de paranoia, ansiedade e algum pânico causados pelo álcool.

Meia-noite

Josie desliga o ecrã e pausa o telemóvel. Pega na revista que tinha estado a estudar antes de receber a mensagem de Alix e regressa à leitura do artigo sobre uma casa junto ao lago perto de Cape Town, onde vive um atraente arquiteto, a esposa com cabelo de sereia e um cão chamado *Rafe* com pelo aos

caracóis. Também tem à mão um bloco de notas onde vai apontando as coisas que surgem na revista e que gostaria de comprar. Em maio, a avó deixou-lhe em testamento três mil libras. Também tem seis mil libras em poupanças que juntou ao longo dos anos, porque raramente gasta o salário que recebe, já que vivem praticamente da reforma de Walter. Podia comprar o candeeiro com a base em formato de uma coruja, ou o tapete azul com listas em relevo que fazem lembrar a ondulação à superfície do mar. Podia comprar uma manta de veludo para a cama da cor de framboesas maduras e as enormes almofadas sedosas com padrão abstrato de ondas azul-escuro e creme. Também podia comprar outras coisas, mas não quer perder a cabeça.

Olha para o lado da cama onde deveria estar Walter. Ele não está lá. Ela reprime a sensação sombria que isto lhe transmite e volta a sua atenção para a revista. Enquanto a folheia, algo cai de entre as páginas. É um talão de compras. Tem a data de 8 de junho. O dia do seu aniversário. Do aniversário de Alix. É da Planet Organic, 10h48. Óleo de girassol. Pão de azeitona. Leite com chocolate Alpro. Leite de aveia. Pinot Grigio biológico. Um pacote de 200 gramas de manteiga sem sal por 3,99 libras.

Esta indicação do que Alix teria estado a fazer nas horas antes de se terem conhecido parece estranhamente mágica, carregada de algum sentido de destino, de posteridade. Ela segura o papel junto à boca e beija-o, e depois volta a colocá-lo entre as páginas da revista.

Segunda-feira, 8 de julho

– Então – diz Alix, sorrindo para Josie enquanto se sentam frente a frente no seu estúdio. – Ganga. Queres falar sobre isso hoje?

– Sim. Claro.

– Então, reparei que a maioria das coisas que vestes são de ganga e fiquei curiosa. Por exemplo, hoje tens vestida uma saia de ganga, com um *top* azul-claro e sapatos de ganga com sola de borracha. A tua mala é de ganga e a transportadora do teu cão é de ganga. Tens alguma história ou teoria que explique o teu amor pela ganga?

– Sim. Quando falaste nisso a semana passada, não tinha bem a certeza. Não sabia bem qual seria a razão. Acho que sempre pensei que gostava por ser prática, sabes. Fácil. Mas tens razão. Uma coisa é ter um casaco de ganga – toda a gente tem um. Mas acessórios de ganga são outra coisa totalmente diferente e, sabes, as cortinas do meu quarto são de ganga. Por isso, claramente algo se passa. E acho que tem a ver com o início da minha relação com o Walter, sabes. Na primeira vez que saímos eu tinha vestido um casaco de ganga. Usei-o muitas vezes nesses primeiros anos em que estivemos juntos e, para mim, tornou-se quase uma parte da nossa história de amor. Sempre lá. Nas costas de uma cadeira. Ou sobre os meus ombros. Ele punha-o lá, se o sol se escondesse e ficasse frio, punha-o só. Como se eu fosse uma princesa ou algo do género. E depois um dia ele pegou nele, afagou-o e cheirou-o, e disse qualquer coisa mesmo pirosa tipo: «Este casaco és tu, és mesmo tu.» Algo a ver com a minha essência estar entranhada nele? Com o cheiro? E fez com que o casaco parecesse tão poderoso e importante, fez-me pensar que talvez fosse o casaco que me dava sorte, talvez? Que nos tinha juntado? Não sei, parece tão estúpido quando tento explicar. Mas depois disso acho que tentei sempre assegurar-me de que vestia algo que fosse de ganga, porque assim a forma como o Walter se sentia em relação a mim talvez durasse para sempre.

Por momentos, Alix, atordoada, abandona o silêncio, e na sua mente surge a imagem do velho à janela do apartamento de Josie.

– Creio que trouxeste algumas fotos hoje, de ti e do Walter, de quando

eram mais novos. Vamos vê-las agora?

Josie acena com a cabeça e retira um envelope da mala.

– Não tenho muitas – diz ela. – Claro, isto foi antes de haver *smartphones*, por isso só se tiravam fotos com máquinas fotográficas e, obviamente, na altura, bem, a nossa relação ainda era uma espécie de segredo, por isso não andávamos propriamente a tirar fotos um ao outro aqui e ali. Mas encontrei algumas. Olha.

Ela passa-as a Alix sobre a mesa. Alix olha para uma e depois para a outra. Os seus olhos ficam esbugalhados.

– Uau – diz ela. Depois ri-se secamente e olha para Josie. – Uau! O Walter era bem jeitoso.

Ela vê Josie a corar.

– Era mesmo – diz ela.

Alix olha de novo, estudando melhor as duas fotos. Numa delas, Josie veste um casaco e umas calças largas de ganga. O seu cabelo cor de avelã é de comprimento médio e está preso atrás de um lado. Parece estar a usar batom. Está a cerca de trinta centímetros de Walter, que sorri para ela na sua estatura elevada, está a usar uma camisola com capuz, calças de ganga e um boné de beisebol. Na outra, Josie está sentada ao colo dele, de rabo de cavalo, a sua cabeça encostada ao peito dele, a sorrir abertamente para a câmara, que Walter segura a alguns centímetros de distância. O cabelo dele é espesso e brilhante, a pele é clara e suave, parece novo para a sua idade, mais uns trinta e poucos do que quarenta e poucos. Os seus antebraços são grandes e fortes. Os seus olhos são profundamente azuis. Alix sente um nó no estômago quando percebe que, se se cruzasse hoje com o Walter de quarenta anos, sentir-se-ia atraída por ele. E percebe. Percebe. E o facto de perceber, deixa-a enojada. Porque Josie era uma criança e ele era um homem adulto. Na época talvez pudesse não ter parecido um pedófilo, mas parece agora, e quer pareça ou não, ele era, e é.

– Pareces tão nova – diz ela, devolvendo as fotos a Josie. – Mesmo muito nova.

– Bom – responde. – E era. Era nova. Era... É uma loucura, quando pensamos nisso.

– Então, se pudesses enviar uma mensagem à Josie de treze anos, mesmo antes de conhecer o Walter, o que lhe dirias?

Ela observa o rosto de Josie. Vê-o esmorecer um pouco antes de se animar de novo, quase com esforço.

– Não sei – diz ela, a voz embargada com emoção. – Não sei mesmo. Porque, de certa forma, estar com o Walter durante esses anos, fez de mim quem eu sou, sabes. Ter as minhas filhas tão cedo. Ter algo sólido na minha vida. Ter algo real, quando as outras miúdas da minha idade andavam a fazer figuras ridículas à procura de coisas. Mas por outro lado – Josie olha para ela

com olhos brilhantes –, por outro lado, pergunto-me, pergunto-me muito, sobretudo agora que as miúdas já cresceram, sobretudo agora que sou uma mulher de meia-idade e o Walter está a envelhecer... – Josie faz uma pausa e suspira. Depois olha diretamente para Alix, algo lancinante e lúcido patente nos seus olhos quase pretos, e diz: – Pergunto-me se a vida é só isto, sabes? Pergunto-me que mais poderia ter sido. E, na verdade, tendo tudo em consideração, provavelmente diria ao meu «eu» de treze anos para fugir a sete pés e nunca mais voltar.

11h00

– Como se chama a tua gata? – pergunta Josie quando passam pela cozinha, uma hora depois.

– *Skye*.

– *Skye*. É um nome lindo. Ainda estás à procura de um cachorro?

– Hum. Nem por isso. Parece demasiado, sabes? Tenho outros assuntos em mãos que parecem mais urgentes do que andar a treinar cachorrinhos para não fazer chichi em casa e passar noites sem dormir.

– Que assuntos?

– Oh! Só... – Alix pausa e olha para o chão. Não contou a ninguém sobre o recente comportamento de Nathan, nem sequer às irmãs. Elas iriam julgá-lo, e a ela por o aturar. Dir-lhe-iam que resolvesse o assunto, que o enfrentasse, que fizesse algo. Pensa em tudo o que Josie partilhou com ela nos últimos dias e dá por si a dizer: – O Nathan. Sabes – ele é espetacular. Obviamente, é espetacular. Mas tem... um problema com a bebida.

Ela vê Josie retrair-se.

– Não é sempre. Na maioria das vezes, está ótimo. Mas quando não está ótimo, não está mesmo. Desaparece nas farras. Não vem para casa.

Farras.

Parece uma palavra tão antiquada. Certamente a este ponto já fora substituída por outra muito mais moderna, mas é a única palavra que Alix consegue encontrar para explicar o que o seu marido faz, para o que ele fizera no sábado depois do jantar de aniversário de Giovanni. O que parece que ele irá continuar a fazer daqui por diante a não ser que ela comece a fazer-lhe ultimatoss e ameaças.

Josie sustém a respiração.

– Oh! – diz ela. – Isso não é bom.

– Não – diz Alix. – Não. Não é bom.

– E ele trai-te? Quando passa a noite fora?

Alix surpreende-se com a pergunta.

– Céus. Não! Nada disso. Não. Acho que ele não seria capaz de fazer algo desse tipo, mesmo que quisesse. E acho que não iria querer. Porque não faz o

gênero dele. – Mas quando profere estas palavras, uma imagem invade a sua mente: o seu reflexo no espelho da casa de banho na noite da festa do seu aniversário, os braços de Nathan em torno da sua cintura, o sorriso enterrado no seu pescoço, a sua brusca rejeição – *Estás doido ou quê?* – e o seu posterior desaparecimento na noite escura como breu do Soho.

Ela repele a imagem da sua mente.

Josie olha para ela intensamente.

– O que vais fazer? – diz ela.

Alix suspira.

– Não faço ideia. Ele costumava fazer muito isto antes dos miúdos nascerem, e já na época tinha as minhas reservas. Perguntava-me se ele seria o pai ideal para os meus filhos. Entretanto veio a Eliza, e ele mudou, de um dia para o outro. Pensei que tinha terminado. Sabes? Mas depois, há uns anos, começou de novo. Quase parece que ele acha que chegámos ao fim daquela fase intensa da parentalidade, que estamos na reta final, que ele está, bom... *livre de novo.*

Ambas ficam em silêncio. Depois Josie suspira e diz:

– Homens.

E ali está, o ponto em que tudo se resume. O ponto em que não há palavras, teorias, explicações para comportamentos que irritam, enfurecem e magoam. Simplesmente isso. *Homens.*

– Alix – diz Josie. – Estive a pensar sobre a ganga. É estranho. Eu sei que é estranho. É como se me estivesse a agarrar a algo durante tanto tempo e já não há explicação para isso. O Walter já não sente aquilo por mim. Há muito tempo que não sente. O Walter mal me vê, sabes? Então para quê continuar? Tenho algum dinheiro, uma herança, e quero, suponho eu, *refrescar* a minha vida, as minhas roupas, o apartamento. E espero que isto não te soe estranho, mas tu... – Ela faz sinal com a mão na direção de Alix. – Tu estás sempre tão bonita e eu pensei que talvez quisesses um dia ir às compras... ajudar-me?

Alix pestaneja. E depois sorri.

– Claro! – diz ela. – Adoraria!

Ela verifica as horas no relógio acima do fogão. Nem sequer é meio-dia.

– Conheces a *boutique* da esquina, a Cut?

– Sim. Acho que sim.

– Fica a caminho da tua casa. Podíamos lá passar agora, talvez?

Josie verifica as horas também.

– OK – diz ela. – Claro.

Meio-dia

Josie passara em frente a esta *boutique* centenas de vezes e nunca sequer entrara. Não era para ela. Imaginara que as roupas lá dentro custassem

centenas de libras, que as lojistas fossem arrogantes e mal-educadas, que as outras clientes fossem manientas e azedas. Mas quando pega na etiqueta de um vestido preto simples verifica que custa apenas 39,99 libras. E depois uma jovem rapariga surge ao seu lado e faz pequenos ruídos de bebé direccionados ao cão, e diz:

– Oh, meu Deus, tão giro! Como se chama ela?

– Oh! – diz Josie. – Ele. É um menino. Chama-se *Fred*.

– *Fred!* Oh, meu Deus! Que nome giro. Sophie, olha! – Ela chama a sua colega, outra jovem, que se derrete a rir e diz: – Que idade tem ele?

– Um ano e meio.

– Oh, meu Deus, é um bebé!

Josie incentiva *Fred* a não rosar ou resmungar às jovens, e ele não o faz.

– Quer experimentar esse? – pergunta a rapariga chamada Sophie.

– Hum, sim. Claro.

– Vou pendurá-lo no provador. Diga se precisar de ajuda.

– Aqui – diz Alix, indo na direcção de Josie com uma mão-cheia de vestidos de verão, algumas peças de malha, um casaco tipo *blazer* vermelho. – Experimenta estes também.

Josie entrega *Fred* a Alix e dirige-se ao provador. Experimenta primeiro o vestido preto, aquele que escolhera. Parece largo e disforme, e ela imediatamente o despe e pendura-o de volta no cabide. Depois experimenta um dos vestidos que Alix escolheu para ela; um vestido simples com decote em V e padrão floral, pelo joelho, verifica a etiqueta e vê que custa 49,99 libras e que pode pagar. Sente um arrepio de entusiasmo porque o vestido é extraordinário e a faz sentir-se bonita, elegante e jovem, e porque não é feito de ganga áspera, mas de um tecido macio e sedoso que é suave ao toque. Despe-o e depois experimenta outro e outro e outro e todos a fazem sentir-se como uma mulher que ela nunca conhecera e gostaria de conhecer melhor, e leva os três vestidos, ambas as peças de malha e o *blazer* de algodão vermelho até à caixa. Observa em espanto e sustendo a respiração enquanto as seis peças passam pela máquina registadora e outra assistente as embrulha em papel. O total ascende às 398,87 libras, e isso é mais do que Josie alguma vez gastara de uma só vez na sua vida no que quer que seja. Contudo, o ambiente é de celebração, de alguma forma, como se Alix e as lojistas estivessem a encorajá-la, como se a compra fosse um acontecimento, uma recompensa, um presente, um prémio por bom comportamento.

Tenta agarrar-se a esse sentimento quando se despede de Alix à porta da *boutique*, deixando que ela a abrace daquela maneira que parece tão fácil para ela, mas ainda tão estranha para Josie. Tenta agarrar-se a ele enquanto caminha os dez minutos da *boutique* até ao seu apartamento, quando entra no seu apartamento e vê os olhos de Walter a virarem-se na sua direcção, com tom

inquisitivo, e quando cheira o fedor do quarto de Erin mesmo de onde está. Vê os rostos das pessoas no interior do autocarro de olhar fixo através das janelas sujas, perguntando-se sobre quem viverá ali e nunca, ela tem a certeza, nunca sequer chegando perto da realidade.

Leva o saco diretamente para o quarto e pendura os vestidos no seu guarda-roupa, coloca as peças embrulhadas numa gaveta e, depois, do bolso interior da sua mala, retira a pulseira que vira sobre a consola de Alix junto à porta de entrada. Segura-a na palma da sua mão e olha para ela. É dourada e tem pequenos diamantes, como uma pequena poça de purpurina. Leva-a aos lábios e beija-a antes de a colocar no fundo da sua gaveta de roupa interior.

Depois vai ao Pinterest, até à página que marcara uns dias antes para se inspirar em citações sobre ser solteira. Pensa no marido de Alix a desaparecer durante horas e dias, deixando em casa a sua linda esposa sozinha, assustada, zangada e infeliz. Josie reconhece que Alix demonstrara alguma vulnerabilidade em partilhar este facto com ela, e acha que talvez ela precise disto hoje, precise de saber que tem opções. Josie faz *scroll* por entre os *memes*, escolhe um e envia-o pelo WhatsApp para Alix.

UM HOMEM FRACO NÃO PODE AMAR UMA MULHER FORTE.

NÃO SABERÁ O QUE FAZER COM ELA.

Sob a imagem, digita uma fila de *emojis* em forma de coração intervalada por outros de um braço forte. Pressiona «enviar».

Terça-feira, 9 de julho

Alix olha para a imagem que Josie lhe enviou ontem no ecrã do seu telemóvel. Um quadrado negro com as palavras: «Um homem fraco não pode amar uma mulher forte. Não saberá o que fazer com ela» em letras brancas maiúsculas. Sob a mensagem estão alguns *emojis* e, por alguns segundos, Alix semicerra os olhos, tentando perceber o que significa e o porquê de Josie lhe ter enviado. E depois percebe que Josie está a usar *memes* e citações para a encorajar a mudar a sua vida, por isso, digita um *emoji* de polegar esticado e pressiona «enviar». Depois, continua a despachar-se para sair de casa com os miúdos.

– Nathan, viste a minha pulseira? Aquela que me deste nos meus anos?

Ela ouve a sua voz desinteressada vinda de outro lado da casa.

– Não. Não estava junto da porta de entrada?

– Sim. Era o que eu achava. – Ela abre as gavetas e procura de novo. Chama Eliza, que também não faz ideia de onde está. Alix suspira e fecha as gavetas. Irá procurar de novo mais tarde. Agora precisa de levar os miúdos à escola.

*

Josie está a usar um dos vestidos que comprara na *boutique* no dia anterior, no momento em que chega à porta de Alix, às nove e meia. Ela parece quase uma pessoa totalmente diferente e há um momento de estranheza antes de Alix sorrir e dizer:

– Josie! Olá! Acho que não marcámos...

– Não marcámos?

– Não que eu... – Alix analisa mentalmente a sua agenda e não consegue recordar-se do momento em que tinham combinado outra entrevista para hoje. – Não que eu me lembre. Mas não faz mal. Não tenho nada marcado. Entra. Estás linda, já agora.

– Obrigada! O Walter quase teve um ataque.

– O que disse ele?

– Oh! O Walter não diz muito. É um homem de poucas palavras. Perguntou quanto custou, *obviamente*. É a primeira coisa que eles perguntam sempre, não é?

Alix ri-se. Nathan nunca lhe pergunta quanto custam as coisas.

– É verdade! – diz ela.

– Mas sim. Acho que ele gostou. Mas o importante é que eu gosto, certo?

Há um ligeiro tom de incerteza na sua voz e Alix apercebe-se da necessidade de a encorajar.

– Sem dúvida – diz ela. – Está certíssimo. Entra.

– O Nathan não está? – pergunta Josie, espreitando para a sala quando passam.

– Não. Como te disse, ele raramente trabalha a partir de casa.

– E está tudo bem? Sabes, com aquele assunto que me contaste ontem?

Alix fica relativamente em choque. Começa a desejar nunca ter mencionado nada a Josie.

– Acho que sim – diz ela. – Quer dizer, não falámos propriamente sobre o assunto.

– É uma merda, sabes, esse tipo de coisas. Mereces melhor. É isso que ambas temos de começar a perceber. Temos quarenta e cinco anos, Alix. Podemos arranjar melhor. *Temos* de arranjar melhor.

As palavras de Josie magoam um tanto. Alix sabe que merece melhor do que ser abandonada pelo seu marido duas vezes por semana enquanto ele deambula e gasta dinheiro em *shots* de tequila e em quartos de hotel, que merece que as suas mensagens sejam respondidas, as chamadas atendidas, que merece uma explicação com pés e cabeça para a ausência do seu marido durante doze horas seguidas. Ela sabe, mas, de alguma forma, o pêndulo das vantagens *versus* desvantagens continua a pender para o primeiro.

– Ama-lo?

Alix vira o rosto para Josie.

– O Nathan. Ama-lo?

– Oh! – diz ela. – Bem, sim. Sim. Claro que amo.

– Porque, sabes, ultimamente tenho pensado muito sobre o amor. Sobre o que é e para que serve. E sinto que talvez não faça ideia. Que cheguei aos quarenta e cinco anos e realmente não sei bem. E as pessoas falam dele a toda a hora como se fosse, sabes, algo real, algo em que podes tocar – como se quando falamos de amor, estivéssemos todos a falar sobre a mesma coisa. Mas não estamos, pois não? Não é algo real. Não é nada. E por vezes forço-me a imaginar como seria se o Walter morresse, para ver se isso me faria perceber se o amo ou não. Acho mesmo que, se ele morresse, tudo seria melhor. E certamente, se é assim que me sinto, então não o amo realmente. Ou amo?

Alix não responde.

– E sou forçada a perguntar-me, então, para que terá servido tudo, no fim. Toda a *pequenez* de tudo. Todo o *silêncio*. E tu ainda não sabes, Alix. Ainda estás no centro de tudo – os teus filhos, eles ainda precisam de ti. Mas quando eles partirem, como será? Ainda vais querer isto? Tudo o que construístes? Ainda vais querer o Nathan?

– Eu... – Alix coloca a mão sobre a garganta e agarra o seu pendente da abelha. – Não sei mesmo – diz ela. – Dantes achava que não seria capaz de viver sem ele. Mas recentemente, sabes, com todas estas farras, por vezes pergunto-me se a vida seria mais fácil se estivesse sozinha.

– Mas quando pensas na morte do Nathan, como te sentes? Sinceramente? Aí dentro? Sentes-te triste? Ou sentes-te... *livre*?

Alix olha para dentro de si mesma, procurando algo verdadeiro para oferecer a Josie. Imagina Nathan morto, as crianças sem pai, o seu futuro sozinha, e diz:

– Não. Não me faz sentir livre. Faz-me sentir triste.

Há um silêncio duro entre ambas e Alix consegue sentir uma espécie de julgamento no ar. Josie observa-a sem emoção.

– Oh! – diz ela, e o ambiente torna-se gélido. – Então – diz friamente –, se estás ocupada, não te empato mais.

– Não! – diz Alix, sentindo estranhamente como se precisasse de recuperar a aprovação de Josie. – Tudo bem. Não tenho nada para fazer agora. Podemos gravar outra sessão, queres?

A expressão de Josie suaviza-se e ela sorri.

– Claro – diz ela. – OK.

Alix leva-a até ao seu estúdio.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia! UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra a reconstituição do momento em que uma jovem rapariga está sentada a uma mesa de cozinha.

À sua direita está um homem mais velho.

Junto ao lava-loiças está uma mulher mais velha, a mãe da rapariga.

No ecrã pode ler-se:

**Excerto do *podcast* de Alix Summer,
9 de julho de 2019**

Começa a voz de Josie.

– Contámos à minha mãe no dia do meu décimo oitavo aniversário. Dissemos-lhe que estávamos noivos. Dissemos-lhe que íamos casar e que eu ia sair de casa. O Walter estava lá. Disse que nunca me deixaria fazer aquilo se eu não tivesse apoio. E eu genuinamente não fazia ideia de como a minha mãe iria reagir. Não fazia ideia se ela iria rir ou chorar ou gritar ou chamar a polícia. Mas ela só suspirou. Disse-me: «Já és adulta. Não posso decidir por ti. Mas, Josie, isto não me parece bem. Não me parece nada bem.» E depois ela agarrou no meu rosto, assim, na mão dela, com tanta força que quase doeu, e olhou para dentro dos meus olhos e disse: «Lembra-te que tens escolhas.» Depois soltou o meu rosto e saiu da divisão, batendo com a porta. Eu e o Walter ficámos a olhar um para o outro. Depois ele levou-me a jantar fora num restaurante italiano na West End Lane. Fomos para casa dele depois disso e eu nunca mais fui a casa. A minha vida começou aí. Ou pelo menos era o que eu dizia a mim própria. Era nisso que eu acreditava. Só agora consigo ver o quão errada estava. Que estava apenas a passar das mãos de uma pessoa controladora para as mãos de outra.

O ecrã muda para um jovem casal sentado num sofá num apartamento vazio decorado com mobília vintage e focos de luz.

O homem tem ao colo um pequeno cão. Levanta o cão pelas patas dianteiras para que ele fique de pé sobre as patas traseiras, e vira-o para olhar para a câmara.

– Diz olá, Fred – diz ele, agitando a pata dianteira do cão.

O cão liberta-se do colo e salta para o colo da mulher ao seu lado.

Ambos se riem.

Na legenda do ecrã pode ler-se:

**Tim e Angel Hiddingfold-Clarke,
atuais donos do cão de Josie, Fred**

Um entrevistador pergunta, fora do plano do ecrã:

– Contem-nos como ficaram com o Fred.

Tim e Angel trocam um olhar, e depois Tim fala.

– Uma mulher abordou-nos há uns anos. Estávamos na nossa lua de mel no Lake District, no verão de 2019, a comer o nosso almoço num banco de jardim. E ela simplesmente apareceu à nossa frente. Parecia um pouco assustada. Assombrada, de certa forma. E estava calor, mas ela tinha um capuz, óculos escuros, e um casaco fechado até ao queixo. Ela disse: «Por favor, por favor, ajudem-me. Já não posso mais cuidar do meu cão. Por favor, levem-no até ao canil. Por favor. Por favor, ajudem-me.» E depois simplesmente entregou-nos o cão, numa espécie de transportadora, e deu-nos um saco com comida. Ela disse: «Ele é amoroso assim que vos começar a

conhecer. O menino mais amoroso de todos.» E depois deu-lhe uma espécie de beijo e foi-se embora, e foi literalmente a coisa mais estranha que já nos aconteceu. Claro que naquele momento não fazíamos ideia de quem ela era. Ideia nenhuma. Só alguns dias depois é que vimos que era a Josie Fair.

– Mas ficaram com o cão?

– Oh, meu Deus! Sim. Claro que ficámos. Quer dizer, olhe para ele. Olhe só!

*

11h00

Josie está sentada na esplanada do café onde uma vez pensara ter visto Roxy. Está a beber um *cappuccino* e tem o cão ao seu colo. As suas mãos tremem levemente e a mente pulsa e contorce-se com pensamentos contraditórios. Pensa no marido com cara de parvo de Alix, com aqueles olhos de cor turva, a deixar Alix e os filhos para ir para os copos até perder o norte. Ela pensa: *Pelo menos Walter nunca fez isto. E: Walter sempre esteve lá para mim e para as meninas.* Mas depois pensa: *Walter está sempre, sempre lá. Walter nunca está noutro sítio.* Ela gostaria se ela pudesse estar noutro sítio. Para sempre. Mas depois pensa: *Qual é a minha alternativa?* E pensa: *Alix.* Alix é a resposta para tudo, de alguma forma, mas Alix «ama» o seu marido com cara de parvo traidor, o que faz Josie pensar que Alix talvez seja tão estúpida quanto ela. E Josie *precisa* que Alix seja mais esperta do que ela. Josie sempre precisou que as pessoas fossem mais espertas do que ela. E já não sabe como se sente em relação a Alix. Também não sabe como se sente em relação a Walter. Enquanto os seus olhos pesquisam o passeio em busca da filha que não vê há cinco anos, os seus pensamentos regressam num turbilhão até ao dia em que Roxy desapareceu e à razão pela qual ela se foi embora, e sente-se envolvida numa escuridão nauseabunda que começa a sufocá-la. A sua respiração começa a acelerar e a ser tomada pelo pânico. Ela derruba a chávena de café quando a sua mão vai direta ao bolso do seu casaco para retirar a colher de chá que estava pousada na borda da sua chávena no estúdio de Alix.

Acaricia-a gentilmente e lentamente consegue normalizar a sua respiração. Olha em volta para ver se alguém está a observá-la e, quando se certifica que não, leva a colher de chá aos lábios e beija-a.

*

Chega a casa uma hora depois. Walter vira-se e sorri-lhe da mesa junto à janela.

– Agora nunca te vejo – diz ele.

– Não sejas tonto. Claro que vês.

– O que se passa entre ti e esta mãe lá da escola?

– Nada. Estamos só a conhecer-nos.

– Para onde vão?

– Aqui e ali. Cafés. A casa dela. Ao parque.

– Como se chama?

– Alix.

– Alix? Não era esse o nome daquela mulher, quando estávamos no *pub*, no dia do teu aniversário?

– Sim.

– É ela?

– Sim.

Ela vê o rosto de Walter a enrugar-se numa expressão de confusão.

– Por que não disseste?

– Não sei. Pensei que achasses que era estranho.

A sobrelha direita de Walter ergue-se um pouco, e ele vira-se para o seu *laptop* com um suspiro.

– Como se alguma vez eu fosse achar que tu eras estranha – diz ele secamente.

Josie sente-se completamente fora de si depois de falar com Alix. Em vez de ignorar Walter, como normalmente faria, sente novamente a escuridão nauseabunda apoderar-se de si, cruza os braços à frente do peito e diz:

– E isso quer dizer o quê?

– Oh! Nada, amor. Nada. Obviamente.

– Não! Walter! A sério. O que quer isso dizer? Diz de uma vez.

Walter tira lentamente os seus óculos de leitura e seca o suor da cana do nariz. Depois vira-se para ela.

– Josie. Deixa.

– Não deixo, Walter. Se tens algo a dizer, então diz.

– Não. Não vou fazer isto, Josie. Não vou entrar por aí.

De repente, ela dá por si a atravessar a sala num tiro, levada por pura adrenalina. Para a trinta centímetros de Walter, inspira profundamente e depois esbofeteia-o, num estalo brutal, em cheio na cara.

– ODEIO-TE, FODA-SE – grita ela. – ODEIO-TE, FODA-SE!

Ela para, relativamente repugnada perante o acesso da sua própria violência.

Walter pestaneja enquanto olha para ela e toca no seu rosto com as pontas dos dedos. Depois, lentamente, volta a colocar os óculos na cara e devolve a sua atenção ao computador.

14h30

– Alix? Certo?

Alix vira-se para localizar a origem do cumprimento.

Demora um pouco a reconhecer a mãe de Josie, Pat O'Neill, e depois ela diz:

– Oh, Pat! Olá!

Alix está em Kilburn High Road a caminho do banco para depositar o cheque que a sua tia-avó lhe envia todos os anos no seu aniversário. É de vinte e cinco libras e ela já o adiou por demasiado tempo, ficando em risco de ofender a tia-avó, que deve estar de olho na sua conta bancária para ver se o dinheiro já terá ou não sido depositado, e se não foi, enviar-lhe-á uma mensagem através da mãe para verificar que o cheque não se perdera no correio.

Pat veste uma camisa de linho verde-maçã com calças de ganga justas e sandálias de tiras. Tem um ar vivo e glamoroso; a sua aura é ativa e importante.

– Como está?

– Estou ótima – responde Pat. – Vim só tratar de uma papelada para uma das senhoras lá do bairro. A Sally. Tem quase noventa anos. Ainda acha que pode fazer tudo, benza-a Deus. Como estás tu?

– Oh! Sim, bem. A caminho do banco.

– Tens visto a Josie?

– Sim! Estive com ela hoje de manhã, aliás.

– Então, esta coisa do *podcast*. Sempre vai para a frente?

– Sim. Sim, vai. – Alix faz uma pausa. Sente necessidade de indagar só um pouco. – Qual é a sua opinião?

– Acho estranho, para ser sincera. Se não parecesses tão completamente normal, ficaria a pensar em qual seria a tua verdadeira motivação. Neste momento, dá para ver que és honesta. Procurei-te no Google e vi as tuas credenciais. És boa gente. Mas esta coisa de fazer anos no mesmo dia – ainda não percebi bem.

Alix inclina a cabeça para o lado e lança um olhar breve para o céu.

– Sim – diz ela. – Já não é muito baseado nisso. Estamos a evoluir para outra coisa, algo mais sobre o que é ser-se mulher numa idade em particular, à beira da menopausa, não somos jovens, mas também não somos velhas, a questionar as nossas escolhas, os nossos percursos, os nossos futuros. – Ela faz uma pausa, tendo cuidado na escolha das palavras. – Bem, a Josie, ela é muito diferente de mim.

– Isso é certo. – Pat franze os lábios quando termina a frase. – São opostos extremos. Tu és o tipo de mulher que eu sempre presumi que poderia ser minha filha. Sabes, corajosa, talentosa e decidida.

Alix ignora o subtil ataque a Josie e pergunta:

– O que acha do Walter?

– Ela contou-te como se conheceram, foi?

Alix assente.

Pat olha para ela depreciativamente.

– Então, o que pensas tu que eu acho do Walter? Um homem de quarenta e cinco anos amantizado com uma miúda de dezoito. Nojento. E sabe Deus há quanto tempo andavam juntos antes de me contarem. Já o conhecestes?

– Não. Só o vi, à distância. Ele é... é controlador?

Pat reflete sobre a pergunta por uns instantes e depois diz:

– Estão bem um para o outro, se queres a minha opinião. São o que se pode chamar uma combinação tóxica. E aquelas pobres miúdas...

– Sim. Fale-me das meninas. A Josie não fala muito delas. Só que uma ainda mora lá em casa e que a outra saiu quando tinha dezasseis anos. Não consigo deixar de pensar que há algo mais que ela não me está a contar.

Alix percebe imediatamente que passou dos limites. A expressão de Pat fecha-se e ela recua um passo.

– Provavelmente é melhor falares sobre esse assunto com a Josie – diz ela. – Não me cabe a mim dizer. Mas ouve. Boa sorte com tudo. Vais precisar.

Depois ajusta a alça da mala no ombro, esboça um pequeno sorriso, vira-se e afasta-se.

*

Alix envia uma mensagem a Josie quando chega a casa.

Acho que seria mesmo importante eu conhecer o Walter e falar com ele sobre o seu lado da história. Será que ele aceitaria vir ao estúdio? Ou eu podia ir a vossa casa e falar com ele? Diz-me o que achas.

A resposta surge alguns segundos depois.

Não sei se o Walter aceitaria. Ele é muito reservado.

Alix olha para a mensagem por um momento. Depois digita a resposta.

O Walter está a par deste projeto?

Mais ou menos. Ele sabe que falo contigo.

OK. Bem, eu acho que preciso mesmo de falar com ele. Pode nem ser gravado, se ele preferir. Como achas que o conseguimos convencer?

Há uma pequena demora antes de Alix ver que Josie está a digitar uma resposta. Ela observa o seu ecrã enquanto aguarda que a mensagem surja.

Se fosse uma espécie de convívio, ele provavelmente aceitaria. Se o teu marido lá estivesse. Talvez um jantar?

Quarta-feira, 10 de julho

– Estava a pensar convidar a Josie e o marido para virem cá jantar neste fim de semana. Por causa do meu projeto.

Alix esteve a reunir a coragem para pronunciar esta frase durante mais de uma hora, desde que ela e Nathan acordaram esta manhã. Passou metade da noite acordada, dividida entre sentir-se completamente convencida de que era uma ideia perfeitamente normal e só mais uma forma de fazer o seu trabalho, e sentir-se completamente convencida de que era a pior ideia que já tinha tido. Ainda há dez segundos estava indecisa sobre qual seria o melhor caminho a tomar. Mas agora já o disse, e morde o lábio enquanto espera pela resposta.

– Jesus Cristo.

– Eu sei – diz ela. – Eu sei. Vai ser estranho como o raio. Mas acho mesmo que vai dar um empurrão a este projeto.

– Mas *eu* tenho de estar também?

– Sim. Sim, acho que tens. Parece-me que ele é um machão. E não acho que fosse gostar de conviver só com duas mulheres. Podia entrevistá-lo só a ele, mas tenho a sensação de que conseguiria obter mais dele num contexto social. Com álcool. Tu sabes.

Ela lança a Nathan um olhar suplicante e a expressão dele suaviza-se.

– Claro – diz ele. – Tudo por ti, meu amor – diz isto num tom sarcástico, mas também, Alix sabe, com um toque de sinceridade, uma perceção do quanto ele lhe deve naquele momento.

Alix suspira de alívio.

– Obrigada – diz ela, depois pega no telemóvel e envia a Josie a mensagem com o convite.

*

8h30

Josie olha para o seu telemóvel e, vendo o nome de Alix, pega nele de imediato de cima da bancada da cozinha.

Que tal tu e o Walter virem jantar a minha casa na sexta à noite? Diz coisas! E amanhã fazemos outra sessão?

Josie congela. O seu olhar vai diretamente para Walter, ao fundo da sala, sentado no sofá a ver o *BBC Breakfast* e a comer torradas de roupão. Olha de novo para a mensagem e depois deixa-a «marinar» um pouco, enquanto espera que a sua torrada toste. De vez em quando volta a olhar para Walter, para a cabeleira espessa de cabelo branco e crespo que cresce horizontalmente na sua nuca, para os seus lóbulos peludos e barba mal aparada.

– Walter – diz ela. – Tens de ir ao barbeiro.

– Eu sei – diz ele. – Vou no sábado.

– Fomos convidados para um jantar na sexta-feira. Na casa da Alix. Tens de ir antes de sexta-feira.

Ele vira-se bruscamente para ela e semicerra os olhos.

– O quê?

– Jantar. Na casa da Alix. Nós vamos. OK?

– A mulher que faz anos no mesmo dia que tu? A mulher que tens encontrado tantas vezes?

– Sim.

– Por que raio quer ela receber-nos em casa para jantar?

– Já te disse. Somos amigas. É o que os amigos fazem.

– Onde mora ela?

– Numa daquelas ruas entre o parque e a Salusbury Road.

A sua sobranceira esquerda dispara.

– Raios me partam.

– A sério, Walter. Isto é importante. Também precisas de roupa nova. Não te posso levar lá com nenhuma das roupas que tens. Quando foi a última vez que compraste alguma coisa nova? Hum?

O ambiente no apartamento vai-se alterando para novos territórios a cada palavra que ela profere. É como se com cada uma delas estivesse a esmurrar uma série de paredes invisíveis, a chegar cada vez mais perto e mais perto de algo que se aproxima da verdade de tudo.

Walter ergue a mão num gesto de rendição.

– Jesus Cristo, Jojo. Acalma-te. Eu trato disso, OK?

– Cabelo? Roupa?

– Sim. Cabelo. Roupa. Nossa senhora.

Ele desliga a televisão e traz o seu prato até à cozinha. Há um cheiro que o acompanha, provavelmente do roupão, que precisa de ser lavado. E também da barba bafienta e do hálito matinal. O cheiro a decadência. Ou a derrota. Prende-se no fundo da sua garganta e fá-la sentir-se enraivecida.

– Não sei o que se passa contigo ultimamente, Jojo – diz ele enquanto se

dirige para a casa de banho para tomar o seu duche. – Não sei mesmo.

*

Nessa tarde, no trabalho, Josie faz passar a bainha de um vestido pela agulha da máquina de costura, as suas mãos movendo-se mecanicamente enquanto a mente se movimentava num turbilhão caótico pelo novo universo de coisas em que pensa ultimamente. Está a planear obsessivamente uma roupa para vestir na sexta-feira enquanto imagina ansiosamente Walter numa série de combinações de fatos que não lhe servem. Na sua cabeça surgem imagens ao género de filme antigo de todos eles sentados em torno da mesa da cozinha de Alix, com as cadeiras dissonantes, as crianças ruivas de pijamas coloridos a brincarem, vinho a ser servido em enormes copos pelo chato do marido ruivo, música moderna em colunas de som, a gata a roçar-se nos seus tornozelos, a luz a desvanecer-se no céu enquanto a conversa flui. E depois os seus pensamentos trazem-na de volta a Walter e aos seus dentes de idoso, ao seu irritante tom monocórdico, ao seu ar derrotado, e ela tem catorze anos de novo, dezasseis, dezoito, é uma jovem mãe a gastar frugalmente o dinheiro do marido no Sainsbury, uma mulher de meia-idade num apartamento silencioso, e em cada uma destas encarnações, ela é a mesma pessoa: uma rapariga em estase. E agora, tal como esperara que acontecesse quando pensou em propor a Alix que fizesse dela o assunto de um *podcast*, há outra pessoa a quebrar a sua carapaça. Outra pessoa completamente diferente. E essa pessoa é maior do que ela, mais barulhenta, mais dura, mais velha. Essa pessoa está finalmente pronta a contar a sua verdade.

Corta as pontas do fio preso na agulha e vira o vestido ao contrário, pronta para fazer a bainha do outro lado. Mais além, através da janela grande, há um comboio a passar ruidosamente sobre os carris e Josie vê o seu reflexo desfocado no vidro. Parece um quadro inacabado, observa ela, à espera de que o artista volte e acrescente os detalhes finais.

O telemóvel dela vibra com uma mensagem de Alix. Ela sente a explosão de endorfinas habitual sempre que vê o nome de Alix no ecrã, aquela expectativa de que algo de bom lhe está a acontecer.

Amanhã podes trazer uma foto das meninas? Adoraria ver como elas são. Até amanhã!

Um arrepio toma conta de Josie. *As meninas*. Como poderá ela abordar o assunto das meninas com Alix, pergunta-se. Mas depois olha de novo para aquela versão desfocada de si mesma na grande janela e subitamente vê que aquele quadro inacabado é o de uma mulher ativa, não de uma miúda

retraída, e percebe que, finalmente, depois de todos estes anos, chegou o momento de expor a sua vida.

Quinta-feira, 11 de julho

– Aqui tens. – Josie passa um leque de fotografias sobre a mesa na direção de Alix. – As minhas filhas.

Alix ergue o olhar para Josie e sorri.

– Oh! – diz ela. – Incrível. Obrigada.

A primeira fotografia mostra duas crianças ainda pequenas com camisolas de lã grossa e calças de ganga, de mãos dadas naquela que parece ser a grande caixa de areia de Queen's Park. A menina mais velha tem o cabelo da mesma cor do de Josie, mas num tom mais vívido. A mais nova tem o cabelo louro, com aqueles caracóis nas pontas que nunca mais tornarão a crescer após o seu primeiro corte.

– Qual delas é qual? – pergunta.

– Esta é a Roxy – Josie aponta para a que tem caracóis – Esta é a Erin – indica a que tem cabelo castanho-avelã.

– São amorosas – diz Alix. – Amorosas.

Josie assente e sorri, observando enquanto Alix passa à próxima fotografia. São as duas meninas, lado a lado, à porta da escola que os filhos de Alix frequentam, a usar os mesmos polos azul-claro e partes de baixo azul-escuro que os seus filhos vestiam hoje quando saíram de casa.

– O primeiro dia de escola da Roxy – diz Josie, um tom de dolorosa nostalgia na voz. – Nesse dia, chorei umas quatro horas.

Alix olha para Josie.

– Oh, céus! A sério? – Ela recorda o primeiro dia de escola de Leon, o momento em que regressara a uma casa vazia pela primeira vez em sete anos e a euforia de saber que poderia voltar a focar-se em si mesma por alguns instantes. Nunca compreendera as mães que choravam à porta do recreio.

– Senti-me despojada. Não sabia o que havia de fazer. De repente, tanto tempo livre. De repente, todo aquele silêncio.

Alix pensa na sua conversa com Mandy na secretaria da escola e diz:

– E as meninas? Como se deram na escola primária? Gostaram?

Ela repara que Josie fica ligeiramente tensa, os ombros sobem na direção

das orelhas.

– Oh! O normal – diz ela. – Nem por isso. Sabes, a Erin, a minha mais velha, sempre teve problemas. Nem sei bem como os descrever, na verdade. Os professores diziam que era um atraso no desenvolvimento global, mas eu não concordava. Ela era só um pouco preguiçosa, acho. Um pouco passiva. Era difícil obter uma reação da parte dela. Difícil saber o que estava a pensar. E depois a Roxy era o oposto. Tinha uma perturbação de oposição e desafio, era o que os professores chamavam. Com isso acho que concordo. Nunca se podia dizer nada à Roxy. Ela nunca, nunca cooperava. Estava sempre zangada. Costumava bater-me. Bater à irmã. Era a criança mais zangada à face da terra. – Josie treme ao recordar. – Então, entre as duas, com os seus problemas, não, não foram os tempos mais felizes. E a secundária não foi melhor, claro.

Alix não responde e olha apenas para as últimas três fotografias.

– Esta é a última que tenho das duas – diz Josie, tocando suavemente no contorno da foto. – Mesmo antes de a Roxy ter saído de casa.

Alix sustem a respiração enquanto analisa a imagem. Não é de todo o que esperava. Ela não consegue associar as raparigas nesta fotografia às raparigas nas outras fotografias. Não acredita que sejam as mesmas pessoas.

A rapariga que uma vez tivera caracóis louros é agora uma miúda baixa e encorpada com o cabelo totalmente puxado para trás, deixando a descoberto uma testa alta e oleosa, com *piercings* em ambas as narinas e no septo. Erin, outrora uma criança com ar alegre e amoroso e um toque de vulnerável timidez, apresenta uma expressão impassível e é franzina ao ponto de estar desnutrida, com círculos negros em torno dos olhos e de cabelo sem vida a pender-lhe sobre ambas as faces.

– Parecem diferentes, não parecem? – diz Josie com alguma fragilidade na voz.

– Sim. Sim. Parecem.

Abate-se um silêncio amargo antes de Josie reunir as três fotos e voltar a colocá-las dentro da sua mala de ombro.

– Por favor, não me julgues.

Alix olha para Josie.

– Desculpa?

Josie abre a boca, as palavras pendem na ponta da sua língua, mas não são proferidas. Depois ela sorri, com ar constrangido, e diz:

– Nada! Nada. – Pousa a sua mala no chão, puxa os auscultadores para perto de si e pergunta:

– Vamos começar?

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!
UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra uma cadeira de madeira cor-de-rosa com um coração esculpido nas costas.

A cadeira fora alterada com correias e cintos.

Está no centro de um quarto vazio, iluminado por raios de sol que trespassam os vidros sujos de uma janela.

Na legenda pode ler-se:

Gravação do podcast de Alix Summer, 11 de julho de 2019

Começa a voz de Josie.

– O Walter não conseguia lidar com elas. Passava muito tempo fora. A empresa onde ele trabalhava em Londres tinha extinguido o seu posto de trabalho e ele acabou por arranjar um emprego muito melhor numa empresa elétrica que trabalhava sobretudo na Escócia e no noroeste do país. Por isso, ele acabava por estar fora dias a fio, só vinha a casa aos fins de semana. Tenho de admitir que gostava. Durante tantos anos eu só existi como metade de um casal e como mãe. Nunca tinha estado sozinha, na verdade. Sabes, antes das miúdas nascerem, eu nem sequer tinha a chave do nosso apartamento. Costumava ter de esperar que ele chegasse do trabalho. Só esperar, o dia todo... Então gostei desses anos em que o Walter trabalhava fora durante a semana, e éramos só eu e as miúdas. Éramos felizes. Éramos livres. Deixava as miúdas serem elas próprias, dava-lhes espaço para respirarem. Mas depois o Walter voltava aos fins de semana e, bem, tudo mudava. E não para melhor.

O plano da cadeira cor-de-rosa com as correias de couro desvanece.

O ecrã escurece.

*

11h00

Walter foi ao barbeiro e, para grande desilusão de Josie, está praticamente na mesma. Disfarça o seu desânimo e agradece-lhe pelo esforço. Ele resmunga em resposta e ela sabe que está muito perto de o fazer esgotar o seu nível de tolerância em relação a ela.

O casamento deles parece por vezes um grande navio que deixou o porto apontando numa direção e que lentamente, lugubrememente, deu uma volta de 180 graus, seguiu na direção errada e depois encalhou. De alguma forma, Josie recuperara o comando do leme, mas afinal era tão má a navegar quanto Walter e, desde então, têm andado em círculos e círculos, olhando com ar

desconsolado na direção do horizonte, à espera de serem salvos.

Até que surgiu Alix.

Josie retira do armário três boiões de comida de bebé e aquece-os para Erin. Coloca-os num tabuleiro com uma colher e um pacote de puré de manga e maçã. Deixa o tabuleiro à porta do quarto de Erin. Beija as pontas dos dedos, passa-as pela superfície da porta e depois dirige-se ao seu quarto para se preparar para ir trabalhar.

*

Quando Josie regressa do trabalho, Walter já tinha ido comprar roupa nova. Não a presenteia com um desfile de moda. Simplesmente inclina a cabeça na direção dos sacos da Primark e diz:

– Vá lá, então. Dá uma vista de olhos.

Saiu-se bem. Uma camisa informal de manga comprida azul-escura e um par de calças chino creme. Até comprou meias novas.

– Bom – diz ela, acenando com a cabeça. – Muito giro.

Ele resmunga. Ela consegue senti-lo a desligar.

Começa a fazer um empadão de carne picada. Do seu modesto repertório de pratos, é o favorito de Walter e, apesar de ultimamente ter tentado ser mais inventiva na cozinha (ontem tinha feito um prato com cuscuz, queijo halloumi e ervilhas), hoje Walter merece comer algo que goste. Depois leva o cão a passear numa volta ao quarteirão. Acredita ver Roxy três vezes nos dez minutos em que está fora de casa, e assim que regressa abre o seu computador portátil e procura-a nos sítios onde a procura sempre na internet. Mas, como sempre, não a encontra.

Habitualmente, Josie não fala com Walter sobre Roxy; nunca sequer falam sobre as miúdas, de todo. Assim fica tudo mais fácil, de certa maneira. Mas mais tarde, enquanto se sentam lado a lado no sofá a comer o empadão, Josie vira-se para Walter e questiona:

– Já alguma vez achaste que a tinhas visto? A Roxy?

Ele lança-lhe um olhar. Ela sabe que ele planeava não lhe dirigir a palavra esta noite; ainda está sentido pela forma horrível como ela o tratara nos últimos dias. Mas esta não é uma pergunta que se possa ignorar por estarmos de mau humor, e ela vê-o baixar a guarda, substituindo-a por outra.

– O que queres dizer com isso?

– Isto é, quando estás na rua. Vês alguém na rua e achas que é ela, por um minuto? E depois percebes que não é?

Ele fica em silêncio por um segundo antes de acenar com a cabeça.

– Sim. Às vezes.

– Costumas interrogar-te se ela terá morrido?

– Claro que sim. A toda a hora.

Ficam em silêncio por um momento enquanto comem o jantar, mas há no ar coisas que ambos querem dizer e Josie toma a iniciativa.

– Sabes, provavelmente vou contar à Alix sobre as miúdas.

Ela vira a cabeça na direção dela.

– Como assim, contar-lhe?

– Vou contar-lhe. O que aconteceu. O que fizemos.

Ele semicerra os olhos enquanto a fita.

– Estás doida?

Josie retrai-se levemente. Detesta quando Walter diz coisas daquelas.

– Está na hora. É só isso. Ela vai poder ajudar-nos.

– Ajudar-nos? Foda-se, Josie. Ela vai chamar a merda da polícia.

– Ótimo.

– Oh, meu Deus! Oh, Jesus! Josie. Estás mesmo doida, não estás? Endoideceste mesmo. Genuinamente. Já falámos sobre isto. Pensei que tínhamos concordado...

– Não. Não, não concordámos. Não concordámos em nada. Precisamos de...

– Não precisamos de fazer *nada*, Josie. Não precisamos de fazer nada. Caralhos me fodam... – Ele bate na testa com a mão e empurra o tabuleiro de comida para fora do colo para poder levantar-se.

Começa a afastar-se de Josie e ela puxa-o de volta pelo braço. Encolhe-se de seguida quando vê a mão dele tomar balanço na direção dela. Ele retorna-a rapidamente para a lateral do seu tronco e continua a caminhar para a janela panorâmica.

– Está a acontecer, Walter. Quer gostes ou não. Vou contar tudo à Alix. Não posso continuar a viver assim. Vamos ultrapassar isto.

– Não consigo conversar contigo. Estás louca. Estás literalmente louca. Estou casado com uma maluquinha de merda.

– E eu estou casada com um *pedófilo de merda!*

O ar na sala gela. Por um segundo, nem Josie nem Walter respiram ou se movem.

Finalmente, Walter fala.

– Perdão?

Ela quer dizê-lo de novo. E de novo e de novo. Quer bater no peito dele de punhos cerrados e cuspir-lhe a palavra na cara até que ele sufoque nela. Mas não consegue. Foi-se.

Ela levanta os pratos meio-cheios de comida, coloca alguns dos restos na misturadora para Erin e deita o que resta no caixote do lixo.

Tritura o empadão para Erin e passa-o para uma tigela. Coloca-a num tabuleiro com uma embalagem individual de gelado de morango. Deixa-o à

porta do quarto da filha, mantendo a mão livre sobre o nariz e a boca para disfarçar o cheiro. Está prestes a tocar na porta e depois a beijar os dedos, mas para.

Começa a achar que Erin é parte do problema. Começa a achar que Erin já não está do seu lado.

Sexta-feira, 12 de julho

Nathan envia a Alix uma mensagem às 18h30:

Vou só num instante beber um copo com o Gio. Devo voltar antes das 19h30. Precisas que leve alguma coisa?

Alix suspira, frustrada, o dedo sobre o teclado, a pensar e a descartar uma dúzia de respostas adequadas, antes de simplesmente digitar *OK*, bloquear o telemóvel e o colocar sobre a mesa. Regressa à cebola que está a cortar para o prato que vai cozinhar para Josie e Walter, vira-a ao contrário para a picar, depois deita-a na caçarola onde refoga numa piscina de manteiga derretida.

Eliza está na casa de uma amiga onde vai passar a noite. Leon está a ver televisão na sala. Alix pensa na garrafa de vinho meio-cheia que tem no frigorífico, pensa em servir-se a si mesma um grande copo e em bebê-lo de um trago. Mas não deve. Tem de se manter composta. Corta peitos de frango em tiras e adiciona-as ao refogado.

São 19h30 e Nathan ainda não chegou. Ela olha desesperadamente para o telemóvel, embora saiba que não estará lá nada. Faz uma oração ao universo e pede-lhe que faça com que Josie e Walter cheguem atrasados, mas às 19h32 a campainha toca e ela seca as mãos, ajeita o cabelo e dirige-se à porta.

– Olá!

Josie está de pé no último degrau com um dos vestidos que escolheram juntas na *boutique*, tem o cabelo puxado para trás numa trança francesa de um dos lados da cabeça e na mão segura um ramo de rosas cor-de-rosa e uma garrafa de champanhe caro. Sorri alegremente para Alix, e moderadamente nervosa; Josie não costuma sorrir desta forma tão efusiva. E depois inclina-se na direção dela e beija-a convictamente em cada uma das faces.

– Olá! Estás linda!

Depois Josie vira-se e puxa gentilmente Walter para si, pelo cotovelo.

– Alix, este é o Walter. Walter, esta é a Alix.

Walter sorri timidamente para Alix e estende-lhe a sua mão. Fez um corte

de cabelo radical desde a última vez que Alix o vira, tem vestidas roupas novas com vincos bem marcados nas pernas e nas mangas. Alix sente uma pontada de ternura em relação a ele, mas depois lembra-se que ele não é o velhote inocente que aparenta ser.

– Entrem! Entrem! O Nathan ainda não voltou do trabalho, infelizmente. Mas deve estar mesmo a chegar.

Pega nas rosas cor-de-rosa que Josie trouxera e agradece-lhe imensamente. Depois coloca o champanhe à temperatura ambiente no frigorífico e oferece-lhes bebidas, convida-os a sentar nos bancos altos da ilha da cozinha, coloca na frente deles taças com batatas fritas e frutos secos e molhos e verifica o molho da massa.

– Tem uma casa muito bonita – diz Walter, com os dedos em torno da garrafa de Peroni que Alix acabou de lhe passar.

– Obrigada!

– Há quanto tempo mora cá?

Walter tem um tom monocórdico que o faz soar sarcástico.

– Oh! – responde ela. – Há uns dez anos. Antes morámos num apartamento em Kensal Rise.

– E é de lá, Alix?

– Não. Cresci em Paddington, na verdade. O Nathan e eu mudámo-nos para cá depois de casarmos. E falando em Nathan – ela localiza o seu telemóvel e toca no ecrã –, deixem-me só ver se ele já deu novidades.

Não há novidades de Nathan e são quase um quarto para as oito. Ela liga-lhe e a chamada vai direta para o atendedor de chamadas. Ela sorri, constrangida, e diz:

– Foi direta para o atendedor. Ele deve estar no metro.

– Uma bebida depois do expediente? – diz Walter.

– Sim. Calculo.

– O que faz o seu marido?

– Arrenda espaços comerciais de luxo a grandes empresas.

Walter anui pensativamente, como que a considerar a legitimidade desta afirmação, e depois agarra num punhado de frutos secos de uma taça e deita-os diretamente da palma da sua mão para o interior da boca.

– Como estás tu, Josie? – pergunta Alix, e a sua voz soa-lhe demasiado alta na sua própria cabeça.

– Ótima, obrigada.

– Adoro o teu cabelo assim. – Alix indica a trança francesa muito profissional. – Foste tu que fizeste?

– Sim. Dantes penteava o cabelo das miúdas assim. Sempre fui boa a fazer penteados.

– Eu não consigo – diz Alix. – Dói-me a cabeça só de tentar perceber como

se faz!

– Acho que sou o que se pode chamar uma pessoa com jeito para as «manualidades». Costura, fazer vestidos, malha, croché, esse tipo de coisas.

Alix vê Josie lançar um breve olhar a Walter, que está infeliz e de olhar fixo no rótulo da sua cerveja.

– Sempre fui boa nessas coisas – diz Josie, olhando de novo para o marido.
– Não fui?

Walter acena com a cabeça, enquanto arranca o rótulo da cerveja.

– Sim. Sim, foste.

Alix vira-se para Walter.

– Conte-me mais sobre si, Walter. É de cá?

– Não. Cresci em Essex, depois os meus pais separaram-se quando eu tinha quinze anos e vim viver para Kilburn com o meu pai.

– Para o apartamento onde hoje mora?

– Sim. Isso mesmo.

– E lá criou também a sua família?

– Sim. A Erin e a Roxy.

– E o que está a Erin a fazer nesta noite?

– Oh, está em casa! A jogar videojogos.

– Oh! É uma *gamer*?

– É. Viciada. – Ele ri-se secamente e Alix vê uma expressão estranha a tomar conta do rosto de Josie. Por que não terá Josie mencionado este aspeto da existência de Erin? Pergunta-se. Pelo canto do olho vê o relógio da cozinha e repara que são quase oito da noite. Pede desculpa a Josie e Walter e liga de novo a Nathan. Desta vez não vai diretamente para o atendedor de chamadas, está a tocar, e ela tem uma réstia de esperança de que talvez ele esteja, neste momento, a meio caminho na rua, de gravata solta pendurada no pescoço, de ânimo descontraindo depois de algumas cervejas, preparado para trazer energia fresca a esta estranha reunião. Mais do que tudo no mundo, ela deseja que Nathan esteja aqui, com a sua voz alta e maneirismos exacerbados. Não quer saber do quão bêbado ele está, só o quer aqui.

– Então – diz Walter. – Tu e a Josie. É uma coisa estranha, não é?

– O quê, refere-se a...? – Ela faz sinal para ela própria e para Josie.

– À vossa amizade. Sim.

– Amizade? – responde Alix. – Pensei que falava do *podcast*.

– *Podcast*? – diz ele. – Qual *podcast*?

– Oh, vá lá, Walter! – diz Josie. – Eu disse-te. Disse-te isto.

– Não me parece.

– Disse-te que a Alix faz *podcasts*.

– Sim, podes ter mencionado, mas não me disseste que estava a fazer um sobre ti.

– Oh! Não é sobre mim. É sobre fazermos anos no mesmo dia. Eu e a Alix.

Alix sente uma nuvem estranha de desonestidade a invadir a divisão. Tinha ficado surpreendida pelo facto de Walter ter vindo e basicamente aceitar fazer parte do projeto, e pensou que talvez ele estivesse mais envolvido do que aquilo que Josie fizera parecer. Mas não, isto era, Alix percebe, uma manobra típica ao estilo de Josie, como comprar um pomchi, sem verificar que era mesmo um pomchi, ou deixar-se ser manipulada para entrar numa relação de uma vida inteira com um homem com idade para ser seu pai: uma espécie de abordagem disparatada, irrefletida e inútil à vida. Uma abordagem «faz primeiro e preocupa-te depois». E então, agora, Alix tem de alinhar neste subterfúgio.

Pigarreia e sorri.

– Mais vinho? – pergunta alegremente, antes de pedir licença para ir buscar algo à despensa. Quando regressa, Walter e Josie estão sentados em silêncio, a comer batatas fritas. Alix verifica as horas. Passaram dez minutos desde que tentou ligar a Nathan e ele já deveria estar em casa. Liga-lhe de novo. Vai para o atendedor de chamadas. Ela suspira e procura o número de Giovanni. Normalmente não o faria, mas não consegue fazer isto sozinha. Simplesmente não consegue.

– Oh, Gio! Olá! É a Alix. Desculpa incomodar-te, mas ainda estás com o Nathan?

O ruído de fundo da chamada está frenético com o barulho de risos e música.

– Oh, olá, Al! Sim. Espera. Vou passar.

Um momento depois, Nathan está ao telefone.

– Foda-se – diz ele, já de voz arrastada, e nem são oito e meia. – Foda-se. Alix. Foda-se. Estou a ir. Agora. Literalmente a sair neste segundo. Vou apanhar um táxi, OK? Desculpa. Até daqui a... *meia hora*. Mas comecem a comer sem mim, se for preciso.

Alix esboça um sorriso forçado quando desliga a chamada.

– Está tudo bem? – pergunta Josie.

– Sim, está a caminho. Perdeu a noção das horas. Disse para começarmos sem ele. Vou então servir a massa, sim?

– Desculpa, Alix, mas acho que é nojento.

Alix para a meio caminho da torneira com a panela de massa e vira-se para Josie.

– Eu...

– A sério. Desculpa. Mas consegui ouvi-lo, pelo telefone, a arrastar a voz. E aqui estás tu, a cozinhar feita escrava para ele, a entreter convidados, tão bonita. Quem é que ele pensa que é?

Alix sente-se a sufocar. Subitamente, sente-se ameaçada. É o tom de morte

na voz de Josie, a outra faceta dela, Walter ao seu lado a respirar tão pesadamente que Alix consegue ouvi-lo. Pensa em Leon na divisão ao lado com os seus auscultadores, sentado sobre as próprias pernas no sofá que ainda o faz parecer mais pequeno, apesar de agora estar mais crescido, e pergunta-se sobre o que terá ela feito. Pensa em Josie à sua porta, a remexer no seu caixote de reciclagem, a levar a revista velha para casa. Pensa em Walter a manter Josie fechada em casa enquanto era jovem e não tinha chave, à espera que ele regressasse do trabalho. E depois pensa nas filhas de Josie com os olhos sem vida e de repente quer cancelar tudo; tirar o champanhe do frigorífico e devolvê-lo, enxotá-los pelo corredor, porta fora e esquecer que algum dia permitira que Josie Fair entrasse na sua vida.

Mas agora é tarde. Eles estão aqui, nos seus bancos de cozinha, a comer batatas fritas com sabor agridoce, à espera para comer a sua massa alfredo de frango, bacon e espinafres, a insultar o seu marido. Consegue sentir o olhar de Josie a cravar-se na sua pele, mas recupera o sorriso forçado e responde:

– Oh! Não tem mal. É sexta-feira, sabes. Tenho a certeza de que não é o único homem a perder a noção das horas. Enfim, que mais vos posso oferecer? Mais uma cerveja, Walter?

Ele anui e agradece-lhe, e ela passa-lhe uma cerveja gelada. Depois Josie pergunta:

– Por que não mostras o teu maravilhoso estúdio ao Walter, Alix? Ele adora essas coisas.

Alix lança um olhar de incerteza a Walter. Mas ele acena com a cabeça e diz:

– Sim. Gostaria muito. Se puder ser?

– Sim. Claro. Vens, Josie?

Josie sorri.

– Não – diz ela. – Não é preciso. Vão vocês. Eu já o vi.

Alix guia Walter pelo jardim, que está todo iluminado por lâmpadas solares e luzes de fada. Destranca a porta do estúdio e acende os interruptores.

– Uau – diz Walter. – Isto é muito fixe. – Ele observa cada detalhe da sala e pergunta-lhe coisas sobre os cabos e as ligações elétricas que ela não sabe de todo responder.

– Terá de perguntar ao Nathan – diz ela. – Foi ele que tratou de tudo por mim.

Trocam uma impressão seca sobre a ausência de Nathan e depois, finalmente, Alix encontra o ímpeto para perguntar a Walter o que sempre quis desde o dia em que conhecera Josie.

– Posso perguntar-lhe sobre si e a Josie? Sobre como se conheceram?

Ela vê Walter empalidecer ligeiramente, antes de se recompor e tomar lentamente um gole da sua garrafa de cerveja.

– Depende do que ela lhe contou.

– Bom, gostava mesmo de ouvir só o seu lado da história.

Ele encolhe os ombros e suspira.

– Conheço a Jojo desde que ela era uma miúda. Comecei por ser amigo da mãe dela. Depois a Jojo e eu começámos a conviver um pouco. Ela era muito madura para a idade que tinha, sabe? Achava que os amigos eram aborrecidos. Também devido a ser filha única, creio eu. Comigo foi igual. Sempre preferi a companhia de adultos. E sim, uma coisa levou à outra, e a certa altura dos acontecimentos acabámos por nos apaixonar um pelo outro. E suponho que para algumas pessoas possa parecer estranho, eu ser muito mais velho do que ela. Mas para nós nunca pareceu estranho. Nem uma única vez.

Alix assente, devagar, parcialmente hipnotizada pelo tom monocórdico da voz de Walter, pela forma como ele faz com que uma opinião pareça um facto, pela ausência de *nuances*, espaço, dicotomias na forma como se expressa. *Sim*, ela pensa, *sim. Consigo perceber isso. Consigo perceber como isso poderia acontecer entre duas pessoas.* Mas depois cai de novo na realidade, lembra-se de que este homem comprou a uma miúda de quinze anos uma pulseira e lha ofereceu no seu aniversário, que a levou ao *pub* e lhe deitou vodca na limonada. Tudo isto enquanto era casado com outra pessoa.

– E a sua ex-mulher – continua ela. – Também era muito mais nova?

– Não. Nem por isso. Era dez anos mais nova do que eu.

– E que idade tinha quando a conheceu?

– Oh, céus! – Ele coça a nuca e olha para o teto. – Devia ter quase trinta, suponho eu.

Alix deixa que a matemática desta afirmação paire entre eles, sem ser referida.

– Sabe – diz Walter, pensativo, olhando para Alix com olhos semicerrados –, a minha Jojo é tramada. Dá esta impressão, não é... de ser... simples.

– Simples?

– Sim. Sabe. Como se não se passasse muito naquela cabeça. E se há algo que aprendi sobre ela ao longo dos anos é que na verdade dentro daquela cabeça passam-se *demasiadas* coisas. Ela não é quem parece ser. De todo.

As suas palavras ficam a pairar, como bombas-relógio. Alix acena com a cabeça e diz:

– Sim. Acho que ela tem muito que se lhe diga.

– Isso é um eufemismo – afirma ele.

– Gostaria... – Alix começa, de forma insegura. – O que acharia de falar um pouco comigo? Para o meu *podcast*?

– Este das pessoas que fazem anos no mesmo dia?

– Sim. – Alix belisca o lábio inferior entre o polegar e o dedo indicador e

observa-o ansiosamente.

– Mas em que aspeto se relaciona comigo? Não faço anos no mesmo dia que a Alix.

– Bom, não. Não faz. Mas é casado com alguém que faz. E acompanhou-a durante quase toda a sua vida. Seria fantástico obter algumas informações da sua parte. Só para ter algum contexto.

Ela aguarda a sua reação. Vem lentamente na forma de um abanar de cabeça.

– Não – diz ele. – Acho que não. Mas da minha parte posso dizer-lhe isto: a Jojo mantém o que se pode chamar de uma relação *elástica* com a verdade.

– Elástica? – repete ela.

– Sim. Ela, ah... como direi? Quando ela não gosta da realidade da situação, encontra outra realidade que lhe sirva.

– Então, tudo o que ela me tem contado sobre si própria, sobre a sua vida, não é a verdade?

– Bem. Não. Não diria tanto. Mas não se pode acreditar em tudo o que ela diz. Tem de se manter alerta.

Alix semicerra os olhos para Walter, tentando avaliar o quanto ele está a tentar manipulá-la, e responde:

– Ah, OK. Vou ter isso em conta.

– O melhor é não mencionar nada disto à Jojo. Sobre esta conversa. Sabe?

– Por que não?

– Só porque... – ele pausa. – A Josie gosta de controlar as coisas. Sabe? Se ela souber que estivemos a conversar, pode sentir que está a perder o controlo sobre si.

– Sobre mim?

– Sim. Sobre si e sobre toda a situação. – Ele suspira. – Acredite, eu conheço melhor a Josie do que qualquer outra pessoa, e ela é obcecada pelo controlo. E uma pessoa nem percebe que está a ser controlada até ser tarde demais.

Alix olha para Walter por um momento. Mais uma vez, está abismada pela doçura que aparenta, pela parede impenetrável de nada que permanece entre si e o resto do mundo. E, no entanto, é claramente um mestre na arte da manipulação. Por detrás daqueles olhos sem emoção, está a alma de um dissimulado, mentiroso e abusador. Ela sente um arrepio gelado tomar conta de si e treme ligeiramente.

*

Alix serve a massa meia hora depois na mesa da cozinha. Nathan ainda não regressou. Continua a ser difícil manter a conversa. Falam sobre a escola

primária que têm em comum, tentando perceber que professores ainda lá se encontram e quais já saíram. Falam sobre o estado do mundo, de uma forma impassível e superficial. A certa altura, Leon entra na divisão e Alix consegue abandonar a mesa por alguns minutos para lhe oferecer um lanche e uma bebida, e para procurar o cabo do carregador para ele. Falam sobre quão deliciosa está a comida e Alix consegue esticar a descrição da receita e transformá-la numa lengalenga de cinco minutos.

– Bom – diz Josie, depois de um silêncio algo doloroso. – Onde anda afinal esse teu marido? Talvez seja melhor ligares-lhe de novo, não?

– Sim – diz Alix. – Talvez. Vou dar-lhe mais uns dez minutos.

– A este ponto já nem vale a pena vir – diz Josie. – Quer dizer, o jantar já terminou. – Josie abana a cabeça e emite um som reprovador entre dentes. – Terrível – diz ela. – Sinto tanto, Alix. Coitadinha.

Alix sente-se a ficar tensa, tomada por um estranho e defensivo acesso de raiva.

– Não sou coitadinha – responde ela assertivamente. – Não sou mesmo. – Ela levanta-se, as pernas da cadeira raspam com barulho contra a tijoleira do chão da cozinha e depois recolhe os pratos ruidosamente. Pousa-os com um estrondo na bancada sobre a máquina de lavar louça, vai até ao corredor e grita a Leon, que aparenta um ar perplexo:

– Hora de ir para a cama! Já!

Quando regressa à cozinha, Josie e Walter estão a preparar-se para sair e o ambiente entre eles é de cortar à faca.

– Bem – diz Josie. – Muito obrigada por uma noite tão agradável. A comida estava deliciosa. Mas acho que é melhor irmos andando.

Alix olha para o chão. Suspira alto e diz:

– Peço imensa desculpa. Imensa desculpa. Mas sim. E obrigada por terem vindo.

Walter traz a sua garrafa de cerveja vazia e pousa-a suavemente sobre a bancada. Parece estar prestes a dizer algo, mas depois o momento passa e ele vira-se para sair. Ela acompanha-os até à porta e Josie dá uma pancadinha no braço de Alix, enquanto a abraça de forma estranha.

– Homens – sussurra ela ao ouvido de Alix. – Merda de *homens*.

*

Alix arruma a cozinha depois de eles saírem. Depois senta-se e termina o último terço de vinho que sobrara da garrafa que tinha partilhado com Josie. Quando a cozinha está no escuro e a máquina de lavar louça está a trabalhar e já se sente suficientemente bêbada, levanta-se e vai até à sala onde Leon ainda está sentado no escuro, aninhado no grande sofá, na companhia da gata,

sentada ao seu lado, a olhar para o ecrã de TV com olhos esbugalhados e exaustos.

Ela senta-se ao lado dele e retira gentilmente os auscultadores da sua cabeça.

– É tarde, querido. Temos de ir os dois para a cama agora.

– Posso ficar mais cinco minutos? – pergunta ele com voz doce.

O sofá é agradável. A gata ronrona. Ela acede e diz:

– OK. Vou programar o alarme.

Depois de acertar o alarme para tocar daí a cinco minutos, ela recosta-se no sofá, puxando os pés do filho para o seu colo.

– Por que estavam cá aquelas pessoas? – Leon pergunta após uns segundos.

– Oh! – responde ela, massajando despreocupadamente os pés dele. –

Estou a entrevistá-los. Para um *podcast*.

Ele assente. Mas depois vira-se para olhar para ela e diz:

– Porque é que a senhora estava à porta do teu estúdio?

– A senhora que estava aqui?

– Sim. A senhora que estava aqui. Ela estava à porta do teu estúdio, quando estavas lá dentro com aquele senhor velho, como se estivesse à escuta. Eu vi-a. Por entre aquelas portas. Ela estava com um ar zangado. Mesmo, mesmo zangado.

22h00

Josie e Walter entram em casa em silêncio. Josie sente-se maldisposta. Toda aquela comida gordurosa (ela esperava de Alix algo mais sofisticado do que uma massa calórica e não consegue evitar sentir-se um pouco ludibriada) e todo aquele vinho. Está irritada por não ter visto sequer a cor do seu champanhe caro, que não saiu do frigorífico, e irritada com a forma como Alix simplesmente deitara as suas rosas num jarro barato e nem sequer cortara as pontas dos caules nem as ajeitara. Não eram das baratas; tinham custado doze libras. Mereciam melhor.

E toda a noite, claro, fora arruinada pelo que Nathan fizera. Alix estivera distraída e azeda. Não tinha sido uma boa anfitriã e não tinha sido uma noite agradável.

Assim que chegam a casa, Josie abre a porta da frente e grita para a escuridão do apartamento:

– *Fred!* A mamã chegou!

O cão vem a correr na direção dela e salta para os seus braços.

Ela leva o cão à rua para fazer chichi e depois trá-lo de volta.

Repara que Walter já se livrou do seu novo fato da Primark e regressou às suas calças de fato de treino e *T-shirt* larga; a camisa e calças elegantes deixadas em monte no chão junto ao cesto de roupa suja, como uma espécie de pirete

silencioso dirigido a ela.

Passa pelo quarto de Erin, encosta o ouvido à porta e ouve o chiar da sua cadeira de *gaming*. Pensa no rapazinho de pijama no sofá da casa de Alix, com os enormes auscultadores, a olhar impávido para o ecrã durante horas e horas, totalmente ignorado e negligenciado, e pensa, realmente, qual é a diferença? Será que ela é assim tão má mãe? Quem sabe como ele estará daqui a dez, vinte anos?

Observa Walter a retirar uma cerveja do frigorífico, a abri-la e a dirigir-se para a mesa junto à janela. Ele pigarreia e abre o seu computador portátil. Ainda não falaram um com o outro. O ambiente entre eles está pior do que algum dia esteve em todos estes anos que estiveram juntos.

– Foste uma vergonha esta noite – diz ela a Walter.

Ele ignora-a. Ela ouve-o a suspirar audivelmente através do nariz.

– Aquilo tudo, Walter. Só queria morrer.

– *Mm-hm* – ele entoa, de olhos postos no computador, os dedos a teclarem.

– Walter – grita ela. – Estou a falar contigo.

– Sim. Estou a ouvir.

– Então fala comigo!

– Falo contigo sobre quê, exatamente?

– Sobre esta noite. Sobre como me envergonhaste.

Finalmente, os dedos dele param de teclar e ele vira-se e olha para ela. Tem um ar tão cansado e tão velho que por momentos a assusta.

– De que maneira é que te envergonhei?

– Só a seres *tu próprio*.

– Que simpática, Jojo.

– Não estou a tentar ser simpática. Esta noite toda foi um desastre. Estava tão ansiosa por este dia e foi horrível. E tu, simplesmente ficaste ali sentado com a tua estúpida cerveja como se fosses superior a tudo. Não fizeste esforço algum. Tive de fazer o trabalho todo.

– O trabalho todo? Qual trabalho? Ouve, não sei mesmo o que se passa entre ti e aquela mulher, mas digo-te isto com toda a certeza. Ela não é tua «amiga». Nem sequer gosta de ti.

Josie sente o ar dentro dos seus pulmões congelar e parar.

– Claro que gosta.

– Não, Josie. Não gosta. Ela só quer entrar nesse teu cérebro pequeno e estranho e deslindar porque é que és assim.

Por um momento, Josie sente-se como se estivesse no olho de uma tempestade, que o universo se fragmentou em milhões de pedacinhos e está a girar e a girar à sua volta, que só ela está imóvel no mundo. Fecha os olhos, mas o sentimento só aumenta.

– Para. De. Me. Chamar. Estranha.

- Bom, para de *ser* estranha.
- Para!
- Não sei se consigo continuar com isto.
- Continuar com o quê?
- Contigo, Jojo. Não consigo continuar *contigo*.

– E como achas que é para mim? Walter? Viver *contigo*. Viver *assim*. – Ela gesticula em torno da sala. – Também não consigo continuar com isto. Estou a pontos de esgotar a minha paciência. Não posso continuar a manter isto tudo em segredo. Está a matar-me, Walter. A matar-me. Preciso de contar a alguém. Preciso de contar à Alix!

Walter fita-a com olhos cansados e desiludidos e diz lenta e friamente:

- És mesmo estúpida, não és? Estúpida que nem uma porta.

Ao ouvir estas palavras, Josie sente o turbilhão de fragmentos do universo abrandar e tudo o que resta é a fúria incandescente que parece que a queima de dentro para fora. Pensa nas coisas que ouviu Walter dizer a Alix no estúdio de gravação, a envenená-la com as suas mentiras vis, e sabe que chegou, finalmente, o momento pelo qual esperava; sente a certeza percorrer todo o seu corpo como um ciclone.

Segunda parte

Sábado, 13 de julho

O som familiar da campainha interrompe o sonho de Alix. Primeiro, ela acha que é o seu despertador, que são seis e meia e que tem de se levantar e preparar os miúdos para irem para a escola. Depois, consegue verificar as horas, vê que são 3h02, e lembra-se de que ontem tinha sido sexta-feira e que hoje é sábado e depois, só depois, percebe que o outro lado da sua cama está vazio.

– Foda-se – murmura ela para si própria, afastando o edredão e removendo-se do calor da sua cama. – *Foda-se.*

Desce as escadas pé ante pé e ouve de novo a campainha, o seu sangue ferve de raiva. Foda-se, Nathan, a acordares o raio dos miúdos. Ela abre a porta violentamente, preparada para regressar furiosamente e em silêncio até à cama, mas depois para e sustém a respiração quando vê que não é Nathan.

É Josie.

Josie parece derrotada, de ombros descaídos e lágrimas que escorrem pelo seu rosto sobre uma máscara de arranhões e sangue seco. O cão espreita pela abertura da transportadora.

– Oh, meu Deus, Josie! Oh, meu Deus! O que aconteceu?

Ouve-se um soluço sufocado, mas nenhuma palavra.

Alix abre mais a porta e diz:

– Céus, entra!

Ajuda Josie a passar a porta e a chegar à cozinha, onde a senta cuidadosamente no sofá.

– O que aconteceu, Josie? Por favor, tens de me contar.

– Foi o Walter – diz ela, tremendo entre soluços. – Ele atacou-me.

– O Walter fez isto?

– Sim! E não é a primeira vez. É sempre que bebe. Fica descontrolado.

– Pronto – diz Alix. – Deixa-me ir buscar-te um pano molhado, limpar essa cara, ver se estás ferida.

Josie acena com a cabeça, com ar derrotado.

Alix retira um pano de cozinha limpo de uma gaveta e coloca-o debaixo da

torneira. Limpa suavemente o rosto de Josie, revelando um corte no lábio horrivelmente inchado e nódoas negras em ambas as bochechas.

– Aqui atrás na cabeça também, acho eu?

Ela vira a cabeça e Alix vê que há uma pasta de sangue seco no cocuruto, e logo abaixo um pequeno corte no escalpe.

– Sentes tonturas? – pergunta Alix.

Josie abana a cabeça

– Não. Estou bem. Só um pouco em choque.

– Chamo uma ambulância?

– Não! Não, por favor, não. Vai espoletar uma série de coisas com as quais não vou conseguir lidar agora. E estou bem. A sério.

Alix leva o pano ensanguentado, lava-o sob a água da torneira, espreme-o e entrega-o a Josie. Depois enche a chaleira e liga-a.

– O que aconteceu, Josie? – pergunta ela. – Parecia estar tudo bem quando vocês saíram daqui.

– Bem. Sim e não. O Walter estava rabugento, claro, pelo facto de o Nathan não ter aparecido. Acho que pensou que foi uma grande falta de educação, o que foi. Não me dirigiu a palavra durante todo o caminho até casa. E depois bebeu outra cerveja quando chegámos, e as coisas acabaram por escalar. Chamou-me todo o tipo de nomes horríveis. Disse-me que era estúpida. E eu perdi as estribeiras e avancei na direção dele.

– Quer dizer que o atacaste?

– Sim. Bom, não. Tinha essa intenção, e sei que ele pode parecer um idoso, mas ele ainda é muito forte. É encorpado. E consegui dominar-me. Completamente. Só me batia e batia e batia. E depois...

– Depois o quê? – Alix recupera o fôlego.

– Depois a Erin entrou. A Erin entrou e viu o que ele estava a fazer e tentou arrancá-lo de cima de mim, mas ele também lhe bateu.

– Oh, meu Deus! Isso é horrível. Ela está bem?

– Sim. Está bem. Está na casa de uma amiga.

– E onde está o Walter?

– Não sei! Ainda em casa, acho eu. – Lágrimas caem de novo dos olhos de Josie e ela limpa-as com o pano húmido.

Alix respira e depois coloca a mão sobre o ombro de Josie.

– Sabes que devíamos ligar à polícia?

Josie olha para ela.

– Não! – diz ela. – Não. Por favor. Não.

– Mas, Josie, olha o que ele te fez. Ele cometeu um crime horrível. Disseste que não é a primeira vez. Ele magoou a tua filha! Eu...

– Não! Não quero a polícia metida nisto. Nem pensar.

– Mas o que vais fazer? Quer dizer, vais voltar para lá?

– Não volto para lá.

– E a tua mãe? Contaste-lhe?

Josie abre os olhos para Alix e geme; surgem mais lágrimas.

– Não posso contar à minha mãe! Ela vai dizer que a culpa é minha. Vai ficar do lado dele.

– Do lado dele? Quando ele te fez isto? Claro que não vai.

– Tu conhecestes a minha mãe. Viste como ela é. Ela pensa que eu não presto para nada.

– Não, isso...

– É. É verdade. Não posso contar à minha mãe. Não posso contar nada disto.

– Mas tens de contar a alguém. Sem dúvida.

– Estou a contar-te! Por amor de Deus. Estou a contar-te!

– Sim. E fico contente por me contares. Mas...

– Mas o quê?

– Só acho que devias contar a alguém do teu círculo íntimo?

– *Não tenho um círculo íntimo* – chora Josie. – Tenho o Walter, e tenho as miúdas, e tenho o *Fred*, e tenho-te a *ti*.

Alix sente o seu estômago a revirar-se um tanto pela entoação de Josie ao pronunciar a palavra *ti*. Soa muito a posse e é estranho. Não, ela quer dizer-lhe. Não, não me tens a *mim*. Mas coloca o braço em torno dos ombros tremelicantes de Josie e abraça-a em tom reconfortante.

– Deixa-me preparar-te uma chávena de chá – diz ela. – A não ser que prefiras algo mais forte?

Josie vira o rosto para Alix com olhos vidrados e vermelhos e diz:

– Tens *brandy*?

Alix sorri e levanta-se.

– Tenho, claro.

Josie suspira profundamente enquanto Alix vai buscar o *brandy*.

– Alguma notícia de Nathan?

– Não. Parece que decidiu dormir fora.

Josie resmunga suavemente.

– Homens – diz ela de novo. – Homens.

Alix não reage com as palavras que quer proferir. Não diz: «Por favor, não compares o teu marido idoso, apático, pedófilo manipulador com o meu marido, que tem um problema com o álcool, mas lá no fundo é uma pessoa decente.» Em vez disso, coloca de novo a rolha na garrafa de *brandy* e leva o copo a Josie, que pega nele com uma mão tremelicante.

– O que vais fazer? – pergunta Alix, sabendo nesse exato momento que Josie presume que vai ficar hospedada em sua casa, mas esperando, desesperadamente, que ela responda algo diferente.

– Não sei.

– Posso falar com a minha amiga Mari, ela está muito envolvida com uma instituição de caridade relacionada com a violência doméstica. Pode sugerir-nos um lugar seguro para ficares. Posso ligar-lhe, agora mesmo.

– Não. Não a incomodes. Está tudo bem. Eu estou bem. Se não te importares, Alix, sentir-me-ia mais segura se ficasse aqui contigo esta noite?

Alix sente as entranhas a revolverem-se.

– Oh! – diz ela. – Quer dizer, não sei bem, é um pouco...

O olhar de Josie torna-se esbugalhado e ela retrai-se, encolhendo-se levemente ao som das palavras de Alix. Parece estar prestes a chorar e Alix diz:

– Claro. Claro. Vou preparar o quarto de hóspedes para ti. Não há problema.

Ela vê a linguagem corporal de Josie suavizar-se imediatamente, os seus ombros a descaírem. Ouve um suspiro frágil sair da sua boca trémula e depois as palavras:

– Obrigada. Muito obrigada.

10h00

Sou literalmente a pior pessoa do mundo. Posso ir para casa agora e ajoelhar-me aos teus pés, ou posso suicidar-me. Escolhe tu.

Depois da estranheza da noite anterior, Alix está demasiado aliviada ao ter notícias de Nathan para permanecer zangada. Responde rapidamente.

Por favor, não te suicides. Preciso de ti. Temos um problema. Volta depressa!

Ele responde com um GIF de um homem a correr e Alix sorri, apesar de tudo.

Josie está no quarto de hóspedes do andar de cima. Hoje mais cedo, Alix espreitara através de uma pequena fresta na porta e o cão, deitado aos pés da cama, levantara por instantes a sua cabeça e começara a rosar, por isso, ela recuara silenciosamente. Mas isso já tinha sido há duas horas, e ainda nem sinal dela. Alix sobe de novo as escadas pé ante pé e espreita mais uma vez pela fresta da porta. Um fedor invade violentamente o seu nariz, um que ela reconhece demasiado bem dos tempos em que era dona de um cão. No canto do quarto, felizmente sobre o soalho de madeira, está um rasto de pequenos dejetos de cão e uma poça de urina. *Fred* cerra os dentes na direção dela e, desta vez, ela deixa-o ladrar.

O barulho acorda Josie do seu sono profundo e ela senta-se de repente. Alix fica em choque pelo aspeto do rosto dela, que está pior esta manhã do que

ontem à noite, as nódoas negras a transformarem-se em piscinas vívidas de cor mostarda e violeta.

– Oh! – diz ela, piscando os olhos para se habituar à meia-luz. – Oh, céus! Olá.

– Olá – diz Alix. – Como estás?

– Oh, céus! – diz ela de novo. – Desculpa. Apaguei completamente. Que horas são?

– Passa das dez.

– Desculpa. Não fazia ideia. – Ela vira a cabeça para o lado e cheira o ar. Os seus olhos dirigem-se para o monte de dejetos de cão e ela geme. – Oh, não! Peço imensa desculpa. Já passa da hora de ele ir à rua. Pobre menino. Dá-me alguns produtos de limpeza e eu trato disso.

Josie arrasta-se dolorosamente para fora da cama. Tem vestido o pijama da Toast de Alix, que esta lhe emprestara na noite anterior.

– Tudo bem. Eu trato disso. Volta para a cama. Já te trago café.

Josie assente com gratidão e volta a deitar-se sobre a cama.

– Muito obrigada, Alix. Isso seria fantástico.

Alix passa por Leon ao descer as escadas.

– Por que está ela ainda aqui? – sussurra ele.

– Teve um acidente – responde Alix. – A caminho de casa. Vou cuidar dela só hoje.

– Está com um aspeto mesmo assustador – sussurra.

– Viste-a?

Ele anui.

– Espreitei. O cão dela rosnou-me.

– Bom, hoje à noite já cá não estará, por isso vamos ser simpáticos com ela por agora. Sim?

Leon anui de novo.

Alix prepara um *cappuccino* para Josie e leva-o até ao quarto de hóspedes, com um rolo de papel de cozinha e um *spray* desinfetante. Coloca o café na mesa de cabeceira junto à cama de Josie e apanha os dejetos de *Fred* com uma folha de papel, coloca-os na sanita da casa de banho da suíte, depois borrifa e limpa o chão. Abre a janela, dizendo:

– Vamos deixar entrar ar fresco, sim? Posso passear o cão por ti, se quiseres?

– Oh! Sim. De certeza que ele adoraria. O arnês está na transportadora. Ali.

Alix passa-lhe o arnês e Josie coloca-o no cão, encaixando depois a trela. No momento em que ele vê a trela, o seu comportamento muda e ele sai alegremente na companhia de Alix sem sequer olhar para trás para Josie.

Alix leva-o até ao parque. A manhã está cinzenta, mas há previsão de que o

tempo melhore. Ela tenta organizar as ideias enquanto caminha. Recorda o seu encontro com Walter na noite anterior, quando o levava para ver o estúdio. Pensa nas coisas que ele dissera sobre Josie.

Ela não é quem aparenta ser. Nem por sombras... A Josie só gosta de controlar as coisas.

Ele descrevera-a como alguém que quer ser considerado simples, que age como se nada se passasse na sua cabeça, quando, na realidade, demasiadas coisas se passam. Descrevera-a como tendo uma relação elástica com a verdade. E tal como tudo o que Walter dissera na noite anterior, podia ser entendido em mais do que um sentido. Ou estava a tentar dar-lhe uma má imagem para melhorar a sua, ou estava a dizer a verdade. E se estava a dizer a verdade, então, o que queria dizer? O que *estaria* na cabeça de Josie? Coisas boas ou coisas más? Desde o início do projeto, Alix tinha-se sentido atraída pela subtil estranheza de Josie: a ganga, o marido idoso, a forma curta e aluada como falava. Seria fácil depreender que toda aquela estranheza teria origem no facto de ter passado a infância com uma mãe narcisista e a vida adulta com um homem como Walter. Mas e se a estranheza fosse inata? E se a estranheza tivesse sido o que a levava a enveredar por um casamento tão peculiar? *E se, pergunta-se, a Josie for mesmo louca?*

Enquanto pensa nisto, imagina o seu filho, sozinho na casa com uma estranha. Pega no cão, coloca-o na transportadora de ganga e regressa a casa o mais rápido que pode.

10h30

Josie ouve a porta da frente abrir-se e depois fechar. Pensa que deve ser Alix de volta do parque com o cão, e espregueira para o andar de baixo. Mas não é Alix. É ele. O marido estúpido. Está com um ar pior do que ela se sente. O seu cabelo ruivo está aglomerado em nós, tem o casaco do fato caído sobre o ombro e tem óculos de sol apesar de o dia estar cinzento. Ela vê Leon a correr pelo corredor para os braços do pai.

– Cheiras mal – diz Leon.

– Obrigado, companheiro – diz Nathan. E depois o seu olhar vai diretamente para o cimo das escadas, e vê Josie. Ela repara que ele tem um ligeiro abalo, e há uma expressão de horror que lhe toma conta do rosto.

– Oh, meu Deus! – diz ele, colocando a mão sobre o coração. – Desculpa. Assustaste-me. És a Josie, não és?

Josie acena com a cabeça.

– Foi por causa, hum, do pijama. É da Alix, não é? Tive um momento de, hum, dissonância cognitiva. Como estás?

– Bom – diz Josie, fazendo sinal para os ferimentos do rosto. – Não estou grande coisa.

– Meu Deus. Espero que isso não tenha acontecido aqui.

Josie faz uma careta. Ele acha mesmo que isto é coisa com que se brinque?

– Não – diz ela. – Claro que não.

Nathan pestaneja na direção dela e depois vira-se para a sala.

– Tens ideia de onde está a Alix? – pergunta ele.

– Levou o *Fred* ao parque. Deve estar mesmo a chegar.

– O *Fred*?

– O meu cão.

– Oh! – diz ele. – Certo. Bem. Eu, hum, até já.

Depois pendura o seu casaco no cabide ao fundo das escadas e dirige-se à cozinha.

Josie volta para o quarto e veste as roupas que Alix lhe dera nessa manhã: uma *T-shirt* branca e calças azuis largas. Desfaz a trança do cabelo e escova-o com os dedos, observa os pedaços de sangue seco a caírem no chão, puxa-o para trás e prende-o com um elástico num rabo de cavalo. Escova os dentes na casa de banho do quarto, admirando os bonitos azulejos que foram dispostos em formato de espinha de peixe: tão simples e tão eficaz.

Depois de lavar os dentes, examina o seu aspeto ao espelho. Está com péssima aparência. As nódoas negras alastraram e mudaram de cor durante a noite. O seu lábio inferior parece um tomate cortado e o sangue secou e transformou-se numa crosta negra. Ela sorri e a crosta abre um pouco, deixando sair uma pequena gota de sangue. Ela limpa-a com a ponta da língua e depois dirige-se ao andar de baixo.

– Então – diz Nathan, quando ela entra na cozinha. – O que se passou com a tua...? – Ele gesticula, descrevendo a cara dela com as suas mãos.

– Um homem zangado – diz ela.

– A sério? – ele olha para ela por entre as suas pestanas pálidas, os lábios cerrados numa expressão de inquietação.

– Sim. Foi o meu marido.

– Oh, meu Deus! Isso é horrível.

– Sim. É terrível. Só um pouco mais terrível do que um marido que não vem para casa jantar aquilo que a esposa cozinhou para ele e passa a noite toda fora sabe-se lá onde, ainda com a roupa do trabalho.

Josie saboreia a sinfonia de expressões que passam pelo rosto pálido e inebriado de Nathan. Ela observa-o e espera que ele encontre uma resposta.

– Bem, sim – diz ele. – Isso foi muito mau. É...

– É um problema.

A sua sobrancelha esquerda arqueia-se.

– Sim – diz ele secamente. – Mas é um problema meu e da Alix, digo eu.

– Bom, na noite passada não foi. Foi doloroso para nós os três. E olha no que deu.

Nathan parece abismado.

– Desculpa, o quê?

Josie suspira.

– A única forma que encontrei de convencer o meu marido a vir cá ontem foi dizer-lhe que *tu* também estarias, ou seja, outro homem. Porque ele é um machão, o Walter. E ele veio contrariado. E tu não apareceste, então ele sentiu-se ridículo. Foi uma noite péssima e descarregou em mim.

A expressão de Nathan paralisou.

– Bem, sinto muito em ouvir isso – diz ele, corando levemente. – Sinto mesmo muito.

Josie franze os lábios.

– Devias ser um melhor marido.

Nathan pestaneja, olhando para ela.

– Uau – diz ele passado um momento. – Uau.

A porta da frente abre-se de novo, e ambos se viram para ver Alix entrar, com ar um tanto ofegante e ansioso. A sua expressão suaviza-se quando avista Nathan, o que faz com que Josie se sinta inusitadamente furiosa.

– Olá – diz Nathan.

– Olá – diz Alix, tirando o cão da transportadora e passando-o a Josie. – Vejo que tu e a Josie já se encontraram.

– É verdade – Nathan responde asperamente.

Josie vê-o lançar um olhar a Alix, tentando transmitir-lhe alguma mensagem. Repara que Alix faz uma leve careta, tentando desvendar de que mensagem se trata.

– Bom – diz Josie. – Acho que vou descansar mais um pouco na cama, se puder ser, Alix? Ainda me sinto completamente arrasada.

– Sim – diz Alix. – Claro. Posso levar-te alguma coisa? Pequeno-almoço?

– Oh! Não. Obrigada. Não tenho grande apetite.

– Sim. Claro. Bom, manda-me mensagem ou grita se precisares de alguma coisa, sim?

Josie sorri e anui.

Passa rente a Nathan enquanto abandona a cozinha, vê que ele se retrai um pouco, consegue cheirar o tabaco que emana do corpo dele e sente um acesso de fúria. No topo das escadas, para e espera, fica à escuta da conversa que vem da cozinha. Há um longo silêncio, que ela sabe que consiste na troca de olhares entre Alix e Nathan. Depois ouve sussurros abafados e urgentes, sussurros que se tornam mais e mais audíveis, até que consegue distinguir as palavras «Bom, o que querias que fizesse?» de Alix e «Foda-se, é ridículo» de Nathan. E depois ouve Leon a entrar na cozinha e a pedir algo para comer, e a conversa muda e segue.

Volta para o quarto de hóspedes e fecha a porta. Abre a sua mala sobre a

cama e remexe num dos bolsos interiores, até sentir o contorno duro da chave que trouxera do apartamento ontem à noite. Quando os seus dedos a encontram, ela dá por si no meio de uma sequência de *flashbacks*: o peso da carne e dos ossos, os salpicos e respingos de sangue, a luz elétrica que liga e desliga entre mãos abertas, o sabor metálico do sangue, o sabor salgado de mãos suadas, o som abafado de choro. Vê-se a ela própria de cima, como se fosse um espírito, o seu cão cheirando-lhe a cabeça, e depois ouve o silêncio que se segue, quebrado apenas pelo assobiar do abrir de portas de um autocarro na paragem junto à janela, os gemidos do cão, o ruído do autocarro a partir.

Ela pega na chave e esconde-a sob o colchão.

Sábado, 14 de julho

– Já falaste com a Erin? – pergunta Alix a Josie na cozinha, na manhã seguinte.

Josie assente.

– Acabei de lhe enviar mensagem. Está ótima.

– E, se é que posso perguntar, com o Walter? Já falaste sequer com ele?

– Não. Não. Não falei. E não pretendo falar.

– Então, como é que vais resolver isto?

Alix sente algum embargo no seu tom de voz quando profere esta última pergunta. Josie só cá está há um dia, mas Nathan odeia-a, os miúdos estão perturbados pela visão do rosto dela e a gata não está feliz por haver um cão na casa que não para de lhe rosnar.

– Não sei mesmo, Alix. Sinto que tenho muita coisa para processar.

– Talvez a tua mãe possa...

– Não! – Josie interrompe mesmo antes de Alix chegar a meio da frase. – Não vou envolver a minha mãe nisto. Não. Vou resolver isto sozinha.

– Sim, mas Josie, tens de resolver isto com o Walter. Não percebes? Vais ter de o ver.

Alix vê uma sombra negra tomar conta do rosto de Josie ao mesmo tempo que a sua cabeça abana em sinal negativo.

– Ainda não. Ainda não estou preparada para falar com ele.

– Queres que eu fale com ele?

– Não. Deus. Definitivamente não. Só quero... Só preciso... Alix, preciso de ficar aqui. Só por uns dias. Pode ser?

Alix sente as suas entranhas revirarem-se.

– Eu... Bem, sim. Claro. Por uns dias. Mas a minha irmã vem cá ficar na próxima semana. Lamento, mas quando ela chegar vou precisar de desimpedir o quarto de hóspedes.

– Oh! – Josie pestaneja. – Certo. Quando é que ela chega?

– No sábado.

– Oh! Estou a ver. OK. Bom, até lá eu saio. Prometo.

Alix engole o sabor amargo da percepção do que ela acabara de permitir que acontecesse. *A Josie pensa que pode cá ficar durante toda a semana.* Sorri.

– Obrigada. E desculpa.

– Não tens nada de pedir desculpa, Alix. A sério. És fantástica.

Alix espera um pouco antes de lhe colocar a próxima pergunta.

– Ouve, Josie. Conheço pessoas que te podem ajudar – mulheres que te podem ajudar. A minha amiga Mari Le Jeune, de quem te falei. Entrevistei-a para o meu *podcast*. É a cofundadora de uma instituição de caridade que lida com o abuso doméstico, a maior do país. Ela vai poder ajudar. Posso colocar-te em contacto com ela, se quiseres, se não te sentires segura.

Ela sustém a respiração enquanto espera pela reação de Josie, mas ela acena meramente com a cabeça e diz:

– OK. Obrigada. Mas sinto-me segura. Juro.

– Oh! – diz Alix. – Ótimo.

– O que vais fazer hoje, Alix? – pergunta Josie.

– Oh! Nada de mais. O Nathan vai trabalhar hoje por isso ia almoçar fora com os miúdos.

– Eu... Deixa lá, então.

– Não. Diz.

– Estava a pensar, já que aqui estou, talvez pudéssemos trabalhar um pouco no *podcast*. Sinto mesmo que gostava de falar sobre as meninas.

Alix acena com a cabeça, contendo a resposta.

– Claro – diz ela –, sim. Deixa-me só dizer aos miúdos onde vamos estar e podemos começar.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

Uma mulher está sentada num café junto a uma grande janela embaciada.

Por detrás dela, desfocado, um homem limpa com um pano de cozinha branco uma grande máquina de café cromada.

A mulher sorri, incerta, para o entrevistador e pigarreja.

Na legenda, pode ler-se:

Mandy Redwood, administradora escolar,

Escola Primária Parkside, 1998-presente

– Os filhos da Alix Summer andaram ambos em Parkside. Eram miúdos amorosos. Algumas famílias alegram logo as escolas como a nossa, sabe, e os

Summers eram uma dessas famílias. E por isso fiquei surpresa quando a Alix veio falar comigo naquele dia, em 2019, a perguntar sobre os Fairs. Não conseguia imaginar duas famílias mais díspares, duas mães mais díspares. Claro, na altura não fazia ideia de que a Alix estava a fazer um *podcast* sobre os Fairs. Por isso, contei-lhe o que me lembrava. Mas só depois de tudo ter acontecido, mais tarde, é que fui rever os registos e me lembrei de outras coisas. Como daquele dia em que a Roxy partiu o dedo de uma criança no cantinho de leitura quando estavam no acolhimento. Pisou-o. Ficou só imóvel, a esmagá-lo debaixo da sola do sapato. E a criança aos gritos.

Mandy estremece e sorri amargamente.

– Claro que depois disso tivemos de chamar os pais e eles ficaram simplesmente...

Mandy olha para o tampo da mesa enquanto tenta encontrar a palavra certa.

– Apáticos. Completamente apáticos. Foi a coisa mais estranha. Eu atribuí-o ao choque, na altura, mas agora... agora sei o que se passava realmente naquela casa. Bem, tudo faz mais sentido.

Estremece de novo.

Depois abana a cabeça levemente e suspira.

O ecrã escurece e altera-se para o vídeo de um estúdio de gravação vazio.

A câmara move-se pela sala.

Na legenda pode ler-se:

Gravação do *podcast* de Alix Summer, 14 de julho de 2019

Alix:

– O que fez o Walter, quando lhe contaste sobre a criança com o dedo partido?

Josie:

– Bem, não lhe contei. Ele saía para trabalhar bem cedo naquela época, na maior parte dos dias às sete da manhã já tinha saído de casa, e não voltava antes das cinco ou seis da tarde; os dias de escola eram um completo mistério para ele. Acho que pôs os pés na escola umas cinco vezes durante todos os anos que as miúdas lá estiveram. Por isso, simplesmente não lhe disse nada.

– E a Roxy não lhe contou?

– Não. A Roxy não lhe contou. Era por causa... bem, do temperamento dele. Sabes? Tínhamos todas um pouco de medo dele.

– Ele era violento? Com as meninas?

– Naquela altura, não. Mas era ríspido. Muito bruto. Sobretudo com a Roxy. Mas não violento. Isso veio depois.

Josie suspira audivelmente.

– Não tenho sido uma boa mãe. Não tenho sido uma boa mãe.

– O que queres dizer com isso?

– Só que...

Suspira de novo.

– Deixei que coisas más acontecessem. Não as impedi. Deixei que acontecessem.

*

14h00

O telemóvel de Alix vibra pela terceira vez seguida. Ela coloca o dedo no ar e prime o botão da pausa na gravação, retira os auscultadores e diz:

– Desculpa, Josie. Tenho de atender. É a Eliza. Oi, querida.

– Mãe. Podes voltar para dentro de casa agora? O Leon está a ser muito chato e eu tenho fome.

Alix verifica as horas. São quase duas da tarde.

– Sim. Desculpa. Sim, vou agora.

Lança a Josie um olhar apologetico.

– Peço desculpa. Mas já os deixei sozinhos demasiado tempo.

Josie assente.

– Sim – diz ela. – Claro. Desculpa. Estou a ser egoísta. É só porque guardei isto cá dentro durante tanto tempo e tenho medo que se não desabafar tudo de uma só vez, tudo volte a ficar bloqueado.

Alix sorri.

– Não vamos deixar que isso aconteça, Josie. *OK?* Vamos fazer uma pausa por hoje e amanhã teremos o dia inteiro. Presumo que amanhã não vás trabalhar.

Josie acena em sinal afirmativo.

– O dia todo amanhã, então. *OK?*

– Sim – diz Josie. – *OK.*

Segunda-feira, 15 de julho

Josie acorda com o ruído da família de Alix a preparar-se para ir para a escola. Por alguns segundos, o som é reconfortante, como o eco de um dia feliz na praia ou um Natal da infância. Por alguns segundos, ela regressa aos dias em que era uma mãe jovem, quando as suas bebés eram amorosas e o seu marido era bonito e forte. Ocorre-lhe que talvez esse nunca tivesse sido o caso, que agora olha para o passado através de uma lente desfocada. Mas tinha sido melhor ao início – só pode ter sido melhor. Doutra forma, qual teria sido o propósito de tudo aquilo?

Sai da cama e veste o roupão de linho que Alix lhe deixara. Pega no cão, calça os chinelos de quarto e desce as escadas.

– Bom dia – diz ela, quando entra na cozinha.

Ela vê as crianças virarem-se e dirigirem-lhe um olhar irritado. A visão dos miúdos em fardas de Parkside é desconcertante e ela devolve-lhes o mesmo olhar. O cão rosna quando vê a gata sentada sobre a bancada da cozinha.

– Bom dia, Josie! – diz Alix, que tem vestida uma túnica branca bordada e calças de ioga e o cabelo puxado para trás com uma fita de tecido. Está descalça, a cortar uma banana em rodela diretamente sobre um *bagel* tostado, parecendo uma das suas publicações do Instagram a ganhar vida. – Entra. Posso preparar-te alguma coisa para comeres?

Josie abana a cabeça.

– Não. Obrigada. Vou beber só um café. Posso usar a tua máquina?

– Oh! Não te preocupes. O Nathan trata disso. Nathan!

Nathan aparece da varanda com uma taça de cereais vazia e uma caneca.

– Podes fazer um *cappuccino* para a Josie?

Josie vê um rasgo de antipatia na sua expressão, mascarado por um sorriso amargo.

– Claro – diz ele. – Com açúcar?

Josie anui.

– Uma colher, por favor. Obrigada.

Josie senta-se numa das cadeiras singulares da mesa, à frente de Leon, que

a fita com ar suspeito.

– As minhas filhas andaram na tua escola – diz ela. – Quando eram pequenas. Mas agora são crescidas.

– Onde estão elas agora?

– Oh! – diz ela. – A Erin está na casa de uma amiga e a Roxy anda a viajar pelo mundo.

– Então são adultas?

– Sim. São adultas. – Josie sente a sua voz vacilar perigosamente naquela última sílaba e pigarreia. – Ouvi dizer que a Mandy ainda trabalha na secretaria?

Leon acena com a cabeça, com ar sisudo. Josie deixa-se ficar a observar as mãos dele, ainda repletas do que quer que seja que vive sob a pele das crianças pequenas. Tem uma crosta no nó do dedo polegar e ela lembra-se das crostas. Lembra-se das verrugas e dos piolhos e das unhas encravadas e dos dentes de leite presos por um fio e todos os outros pequenos perfeitos defeitos das crianças. Resiste à tentação de tocar na crosta, de lhe dar um beijinho mágico, de dizer: «Oh, não! Tens um dodói.» Sente a perda das suas filhas tão visceral e profundamente que podia gritar de agonia.

Consegue esboçar um sorriso, e diz:

– A Mandy estava lá quando as minhas filhas estudavam na tua escola.

Leon passa as mãos para a frente e para trás pelo contorno da mesa, depois olha para Josie e diz:

– Como é que tens a mesma idade da minha mãe, mas as tuas filhas já são adultas e nós somos tão pequenos?

– Bom. É uma questão de matemática, não é?

Leon observa-a com ar inquisitivo.

– Então. Se eu tenho quarenta e cinco anos e a minha filha mais velha tem vinte e três, que idade tinha eu quando ela nasceu?

Leon faz uma careta e diz:

– Isso é quarenta e cinco menos vinte e três?

– Sim! Sim, é exatamente isso. Menino esperto!

– Então isso dá... – Começa a esticar os dedos, um a um, colocando-os sobre o tampo da mesa, como uma flor que vai desabrochando, enquanto conta. – Vinte e dois?

– Oh, meu Deus! E que idade tens?

– Tenho seis anos.

– Seis! E consegues fazer contas tão complicadas! É extraordinário. Sim. Quarenta e cinco menos vinte e três são vinte e dois. E era essa a minha idade quando tive a minha primeira filha. E quanto é quarenta e cinco menos seis?

– Isso é fácil. São trinta e nove.

– Sim! Então a tua mãe tinha trinta e nove anos quando tu nasceste. E é

por isso que as minhas filhas são adultas, e tu ainda só tens seis anos. Porque todos nós fazemos coisas em alturas diferentes da vida.

Josie vira-se e olha para Alix. Alix está a sorrir.

– É muito bom a matemática, o teu menino.

– Sim – diz Alix. – Sim. É verdade. O Leon é bom em tudo, não és, meu amor? Menos a estar pronto para sair quando são horas de ir para a escola. Vá, vamos lá. Vamos calçar os sapatos, sim?

*

Em pouco tempo a casa fica vazia. Nathan foi trabalhar e Alix foi levar os filhos até à escola e estará fora durante pelo menos meia hora. Josie está sozinha. Atravessa a cozinha e olha para os desenhos no quadro especial que foi instalado para as crianças. Procura, em especial, alguns sinais de stresse ou perturbações, recordando os desenhos inquietantes que Erin e Roxy costumavam fazer, os olhares preocupados dos professores nas reuniões de pais enquanto lhes entregavam pedaços de papel com desenhos que evidenciavam «sinais de stresse emocional». Mas aqui só há sóis amarelos e flores laranja e mamãs felizes e papás a sorrir. Estes são os desenhos de crianças saudáveis que vivem num lar feliz. Ela retira o piónés e pega num pequeno pedaço de papel com um esboço; é uma menina, desenhada com grande detalhe, com um laço gigante na cabeça e um pequeno cão pela trela que se parece um pouco com *Fred*. Por baixo está a palavra «*Teeny*».

Josie não sabe quem é suposto serem a menina e o cão, mas a imagem é tão pura e perfeita que ela sabe que precisa de a ter. Enfia-a no bolso do roupão de linho e reorganiza os outros desenhos em volta para cobrir o espaço livre.

Depois repara num calendário. Está impresso com fotos de família. Os seus olhos reparam no sábado seguinte. Lá está: «Zoe e Petal.» Zoe é o nome da irmã de Alix. Sente uma calma reconfortante. Alix não lhe tinha mentido. A irmã dela vem mesmo para ficar no sábado. Ela sorri levemente e passa os seus dedos pela inscrição do calendário.

Abre o frigorífico e examina o conteúdo. Fica surpreendida ao ver palitos de queijo e mini-*snacks* de salsicha, nada surpreendida por ver algo chamado *skyr* num recipiente e *baba ghanoush* noutro.

Acha melhor estar de duche tomado e vestida quando Alix regressar da ida à escola, por isso sobe até ao andar de cima. Neste andar há três quartos. Um para Alix e Nathan. Um quarto para Leon. E nas traseiras, com vista para o jardim, um pequeno escritório. Josie vai até à porta e espreita para o interior. Uma secretária à janela, estantes de livros e mais ao fundo, encostado à parede, o que parece ser um sofá-cama. Ela levanta o assento almofadado e vê o mecanismo de metal, depois deixa-o pousar de novo. Muito bem. Há outro

quarto de hóspedes na casa. Ela não tem de se ir embora no sábado. Sorri e sobe mais um lance de escadas até ao seu quarto no andar superior, ao lado do quarto de Eliza.

Não está pronta para partir. Nem por sombras.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia! UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra três jovens sentados em bancos altos num bar mal iluminado. Duas jovens raparigas e um rapaz.

Têm vestidas calças de ganga e T-shirts; todos têm tatuagens e um deles tem um gorro na cabeça.

Na legenda pode ler-se:

Ari, Juno e Dan: assinantes da plataforma de jogos Glitch

O rapaz fala primeiro. Tem um sotaque americano:

– Então, ya, acho que nessa noite estávamos todos só a descontrair. Convidámos uns amigos nossos, bebemos umas cervejas; estava uma noite quente de julho. As janelas estavam todas abertas. Por isso, não estávamos a prestar a atenção que normalmente prestávamos. Não estávamos, sabe, tipo *absortos*.

O entrevistador, fora do plano da câmara, questiona:

– Então era habitual estarem *absortos*?

– Ya. Acho que sim. Quer dizer – ela era fantástica. Só a conhecíamos pelo nome de jogadora. Erased¹.

O entrevistador, fora do plano da câmara, pergunta:

– O seu nome de jogadora era Erased?

– Ya. Agora vejo que era um trocadilho, tipo, uma combinação do nome real com uma observação sobre a sua vida real. Mas nós não sabíamos nada sobre a sua vida real. Para nós, era simplesmente Erased. Ela jogava com, tipo, um fundo de ecrã verde – por isso, não conseguíamos ver o quarto dela; parecia que estava num armazém vazio. Falava muito baixinho. Sussurrava, literalmente. Isso é raro neste mundo. Mas era parte do que a tornava fixe. Por isso, foi o barulho que nos deu a entender que algo de estranho se passava.

– Do vosso computador?

– Ya. Vimo-la a sair da cadeira e ela nunca fazia isso. Nunca se mexia. E desapareceu e tudo ficou um bocado desfocado, por causa do ecrã verde. Sabe como fica estranho quando há movimento? Gritos. Pancadas. E depois

silêncio. Literalmente, nada. A cadeira ficou ali, vazia. Ficámos a observar, à espera, à espera, e ela não voltou. Começámos todos a enviar mensagens uns aos outros. Tipo, no mundo inteiro. Mas ninguém sabia onde ela vivia. Ninguém sabia o nome dela. Ninguém sabia nada sobre ela.

Fala a rapariga do gorro.

– Tínhamos a gravação das imagens. Liguei à polícia. Eles ficaram, tipo, o que querem que façamos? Ela está do outro lado do mundo. Enviámos o vídeo à Glitch. Eles não tinham o endereço dela. Só o IP e o *e-mail*. Disseram-nos que ela estava, tipo, no norte de Londres? Então começámos a enviar mensagens a todas as pessoas que conhecíamos no norte de Londres. Ficámos obcecados com isto. Tornou-se viral. Na comunidade. Não se falava noutra coisa. E, de repente, quando estávamos prestes a descobrir quem ela era e onde morava, a história veio a público. E depois, cum caraças, ficámos doidos. Ficámos literalmente *doidos*.

*

9h30

Josie está pronta e vestida, sentada à mesa da cozinha, quando Alix regressa depois de deixar os filhos na escola. O cão está no jardim, a farejar por entre os canteiros de flores. Alix vê que Josie tentou disfarçar os ferimentos da cara com maquilhagem e por breves instantes pergunta-se onde a terá encontrado. Tinha chegado aqui no sábado à noite apenas com uma mala pequena e com o cão.

– Estás com melhor aspeto – diz ela, fazendo sinal para o seu rosto.

– Sim. Estava farta de ver aquele espetáculo horroroso no espelho. Encontrei um tubo de qualquer coisa no armário da casa de banho. Espero que não te importes?

Alix abana a cabeça despreocupadamente. Tem 99 por cento de certeza de que não havia base ou maquilhagem no armário da casa de banho da suíte de hóspedes, mas talvez algum convidado lá tenha deixado algo sem que ela tenha reparado.

– Tenho só umas quantas coisas para fazer em casa primeiro, e depois podemos começar. Pode ser?

– Claro – diz Josie. – Não me importo de esperar aqui, na tua linda cozinha.

Alix atira-lhe o sorriso mais afável que consegue e depois sobe até aos quartos. Tira os lençóis sujos da cama de Leon e coloca-os num monte. Depois faz a cama com lençóis lavados e esvazia o cesto de papéis para dentro de um saco preto. Faz o mesmo no seu quarto e na casa de banho. Enquanto vai realizando as tarefas, é assolada por uma certa preocupação. Tenta afastá-la da

sua mente, mas não consegue. Tudo parece estar errado; tudo parece fora dos eixos. Ouve o cão a ladrar no jardim e espreita para o ver a olhar com ar ansioso para um esquilo no cimo de uma árvore. Imagina Josie sentada à mesa da cozinha, a estranha tranquilidade, o sorriso plácido. Não parece alguém que fora atacada pelo marido no sábado à noite, que escapara de madrugada e desde então não regressara a casa. Não parece alguém que está no centro do turbilhão de um terrível trauma. Parece... feliz?

Traz a roupa suja e o grande saco do lixo até ao andar de baixo e ali está ela, tal como a deixara.

– Só mais dois minutos – grita ela para Josie antes de levar a roupa suja até à despensa.

– Não há pressa!

E lá está. Aquele estranho e enervante tom animado.

Pouco depois estão no estúdio, cada uma com um café à sua frente e de auscultadores postos. São quase dez horas e Alix prime o botão de gravação.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra uma reconstituição do momento em que uma menina está sentada num banco junto à cozinha de plano aberto no apartamento de Josie.

Está a rir-se à gargalhada depois de ouvir algo que outra menina, uma atriz que interpreta o papel de filha de Josie, Roxy, acabara de dizer.

Uma atriz que interpreta Josie está sentada no sofá, a folhear uma revista e a sorrir tranquilamente.

Na legenda pode ler-se:

Gravação de Josie Fair no podcast de Alix Summer,

14 de julho de 2019

– Tenho de te contar sobre a Brooke.

– A Brooke?

– Sim. Era uma amiga da Roxy. Da escola. A Roxy nunca tinha tido uma amiga antes da Brooke. Mas, no início do décimo ano, ela apareceu e tornaram-se imediatamente inseparáveis.

O ecrã mostra as duas raparigas sentadas numa cama, de pernas cruzadas, a brincar com telemóveis e a rir juntas.

– A Brooke era combativa, como a Roxy, e dizia muitos palavrões. Destemida também. Não tinha medo de nada nem ninguém. Mas eu gostava

dela porque era uma boa influência para a Roxy. Fez com que a Roxy começasse a estudar nesse ano. Convenceu-a de que os exames para obter o diploma de conclusão do ensino secundário eram úteis, e era divertida. Nós não éramos uma família divertida. Não nesse sentido. Mas a Brooke era divertida e tornou-nos a nós também, tornou-se quase parte da nossa família. Vivia num apartamento minúsculo com dois meios-irmãos, não se dava bem com o padrasto, tinha imensos problemas em casa, por isso acho que via a nossa como uma espécie de refúgio? Agora que olho para trás, foram bons tempos. Depois, estávamos a chegar ao fim do décimo primeiro ano, os exames estavam para breve e a Brooke passava muito tempo na nossa casa a fazer revisões com a Roxy.

O ecrã mostra as duas raparigas sentadas no chão, debruçadas sobre livros de exercícios.

– Porém, de repente, um dia, antes de os exames começarem, acabou tudo. A Roxy chegou a casa nesse dia, depois da escola, e disse que tinham tido uma discussão feia. Que tinha esmurrado a Brooke. Que lhe rebentara o lábio. Recebemos uma chamada da escola, a pedir que lá fôssemos. Mas depois a Roxy desapareceu. Mesmo a meio dos exames. Simplesmente desapareceu, durante três dias inteiros. Finalmente reaparece, suja, em estado de choque, disse que tinha dormido na rua, que tinha sido levada para um hostel, que não dormia há três noites. Preparei-lhe um banho; ela esteve na banheira por mais de uma hora.

O ecrã mostra a atriz que interpreta Roxy deitada numa banheira numa casa de banho escurecida.

– Depois ela saiu e contou-me o que tinha acontecido. Contou-me sobre a Brooke... e sobre o Walter.

Há um silêncio prolongado.

O ecrã mostra Roxy a desaparecer sob a água da banheira, o cabelo flutuando em torno do seu rosto.

– O Walter?

– Ele tinha andado a seduzi-la. O tempo todo. Tal como fizera comigo. Todas aquelas vezes que ela lá estava, quando parecia que fazia parte da família, tinha sido mais do que isso. E depois, tal como fizera comigo, ele comprou-lhe um colar, levou-a ao *pub*, deitou-lhe um *shot* de vodka na limonada e depois, quando ela fez dezasseis anos, dormiu com ela.

O ecrã escurece e lentamente mostra a imagem de uma jovem menina sentada numa cadeira na penumbra de um estúdio.

A voz de Josie continua no plano de fundo:

– Enquanto eu estava a trabalhar e a Roxy estava na escola a fazer um exame, ele convidou-a para a nossa casa e dormiu com ela na minha cama. *Na minha cama.*

– Como é que a Roxy descobriu?

– A Erin contou-lhe. Eles pensaram que a Erin não iria perceber por causa da forma como se concentra nos videojogos e assim. Mas ela percebeu. Ela ouviu-os e viu através de uma fresta da porta do seu quarto a Brooke a sair, e depois contou à Roxy quando ela voltou do exame. No dia seguinte, a Roxy foi à escola e espancou a Brooke. Espancou-a mesmo.

O ecrã alterna entre a reconstituição da luta entre as duas raparigas num recinto escolar e da rapariga sentada num banco na penumbra.

– Pouco depois de a Roxy ter voltado do centro para pessoas sem-abrigo, deixou-nos de vez. Nunca mais a vimos.

Há uma luz tênue sobre o rosto da rapariga sentada no banco, iluminando uma pequena parte da sua cara.

Surgem os créditos finais.

*

11h00

Josie olha para Alix. Ela parece estupefacta. Horrorizada.

– Eu sei – diz Josie. – Desculpa, é nojento. Mas é o que é. Aqui tens a verdade sobre o homem com quem me casei.

– Confrontaste-o?

– Não – diz ela. – Não. Não naquele momento. Fiz de conta que não sabia.

E ali está, de novo, sobre a suave superfície da pele do rosto de Alix, aquele tremor, aquele incómodo.

Josie consegue ouvir Alix a engolir em seco. Vai entrar a matar.

– Naquela noite – diz ela –, na sexta-feira. Quando chegámos a casa, depois de jantarmos aqui convosco. Essa foi a primeira vez. A primeira vez que confrontei o Walter sobre o que aconteceu com a Brooke.

– E foi por isso...? – Alix gesticula para os ferimentos do rosto de Josie.

Josie acena com a cabeça.

– Sim. Foi por isso. Exatamente.

*

Param para almoçar. Alix tosta um pão grande para ambas e serve-o com húmus e *baba ghanoush*.

Olha para Josie, do outro lado da mesa da cozinha, e diz:

– Tens notícias do Walter?

– Nada. Não.

– Ele normalmente entrava em contacto depois de um episódio destes?

– Nunca o tinha abandonado antes.

– Então, era habitual ficares e deixares passar?

– Mm-hmm. Sim.

– Então, o que foi diferente desta vez?

– Tudo, acho eu. Desde que fiz quarenta e cinco anos, mesmo antes de começarmos a gravar este *podcast*, tenho-me sentido diferente acerca de tudo. Quer dizer, foi por isso que fui àquele *pub* naquela noite. Normalmente nunca vamos comer fora. Pelo menos, não a sítios daqueles. E depois conheci-te e...

Alix olha fixamente para Josie, não querendo denunciar nenhuma das suas inquietações interiores através de um espasmo ou pestanejo.

– Pareceu-me que estava escrito, pareceu destino. Foi um ponto de viragem para mim, o momento em que pude recuperar o controlo da minha história, livrar-me do fardo, partilhar a minha verdade, mudar. E, por isso, na sexta-feira à noite, no momento em que ele me levantou a mão, eu já sabia que seria diferente. Já sabia que ia sair e que não voltaria.

Alix engole em seco.

– Quando foi a primeira vez que ele te bateu?

– Oh! Tu sabes. Quer dizer, seria difícil precisar. Foi uma coisa que aconteceu lentamente. Sabes como é. Um empurrãozinho aqui e ali. Começou na mesma altura em que ele começou a ser bruto com as miúdas. De certa forma, preferia. Preferia que ele implicasse comigo do que com elas. É chocante, se pensares bem. Um homem assim. Um homem encorpado. A tocar em meninas, mulheres, a magoá-las. Nem sequer se percebe. Como aquelas pessoas que magoam animais. – O seu olhar recai sobre *Fred*, que está sentado aos seus pés e a fita com devoção. Ela parte um pouco de pão, molha-o no *baba ghanoush* e dá-lho à boca. Ele mastiga-o com entusiasmo.

– Alguma vez magoou o *Fred*?

– Não. Ainda não. Provavelmente é uma questão de tempo, creio eu. – Ela passa outro pedaço de pão com molho ao cão, e depois olha para Alix.

– E tu? – pergunta ela. – O Nathan alguma vez te magoou?

– Oh, céus! Não. – E quando o diz Alix percebe como soa. Soa snobe e superior, como se a sua vida pertencesse a um plano diferente da de Josie, como se só uma mulher como Josie pudesse ter um marido agressor, como se só pessoas que fossem criadas em bairros e casadas com eletricitas pudessem ser submetidas a violência doméstica, quando, na realidade, nada estava mais longe da verdade. – Não – diz ela de novo, diminuindo o tom incrédulo. – Nunca.

– E aos miúdos?

– Não. Nunca nenhum de nós bateu nos miúdos.

Josie empurra o seu prato para longe e olha diretamente para Alix.

– Mas, claramente, tens outros problemas. O da bebida.

– Sim – diz Alix. – Tenho. Embora tenha esperanças de que depois da noite de sexta-feira isso tenha terminado.

– Bem, veremos, não é?

E há uma entoação na sua voz que faz parecer a Alix que Josie deseja profundamente que Nathan torne a transgredir, que cometa outro pecado capital, que estrague tudo de alguma maneira. Que deseja profundamente que Nathan seja tão mau quanto Walter.

¹ *Erased*: Apagada. (N. da T.)

Terça-feira, 16 de julho

– Quando é que ela se vai embora? – Nathan sussurra em tom irritado a Alix na manhã seguinte.

Estão de pé lado a lado na casa de banho da sua suíte, à frente dos respetivos lavatórios. Nathan está a abotoar a sua camisa de trabalho. Alix está a aplicar o seu creme de rosto.

– Foda-se. Não sei. Já lhe disse que a Zoe vem cá passar uns dias no sábado, por isso ela sabe que pelo menos até sábado tem de sair.

– Espera. Espera. A Zoe vem para cá? Eu sabia disso?

Alix suspira e revira os olhos.

– Sim, Nathan. Sabias disso. Está no calendário há um mês. Já falámos sobre isso. A Zoe e a Petal vêm cá dormir. E a Maxine e os rapazes vêm também e vamos comer piza e beber margaritas.

– Então, tipo uma noite de mulheres? Sem homens?

Ela suspira de novo.

– Não, não tens de cá estar. Mas, Nathan, por favor, volta para casa a horas decentes. Não posso ter as minhas irmãs a julgarem-me também. Já é mau o suficiente ter *esta* – ela aponta para o teto, indicando o quarto de Josie no andar superior –, a julgar-te. Por favor, tem só uma noite normal e volta para casa, volta para a nossa cama e vê se cá estás quando as minhas irmãs acordarem domingo de manhã.

Nathan faz uma careta na direção do reflexo dela ao espelho. É a sua careta mais amorosa. Não consegue ficar zangada com ele.

– Ótimo – diz ela, sorrindo levemente. – Ótimo.

– Mas não prometo nada se aquela mulher ainda cá estiver no sábado à noite.

– Não estará – responde Alix. – Prometo-te. Já não estará.

*

Josie tem nos braços um monte de roupa de cama quando entra na cozinha

às oito e meia.

– Alix – diz ela. – Peço imensa desculpa. O *Fred* teve um acidente durante a noite. Bom, vários acidentes. Acho que deve ter sido aquela coisa que comemos ontem. Aquela coisa castanha. O *baba*...?

– *Ghanoush*?

– Sim. Acho que não lhe caiu bem. Peço desculpa, mas o chão também está sujo. Deixa-me só tratar disso. Diz-me apenas onde estão os produtos de limpeza e eu faço tudo.

Enquanto ela fala, Alix observa com horror enquanto *Fred* deixa um rasto de diarreia pelo chão de cozinha.

– Oh! – diz ela, tirando dos braços de Josie o monte de roupa de cama. – Oh, céus! Ouve. Leva-o para o jardim. Eu limpo isto.

– Peço desculpa, Alix. Sinceramente. Ele nunca tinha feito isto.

– Não. Não. Claro. Por favor, não te preocupes.

Josie lança-lhe um olhar apologetico, pega no cão e dirige-se para o jardim, onde ele imediatamente se agacha e verte mais líquido de dentro de si. Nathan, que está a beber o seu café no terraço, olha primeiro para o cão, depois para Josie e depois para Alix, através das janelas de dobragem deslizante, esboçando uma expressão de horror. Alix encolhe os ombros e retira os produtos de limpeza de debaixo do lava-louças. Ela pensa em sábado. Pensa em despedir-se de Josie, na chegada das suas irmãs, em abrir garrafas de tequila e espremer limas, nas perguntas em voz alta sobre a preferência de piza da parte de quem estiver a usar a aplicação Deliveroo, nas crianças a correr de divisão em divisão, e deseja tudo aquilo com tanta força que quase consegue senti-lo. Mas, por agora, tem merda líquida de pomchi para limpar e lençóis sujos para lavar e, claro, uma cama para fazer de lavado. Quase sente o vômito quando apanha os dejetos de *Fred* com papel de cozinha superabsorvente, limpa com *spray* antibacteriano e depois atira tudo para o caixote do lixo.

– Meninos – diz ela, entre dentes. – Vamos lá despachar. Vamos chegar atrasados.

Abandona a casa cinco minutos depois, de narinas ainda incandescentes pelo cheiro da merda de cão.

*

Harry, o filho da vizinha do lado, está mesmo a dirigir-se para casa quando Alix chega, meia hora depois.

– Olá! – diz ela.

Ele vira-se na direção da voz dela e olha-a com ar simpático.

– Olá – diz ele.

– Como estás?

– Oh! Sim. Estou bem, obrigada. E tu?

– Sim. Também estou bem. – Ela olha para a sua porta da frente, depois aproxima-se de Harry à entrada do caminho para o seu jardim. – Em relação à Roxy Fair – começa em voz baixa. – Lembras-te de uma amiga dela chamada Brooke?

– Hum, sim. Lembro-me dela. Era um pouco...

Alix observa o rosto dele enquanto procura com dificuldade a palavra adequada.

– Um pouco... leviana? – diz ele eventualmente.

Alix lança-lhe um olhar reprovador.

– E essa opinião baseia-se em?

– Sim. Desculpa. Não quis dizer nada. Ela era só muito imatura para a idade que tinha. Muito exagerada na companhia dos rapazes. Não faço ideia se andava a dormir com todos, mas era a impressão que dava.

– E o que lhe aconteceu? Depois de todos terem terminado os estudos naquela escola? Tens alguma ideia?

Ele deixa escapar o ar das bochechas e diz:

– Ela desapareceu, se bem me lembro. Fugiu, talvez? Não me lembro bem. Mas sei que houve algum tipo de zanga entre a Roxy e a Brooke, mais para o final?

– Oh! Certo. E baseou-se no quê?

– Não sei. Mas durante uns tempos foi tóxico. Mesmo tóxico. Houve uma luta. Tipo, luta de mulheres. Uma delas ficou com o lábio a sangrar. Não me lembro de qual.

– E a Brooke. Lembras-te do apelido dela?

– Sim, lembro-me. Era Ripley.

– E Brooke escreve-se...?

– B-R-O-O-K-E. Acho eu.

– Fantástico! – Alix esboça um sorriso. – Ótimo. Obrigada. Manda cumprimentos à tua mãe e ao teu pai, sim?

*

Não há sinal de Josie quando Alix entra em casa. A cozinha ainda cheira vagamente a desinfetante e a merda, e ela abre as portas deslizantes para deixar entrar ar fresco. Depois faz um café para si própria, abre o computador portátil e escreve no Google «Brooke Ripley».

Há muitas, a maioria demasiado velhas para ser a Brooke de Roxy. Abre o Instagram e procura-a. Há cinco. Nenhuma delas lhe parece ser a certa, mas ela clica em cada uma à vez. Moram em sítios onde alguém que tivesse crescido em Kilburn não moraria, pelo menos não aos vinte e um anos.

Nenhuma delas parece ser quem ela procura. Depois vai ao Facebook e procura aí. Clica primeiro em *Pessoas*, mas mais uma vez surge uma lista improvável de candidatas, antes de clicar em *Publicações*. E ali – o seu coração para, e depois dispara – está o nome dela, *Brooke Ripley*, destacado, numa sequência de publicações sobre uma rapariga desaparecida.

Alix clica na primeira. Lê as primeiras palavras: «Por favor, ajuda! Alguém de Kilburn/Paddington/Queen's Park/Cricklewood. A minha linda sobrinha, Brooke...»

E depois dá um salto.

Josie está de pé na frente dela com *Fred* ao colo.

– Oh! – diz Alix. – Assustaste-me!

– Já limpei o chão lá de cima – diz ela. – E abri a janela para deixar entrar ar. Se me deres lençóis lavados, trato já de fazer a cama.

– Ótimo. Já tos dou assim que for para cima.

– Mais uma vez, peço imensa desculpa. Ele parece já estar bem. Acho que só tinha de eliminar tudo do sistema. Nunca lhe tinha dado nada daquilo para comer. Claramente não tem estofos para aquilo.

– Coitadinho – diz Alix. – Coitadinho dele. Apetece-te gravar mais uma sessão agora de manhã?

Josie assente.

– Sem dúvida. Sim. Deixa-me só fazer um café.

– Boa. Vou num instante à casa de banho. Até já.

Alix fecha a tampa do computador e dirige-se ao andar de cima para ir buscar lençóis lavados para Josie ao armário do corredor. Deixa-os ao fundo das escadas, na intenção de deixar que Josie tratasse ela mesma do assunto, mas algo a faz continuar a subir até ao último andar. A porta do quarto de hóspedes está entreaberta. As cortinas ondulam com a passagem da brisa através da janela aberta. As roupas que Josie usava quando chegara na madrugada de sábado estão penduradas, lavadas e perfumadas no charriô. O pijama que Alix lhe emprestara está cuidadosamente dobrado sobre a cama despida. Na casa de banho, há uma toalha húmida pendurada no toalheiro e na prateleira de vidro sobre o lavatório está um tubo de base de Alix, que ela definitivamente não se recorda de alguma vez lá ter colocado, e também uma máscara de pestanas. Ela pega em ambos e olha-os curiosamente como se lhe pudessem providenciar algum tipo de explicação.

Depois, começa a fazer a cama com os lençóis lavados. Coloca as almofadas dentro das fronhas, envolve o edredão na capa e entala o lençol sob o colchão, e é quando o faz que sente algo duro e frio. Ela alcança o objeto e puxa-o para fora.

É uma chave. Está presa a um porta-chaves de plástico com o número 6 escrito na etiqueta. O plástico tem vestígios de sangue seco. Alix deixa-o cair,

como se estivesse incandescente, depois desliza-o, rápida e urgentemente, sob o colchão e fecha a porta atrás de si.

Josie está à sua espera na cozinha. Sorri.

– Pronta? – diz ela.

Alix acena com a cabeça.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra uma mulher a caminhar pelo parque com um cão labrador castanho-chocolate. No céu, o sol está a pôr-se por detrás dela e tem a cor vermelho-sangue.

O plano seguinte mostra-a sentada num pequeno cadeirão, ao lado de uma lareira acesa, o cão adormecido aos seus pés.

A mulher tem um copo de vinho tinto à sua frente e as pernas fletidas. Na legenda pode ler-se:

Ffion Roberts, tia de Brooke Ripley

A mulher de nome Ffion abre o seu computador portátil, que é apresentado por breves instantes no ecrã.

Revela uma publicação de Facebook.

A câmara regressa a Ffion e mostra-a a ler a publicação:

– Por favor, ajuda! Alguém de Kilburn/Paddington/Queen's Park/Cricklewood. A minha linda sobrinha, Brooke, foi ao seu baile de finalistas da escola na quarta-feira. Disse aos amigos que ia encontrar-se com uma «amiga» depois disso, e os amigos despediram-se dela na paragem à porta das instalações onde decorrerá o baile, em Shoot Up Hill em Cricklewood, pouco depois das nove da noite. Temos imagens das câmaras de segurança que a mostram a entrar no autocarro vinte e oito às nove e onze e a sair na paragem perto do alto de Maida Vale às nove e vinte e dois. Depois disso, não atende o telemóvel e a mãe dela e restante família estão preocupadíssimas. Se tem alguma ideia sobre quem ela poderia ir encontrar na quarta-feira às nove e meia, por favor, informe-nos. E, por favor, partilhem isto o mais possível. A polícia já foi informada, mas toda a ajuda é bem-vinda.»

Fecha o computador e olha para o entrevistador. Tem os olhos marejados de lágrimas. A expressão dela dá a entender que está prestes a chorar.

Ela vira o rosto para longe da câmara.

– Peço desculpa. Podem dar-me um minuto?

Quarta-feira, 17 de julho

A publicação no Facebook mostra Brooke Ripley num vestido branco justo pelo tornozelo e ténis prateados. Tem um ar melancólico na foto, frágil e inseguro. Só pelo facto de saber que seis semanas antes esta rapariga estaria a ser manipulada, seduzida e abusada por Walter Fair é que Alix consegue adivinhar o que lhe vai na alma, decifrar a incerteza da inclinação da cabeça dela, a pouca intensidade do seu sorriso. Está surpresa, na realidade, com o facto de Brooke Ripley ter ainda assim ido ao seu baile de finalistas, dado o horrível cenário que se desenrolava.

A publicação no Facebook, que fora partilhada cerca de vinte vezes, é um apelo da tia de Brooke, Ffion, que escreve em nome da mãe de Brooke.

Alix lê os comentários. São todos ao género «pensamento positivo e orações». Ninguém tem nenhuma pista. Uma rapariga de nome Mia que aparece no canto da foto de Brooke no baile de finalistas responde: «Essa sou eu na foto. Tipo, vi-a literalmente uns minutos antes de ela desaparecer. Ela disse que ia para casa. Quem me dera saber onde ela está.», acompanhado de um *emoji* com cara triste e de um coração.

Alix clica no perfil de Mia e descobre que é completamente privado, até mesmo a lista de amigos. Clica em *Enviar mensagem* e fita por momentos o espaço em branco no Messenger. O que poderia dizer? E como?

E porque é que, pergunta-se Alix, nunca teria ouvido falar de Brooke Ripley? Porque seria que não conseguia relacionar o seu nome e a foto em que aparece com o lindo vestido branco com o verão de 2014? E depois Alix apercebe-se de que em junho de 2014 tinha um bebé que não dormia e uma menina contestatária de seis anos. Estava completamente atolada no fundo do poço dos primórdios da parentalidade, por isso talvez na época tivesse visto esta história a circular e se tivesse esquecido completamente, ou talvez tivesse sido rapidamente abafada por algo maior?

Ela muda o ecrã ao ouvir passos a descer as escadas. É Josie, ainda a vestir a mesma roupa que Alix lhe emprestara no sábado. É agora quarta-feira. Tem a sua própria roupa pendurada no seu quarto, limpa e pronta a ser usada. Ainda

assim, está a vestir as de Alix.

– Estava aqui a pensar – diz Alix. – Se vais cá ficar durante mais uns dois dias, queres que passe na tua casa e te traga algumas roupas?

Ela vê um *flash* de algo cruzar o rosto de Josie.

– Não – diz ela, sem sorrir. – Não, obrigada.

– O tempo vai aquecer, vai estar imenso calor nos próximos dias. Perto dos trinta graus. Posso ir buscar-te mais alguns desses vestidos de verão.

– A sério – o rosto de Josie descontrai. – A sério. Não é preciso.

– Bem, diz-me se mudares de ideias.

– Sim – diz Josie. – Eu digo.

– E o que vais fazer? No sábado? Vais para onde?

Tenta não pressionar demasiado Josie com o olhar enquanto ela procura a resposta, já que sabe bem que será difícil, que Josie não tem qualquer plano de futuro além do dia presente.

– Acho que vou... – ela hesita momentaneamente. – Não sei bem. Quer dizer, o que achas se...?

Alix sente o seu corpo a contrair.

– Reparei que há um sofá-cama. No escritório. Quer dizer, posso sempre dormir lá, enquanto a tua irmã cá está... Acho que ninguém vai usar o escritório no sábado à noite, pois não? E não vos vou incomodar para tu e a tua irmã poderem estar à vontade e fazerem coisas de irmãs.

A boca de Alix fica seca. Aqui está. Este é o limite que ela tinha imposto metaforicamente na sua relação com Josie desde o primeiro dia e a cada dia têm-se aproximado mais e mais e agora estão a tocá-lo em bicos dos pés e, assim que esse limite for ultrapassado, Alix já não fará ideia nenhuma de como poderá recuperar o controlo da situação. Ela sabe, com uma certeza angustiante, que tem de pôr Josie fora de sua casa antes de sábado à tarde. Mas também sabe, com uma certeza angustiante, que, neste momento, Josie a controla e que obrigá-la a sair antes de ela se sentir preparada irá ditar o fim do *podcast*, mesmo quando está tão perto de se tornar algo interessante e imperdível. Ela pensa em tudo isto nos dois segundos que demora a dizer:

– Bom, deixa-me perguntar ao Nathan. Vou expulsá-lo do espaço das meninas no sábado à noite, por isso ele é bem capaz de se enfiar no escritório, a trabalhar.

Ela olha de relance para Josie, tempo suficiente para observar uma ameaçadora ligeira inclinação da cabeça, uma calma análise de qual deverá ser a sua próxima jogada.

– Bom – diz ela. – OK. Mas confirma-me então assim que puderes.

– Sim – Alix responde calorosamente. – Sim! Claro.

Quando Josie menciona que não irá trabalhar nessa tarde, Alix inventa uma razão para sair de casa. Tudo tem sido tão intenso desde o momento em que Josie e Walter entraram na sua casa na sexta-feira à noite. Cada minuto de cada dia tem sido assolado pela presença desta gente e das suas vidas horríveis e confusas e pela presença física de Josie e do seu cão na sua casa. O tempo perdeu forma e significado. Aproxima-se mais um fim de semana e logo após virão as férias escolares com seis longas semanas sem horários e dias desorganizados e ela precisa de algo que lhe pareça normal e dedicado a si mesma. Diz a Josie que vai devolver alguns livros à biblioteca e depois dirige-se ao parque para almoçar no café.

O café de Queen's Park tem ilustrado grande parte da vida de Alix desde que, dez anos antes, ela e Nathan se mudaram para aquela zona. Ela vê fantasmas e ouve ecos dela própria nas suas diferentes fases; grávida de Leon, mais tarde sentada com um recém-nascido e uma menina de cinco anos, com as mães da creche, mães da escola, com Nathan e os miúdos aos fins de semana. O quiosque de gelados fá-la recordar-se de Leon e Eliza com grandes bocas azuis depois de comerem o sabor de pastilha elástica. As cervejas no refrigerador lembram-lhe a ligeira sensação de tontura que tinha depois de beber durante as tardes quentes de verão. Já se sentou em todas as mesas em diversas alturas, viveu versões diferentes de si mesma em múltiplos fragmentos refratores de luz. Por isso, hoje irá sentar-se no café, comer um *panini*, viver um outro fragmento da sua vida e irá tentar sentir-se normal, sentir-se como a Alix de há seis semanas, a Alix que ainda não conhecia Josie Fair.

Pede o seu *panini*, aquele que pede sempre, com queijo de cabra e presunto, e também um chá gelado, senta-se com o marcador de mesa em madeira numerado à sua frente e espera que a sua comida chegue, esperando começar a sentir-se normal. Mas o normal não chega. Talvez o normal esteja além, pensa ela, do outro lado do parque algures; talvez esteja na caixa de areia onde por vezes ela ainda leva os miúdos quando se sentem mais crianças. Ou talvez esteja na tirolesa do parque aventura. Ou na quintinha de animais, por onde ela e Nathan tinham passado bêbados na noite do seu quadragésimo quinto aniversário, o ar da noite escura ainda quente na sua pele nua.

O seu *panini* chega à mesa e é o mesmo que ela pede sempre, mas não lhe devolve o normal. Parece que Josie pegou no normal de Alix e o engoliu e guardou nas profundezas da sua escuridão. Alix pensa na chave com o número 6 manchada de sangue debaixo do seu colchão. Pensa em Josie a remexer no seu caixote de reciclagem enquanto estava fora com a sua família. Pensa em Josie em sua casa, neste preciso momento, a usar as suas roupas, a sua maquilhagem, a largar cabelos, células mortas de pele, por onde quer que passa. Imagina Josie a ir ao seu escritório, a encontrar o sofá-cama, a ir à casa de banho de Alix, a pegar na sua base. Depois vê Walter a ter sexo com Brooke,

Erin de orelha encostada à parede, Josie a fingir que não acontecera, a viver a sua vida normalmente.

Alix põe a sandes de lado e levanta-se. Tem de terminar este *podcast*. Avançar de uma vez, deixar-se submergir nesta imundice, chegar ao fim desta história miserável, pôr Josie fora da sua casa e recuperar a sua vida. Mas antes, precisa de passar à porta do apartamento de Josie, espreitar pela janela, ver se consegue perceber o que Walter estará a fazer ou pensar.

12h30

Alix tinha dito que ia estar fora uma hora. Disse que quando regressasse poderiam gravar mais uma sessão, se Josie quisesse. *Uma hora é muito tempo*, pensa Josie. Muito tempo para se estar sozinho na casa de alguém. Alix disse a Josie que se servisse de almoço. «O que estiver no frigorífico, serve-te à vontade.»

Então Josie espreita o frigorífico. Vê o resto do *baba* não sei quê, a coisa castanha que pôs *Fred* maldisposto. Estremece. Depois vê um bloco de queijo *cheddar* e pensa que um pedaço daquilo juntamente com uma fatia de pão e manteiga será tudo o que ela precisa. Come o seu almoço minúsculo na mesa da cozinha, de olhar absorto no infinito. *Fred* fareja pela cozinha, à procura de migalhas. O chão está surpreendentemente sujo. Já há três dias que lá está um atilho branco de um saco de pão. Ninguém parece reparar. Não se coaduna com a imagem que Alix gosta de fazer passar no Instagram. Nada disto se coaduna, na verdade, se virmos com atenção. Mas isso não importa. Josie também não é uma pessoa muito asseada, só o é porque Walter gosta assim, e por isso ela sente-se feliz por Alix, que ela possa ter no chão um atilho do saco do pão durante três dias sem que isso cause uma discussão.

Pouco depois dá por si a atravessar a cozinha, a apanhar o atilho e a colocá-lo no bolso das suas calças.

Abre e fecha as gavetas suaves da cozinha até encontrar a desarrumada que contém todas as coisas. Vasculha entre menus de *takeaway*, canetas, pacotes de lenços, cliques pretos dobráveis, livros de selos, rolas de plástico e elásticos. Tudo fora simplesmente atirado lá para dentro, não há qualquer ordem. Os seus dedos sentem a superfície lustrada de uma fotografia e ela retira uma coluna de fotografias tipo passe. São de Leon com ar compenetrado e sério, com o colarinho azul-claro da sua camisa da farda escolar visível. Ela coloca as fotos no seu bolso também.

Pensa na sua gaveta de roupa interior, em casa, nos troféus e bugigangas escondidos atrás das suas cuecas. Não só os de Alix. Os outros também. Sente uma vontade imensa de ir a casa, só por instantes, para colocar o desenho da criança e o atilho do pão e as fotos de Leon na gaveta. Podia fazer isso, tem a certeza. Entrava e saía em segundos. Ninguém a veria. Amanhã irá, decide,

depois do trabalho.

E depois retira um cartão de visita negro brilhante com as informações de Nathan. O nome da sua empresa – «Condor e Bright, Consultores Imobiliários Comerciais, EC1» – e o seu número de telemóvel logo abaixo do número do escritório impressos. Ela coloca-o no bolso.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra uma mulher jovem e muito alegre. Tem um volumoso cabelo louro encaracolado atado num rabo de cavalo e grandes brincos de argola dourados, vestindo um casaco justo de malha preto.

Está sentada num pequeno sofá vermelho num bar mal iluminado e aparece a ajeitar-se algumas vezes, tentando encontrar a pose perfeita.

– Vê-se muito o meu decote nesta posição? – *pergunta ela ao entrevistador.*

Ouve-se o entrevistador a dizer:

– Não, está ótima –, *fora do plano do ecrã.*

Ela ri e diz:

– Boa. Muito bem. Vamos lá.

Na legenda pode ler-se:

Katelyn Rand

– Bem, não diria que era amiga da Josie. Conhecia-a. Ela conhecia-me. Eu morava no bairro dela quando era pequena e lembro-me dela e da mãe. Sobretudo da mãe. Toda a gente conhecia a Pat O'Neill. Era uma força da natureza. Ninguém queria problemas com ela.

Katelyn ri-se sarcasticamente.

– E lembro-me de a minha mãe me contar que a Josie tinha subitamente saído de casa aos dezoito anos e dos rumores que corriam na altura, que ela se tinha ido embora com um homem mais velho. Da última vez que a vi acho que devia ter uns dez anos? E não a voltei a ver durante anos e anos. Até ter levado umas peças de roupa para arranjar àquela loja onde ela trabalhava. A Stitch, que faz arranjos de costura em Kilburn, e reconheci-a imediatamente. Ela não tinha mudado nada, estranhamente. Fiquei com a certeza de que ela ainda estava a vestir as mesmas roupas que usava quando era adolescente! Então comecei a falar com ela e ela perguntou-me o que eu fazia e contei-lhe sobre a representação. Contei-lhe que estava em dificuldades. Sabe como é. Como é normal com os atores. Não dei grande importância. E ela disse – e estas foram

as suas palavras exatas – «Sou capaz de ter um trabalhinho para ti. Dá-me o teu número.» Então dei-lhe o meu número e depois, sim, uns dias depois ela ligou-me. E foi assim. Fiquei embrulhada nisto até ao pescoço. Até à merda do pescoço.

*

12h40

Da verde frondosidade de Queen's Park até à rua cinzenta de Josie dista uma caminhada de doze minutos. Mesmo num dia soalheiro as casas de estuque parecem humilhadas pela sua degradação. Alix observa primeiro do outro lado da rua e depois do lado exterior, diretamente através das janelas. Vê uma mesa perto. É de madeira escura, daquela que atualmente já passou de moda. Há três cadeiras de madeira escura em torno da mesa, com espigões entrelaçados. Consegue perceber um sofá virado para uma televisão com ar antigo. Paredes brancas. Num recanto ao fundo foi construída uma cozinha aberta para a sala. Os armários são revestidos de pinho com puxadores de plástico branco. Consegue discernir um corredor escuro que leva a uma porta. Há cortinas de ganga meio abertas na janela mais pequena. Pela abertura ela consegue ver uma cama, feita de lavado com um edredão de cor clara e padrão floral e duas almofadas de padrão floral, um par de almofadas de ganga, gavetas brancas de melamina.

Parece um apartamento arrendado que acabou de ser deixado pelos anteriores inquilinos, arrumado e limpo e preparado para os próximos ocupantes. Não parece ser um apartamento onde mora alguém. Volta à janela panorâmica, dá de novo uma vista de olhos pela sala. É difícil acreditar que na madrugada de sábado ocorrera aqui um incidente doméstico, que um homem grande espancara a sua mulher pequena até ela ficar ensanguentada e com hematomas.

E onde estará este homem grande? Pergunta-se. Há um computador portátil fechado sobre a mesa de jantar. Mas nada mais. Josie descrevera-o como alguém que nunca saía. Que estava sempre em casa. Mas não está em casa agora. Então, onde está?

Ela olha, mais uma vez, para o sofá. Imagina Walter e Josie sentados, lado a lado, após o seu ato atroz com Brooke, silenciosamente a ver TV. Depois imagina Walter, cinco anos depois, a esmurrar a cabeça da sua mulher contra a parede num acesso de raiva perante as suas acusações há muito devidas.

Quando se vira, olha ligeiramente para a sua esquerda. Vê um autocarro de dois pisos a percorrer a Kilburn High Road, a algumas centenas de metros de distância, para sul, na direção de Maida Vale. E, quando o vê, pensa em Brooke Ripley a sair do autocarro com o seu vestido branco justo cinco anos antes,

precisamente ali.

Precisamente ali, de facto, na junção de Kilburn High Road com Maida Vale.

Precisamente ali, a dois minutos a pé do apartamento de Josie e Walter.

14h00

Alix observa Josie com atenção. Tenta transparecer uma expressão afável, mas é difícil já que por dentro sente apenas um mar de espinhos e escuridão. Josie tem colocados os seus auscultadores e está a beber chá na caneca favorita de Alix. (Alix suspeita que Josie sabe que é a sua caneca favorita e é por isso que a usa sempre.) Ajusta o volume nos comandos e depois pigarreja, observando as linhas a ondular no ecrã do seu computador portátil. A próxima pergunta pesa-lhe sobre a língua, como algo com o qual ela poderia acidentalmente engasgar-se e sufocar. Pigarreja de novo e diz:

– Então. O que aconteceu à Brooke?

– À Brooke?

Alix sorri e anui.

– Sim. À Brooke.

– Não faço ideia. Nunca mais soube nada dela.

– Nunca mais soubeste nada dela?

– Não.

– E nunca tentaste encontrá-la?

Josie cerra os olhos para Alix e lança-lhe um olhar inquisitivo.

– Não. Por que o faria? Depois do que ela fez?

– Bom, talvez ela pudesse ter alguma ideia do paradeiro da Roxy.

Alix observa a expressão de Josie enquanto ela formula uma resposta.

– Não – diz ela após uma pausa. – Não. Ela não saberia. Elas tiveram aquele grande desentendimento. Estava tudo acabado entre elas. Completamente.

Alix ergue friamente uma sobrancelha, apercebendo-se que é literalmente impossível disfarçar o que sente.

– O que acharias – diz ela –, se eu tentasse entrar em contacto com a Brooke? Tentar saber o lado dela? Para o *podcast*?

– Não.

A resposta é tão imediata e definitiva quanto o bater de uma porta.

– Por que não?

– Porque... simplesmente não. É demasiado. Estou a contar-te o que quero contar-te. O que preciso de te contar. Tenho de viver a minha vida do outro lado deste *podcast*. Percebes? Tenho de andar por aí e mostrar a cara ao mundo. E se a envolveres nisto... – Ela para e inspira.

Alix aguarda.

- Não confio nela. É só isso.
 - Mas deves pensar nisso, não? No que lhe terá acontecido...
 - Claro que penso. Penso nisso a toda a hora. Na Roxy. E na Brooke. A toda a hora. É como se a minha vida... é como se tivesse terminado naquele dia. Sabes. Como se todas as coisas boas tivessem acabado.
 - Mas a Erin - diz Alix. - E a Erin?
 - Que tem a Erin?
 - Quer dizer, ela deve trazer-te felicidade. Certo? Como foi para ela depois de a Roxy ter saído de casa? Praticamente não falas da Erin.
- Josie encolhe os ombros.
- Não há muito para dizer.
 - Bem, podemos tentar?
- Josie acena com a cabeça.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra a reconstituição do momento em que uma mulher está sentada no sofá de um apartamento, a olhar através da janela enquanto um autocarro passa.

Na legenda pode ler-se:

Gravação do *podcast* de Alix Summer, 17 de julho de 2019

- Depois da situação com a Brooke, a minha relação com o Walter tornou-se um jogo de xadrez. Era como se eu fosse um peão a ser empurrado de quadrado em quadrado sem qualquer rumo por um enorme dedo invisível sem ter em conta nenhuma das minhas necessidades ou desejos. O Walter era o rei, claro, e tudo em casa era feito para o proteger. Criei uma espécie de barreira invisível em torno da minha família, além das portas do nosso apartamento. Já o fazia há anos, claro, e durante todos os catorze anos em que as crianças frequentaram a escola, com as mães, os professores, as assistentes sociais, os meus colegas de trabalho e com a vizinha do lado e de cima; mantinha as pessoas à distância. Mas isso foi enquanto ainda ninguém tinha realmente feito nada de mal. Quando tudo o que me preocupava era ser julgada por ter crianças malcomportadas, um marido violento. No entanto, agora estava em perigo de ser julgada por ter um marido que seduzia adolescentes, dormia com elas na sua própria casa e, sim, eu fui ao computador dele e, sim, ele tinha andado a ver coisas que eram ilegais e nojentas e de facto muito

perturbadoras. O Walter é um perverso e um criminoso, nojento, asqueroso, um homem em quem eu nunca mais voltaria a tocar, de forma alguma. E disse-lhe isto mesmo. Disse-lhe que esse lado do nosso casamento estava extinto. Então cozinhava, limpava, trabalhava e sorria às pessoas em quem confiava, mantinha a cabeça baixa quando estava perto de alguém que não me inspirava confiança, e depois, há dois anos, disse ao Walter que queria um cão porque estava farta de não ter nada para amar, e ele disse que se íamos arranjar um cão, então queria um akita ou um dobermann ou algo que ele se sentisse orgulhoso de passear na rua, e eu disse: «Não, este cão é para mim e eu quero um cão que possa transportar ao colo como um bebé, porque tu arruinaste as minhas bebés, arruinaste-as.» Porque, nessa altura, não só a Roxy se tinha ido embora, como o Walter começara a abusar de Erin.

O ecrã escurece e surgem os créditos finais.

*

14h30

– A abusar? O que queres dizer com isso?

Josie inclina ligeiramente a cabeça para trás e dirige o olhar para o teto. Alix espera, contendo dolorosamente a respiração na garganta. Sente como se de alguma forma já soubesse disto o tempo todo, como se tivesse sido um terrível zunido sempre presente desde o primeiro dia.

– Quer dizer que praticamente todas as noites, quando eu adormeço, o Walter sai da cama e vai até ao quarto da Erin. E depois, quando eu acordo, ele está sentado à mesa da sala de estar e faz de conta que nada aconteceu.

– E? Isto é, como sabes?

– Simplesmente sei. Aquele homem acha que é o rei, percebes. Deixa que leve a minha avante, de vez em quando, como em relação ao cão. Como em relação a virmos cá jantar. Mas fá-lo da mesma forma que um rei faria. Como se me atirasse uma recompensa. – Ela faz um gesto com o braço. – Temos de trabalhar para o conseguir. Sabes. Mas no entender dele, tudo naquele apartamento lhe pertence. Tudo é dele, e por isso quando lhe disse que já não era dele, que já não me podia tocar, ele tomou o que lhe estava mais próximo. Tomou a Erin.

– Alguma vez viste alguma coisa? Ouviste alguma coisa?

Josie abana a cabeça.

– Ponho os meus auscultadores. Fico no meu quarto até ser dia.

– Foda-se! Josie! – Alix não consegue evitar. Não consegue conter o choque e a desilusão. É suposto ser imparcial. O seu trabalho não é julgar ou reagir, mas simplesmente questionar e ouvir. Mas isto – ela irá cortar a sua reação na edição, sabe disso – isto é demasiado animalesco e cru para permanecermos

impávidos, sobretudo – e, sim, ela sabe que é o *cliché* mais horrível de todos – mas sobretudo quando se é mãe.

– O que querias que fizesse? – Josie reage em fúria. – Foi tão gradual. A princípio não percebi o que estava a acontecer. Acontecia acordar por vezes e dar com a cama vazia. Perguntava-lhe onde ele estava, e ele dizia que tinha estado *online* a falar com os filhos no Canadá. E eu pensava: por que tem de ser de madrugada? Por que não falam ao final da tarde? E assim que percebi o que estava a acontecer, bom, pensei que ela me contaria. A Erin. Fiquei à espera. Mas em vez disso, ela fechou-se mais e mais em si própria. Deixou de comer o que eu lhe cozinhava. Sempre foi esquisita para comer, mas ficou ainda mais e mais e depois começou a pedir-me boiões de comida para bebé.

– Comida para bebé?

– Sim. Disse: «Quero aquilo que comia quando era pequena. Aquilo que me davas num boião. Quando me davas comida com uma colher.» Bem, presumi que era uma espécie de – como se chama? – regressão, creio eu. Ela queria ser outra vez bebé. Para se sentir segura.

– Mas, Josie, desculpa – Alix intervém, sentindo que Josie está a passar ao lado de muitos pormenores relevantes para a história. – O que disse o Walter? Quer dizer, deves ter-lhe dito alguma coisa, certo?

Josie abana a cabeça e Alix suspira tão audivelmente que o sensor de volume do seu computador portátil oscila loucamente.

– Desculpa, Josie. A sério, lamento mesmo. Mas preciso de esclarecer isto. Estás a dizer-me que em consequência do que acontecera com o Walter e a Brooke, a tua filha mais nova fugiu de casa e tu deixaste de cumprir os teus deveres conjugais para com o teu marido e, em resultado disso, o teu marido começou a visitar a tua filha adolescente mais velha no seu quarto todas as noites para, presumes tu, abusar sexualmente dela. A tua filha começou a regressar ao ponto de querer comer apenas comida de bebé e deixou de querer sair sequer do quarto. E isto passa-se há cinco anos?

– Por volta disso. Sim.

O tom de Josie é ríspido. Tem os lábios franzidos.

– E não falaste nem com a tua filha nem com o teu marido sobre isso?

Ela anui.

– Correto.

– Simplesmente... acontece?

– Simplesmente acontece.

– E a tua filha. A Erin. Estava limitada de alguma forma? Quer dizer, estava livre para se ir embora?

– Sim. Estava livre para se ir embora.

– Mas não foi?

– Não. Não foi.

– E qual achas que terá sido a razão?

– Provavelmente ele conseguiu manipulá-la. Provavelmente fê-la pensar que era normal. Como é costume dele. Sabes?

Alix deixa que haja um momento de silêncio. Os seus ouvintes irão precisar a este ponto. Mas ela também precisa. Depois faz a pergunta para a qual receia a resposta.

– Antes de sexta-feira à noite, Josie, quando tu e o Walter discutiram, na noite em que o Walter te bateu, quando tinha sido a última vez que viste a Erin?

Ela encolhe os ombros. Funga e mexe-se ligeiramente na sua cadeira.

– Há uns seis meses? Talvez um ano? Por aí.

– De todo? Nem uma vez? Nem sequer a ir à casa de banho?

– Ela espera que eu saia de casa. Não me quer ver.

– Mas como sabes?

– Bem, ela viria ver-me se quisesse, não é? Ela sabe quando estou lá. Eu dou-lhe a alimentação. Deixo-lhe a comida e depois ela coloca o lixo à porta do quarto. E não penses, nem por um segundo, que eu não quero vê-la, porque eu quero vê-la mais do que tudo nesta vida, mas quando uma coisa assim se arrasta durante tanto tempo, sabes, torna-se cada vez mais difícil, não é? Mais difícil de voltar atrás e fazer a coisa certa. Parei à porta dela, todos os dias, duas, três vezes por dia. Parei. E toquei na porta e coloquei assim a mão. – Ela cerra o punho. – Como se fosse bater. E nunca bati, Alix. Simplesmente nunca bati. E não penses que não me odeio, porque me odeio tanto. Tanto. Odeio que tenha demorado tanto a partilhar isto. A pôr termo a isto.

– E foi preciso um jantar na minha casa...?

– Sim. Como te disse quando nos encontrámos pela primeira vez, tudo se resumia a quebrar padrões. Ir àquele *pub* chique naquela noite. Livrar-me da ganga. Conhecer-te. Fazer isto. – Gesticula para o espaço entre ambas. – Era como se tivesse de quebrar estes pequenos padrões antes de estar pronta para quebrar os mais significativos.

Alix acena lentamente com a cabeça, e observa os olhos semicerrados de Josie.

– Percebo – diz ela. Embora, na realidade, não perceba. – Percebo. Mas dizes que a Erin tem sido uma reclusa virtual nos últimos meses, que não saiu do seu quarto, nem de casa. Então para onde foi ela, exatamente, na sexta à noite? Está em casa de que amiga?

Josie muda de posição.

– Não faço ideia.

– Alguma colega de escola?

– Oh! Duvido. Não, provavelmente alguém que ela conhece dos jogos *online*. Uma amiga da internet.

- Deves estar tão preocupada com ela.
- Sim. Estou. Estou terrivelmente preocupada com ela. Preocupada com ela, e preocupada com a Roxy.
- E o Walter? Estás preocupada com o Walter?
- Céus. Não. Por que haveria de estar preocupada com ele? É um perverso e um agressor de mulheres. É um monstro. Desprezo-o. Desprezo-o completamente. Ainda bem...

Ela interrompe a frase a meio.

- Ainda bem que?
- Ainda bem que ele me bateu. Ainda bem que ele me magoou. Tirou-me de lá. Tirou-me daquela prisão doentia. Era capaz de ser agredida de novo só para ser livre.

A sua expressão é dura e Alix gostaria que isto fosse um documentário e não um *podcast*. Gostaria que os seus ouvintes pudessem ver a forma como o rosto de Josie se transformou numa máscara de pedra e a única lágrima artificial que surge naqueles olhos negros e lhe escorre pela bochecha numa linha reta.

- O que será dele? Do Walter? Vais contar à polícia o que ele fez?
- Ela limpa a lágrima com as costas da mão e funga.
- Não – diz. – Não me cabe a mim. É decisão da Erin.
 - Já falaste com ela sobre isso?
 - Não. Não falei com ela sequer. Ela não me atende o telemóvel. Nem responde às mensagens.

Alix expira com sentimento. Nada disto faz sentido. Nada.

- Já pensaste em ir ao apartamento e vasculhar o computador da Erin? Ver o que consegues encontrar?
- Não percebo nada de computadores.
- Bem, sim, mas eu percebo. Posso ir contigo.
- Não. Não, obrigada. A Erin virá ter comigo quando estiver preparada.
- Mas, Josie, pensa bem. A Erin foi abusada debaixo do teu teto durante anos. Não fizeste nada para a proteger. Ela espera que tu saias de casa antes de ir à casa de banho. Por que raio achas que ela irá entrar em contacto contigo?

Josie suspira e encolhe os ombros.

- Provavelmente tens razão – diz ela. – Tenho a certeza de que tens razão. Mas, o que quer que aconteça, é melhor para ela do que estar naquele apartamento com aquele homem. O que quer que aconteça, pelo menos está livre.

15h30

Alix está junto aos portões da escola. Trouxe o cão, que hoje não fora ainda à rua. Queria uma desculpa para sair um pouco mais cedo, para estar fora de

casa um pouco mais. A cabeça dela está a explodir. Sente-se enjoada. As mães falam com ela e ela responde feliz pela oportunidade de se remover completamente do lugar onde passara as últimas horas. O cão vê outro cão e rosna-lhe e Alix pede desculpa ao dono. As crianças interagem com o pequeno cão e Alix diz:

– Cuidado, ele pode ser um pouco resmungão.

Alguém pergunta se o cão lhe pertence e ela responde:

– Não, é de uma amiga – e depois corrige-se a ela própria e diz: – É de uma conhecida.

Leva as crianças ao parque e observa-as nos baloiços, com o cão ao colo debaixo do seu braço. Gostaria que o cão conseguisse falar. O cão há de saber, acredita, o cão há de saber de tudo. Ela quer conversar com a mãe de Josie, mas prometeu a Josie que não o faria.

Não consegue parar de pensar em Walter, em como ele se apresentara na sexta-feira à noite para jantar. As roupas novas ainda com os vincos de loja. A forma moderada como consumira álcool (apenas duas cervejas, durante toda a noite). A maneira discreta como falara com ela no estúdio de gravação sobre a sua «Jojo», sobre as suas mentiras e as suas histórias inventadas e a sua própria narrativa. Ela tinha atribuído tudo aquilo ao comportamento típico de um manipulador; tinha assumido que era tudo parte do seu número. E talvez fosse. Mas não consegue afastar o pressentimento desconcertante de que há ali mais qualquer coisa. Algo por detrás desta história sombria e, no entanto, típica de uma família arruinada pela disfunção de um homem dominante e controlador.

Ela não é quem parece ser. De todo.

Foi o que ele dissera. E, por muito que o seu instinto lhe diga que tem de acreditar numa mulher que diz ter sido abusada, também lhe diz que Josie não é de confiança.

Quinta-feira, 18 de julho

Alix e as crianças já saíram para a escola, mas Nathan vai sair mais tarde para o emprego. Josie ouviu-o dizer algo a Alix sobre uma reunião em Bishopsgate às 10h, e que não valia a pena ir ao escritório antes disso.

Tal como Alix previra, o tempo passou de agradável para meados de julho para um calor completamente insuportável. Nathan está sentado no jardim com o seu computador portátil e uma chávena de café e, mesmo daqui, Josie consegue ver a transpiração na sua testa. Ocorre-lhe que ele se senta no jardim pela manhã para deliberadamente evitar partilhar o mesmo espaço com ela dentro de casa. Ela força um sorriso e passa pela abertura entre as portas de vidro deslizantes. Ainda está a usar as roupas que Alix lhe emprestara no sábado. Tem as suas roupas penduradas no seu quarto, mas já não as quer usar, embora estejam limpas. Tinha esperança de que Alix sentisse pena dela ao vê-la descer as escadas todos os dias a usar o mesmo *top* e calças, que pudesse oferecer-se para lhe emprestar algo novo. Mas ela não o fez.

– Céus – diz ela, de pé a alguns metros de Nathan. – Está um forno, e ainda nem são nove horas!

– Dizem que à hora de almoço vão estar trinta e dois graus.

– Porra.

Josie deixa passar um momento de silêncio antes de se virar para ele e dizer:

– Oh! Já agora, a Alix disse que talvez fosses usar o escritório no sábado à noite quando a irmã dela cá estiver, é verdade?

– Oh! – diz ele, com um ar ligeiramente corado, e Josie percebe imediatamente que ele e Alix já falaram sobre isto, secretamente, em privado, nas suas costas. – Pois, sim. Era esse o plano. Mas não. Aparentemente, agora vão cá todos dormir. Acho que a Alix te ia dizer. As duas irmãs e os três miúdos. Vão usar o sofá-cama. Por isso... – ele pigarreia e depois diminui o volume da voz.

Mentiras. Tudo mentiras.

– Oh! – diz Josie. – Tudo bem. Eu arranjo alguma coisa. Mas e tu? Onde

vais esconder-te?

– Oh! Provavelmente vou ficar por aqui um pouco e depois saio por volta das sete para beber uns copos com os amigos.

– Os mesmos amigos com quem estavas quando não apareceste para jantar na passada sexta-feira? – ela tenta proferir esta frase com um tom brincalhão, mas não consegue. Está tão irritada que era capaz de gritar.

Ele olha-a com um ar de incerteza e encolhe os ombros.

– Ainda não sei. – Depois bebe o resto do seu café, dá uma palmada nas coxas e diz: – Bom, hora de ir trabalhar. Quais são os teus planos para hoje?

– Nada de especial. Vamos gravar mais uma sessão para o *podcast*, depois vou trabalhar. Basicamente é isso.

– E quais são os teus planos, Josie? No geral. Ou seja, obviamente a partir de sábado vais precisar de um plano. Certo?

Josie fita-o friamente. Ele transgrediu o guião, dá para perceber. Não foi isto que Alix lhe pediu que dissesse. *Isto*, pensa furiosamente, *não é da sua conta*. Mas consegue transparecer um tom cordial quando diz:

– Sim. Preciso de um plano. Mas sabes, Nathan, descobri que a vida te mostra o caminho quando te esqueces de traçar um. Por isso, sabes, vamos esperar para ver. – Encolhe os ombros e volta para a cozinha, pega no cão ao colo e leva-o para o quarto, onde espera até ouvir o som do bater da porta à saída de Nathan uns minutos depois. Observa-o através da pequena janela do seu quarto, com o casaco do fato ao ombro, ajeitando os estúpidos óculos de sol no seu estúpido nariz, a caminhar pela rua como se fosse o rei do universo.

*

Alix disse que ia às compras depois de deixar os miúdos na escola, que estaria em casa pelas nove e meia. São 9h10 agora e Josie fecha o cão no seu quarto e vai em bicos de pés até ao andar de baixo. A porta do quarto de Alix e Nathan está escancarada, o que lhe dá a entender que é um sinal de que Alix não se importa que as pessoas vejam o que contém. Ainda não investigou convenientemente o quarto deles. Parece um pouco de mais. Longe de mais. Mas Nathan pô-la de mau humor com aquela conversa dos «planos».

Se Nathan acha que ela deve ter um plano, decide ela, então é um plano que ela vai ter.

A cama de Alix e Nathan é muito grande. Tem uma cabeceira em vime e veludo verde-claro. Não está feita; há enormes montes volumosos de edredão creme caídos aos pés da cama, afastados sem dúvida devido ao calor abrasador da noite anterior, com duas almofadas grandes que ainda mantêm o formato da cabeça no topo do colchão e mais duas atiradas para o chão, uma de cada lado. Nas paredes há uma mescla de retratos, quadros e fotografias. Há duas

lâmpadas brancas penduradas do teto, uma de cada lado da cama, ao invés de candeeiros de mesa de cabeceira, supõe Josie. Há uma janela panorâmica quadrada com um pequeno banco embutido, com vista para o jardim das traseiras. Está cheia de roupa suja, a maioria de Nathan, incluindo um par de meias velhas e com ar nojento (seria de pensar que teria dinheiro para comprar umas novas).

Entre o quarto e a casa de banho há uma espécie de antecâmara, ou quarto de vestir, com roupas de cada um dos lados: as de Alix num lado, as de Nathan no outro. Ela passa um minuto ou dois a analisar as roupas de Alix. Sente os tecidos entre os dedos, as sedas, os linhos e os suaves algodões de bambu. Abre a gaveta dos sapatos mais abaixo e olha para as ordenadas filas de sandálias douradas e botas de salto alto em camurça e saltos altos macios com tiras no tornozelo. Quer pegar neles e experimentá-los, admirar-se no espelho de corpo inteiro. Mas os minutos estão a contar, por isso ela vira-se para o varão de Nathan e começa a vasculhar os bolsos. Não sabe bem o que procura, mas tem um pressentimento forte de que Nathan é suficientemente estúpido e Alix confia nele o suficiente para lhe permitir encontrar algo de que precisa.

Tira dos bolsos recibos amarrotados, cartões de visita e pacotes de pastilhas vazios. Tira cliques, pacotes de açúcar e invólucros de papel amarrotados das palhinhas; cartões de embarque de voos para Bruxelas e Dublin; um pente; metade de uma drageia de menta. E depois, sim. Ali. Ali está. No bolso interior de um casaco de fato azul, exatamente o que ela procurava. Um pequeno saco transparente com resíduos de pó branco. Ela imagina-o agora, num bar, a gravata atirada para trás, sobre o ombro, rodeado de *shots* de tequila e homens selvagens, a snifar cocaína do tampo de vidro de uma mesa. *Desprezível*, pensa. *Mesmo desprezível. Com a mulher e os filhos em casa.* Noutro bolso, encontra um pedaço de um guardanapo onde está escrito um número ilegível. E noutro a capa de um cartão-chave de um quarto de hotel – Railings – com o número do quarto 23 escrito.

Pega nos três objetos e coloca-os no seu bolso, regressa ao seu quarto e espera que Alix chegue.

Nathan quer que ela tenha um plano.

Bom, agora ela tem.

*

Alix regressa alguns minutos depois. Está carregada de sacos do supermercado e Josie observa enquanto ela os coloca sobre a ilha da cozinha. Salada de fruta de melão e morango. Cereais de noz crocante. Um enorme bife. Um saco de cebolas. Saquetas de comida para gato que têm fotos de um gato que se parece exatamente com a sua gata, como se Alix tivesse encomendado

para ela as suas próprias refeições personalizadas.

– Vou para casa da minha mãe – diz Josie a Alix. – No sábado. Quando as tuas irmãs chegarem.

Alix para o que está a fazer, com um rolo de biscoitos de chocolate numa mão.

– Oh! – diz ela. – OK. Que bom. O que te fez mudar de ideias em relação a contactar com ela?

Josie encolhe os ombros e retira um pequeno pelo solto de *Fred*, deixando-o flutuar preguiçosamente até ao chão.

– Não tinha grande escolha, na verdade. Quer dizer, o Nathan disse-me que a tua outra irmã vinha cá dormir. Então sei que o sofá-cama vai estar ocupado. Embora tivesse ideia de que a tua outra irmã morava em Londres.

– Sim. Sim, mora. Mas os filhos dela não querem perder a diversão. Querem cá dormir também. Por isso, sim. Lamento. Foi uma coisa de, hum, última hora. Mas fico feliz por ires ver a tua mãe! Acho que está mesmo na hora.

Josie acena com a cabeça, como se tivesse refletido bem sobre as palavras de Alix e agora concordasse com ela.

– É como é – diz ela. – Mas enquanto cá estou, e temos mais dois dias, devíamos aproveitar ao máximo.

– Referes-te ao *podcast*?

– Sim. Devíamos tentar gravar o máximo possível.

Josie sente o coração acelerar sob o algodão da *T-shirt* cara de Alix ao pensar na próxima semana. Sente o calor no ar, o sol já a queimar enquanto gira em arco pelo céu vazio e escalda o teto de vidro da extensão da cozinha de Alix; e ainda vai ficar mais quente.

No domingo, irão estar trinta e cinco graus.

Ela pensou que teria mais espaço de manobra. Está a ficar sem tempo.

Olha para cima e vê Alix a observá-la, pensativa.

– Não sei bem do que mais temos para falar. Quer dizer, já chegámos ao fim, creio eu? Estamos no momento presente. Fora os acontecimentos de sexta-feira à noite, claro. Queres falar sobre isso?

Josie assente com os seus lábios franzidos.

– Vamos...? – Alix faz sinal na direção do estúdio.

– Sim. Diz Josie. – Vamos.

O ecrã mostra a reconstituição da cena em que um casal caminha numa rua escura.

Na legenda pode ler-se:

Gravação do *podcast* de Alix Summer, 18 de julho de 2019

– Ele não queria ir, logo de início. Reclamou imenso. Comprei-lhe algumas roupas novas bonitas, mas ele recusou-se a usá-las, insistiu em usar roupa barata da Primark, fez deliberadamente um corte de cabelo horrível, só para me chatear. E depois, claro, quando Nathan nem sequer apareceu...

Josie suspira.

– Bom, já podes imaginar o quão irritado ele estava. E depois foi acumulando durante todo o caminho até casa. Eu conseguia sentir. A raiva a crescer, a crescer. Quando chegámos a casa...

O ecrã mostra um casal a entrar no edifício dos Fair.

– ... o ambiente estava podre. Não consegui controlar a minha raiva nesse momento. Senti tudo, tudo mesmo, a atravessar o meu corpo como uma tempestade e, finalmente, depois de todos estes anos, encontrei a força para deitar cá para fora o que tinha encerrado em mim, para atirar tudo à cara do Walter, mesmo em cheio entre os olhos. Simplesmente gritei-lhe. «Pedófilo! És um pedófilo! Manipulaste-me e seduziste-me quando eu era demasiado nova para saber o que queria. E depois manipulaste a Brooke e seduziste-a da mesma maneira. E abusaste da tua própria filha. A única filha que te resta depois do que fizeste à Roxy. Abusaste da tua filha vezes sem conta e eu deixei que o fizesses porque fui programada por ti para acreditar que és Deus e que podes ter tudo o que quiseres. Mas tu não és Deus, Walter, e não podes ter tudo o que queres. Não podes. E isto termina hoje. O que tens feito à Erin. Termina *hoje*. Nunca mais. Nunca mais.»

– E depois corri para o quarto da Erin e abri a porta e ali estava a minha bebé, a minha Erin, a olhar para mim com olhos esbugalhados, sem vida. E disse: «Faz a mala, filha. Rápido. Vou tirar-te daqui. Vamos embora. Sei o que o pai te tem feito e lamento tanto, mas tanto, minha querida. Lamento tanto ter-te abandonado.» E foi aí que senti, uma pancada na nuca, de seguida uma espécie de calor irradiante e dor e humidade. Virei-me e vi o braço do Walter a vir de novo ao meu encontro, segurando na mão o comando de TV que acabara de usar para me bater, a vir ao encontro da minha cara para me bater, na cara e na cabeça. A Erin simplesmente ficou ali; tão magra que estava. Tão magra. E eu atirei-me ao Walter e bati-lhe no peito com ambas as mãos e disse: «Já chega. Já chega.» E vi-o erguer a mão para bater na minha filha e coloquei-me entre os dois, e depois, tão rápido quanto começara, terminou.

O ecrã mostra um ator a interpretar o papel de Walter, a respirar pesadamente sob a ombreira da porta, com o comando de TV na mão, as

atrizes a interpretar o papel de Erin e Josie, dentro do quarto de Erin, abraçadas. Depois Walter vira-se e sai.

– Pouco depois espreitei para a sala. O Walter estava sentado ao computador. O comando estava sobre a mesa de centro. Parecia que ele queria dar a ideia de que nada tinha acontecido, como se eu não tivesse um lábio aberto e sangue a escorrer-me pela nuca. Parecia que ele achava que íamos todos prosseguir com as nossas vidas. Normalmente. Como sempre fizemos. Mas estava enganado. Agarrei na minha mala, agarrei no cão, agarrei na Erin, e viemos embora. Ninguém se despediu.

O ecrã mostra Erin e Josie a fechar atrás de si a porta do seu edifício; a atriz que interpreta Josie vira-se ligeiramente, para observar Walter à janela.

O ecrã escurece.

*

11h00

Alix expira. Não respirou pelo que parece terem sido minutos. O cenário que Josie descrevera na cabeça dela está a fazê-la sentir-se claustrofóbica, como se estivesse presa naquele pobre e escuro apartamento com os três. Consegue cheirá-lo: o medo e o sangue. Imagina-as na rua, Josie e Erin, a transportar apenas o que conseguiram apanhar à saída, o sangue a coagular no rosto de Josie. Walter impávido e sem arrependimentos à janela panorâmica.

Mas é aqui que o cenário começa a desvanecer-se. Josie veio a pé durante dezasseis minutos desde a sua casa perto de Kilburn até à casa de Alix em Queen's Park. Mas eram três da manhã quando ela apareceu à porta de Alix. Estava frio. O que acontecera entre as dez da noite, quando eles chegaram a casa, e as três da manhã, quando Josie aqui chegara?

Ela olha para Josie e diz:

– Para onde foste? Quando saíste do apartamento?

Josie deixa escapar uma pequena gargalhada.

– Bom, para cá, obviamente.

– Mas entre uma coisa e outra?

– Para lado nenhum.

– Mas disseste que a discussão começou quando chegaram a casa. E só durou uns minutos. Eu só...

Josie intervém.

– Não. Não começou quando chegámos a casa. Eu não disse isso. Começou quando o Walter saiu da cama. Como é costume dele quase todas as noites. Como te contei. Fomos para a cama e eu não conseguia dormir. Demorei imenso tempo. E depois finalmente adormeci e senti-o, senti-o a afastar as cobertas. Eu sabia, sabia o que ele ia fazer, onde ele ia. E foi aí que o confrontei.

– Então, estavas na cama. De pijama?

– Sim.

– E depois levantaste-te e seguiste-o?

– Sim. Vi que ele se dirigiu à porta da Erin. E foi aí que lhe gritei.

– Mas não estavas de pijama quando aqui chegaste. Tinhas aquele vestido. Aquele lindo vestido.

– Tornei a vesti-lo. Não ia andar por Kilburn de pijama.

– Mas o vestido tinha sangue. Como é que o vestido teria sangue se não o estivesses a usar no momento do ataque?

– Alix, não entendo o que queres dizer. Estás a dizer que não acreditas em mim?

– Não! De todo. Mas os ouvintes irão ouvir isto como um romance e vão reparar em detalhes que não batem certo. Tu e eu já conversámos há um mês, mas os ouvintes vão ouvir isto de rajada num único dia assim que estiver editado e no ar. Não faz sentido. Para o ouvinte, percebes?

Josie suspira profundamente.

– Bom, sim. Suponho que sim. Mas seria de esperar que o tipo de pessoas que ouvem o teu trabalho teria alguma empatia. Seria de esperar que entendessem que quando uma coisa destas acontece, quando alguém foi vítima de abusos, violência e manipulação, que talvez possa ficar um pouco confusa.

– Sim. Josie, sim, claro. Isso é absolutamente verdade. Por isso só te quero ajudar a deslindar tudo e a colocar todas as peças de novo juntas. Para que faça sentido. É só isso. Então o Walter saiu da cama de madrugada. Tu confrontaste-o. Ele atacou-te. Tentou, atacar a Erin. Depois, tu e a Erin reuniram algumas coisas, tornaste a vestir-te, e em seguida abandonaram a casa juntas?

Josie acena firmemente com a cabeça.

– Sim.

– E tu vieste para cá a pé... E a Erin? Para onde foi a Erin?

– Na direção oposta.

– Às três da manhã?

– Sim.

– Ela tinha com ela os seus pertences?

– Acho que sim. Uma mala pequena.

Alix sorri forçadamente para Josie. Quer aprofundar. Quer entender como Josie pode ter permitido que a sua filha vulnerável caminhasse até algum lugar, sabe Deus até onde, completamente sozinha e no meio da noite. Quer saber. Mas consegue perceber que Josie já está a desligar. Suspira.

– Espero que a Erin esteja bem. É muito assustador imaginá-la sozinha no meio da noite.

– Sim – Josie responde com firmeza. – Mas ela está mais segura agora do

que alguma vez esteve na sua própria casa. Onde quer que esteja, está segura.

Ela diz isto com uma estranha certeza, como se o mundo não estivesse repleto de pessoas que se aproveitam das mais vulneráveis, como se nada de mal pudesse ter acontecido à sua filha desde as três da manhã de sábado e o momento presente.

– Acho mesmo que devíamos tentar localizá-la, Josie. Já passaram quase seis dias. Sem mensagens. Sem telefonemas. Sei que ela está a salvo de Walter agora. Mas será possível que possa ter ido parar a algum lugar pior? Que possivelmente a amiga da internet não fosse quem dizia ser? Quer dizer, estamos sempre a ouvir esse tipo de coisas, não é? Pessoas com identidades falsas na internet. É só que...

– Ela está *ótima*, Alix. Está ótima. Ela sabe cuidar dela própria.

– Mas tu disseste que não sabia. Disseste que a alimentavas com comida para bebé. Disseste que...

Alix assusta-se quando Josie tira os seus auscultadores e os atira com força sobre a mesa.

– Estou a tentar contar-te a minha história, Alix. *A minha verdade*. E tu pareces estar a tentar transformá-la em algo que não é. Ou queres a minha história, ou não queres. Não podes ter as duas coisas. Não podes.

E depois pega no cão que estava ao seu colo e sai disparada do estúdio de gravação, deixando para trás Alix, de cabeça à roda.

Sábado, 20 de julho

Josie acorda cedo. É a última manhã a acordar na casa de Alix. A última manhã a abrir as cortinas e a ver Queen's Park através da pequena janela em vez dos rostos cinzentos das pessoas no autocarro que via do seu antigo quarto. É a última manhã em que irá usar o pijama de Alix, tomar banho na sua elegante casa de banho e beber café da sua máquina de café brilhante. Na noite passada tinha havido *takeaway* de caril. Josie tinha tentado contribuir com algum valor, mas Alix recusara-se a aceitar.

– É a tua última noite – dissera, com a sua mão suavemente pousada sobre a de Josie. – Nós oferecemos. – Tinha havido vinho num enorme copo e um programa de TV com som ambiente que ecoava por toda a casa, e Leon aninhado de tal forma que os dedos dos seus pés estavam suavemente entalados entre o sofá e a perna de Josie. Depois os ruídos e batidas do rebuliço de uma família que vai para a cama: sussurros, o clique dos interruptores, a gata a miar baixinho no corredor às escuras, como que a perguntar onde toda a gente tinha ido.

Foi, de certa forma, a noite mais perfeita da vida de Josie.

Josie suspira profundamente. O ar está límpido e pegajoso. O seu telemóvel diz-lhe que já estão vinte e um graus e ainda são sete e meia. É a única vez, pensa, que até lhe dava jeito o dececionante verão inglês, e os deuses mandam uma poderosa onda de calor.

Olha para o vestido e casaco que vestia quando chegou há uma semana. Aproxima o vestido do nariz e cheira-o. Cheira ao detergente de Alix. Cheira à casa de Alix. Toma um duche, usando o gel de banho com cheiro a especiarias de Alix, lava o cabelo com o champô com cheiro a ervas de Alix, enrola-se nas toalhas turcas fofas, tão fofas, de Alix e senta-se à beira da cama macia de Alix. Por um momento sente uma onda de tristeza a invadi-la. Mas depois lembra-se do que tem planeado e a tristeza rapidamente desaparece.

– Oh! – diz Alix quando Josie entra na cozinha alguns minutos depois. – Voltaste às tuas roupas!

– Sim. Bem, claro. – Ela segura as roupas usadas e o pijama num braço e o cão no outro. – Onde queres que as ponha? – pergunta sobre as roupas.

– Oh! Dá-mas cá. Aqui.

Ela passa-as a Alix, que as leva para a lavandaria.

– Obrigada! – Josie grita-lhe. – Muito obrigada. – Depois pergunta: – A que horas chegam as tuas irmãs?

– Oh! Por volta das cinco, creio eu. Por isso não precisas de ter pressa. Fica à vontade. – Lança um dos seus sorrisos luminosos a Josie e depois abre um pacote de *croissants*.

– Queres um? – pergunta ela, e Josie acena com a cabeça.

*

Nathan desce as escadas uma hora depois, seguido de Leon ainda de pijama. Nathan olha Josie de cima a baixo e diz:

– Lindo vestido, Josie.

– Obrigada – diz ela, sentindo simultaneamente lisonjeio e repulsa.

Eliza chega uns minutos depois e começa a chorar sobre algo maldoso que alguém lhe dissera no Snapchat e é aí que Josie sabe que é hora de partir. Coloca *Fred* na sua transportadora e põe a alça da sua mala ao ombro.

Vê Alix a observá-la com ar preocupado.

– Posso dar-te boleia? – diz ela. – É longe para ir a pé, sobretudo com este calor.

Josie abana a cabeça.

– Sem problema – diz ela. – Vou pela sombra. Não tenho pressa.

– E a tua mãe sabe que vais?

– Sim. Sabe.

Alix acolhe Josie nos seus braços e, pela primeira vez, Josie deixa-se abraçar.

Quando se afastam, Alix olha Josie diretamente nos olhos.

– Por favor, dá notícias, Josie. Sim? Arranja a ajuda de que precisas e dá notícias.

E então a porta azul-pálido fica entre ambas, Alix e o seu mundo de um lado e Josie do outro.

Dobrando a esquina, Josie abre a sua mala para verificar que está tudo lá, especialmente o dinheiro que levantou durante toda a semana em diversas caixas multibanco entre a casa de Alix e o seu emprego, o reconfortante peso e forma, preso com um dos elásticos de cabelo cor-de-rosa com purpurinas de Eliza que encontrara nas escadas um pouco antes. Depois, retira os óculos

escuros que encontrara debaixo de uma cadeira no jardim esta manhã – um par enorme com armação verde-natureza –, coloca-os no rosto e começa a andar.

O sol incide a partir de um céu impiedoso enquanto se dirige à próxima localização.

Terceira parte

Sábado, 20 de julho

A casa parece imediatamente diferente. Parece mais leve e mais calma e parece, finalmente, normal de novo. Alix permanece por um momento no *hall* de entrada e sente a mudança da energia. A gata caminha confiantemente na direção dela e enrola-se nas suas pernas em modo de celebração, como se também ela soubesse que o território lhe foi restituído. Alix pega nela ao colo, leva-a para a cozinha e pousa-a sobre a bancada perto da sua taça de comida.

– Já foi? – diz Nathan, espreitando para ela sobre os seus óculos de leitura.

– Foi.

– Tens a certeza? Verificaste?

– Não, não verifiquei. Mas sei que foi.

– Ela vai ficar bem? – pergunta Leon.

Alix sorri para ele.

– Vai ficar ótima. A mãe dela vai arranjar-lhe os cuidados de que ela precisa.

Mas as palavras soam vazias, sem significado, de alguma forma. Não porque não acredita que a mãe de Josie a ajudaria, mas porque não tem inteira certeza de para onde Josie está a ir. É um sentimento inquietante, mas ela coloca-o de parte porque hoje é o dia por que ela ansiara durante toda a semana e tem coisas para fazer, a começar por arrumar o quarto de visitas para Maxine e os rapazes e o escritório para Zoe e Petal.

Os seus passos enquanto sobe as escadas parecem mais leves por saber que não está ninguém no andar de cima, por saber que o seu papel no drama de Josie terminara. Mas uma pequena sombra permanece.

Josie não desfez a cama, deixando-a perfeitamente arrumada, as almofadas bem ajeitadas e cheias, a superfície do edredão sem vincos. Alix puxa a roupa de cama para a desfazer.

Josie deixou o chuveiro impecavelmente limpo, as toalhas penduradas bem direitas e simétricas no varão aquecido. Alix puxa-as e acrescenta-as à pilha de roupa suja.

Abre a janela e fecha as cortinas ao sol escaldante que, por volta da hora de

almoço, estará a incidir diretamente sobre este quarto.

Verifica o quarto e quase parece que Josie nunca lá esteve, como se nada tivesse acontecido. Coloca-se de gatas e olha por baixo da cama. Algum cotão e nada mais. Depois endireita-se e passa os dedos por debaixo do colchão.

A chave ainda lá está. Aquela com o número seis na etiqueta. Por um momento, pondera levantar-se, correr até à porta da frente, ver se ainda consegue apanhar Josie para a devolver. Mas imediatamente percebe que não o deve fazer. Sabe que esta chave tem algum significado. Que talvez tenha sido deixada ali por uma razão. Ela puxa-a cuidadosamente pela argola de metal e observa-a por um segundo antes de a enfiar no bolso.

Refaz a cama, substitui as toalhas e fecha a porta atrás de si.

*

Zoe chega primeiro. É a irmã mais velha de Alix. A mais baixa. A mais calada. Petal é de todos a prima mais nova, a filha única tão desejada de Zoe, concebida e nascida quando Zoe tinha quarenta e um anos através de inseminação artificial de um dador de esperma. Maxine chega meia hora depois. É a irmã mais nova e tem dois meninos, Billy e Jonny, um deles da mesma idade de Leon e Petal, o outro da mesma idade de Eliza. Maxine é a mais alta e a mais faladora e os seus filhos portam-se horrivelmente mal, mas eles não são o tipo de família que se preocupe com isso e, honestamente, depois de semanas a ouvir Josie a descrever os comportamentos das suas duas filhas, eles parecem agora dois anjos por comparação.

Alix montou duas piscinas insufláveis no jardim e tem um enorme balde de gelo à sombra para refrescar o vinho e as bebidas dos miúdos. As três irmãs têm vestidos largos de algodão e no ar sente-se o aroma do protetor solar que aplicaram umas às outras, no pescoço e nos ombros. Nathan regressa por volta das seis da tarde de uma ida à loja de artigos de jardinagem com um novo aspersor, depois de descobrir que o velho está avariado. Ele monta-o e as crianças correm através da cortina de salpicos de água, gritando de excitação. Senta-se na companhia das três irmãs por alguns momentos enquanto bebe uma cerveja, com calma, de forma quase anormal, a poupar-se, Alix presume, para a verdadeira ingestão de álcool que irá começar quando estiver com os amigos mais tarde. Ela reprime o desconforto que sente quando pensa nos planos de Nathan para esta noite e lembra-se da promessa que ele lhe fizera. Ela tem 99 por cento de certeza que ele não a irá desiludir. Ele adora as irmãs dela e sempre se importou em ter o seu aval e sabe que, se deixar Alix ficar mal esta noite, ambas o irão julgar severamente. Não apenas isso, mas também o facto de lhe ter prometido sexo se ele estiver em casa antes da meia-noite. Ela estende a mão a certa altura e aperta o pulso dele, com afeição e carinho. Ele

sorri para ela e Alix consegue vê-la, a determinação dele para ser melhor e melhor. Aperta-lhe de novo o pulso e devolve a atenção às suas irmãs.

Às sete da tarde, encomendam pizzas e começam a preparar as margaritas. Maxine fica responsável por esta tarefa, já que quando tinha vinte e poucos anos trabalhara durante três anos num bar de *cocktails*. Às sete e meia, Nathan sai. Alix segue-o até à porta, coloca os lábios no seu pescoço e roça a perna na sua virilha.

– Porta-te bem – diz ela. – Por favor.

– Prometo – diz ele. – Prometo.

Ele beija-a suavemente nos lábios e depois o pescoço. Ultimamente é tão raro comportarem-se daquela forma, serem brincalhões, apelarem ao lado sexual, que Alix sente calores a atravessarem-lhe o corpo. Fica a observá-lo através da janela do *hall* de entrada, nos seus calções azul-marinho, camisa com padrão floral, o cabelo ruivo puxado para trás com a ajuda dos óculos de sol, e pensa que sente saudades dele. Que o deseja. Que já está ansiosa pelo momento em que ele chegue a casa. E depois vira-se para o caos que reina entre as suas irmãs, os seus filhos e para os gritos «Quem quer o rebordo com sal?», com o sol escaldante a atravessar o telhado de vidro da sua cozinha e a bater diretamente na tijoleira do chão.

19h30

Nathan está ao telemóvel enquanto atravessa as ruas secundárias em direção à estação de metro de Kilburn. Fala alto, como fazem algumas pessoas, como se achasse que o resto do mundo está interessado na sua vida. A voz dele irrita Josie, mesmo à distância. Houve uma mudança de planos, daquilo que Josie consegue depreender ao ouvir aquele lado da conversa. Não vão encontrar-se no sítio onde tinham combinado; vão ter ao Lamb & Flag.

– Sim, e não me vou embriagar, lembra-te? Disse à Alix que estava em casa antes da meia-noite. Fiz uma promessa. Sim! – Ele ri-se. – Exatamente!

Ele desliga a chamada e Josie observa a sua nuca com repulsa. Como pode Alix sequer considerar? Pergunta-se. Como pode ela pensar que precisava de lhe prometer fosse o que fosse, simplesmente para o fazer comportar-se como um ser humano civilizado? Ela é areia de mais para o camião deste homem, em todos os sentidos. Josie sente o seu respeito por Alix desvanecer, regista mais uma pequena diminuição dos seus sentimentos por ela, mas depois lembra-se do que está a fazer, e porquê, e sente-se novamente recomposta.

Segue Nathan pela estação de metro. Está a usar um novo vestido que comprou no Sainsbury esta manhã. Não é tão bonito quanto aqueles que comprara quando estava com Alix, mas é bom para o calor e também desconhecido para Nathan. Tem o cabelo escondido dentro de um chapéu de palha, também do Sainsbury, e pela primeira vez na sua vida está a usar batom

vermelho, o que a faz parecer-se ainda menos consigo própria.

Procurou no Google o *pub* onde Nathan se vai encontrar com os seus amigos, para o caso de o perder no metro. Fica numa rua paralela à Oxford Street, perto das traseiras da Selfridges; a estação de metro mais perto é a de Bond Street, que fica a seis paragens.

A estação de Kilburn é exterior e ela está feliz por não estar numa estação subterrânea com este calor. Uma brisa vinda não se sabe de onde levanta a bainha da sua saia e refresca o suor do seu pescoço. Nathan, na outra extremidade da plataforma, está a mexer no telemóvel. Veste calções e as pernas dele são magras e pálidas como as de uma criança. Mais uma vez, pergunta-se o que raio Alix terá algum dia visto neste homem. *Pelo menos, pensa, pelo menos o Walter era bonito quando era novo. Forte. Alto. Atraente.*

Chega o metro e vinte minutos depois Josie está a seguir Nathan através do caos de sábado à noite em Oxford Street, onde todas as lojas estão ainda abertas e os passeios repletos de pessoas às compras e outras em busca de um restaurante. *Que povo estranho somos, pensa ela dos seus conterrâneos. Enquanto outras pessoas procuram a sombra, o ar condicionado, ficam dentro de casa e fecham as cortinas quando está calor, os ingleses correm para se expor a ele, como porcos no assador.*

Numa mesa na esplanada do *pub* estão três homens que de imediato se levantam e emitem sons guturais e animalescos quando veem Nathan a aproximar-se. Dão-lhe palmadinhas nas costas, colocam-lhe uma caneca de cerveja na mão e depois chegam-se para o lado no banco corrido para que ele se possa sentar. Todos se parecem com ele, ou pelo menos versões diferentes dele. Um é asiático, o outro negro e um é branco com cabelo negro, mas todos estão vestidos da mesma forma, todos falam da mesma forma, todos se riem da mesma forma. *São uma matilha, pensa, uma matilha de homens. Homens que deviam estar em casa com as suas famílias, e não aqui sentados a agir como um bando de miúdos de escola.*

Há um restaurante italiano ao lado do *pub* com mesas no passeio. Ela senta-se e pede uma Coca-Cola e um prato de massa com tomate e manjerição. Nathan e os amigos desatam a rir com estrondosas gargalhadas a cada quarenta e cinco segundos, mais ou menos. Mais cervejas são trazidas para a mesa e uma rodada de *shots*. Ela ouve Nathan dizer aos amigos que está a celebrar porque acabaram de se ver livres da «hóspede dos infernos».

– Ah, pois é. Quem era ela, afinal? – pergunta o asiático.

– Amiga da minha mulher. Ou talvez não bem amiga, mas uma mulher com quem ela tem estado a gravar um *podcast*. Teve uma briga com o marido e apareceu-nos à porta no fim de semana passado com a cara feita num oito. A Alix deixou-a entrar, *claro*. É tão bom coração, a minha mulher. E esta tipa recusava-se a ir para casa, a ir à polícia, a ir para casa da mãe. Simplesmente

abancou na nossa casa toda a semana a vestir as roupas da Alix com cara de enjoada. E hoje, finalmente, foi-se embora! Por isso, um brinde! Um brinde a ter de volta a minha casa!

Josie vira-se e observa-os raivosamente enquanto eles chocam os copos e brindam.

– Para onde foi ela? – pergunta o de cabelo negro.

– Não faço puto de ideia e nem quero saber. Nunca me senti tão desconfortável na minha própria casa, é só o que sei. A mulher era uma anormal.

Um deles torna a fazer outro som animalesco e fazem de novo um brinde.

Josie afasta o prato de massa ainda por terminar. As coisas que Nathan está a dizer não são simpáticas, mas não está surpreendida. Ela sabe que Nathan não gostava de a ter lá. Mas não faz mal. Só lhe dá mais força para concretizar o seu plano.

Pega no seu telemóvel e encontra a troca de mensagens de hoje cedo. Escreve outra mensagem.

Ele está numa mesa na esplanada do Lamb & Flag. É o que tem uma camisa às flores e cabelo ruivo, está sentado com outros três homens. Consegues estar aqui em dez minutos?

A resposta chega imediatamente.

Estou agora a sair do metro. Num instante estou aí.

Josie envia o *emoji* do polegar para cima e pousa o telemóvel, esboçando um pequeno sorriso.

21h00

Josie observa o rosto de Nathan registar um ligeiro choque de agradável surpresa quando a jovem se inclina sobre ele e diz:

– Posso sentar-me aqui enquanto espero pela minha amiga?

– Oh, sim! Podes. Claro que sim. – Nathan chega-se para o lado, para mais perto do seu amigo, e a mulher senta-se na ponta, de forma a que o seu braço fique encostado ao dele. Pousa uma bebida sobre a mesa à sua frente e procura dentro da sua pequena carteira, retira um maço de tabaco e algumas mortalhas e prepara para si mesma um cigarro de enrolar. Josie observa-a a virar-se para Nathan e dizer:

– Quer um?

– Oh! – diz Nathan. – Não. Não, obrigado. Eu nunca...

– Importas-te que eu fume?

– De todo. Força. Não há problema.

Josie consegue ver Nathan a corar. A jovem tem vestido um *top* preso ao pescoço com as costas descobertas e calças de ganga justas e o seu cabelo louro encaracolado está apanhado num rabo de cavalo que evidencia o seu rosto atraente aparentemente livre de maquilhagem, daquela forma que só se consegue com uma aplicação de maquilhagem muito competente.

Nathan consegue engrenar de novo na conversa com os seus amigos, mas Josie pode perceber que está agora em esforço, que está alterado pela presença da mulher estonteantemente bonita sentada ao seu lado, o seu braço nu a roçar no seu braço nu a cada meia dúzia de segundos. A mulher mexe no seu telemóvel durante alguns minutos e depois pragueja entre dentes e bate com o telemóvel na mesa. Nathan vira-se para ela e pergunta:

– Está tudo bem?

A mulher suspira.

– Acabaram de me deixar pendurada – diz ela. – A minha amiga. Faz sempre isto. Sempre. A sério. É a terceira vez seguida. Céus.

– Que chatice – diz Nathan. – Detesto quando me fazem isso.

– Sim. É uma falta de respeito, não é?

Por um segundo, não dizem nada. A mulher dá uma passa no seu cigarro e deixa escapar o fumo pela boca. Nathan pega na sua caneca de cerveja e bebe um gole.

– Será que posso ficar aqui com vocês um bocadinho? – diz a mulher. – Só enquanto termino a minha bebida. É uma pena desperdiçá-la.

– Oh! Sim. Claro. Por favor.

– Oh! Muito obrigada. Salvaste-me. Sou a Katelyn, já agora.

Ela estende-lhe a mão e ele aceita-a.

– Nathan – diz ele. – Muito prazer, Katelyn.

Depois ele apresenta-a ao resto do grupo, ela cumprimenta-os, eles sorriem, ela sorri. Estão encantados por terem uma linda mulher inserida no seu grupo, estão a contrair as barrigas flácidas e a lançar o melhor charme possível. Josie observa com satisfação e depois envia a Katelyn outra mensagem.

Brilhante. Depois avisa quando já o tiveres feito. Vou ficar à tua espera.

Depois paga a massa não comida e a Coca-Cola já sem gás e afasta-se do *pub* enveredando pelo turbilhão da noite quente de verão.

22h30

Alix envia uma mensagem a Nathan.

Observa os indicadores de confirmação de leitura da mensagem durante algum tempo, mas estes permanecem cinzentos. Reprime a sensação de desconforto e põe de lado o telemóvel. Secretamente tinha esperança de que Nathan já estivesse em casa a esta hora. Quanto mais tempo estiver fora, mais alta é a probabilidade de se perder na noite.

Zoe está a preparar um chá de menta. Tem um barómetro inato para o limite de álcool ingerido; é sempre a primeira a parar de beber. Maxine e Alix estão a beber os restos já quentes de uma garrafa de *Prosecco* que abriram mais cedo e encontraram a flutuar no balde de gelo, já no escuro do jardim. Petal está na cama, já que Zoe é muito rígida no que toca à hora de dormir. As outras crianças estão entretidas com um jogo de computador na sala incrivelmente barulhento, e Alix está prestes a ir dizer-lhes para baixarem o volume já que há um quarto do outro lado da parede da sala onde a casa vizinha, convertida em apartamentos, se encontra, e ela não quer perturbar os vizinhos. Mas, por agora, está a desfrutar da leveza da noite, do ar a refrescar o calor intenso do dia, ainda assim suficientemente quente para estar de manga curta. Está a desfrutar da conversa; estão a falar das férias de verão que estão à porta, uma grande casa na Croácia, as três, os seus filhos, os maridos, a mãe delas, uma piscina, dez dias de felicidade. Foram marcadas em janeiro e a princípio parecia que estavam próximas, e depois, enquanto o inverno dava lentamente lugar à primavera, impossivelmente distantes. Agora faltam apenas vinte e dois dias e Zoe mostra-lhes no telemóvel o novo biquíni que mandou vir *online* da John Lewis e falam sobre mamas, barrigas, hormonas, humores e depois, de repente, são quase onze e meia e Zoe está a bocejar e a preparar-se para ir para a cama.

Alix verifica o telemóvel para ver se Nathan enviara algum indício de que estaria a caminho de casa. Mas não há nada. Sorri constrangidamente perante algo que a sua irmã acabara de dizer. Não quer ter de responder a perguntas sobre o assunto. As irmãs estão cientes de que Nathan começara de novo a beber compulsivamente, mas Alix não lhes contara exatamente o quão mau tem sido e o que está em jogo, o quão tremidas estão as fundações do seu casamento neste momento.

Quando já conseguiram que todas as crianças fossem para a cama e as irmãs estão a preparar-se para fazer o mesmo, é meia-noite. Alix senta-se de costas direitas e tensas à beira da cama. Vai esperar até à meia-noite e cinco, e depois vai ligar-lhe. Por agora, vai até à casa de banho, deixando cair as suas roupas no quarto de vestir enquanto o faz. Quando descalça as suas sandálias e se agacha para as arrumar, repara em algo na sapateira. Um pequeno saco de plástico transparente. Um pedaço de guardanapo de papel com um número

ilegível escrito e o nome «Daisy». A capa de um cartão-chave de hotel. O nome do hotel é Railings. Ela conhece-o, é perto do escritório de Nathan em Farringdon: um *boutique* hotel moderno com todos os caixilhos das janelas e paredes pintadas de negro com efeito giz. Os colegas do escritório de Nathan costumam lá ir beber um copo após o trabalho e para entreter clientes. Nathan também já lá levava Alix em algumas ocasiões, e beberam uns copos, mas certamente nunca pediram um quarto. Ela levanta o saco de plástico contra a luz e vê resíduos de pó branco agarrados no interior.

Sente uma nuvem negra de náusea a percorrer-lhe o corpo, desde o estômago até à garganta. Olha de novo para os objetos. Não há datas. Podem ter ocorrido em qualquer altura. Mas ela sabe que não. Sabe que são de uma das noites que recentemente ele passara longe de casa, longe da sua cama, num buraco negro do qual afirma não se recordar.

Escova furiosamente os dentes na casa de banho, a olhar para o rosto distorcido de uma mulher traída que a observa no espelho. Nunca fora uma mulher traída. Nunca, em todos estes anos que estiveram juntos, suspeitara que o marido pudesse ser o tipo de marido que engata mulheres em *pubs*, as leva para hotéis e depois regressa a casa vinte e quatro horas depois, fingindo não se lembrar de nada. Nunca fora confrontada com este sentimento e é revoltante.

Pensa nas suas irmãs, já aborrecidas com Nathan por não ter voltado para casa antes da meia-noite, imagina o que pensariam se vissem as coisas que ela acabara de encontrar no chão da sapateira, imagina o que lhe diriam para fazer, os castigos que deveria estipular, as medidas que deveria tomar, e pensa que quer lidar com isto à sua maneira. Com calma. Racionalmente. Alix não é uma pessoa dramática ou impulsiva. É uma pessoa que gosta de se remover de situações que a fazem sentir-se mal, olhá-las objetivamente como se estivessem a acontecer a outra pessoa e depois tomar uma decisão que permita manter a paz e o statu quo, porque Alix, por muito que lhe doa admiti-lo a si mesma, precisa de manter o statu quo – pelo bem dos seus filhos, pelo bem do seu estilo de vida, pelo bem de todos eles. Tem demasiado a perder se agir movida pela raiva, demasiado. Precisa de dar a Nathan a oportunidade de provar que os medos dela são infundados e depois podem ultrapassar isto.

Sete minutos após a meia-noite, volta a sentar-se à beira da cama e digita o número dele.

Está a chamar.

0h30

Passa da meia-noite e Josie imagina Alix no seu quarto, a perguntar-se por que o seu estúpido marido ainda não terá voltado para casa. Imagina-a a agachar-se no quarto de vestir e a encontrar as provas que ela deixara na sua

sapateira esta manhã antes de sair, a capa do cartão-chave, o pequeno saco, o número de telemóvel ilegível com o nome de mulher que ela acrescentara. *Daisy*. Tinha ficado muito contente. É o tipo de nome ultrafeminino que parece de uma miúda e que iria levantar suspeitas.

Imagina Alix a ligar ao seu estúpido marido e a chamada a tocar.

Imagina o estúpido marido de Alix num bar barulhento em Soho, a beber *shots* e a snifar linhas de coca com a adorável Katelyn.

O seu telemóvel vibra e ela pega nele. É Katelyn.

Vamos entrar agora. Quando vens?

Agora mesmo. Vou sair agora mesmo.

Domingo, 21 de julho

Alix não consegue dormir. São quase três da manhã e ela continua acordada, deitada de costas, a olhar para o teto. O ar está quente e pesado e uma ventoinha elétrica faz levantar as páginas do seu livro sobre a mesa de cabeceira. Está simultaneamente em choque e nada surpreendida por Nathan a ter deixado ficar mal. E sente-se humilhada por ter pensado que a proposta de sexo poderia ser suficiente para o atrair para casa antes da meia-noite quando, ao que agora parece, ele não precisa de vir para casa para encontrar alguém que queira ter sexo com ele.

Na sua mente recorda todas as vezes em que ele expressara a sua desilusão perante homens traidores. Os seus amigos são todos «bons rapazes», diz ele, rapazes que nunca o fariam. Disse que não conseguiria ser amigo de homens que tratassem as esposas dessa maneira. Mas, no entanto... Daisy; cocaína; quarto número 23.

Enviara mensagem a Giovanni por volta da uma da manhã, que afirmou terem deixado Nathan num bar em Soho pouco antes da meia-noite.

Sozinho?

Perguntara ela.

Pelo que sei.

E ela soube que estava a mentir.

Gostava de ser aquele tipo de mulheres que guarda uma série de comprimidos para dormir no armário da casa de banho, como nos programas de TV americanos. Gostava que houvesse algo que pudesse fazer para desligar o seu cérebro. Acaba por desistir da cama e dirige-se ao rés do chão. A gata está feliz por ter uma inesperada visita noturna e Alix agacha-se para a afagar. Através do teto de vidro da cozinha vê uma lua cheia, cor de laranja. Imagina a

mesma lua cor de laranja a pairar sobre Nathan onde quer que ele esteja, o que quer que esteja a fazer, possivelmente a exibir a pele macia do fundo das suas costas enquanto entra e sai de uma mulher sem rosto chamada Daisy num *boutique* hotel algures.

*

Alix acorda às cinco da manhã. A primeira coisa que faz é agarrar no telemóvel e verificar se há algum sinal de alguma coisa, seja o que for que possa sugerir a possibilidade de que o seu marido esteja a voltar para casa. Mas nada. Pousa o telemóvel na mesa de cabeceira e volta a deitar-se. O sol está quase a nascer e as suas cortinas ganham um brilho cor de pêssego enquanto a casa range e suspira, expandindo-se de novo para o seu tamanho normal. Alimenta a gata e bebe um enorme copo de água, pouco depois ouve passos no corredor e ali está Petal.

O choque de ver a sua sobrinha, pequena e revigorada, numa camisa de noite de algodão azul, em contraste com os pensamentos negros que a assolaram durante toda a noite, quase lhe tira o fôlego.

– Bom dia, querida – diz ela. – Acordaste cedo.

– Gosto sempre de acordar cedo – diz ela. – Gosto de estar sozinha.

Alix acena com a cabeça e sorri, oferecendo-lhe depois comida e sumo. Abre as portas das traseiras para deixar sair o ar viciado da noite. Esvazia a máquina de lavar louça e de vez em quando lança um olhar a Petal, enquanto esta come lentamente uma taça de *Special K* à mesa da cozinha. Não fala com ela, deixa-a desfrutar da sua solidão matinal. Liga a Nathan. Faz café. Liga novamente a Nathan. Não faz ideia, de todo, sobre o que deve fazer.

*

Alix não sabia que era possível o tempo passar tão lentamente quanto passa nesse dia. Às 7h, volta para a cama e dorme durante uma hora e pouco, mas depressa acorda de novo com o sol da manhã a trespassar as cortinas e a queimar-lhe o corpo, a cabeça repleta de pontadas de ansiedade e pedaços de pensamentos fragmentados. Obriga-se a comer uma torrada e bebe três cafés de seguida, nenhum deles diminuindo sequer a dimensão da sua exaustão. Quanto mais tempo, pergunta-se, poderá ela simplesmente esperar sentada?

Às nove da manhã, sente que já é apropriado ligar a Giovanni. Ele atende imediatamente.

– Gio – diz ela. – O Nathan ainda não chegou a casa. Por favor, se há algo que não estejas a contar-me, diz-me agora!

O silêncio pesado e pútrido do outro lado da linha diz-lhe tudo o que

precisa de saber.

– Não – diz ele, sem emoção. – Não. Simplesmente deixámo-lo num bar. Como é costume. Não houve nada.

– Bem – diz Zoe quando Alix lhe conta isto pouco depois. – Está a encobri-lo. Era de esperar que dissesse isso, certo?

Alix suspira. Sabe que Zoe tem razão.

– A que horas costuma ele voltar quando sai à noite? – pergunta Zoe.

– À tarde?

– Bom, então não nos vamos preocupar antes disso – diz Zoe e Alix acena com a cabeça, mas depois ocorre-lhe algo e ela puxa do seu computador portátil e abre a aplicação do banco. Ela e Nathan têm uma conta conjunta. Sempre tiveram, desde que ficara claro que Alix nunca iria ter grandes rendimentos e que Nathan já os tinha. Nathan nunca verifica a conta. Nunca olha para o extrato do banco ou faturas de restaurante ou guarda recibos. Gasta dinheiro com base na presunção de que equilibra mais ou menos os seus gastos com o seu vencimento e, na maioria das vezes, está correto.

Verifica a secção de pagamentos pendentes no seu extrato online, procurando algo que explique onde ele possa estar, mas não há nada. Nada desde o pagamento num bar no West End, onde Giovanni dissera que o tinham deixado, de 25,60 libras. Não há pagamentos de Uber. Não há cobranças de quartos de hotel. Nada. Desapareceu sem deixar rasto.

*

Chega a tarde. Aproximam-se nuvens negras e a temperatura desce finalmente um grau ou dois. Zoe e Maxine ficaram mais tempo do que o planeado e há um ambiente de inquietação no ar, como se estivessem numa sala de espera na expectativa de alguma espécie de anúncio.

Alix passa uma hora no seu quarto de vestir a vasculhar os bolsos das roupas de Nathan, à procura de mais pistas para o seu comportamento, mas não há nada. As suas irmãs oferecem-lhe comida, mas ela não consegue comer. Não consegue pensar. Mal consegue respirar.

As nuvens negras ganham balanço e depois, mesmo após as quatro da tarde, começam os trovões, e às quatro e meia a chuva cai em catadupa, o ar enche-se de petricor, e o calor finalmente diminui. Correm por toda a casa a fechar janelas. Alix liga de novo a Giovanni, mas ele não atende. As suas irmãs dizem-lhe que têm de sair dentro de uma hora, os miúdos têm trabalhos de casa para fazer, os seus gatos precisam de comer, amanhã é dia de escola, e Alix apercebe-se de que, assim que as suas irmãs forem embora, ficará presa em casa sem poder sair, sem levar as crianças, e rapidamente troca o vestido de verão por umas *leggings* e ténis e caminha o mais depressa que pode até à casa

de Giovanni, a cerca de oitocentos metros. Ele está a mentir; ela sabe que está. Precisa de o ver, cara a cara, de olhá-lo nos olhos, nos olhos da sua companheira, arrancar a verdade sobre o que aconteceu ontem à noite.

Ele parece chocado quando a vê à porta. Abre só uma fresta, e depois totalmente com um suspiro de rendição.

– Ainda não há sinal dele? – pergunta humildemente.

– Não. Nenhum sinal. E, Gio, por favor, não me faças de idiota. Sei que aconteceu alguma coisa ontem à noite. Olha. – Ela esvazia os bolsos e retira o que encontrara na sua sapateira. – Olha – diz de novo. – Isto é do Nathan. Encontrei ontem à noite. Faz-se de muito santo e depois encontro números de raparigas rabiscados em guardanapos, sacos de cocaína. Quer dizer, sinceramente, diz-me só a verdade. Havia alguma rapariga metida ao barulho ontem à noite? Diz-me só!

E depois toda a réstia de resistência abandona Giovanni, e ele convida-a para entrar e pede-lhe que se sente à sua mesa da cozinha, que está coberta das sobras de um almoço de família, pratos e travessas trazidos para dentro para fugir à chuva ainda com salpicos de água nos rebordos. Vê Giovanni e a sua companheira trocar olhares e depois vira-se para ela e diz:

– Havia uma rapariga. Mas a sério, honestamente, Alix, não era nada. E eu juro que o Nathan nunca se meteu com nenhuma rapariga antes. Não sei quem é essa Daisy do guardanapo. Talvez alguém que queria um emprego ou um espaço comercial ou algo do género. Falamos com imensa gente quando saímos. Mas ele nunca, nunca se meteu com ninguém. Juro. Mas ontem à noite esta mulher veio e sentou-se connosco. O nome dela era Katelyn. Disse que tinha sido deixada pendurada pela amiga, perguntou se podia ficar ali connosco um bocadinho. E acabou por ficar e beber connosco e depois saímos do *pub* para ir ao bar no Soho e ela veio também. Mas eu juro, Alix, não se passava nada entre eles. O Nathan estava constantemente a falar de ti. Constantemente a dizer que era casado. O quão bonita tu eras.

Alix pisca os olhos lentamente. Olha para a sua aliança e fá-la girar uma volta sobre o dedo antes de voltar a encarar Giovanni.

– E depois o que aconteceu?

– Como assim?

– Quer dizer, disseste que deixaste o Nathan no bar à meia-noite. Ela também se veio embora?

Giovanni baixa os olhos para o tampo da mesa. Abana a cabeça lentamente. Mas depois olha para ela rapidamente e diz:

– Ela disse que o ia levar a casa. Disse que o Nathan lhe tinha contado que tinha feito uma promessa e ela se ia certificar que ele chegava a casa para... bem, sabes?

Alix expira pesadamente e deixa cair a cabeça para trás.

– Ele contou coisas sobre a nossa vida sexual a uma estranha?

Giovanni assente de novo.

– Mas, sinceramente, foi só por brincadeira. Só palhaçada. Ela parecia mais um de nós, sabes. Não parecia que fosse...

– Que fosse o quê?

– Não sei. Como se o fosse levar por maus caminhos, talvez. Parecia ser uma daquelas noites, sabes, em que parecia que o Nathan não ia parar. Uma daquelas noites em que se ia perder e, sinceramente? Acho que ficámos contentes por ele ter alguém com ele, porque assim podíamos, sabes, ir para casa.

Ele olha-a com ar envergonhado.

– De certeza que vai estar em casa não tarda – diz ele. – Sabes como ele é. Provavelmente já está em casa. Acabou de entrar. – Ele sorri-lhe, mas ela não devolve o sorriso.

– Como era ela? Esta Katelyn?

– Bonita? – diz ele, em tom apoloético.

– Quantos anos?

– Jovem? Talvez vinte e muitos? Trinta e poucos?

Ela suspira e revira os olhos.

– Gostava que me tivesses dito isto mais cedo – diz ela. – Gostava que não me tivesses mentido.

– Desculpa, Alix – diz ele, beliscando um pedaço de papel com as unhas. – Lamento mesmo.

Segunda-feira, 22 de julho

Levar os miúdos à escola na manhã seguinte parece surreal. O ar está fresco e limpo e ela vestiu um casaco por cima das suas roupas de verão. As ruas estão repletas de crianças com fardas azul-claro e azul-marinho. Alix observa-as intensamente. Nenhuma delas tem um pai que desaparecera no fim de semana.

Dez minutos depois de chegar a casa, repara que tem uma chamada não atendida de um número que não reconhece. Procura-o no Google e sente uma descarga de energia nervosa quando vê que é o número do hotel no fim da Tottenham Court Road, e depois uma onda de alívio toma conta dela. Imagina Nathan a acordar depois da saída à noite mais longa de sempre, a esfregar os olhos, e verificar as horas, a perceber que esteve inconsciente durante quarenta e oito horas, a procurar o seu telemóvel, a descobrir que estava sem bateria, a usar o telefone fixo do hotel para lhe ligar, e tudo se encaixa. Devolve imediatamente a chamada com mãos ligeiramente trémulas.

– Olá! – diz ela bruscamente à mulher de voz jovem que atende o telefone.
– Acho que é possível que o meu marido me tenha ligado deste número. Nathan Summer? Está hospedado aí?

Há um pequeno silêncio insolente e depois a jovem diz:

– Oh, olá! Estou a falar com Alix Summer?

– Sim – diz ela. – Sim. Eu, ah, como sabe o meu nome?

– Bem, na verdade fui eu que acabei de lhe ligar, senhora Summer. Peço imensa desculpa. Não sabia mais o que fazer. Mas o senhor Summer esteve cá neste fim de semana e infelizmente, depois de não ter feito o *check-out* esta manhã, usámos a chave mestra para entrar no quarto dele e descobrimos que havia muitos estragos. Encontrámos o cartão de visita do senhor no quarto e tentámos ligar-lhe para o telemóvel algumas vezes, mas estava sempre a ir para o atendedor de chamadas e, por isso, liguei para o número do escritório mesmo agora para perceber como poderia entrar em contacto com ele, mas disseram que ele não tinha ido trabalhar hoje e deram-me o seu número. Espero que não leve a mal ter-lhe ligado.

Alix congela enquanto diversos cenários lhe passam pela cabeça. Finalmente responde:

– Não. Claro que não.

– Mas receio que vamos ter de cobrar ao senhor Summer os estragos do quarto.

– Desculpe, mas pode só explicar-me o que aconteceu? Todos os detalhes. Porque sinceramente não estou a perceber.

– Oh! Sim! Claro! – responde prontamente a jovem. – O senhor Summer fez *check-in* no sábado à noite. Já muito tarde. A sua acompanhante disse-nos que tinha pagado duas noites através de um *website* de reservas.

– Acompanhante?

– Sim. A pessoa com quem ele estava.

– E quem era?

– Lamento, mas não lhe sei dizer. Não estava a trabalhar no sábado à noite. Mas o quarto tinha sido pré-pago por duas noites. O senhor Summer parece ter saído no domingo sem ter feito o *check-out*. Ninguém o viu sair e não temos qualquer registo disso, e quando fomos ao quarto dele esta manhã para lhe pedir que saísse, estava vazio. Nem sinal do senhor Summer nem da sua acompanhante. E o quarto, infelizmente, estava destruído.

– Destruído?

– Sim. E receio que vamos precisar de cobrar uma quantia para cobrir os custos. E sendo que o cartão da acompanhante está a ser recusado e não conseguimos entrar em contacto com o senhor Summer, ficaríamos muito gratos se nos pudesse ajudar a resolver esta questão.

– O quarto – diz Alix. – O quarto do meu marido. Já foi arrumado? Já foi limpo?

– Não, estamos à espera de que a gerência mande uma equipa de limpeza especial. Não foi ainda mexido.

– OK. Bem, gostaria de o ver, por favor. Porque o meu marido não veio para casa, está desaparecido, e talvez haja algo no quarto que possa explicar onde ele está. Onde ele foi. Por favor? Posso estar aí em meia hora.

Há um pequeno silêncio enquanto a jovem vai perguntar à gerente e depois regressa ao telefone.

– Claro. Pode ser. Até daqui a meia hora.

*

A rececionista entrega a chave a Alix.

– Quarto número dezoito – diz ela. – No primeiro andar. Por ali e sobe as escadas.

Alix percorre o corredor e sobe as escadas estreitas. O quarto dezoito é a

segunda porta à esquerda. Ela encosta o cartão ao painel de controlo e a porta abre-se.

As cortinas estão fechadas e leva uns segundos a habituar-se à escuridão antes de encontrar a ranhura do cartão-chave para ligar as luzes, e o cenário ganha vida de uma forma chocante.

O quarto foi saqueado. A roupa de cama foi literalmente arrancada da cama, o colchão está à vista e metade do edredão está caído no chão. O minibar foi esvaziado; há garrafas vazias espalhadas pelo chão. Os restos de um *takeaway* McDonald's estão espalhados por todo o lado: embalagens de papel cheias de *ketchup* e pacotes gordurosos de batatas fritas frias. Alix caminha com cuidado através do caos até à casa de banho. Aqui há toalhas molhadas no chão, latas de refrigerantes no lavatório, e ali – o estômago de Alix embrulha-se, violentamente – roupa interior de mulher, uma cueca de fio dental de renda barata, despida e deixada caída no chão, cabelos louros encaracolados no lavatório, a marca de *lip gloss* com cor no rebordo de um copo e o cheiro, o puro cheiro inconfundível de mulher a pairar por todo o lado.

Alix senta-se na borda da banheira e pensa. Levanta-se devagar e espreita o caixote do lixo, procurando pistas. De volta ao quarto, começa a visualizar mais do que uma noite de interlúdio alcoólico e sexual a acontecer neste quarto. Vê um quadro torto pendurado na parede, uma racha no vidro. Vê um candeeiro tombado. A mesa de cabeceira está posta num ângulo de noventa graus em relação à parede. E ali, ela vê, quando se agacha na direção do chão de madeira, está uma pequena mancha do que parece ser *marmite*, talvez, ou *ketchup* do McDonald's, mas que na ponta do seu dedo se revela ser sangue vermelho-vivo.

Ela estremece ao vê-lo e levanta-se tão rapidamente que o sangue lhe sobe à cabeça. Gira sobre si mesma, tentando arranjar mais respostas para os milhares de perguntas que a assolam a partir dos pormenores do quarto, mas não lhe surge nada. Uma luta. Uma rapariga. Comida. Bebida. Uma cueca fio dental.

Alix senta-se na beira da cama saqueada e pega no telemóvel. Liga a Nathan e vai para o atendedor de chamadas. Regressa à receção e quando fala com a jovem ao balcão, percebe que está a chorar.

– Por favor – diz ela. – Por favor. Preciso de ver os vossos registos de imagem. Preciso de ver as câmaras de segurança. O meu marido está desaparecido e eu não sei onde ele está e não posso suportar mais um dia assim. Não posso suportar mais um dia *sem saber*. Por favor.

A rececionista sorri nervosamente e diz:

– Deixe-me perguntar à minha gerente. Dê-me um minuto.

Pouco depois uma mulher glamorosa com cabelo pintado de preto surge

do escritório por detrás do balcão. No seu crachá de identificação está escrito «Astrid Pagano» e tem tatuagens negras elaboradas em ambos os antebraços.

– Por favor – diz com um sotaque suave –, venha comigo. – Ela chama-a até ao escritório e Alix segue-a.

É uma divisão pequena e estão apertadas em frente aos ecrãs de segurança, cotovelos lado a lado.

– Lamento – diz Astrid. – Lamento muito que esteja a viver este momento difícil. Vamos ver se conseguimos arranjar-lhe algumas respostas.

Demoram alguns minutos até encontrarem o que procuram. A data no ecrã indica «Domingo 1h41». Primeiro vê Nathan e a loura bonita a chegarem ao hotel. Aquela deve ser Katelyn, presume, a rapariga de quem Giovanni falara. Parece mais velha do que Alix imaginara; tem o seu volumoso cabelo louro encaracolado preso num rabo de cavalo e feições muito arredondadas. Tem calças de ganga brancas, ténis brancos, um *top* preto largo atado no pescoço e enormes brincos de argola; parece uma deusa. Nathan, logo atrás dela, parece ridículo por comparação. Mal consegue pôr um pé na frente do outro e tem de se agarrar à parede quando chega à porta de entrada para não cair. As imagens passam para outro ecrã e aqui Alix observa Nathan a tropeçar atrás de Katelyn enquanto ela faz o *check-in* de ambos. Ela já vira Nathan bêbado diversas vezes, mas nunca tão bêbado quanto ele parece estar nestas imagens. Depois desaparecem do ecrã, entrando no corredor escuro que leva às escadas ao fundo do hotel. Astrid faz avançar o vídeo nas duas horas seguintes e depois pausa e torna a retomar a velocidade normal por volta das três da manhã. Ali está Nathan. Vestido e ainda aos tropeções. Esbarra na consola à frente da receção e depois para por um momento e tira o telemóvel do seu bolso. Desbloqueia-o e faz uma careta, balançando ligeiramente no mesmo sítio enquanto tenta concentrar-se no ecrã. Depois torna a colocar o telemóvel no bolso e sai pela porta da frente. Agora vão para o segundo monitor e ali está ele, ali está Nathan no meio da rua escura ligeiramente destacado sob a luz direta de um candeeiro e depois voltando a embrenhar-se na penumbra quando se afasta. É iluminado pela aproximação dos faróis de um carro e ele vira-se, quase perdendo o equilíbrio quando o faz. Encadeado, coloca a mão à frente dos olhos para se proteger e depois sorri e acena.

O carro encosta à esquerda do hotel, ainda visível no enquadramento da imagem. Nathan afasta-se da entrada do hotel, atravessando o passeio, e aproxima-se da porta do passageiro. Alix vê-o prestes a abrir a porta e depois a parar e a olhar para o condutor; parece mudar de ideias sobre entrar no carro, mas depois volta, talvez quando o condutor lhe diz algo, e uns segundos depois entra. Em seguida o carro afasta-se lentamente e a rua volta a ficar imersa em escuridão.

– Reconhece o carro? – pergunta Astrid.

Alix abana a cabeça.

– Podemos rebobinar um pouco para o momento em que ele encosta? Ali – diz ela. – Pause aí mesmo.

Astrid prime o botão da pausa e ali está a chapa de matrícula, perfeitamente legível. Astrid dá a Alix um pedaço de papel e uma caneta e Alix anota-a.

– Talvez seja um Uber? – sugere Astrid.

Alix abana a cabeça.

– Não – diz ela. – O Nathan nunca se sentaria no banco da frente num Uber. Senta-se sempre no banco de trás. Parece que ele estava à espera de conhecer o condutor. E depois não o reconheceu. Mas entrou de qualquer forma... – a sua voz desvanece-se. Nada disto faz sentido. Em que carro estava ele à espera de entrar? Quem esperava ele ver às três da manhã? Que mensagem tinha ele visto no seu telemóvel antes de sair? E de quem era?

Astrid está prestes a desligar o monitor, mas Alix impede-a.

– Posso vê-la a sair, por favor? A mulher? Pode ser?

– Sim, claro.

E ali está Katelyn, alguns segundos depois, perfeitamente composta e calma, sem sinais visíveis do que quer que seja que acontecera entre ela e Nathan no quarto destruído. Nem um cabelo fora do sítio, as suas calças de ganga brancas ainda perfeitamente imaculadas. Mas quando passa à frente da receção, Alix vê um longo arranhão vermelho-vivo recente na sua bochecha. Katelyn vira-se de novo e desaparece, mas, desta vez, Alix não quer pedir a Astrid que pause. Não quer ver aquilo de novo. Não quer saber.

– O nome da mulher que fez a reserva. Sabe quem foi? Foi ela? A Katelyn?

Astrid verifica o sistema de reservas do hotel e clica em alguns botões.

– OK – diz ela –, então. A reserva foi feita através de um *website* de reservas algumas horas antes nesse dia. E não. A reserva não foi feita em nome de Katelyn. – Ela para e inspira profundamente. – E de facto não devia estar a dizer-lhe isto, como estou certa de que sabe. Mas hoje sou eu a chefe e consigo perceber que isto é mesmo importante. Por isso... – Ela vira-se de novo para o ecrã e clica noutro botão. – Estou a ver que a reserva foi feita em nome do seu marido, mas paga com um cartão em nome de outra pessoa. O nome no cartão – ela vira-se para Alix e assente, só uma vez, como se já soubesse de algo – é o da menina Erin Jade Fair.

O ecrã mostra de novo Katelyn Rand sentada no sofá vermelho. Ela suspira e diz:

– Então, a Josie ligou-me pouco tempo depois de conversarmos na Stitch, depois de lhe ter dado o meu número e ela me ter dito que tinha um trabalhinho para mim. E basicamente consistia em apanhar o marido de uma amiga a ser infiel. Aparentemente, este tipo andava a traí-la há anos – *ya, homens*, não é? – e esta mulher recusava-se a acreditar no que via e ouvia. E a Josie só queria que a amiga dela soubesse, que visse, que comesse a acreditar no que o marido era capaz de fazer. Eu disse: «Hum, não, não me parece, não sou nenhuma acompanhante de luxo, sabes. Sou atriz.»

Katelyn ri-se e abana a cabeça.

– Ela disse: «Não tens de dormir com ele. Só tens de o levar para um quarto de hotel. Só tens de fazer parecer que dormiste com ele. E depois deixa o resto comigo.» Quer dizer, obviamente, pareceu-me uma estupidez. Achei que aquilo parecia uma loucura. Mas depois ela disse... bem, ela disse que me pagava mil libras. E eu pensei, *OK. Por que não?* Mil libras, por uma noite de trabalho, nem isso. Então aceitei. E aguardei novas instruções.

O entrevistador intervém fora de plano:

– E quais foram?

– Ela disse-me para meter conversa com ele à porta de um *pub* em Oxford Street. Foi naquele fim de semana mesmo, mesmo quente a meio de julho, lembram-se? Quando estiveram trinta e cinco graus? E eu cheguei lá e comecei a falar com ele, e *ya*, ele era um tipo porreiro. Ele e os amigos. Uns queridos. E ele só dizia que precisava de ir para casa porque a mulher lhe tinha prometido uma queca. Estava sempre a fazer piadas com isso, e eu senti-me super mal, sabem, muito mal. Pensei, bem, vou dar o meu melhor, mas, sinceramente, não faço milagres. Achei que as minhas mil libras estavam em risco, honestamente. Mas depois vi-o a pedir o seu, sei lá, quinto *shot* de tequila, vi os olhos dele alterados, vi-o como se estivesse a entrar numa outra dimensão, e foi aí que soube que ele não ia para casa dar uma queca à mulher. Coitada.

Olha para o entrevistador e sorri tristemente.

– Sim. Coitados dos dois.

*

Meio-dia

Alix está à porta do apartamento de Pat há quase dez minutos a tocar e a tocar à campainha vezes sem conta, até que uma vizinha surge à porta do prédio ao lado e lhe diz que Pat não está, que Pat saiu para o aeroporto de Stansted na manhã de sábado, que Pat tinha ido de férias, e que, não, não fazia ideia para onde tinha ido. Um sítio algures em Espanha, talvez?

– Mas foi com a filha?

– A Josie?

– Sim. Ela vinha ficar aqui uns dias com a mãe. Ou pelo menos foi o que ela me disse.

– Não vi a Josie a sair com ela – diz a vizinha. – Não vejo a Josie há meses. Quando a Pat saiu de casa no sábado, estava sozinha. Mas se vir a Josie por aí, digo-lhe que está à procura dela, se quiser, sim?

– Sim – responde ela vagamente. – Sim, por favor.

Alix vai diretamente do bairro de Pat até ao edifício de Josie em Manor Park Road. Espreita pela janela, mas não há sinal de vida. Parece estar exatamente igual à última vez que ela aqui estivera. O computador fechado ainda permanece sobre a mesa castanha à janela. Repara que há uma passagem estreita lateral à esquerda do edifício de Josie, bloqueada por uma barreira de caixotes do lixo. Retira dois do caminho e põe-se em bicos de pés para espreitar através da pequena janela suja que dá para a passagem. As cortinas estão fechadas, mas há uma pequena abertura através da qual Alix consegue ver indicadores de desarrumação e miséria, pilhas de roupa, caixas e o canto de uma cama desfeita, uma perna de uma deteriorada cadeira de *gaming* preta e vermelha.

Este deve ser o quarto de Erin, presume.

A passagem tresanda. Os caixotes do lixo estão cheios e acabou de terminar uma onda de calor. Ela tapa a boca com a mão e dirige-se de novo ao passeio. Toca à campainha, embora já saiba que não está ninguém. E depois, quando ninguém atende, regressa a casa.

*

Uma grande vantagem de ter entrevistado uma vasta panóplia de mulheres ao longo dos anos é o acesso que isto dá a Alix a diversas áreas de especialidade. Em algumas ocasiões já tirara proveito de ter certos endereços de *e-mail* nos seus contactos e agora está sentada ao computador à procura de Joanna Dafoe, subcomissária da Polícia Metropolitana de Londres, que uns anos antes tivera no seu *podcast* e com quem tinha estabelecido afinidade com base em gostos em comum, como gatos siberianos e o hábito de comer quatro Weetabix de uma vez só.

Joanna, perdoe-me o atrevimento, mas o meu marido está desaparecido e estou muito certa de que está só a curar a maior ressaca de sempre, mas vi imagens de uma câmara de videovigilância em que ele entrava num carro aleatório no meio da noite. Não me parecia um Uber, tenho a matrícula. Quão fácil seria para si conseguir descobrir em que nome está o registo do carro?

Pouco depois, vai até à escola para buscar Leon e Eliza. O sol brilha e há uma brisa fresca, o ambiente está descontraído pelo fim do ano letivo e a promessa das férias grandes, apenas a três dias de distância. Por um momento, Alix sente como se tudo pudesse estar normal, que pode chegar a casa e ver Nathan à sua espera, com ar tímido, na cozinha, mas depois de alguns minutos verifica o seu e-mail e há uma resposta de Joanna Dafoe, subcomissária da Polícia Metropolitana.

Olá, Alix,

Que bom ter notícias suas. Lamento que esteja a passar um mau bocado. Essa matrícula indica uma companhia de aluguer de carros. Esse carro foi alugado por uma Erin Jade Fair no sábado. Espero que ajude! E, por favor, dê uma festinha à Skye por mim.

Alix lê o *e-mail* duas, três vezes. Depois afasta o computador para longe e arqueja, cobrindo a boca com as mãos. Os seus pensamentos engalfinham-se uns nos outros, violentamente, e depois a clareza de espírito assenta e ela chama a polícia.

– Sei que isto pode soar louco – começa –, mas acho que o meu marido foi raptado.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia! UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra uma mulher com ar compenetrado sentada num sofá de pele em frente a uma janela alta com cortinas de veludo. Veste um fato com calças e botins de salto.

Na legenda pode ler-se:

Subcomissária Sabrina Albright

– A princípio não levámos a sério. Um agente imobiliário de Queen's Park com historial de desaparecer durante saídas à noite a ser raptado por uma dona de casa num carro alugado a meio da noite. Pareciam patéticas domésticas, sabem, como um caso extraconjugal. As vidas confusas de gente confusa. Colocámos o caso na pilha dos não-urgentes. Mas depois, algumas horas mais tarde, recebemos a chamada.

O entrevistador, fora de plano, diz:

– A chamada?

– Sim. Uma chamada anónima, de uma cabine telefónica em Bristol.

Ouve-se a gravação de uma chamada telefónica para a polícia.

– Hum, olá. Preciso de reportar uma pessoa desaparecida. É a minha... amiga. Erin Fair. E o pai dela. Walter Fair. Vivem em 43A Manor Park Road, NW6. Já não tenho notícias deles há muito tempo. Pelo menos há uma semana. A Erin tem necessidades especiais e o pai dela é idoso. Normalmente nunca saem de casa e queria saber se alguém pode lá ir ver se está tudo bem. Por favor. Estou muito preocupada com eles.

A câmara volta a fitar a subcomissária Albright.

– Demorámos algumas horas a estabelecer a ligação entre as duas chamadas, as duas menções ao mesmo nome no mesmo dia. Erin Fair. E depois, quando o fizemos, foi tipo *bum*.

A subcomissária Albright faz um gesto a imitar uma explosão da cabeça com as mãos e os braços.

– Enviámos um carro-patrolha a Manor Park Road e, bem, sabem perfeitamente o que aconteceu depois disso.

*

Evening Standard, Terça-feira, 23 de julho

Foi feita uma descoberta macabra na noite desta segunda-feira numa das ruas secundárias de Kilburn. Polícia e detetives da esquadra de Kentish Town deslocaram-se a um apartamento no rés do chão de uma casa em Manor Park Road, depois de receberem uma chamada anónima de uma mulher em Bristol que estava preocupada por não ter notícias da sua amiga já há algum tempo. Sem conseguir localizar o paradeiro de Erin Fair e do seu pai, e depois de falar com vizinhos, que reportaram ter ouvido gritos na madrugada de sexta-feira, já há mais de uma semana, a polícia arrombou a porta. Foram imediatamente invadidos por um terrível cheiro vindo algures de dentro do apartamento e, alguns minutos depois, os restos mortais de Walter Fair, de 72 anos, foram descobertos na banheira. Tinha sido severamente espancado e abandonado de braços e pernas atados. A polícia encontrou depois a filha do Sr. Fair, Erin Fair, 23, atada a uma cadeira de criança feita de madeira dentro de um armário no corredor. A cadeira tinha sido alterada com cintos e correias de pele. Também ela tinha sido severamente espancada e a princípio achou-se que estaria morta, mas depois de mostrar sinais de vida foi levada de urgência para o hospital, onde está agora internada em coma nos cuidados intensivos.

Segundo os vizinhos, a família Fair não era vista há algum tempo, e Josie Fair, a mulher de Walter, está em parte incerta desde que a descoberta foi feita.

A polícia está de momento a investigar o seu desaparecimento e também o desaparecimento de um homem local, Nathan Summer, que conhecia vagamente a família Fair e que foi visto pela última vez à porta de um hotel no centro de Londres na madrugada de domingo a entrar num carro alugado em nome da filha da senhora Fair, Erin. A esposa do senhor Summer, a popular *podcaster* Alix Summer, tinha estado recentemente a gravar um *podcast* com Josie Fair. Esta tinha estado hospedada na casa dos Summer durante uma semana antes do desaparecimento do marido de Alix, alegando ter sido vítima de violência doméstica às mãos do seu marido.

Os vizinhos afirmam que a família Fair era muito reservada e normalmente não estabelecia muito contacto com terceiros.

Quarta-feira, 24 de julho

Alix vai buscar os seus filhos à escola. Amanhã é o último dia do ano letivo e eles surgem no recreio carregados de velhos projetos, livros de exercícios e desenhos, que Alix recolhe enquanto eles conversam e implicam um com o outro. As outras mães aproximam-se dela e tocam-lhe suavemente no braço, perguntam se ela está bem. Ela sorri constrangidamente e assente. Não está bem. Não está mesmo nada bem.

Não houve resposta útil depois das notícias. Não houve avistamentos do carro alugado. Não houve avistamentos de Nathan. Não houve avistamentos de Josie. O cartão de Erin não voltou a ser usado. Katelyn não veio prestar declarações. Nenhum dos conhecidos de Katelyn veio prestar declarações, embora a sua imagem retirada das câmaras de vigilância do hotel com o grande arranhão na cara tenha sido largamente disseminada. As gotas de sangue encontradas no chão do hotel à saída de Tottenham Court Road foram enviadas para análise e a polícia está presentemente a tentar localizar a pessoa que enviou algumas mensagens que partiram do computador portátil de Erin. Estão a apelar aos donos de cães e aos abrigos de cães, pedindo-lhes que estejam de olho em pomchis. Estão a analisar as imagens das câmaras de vigilância das caixas de multibanco usadas por quem quer que se tenha servido do cartão de débito de Erin para levantar quase dez mil libras desde a última semana. Estão a analisar as imagens de videovigilância de Manor Park Road para verificar se Josie foi vista na zona desde que abandonou a casa a meio da madrugada quase há duas semanas, e localizaram os passageiros dos seis autocarros que passaram frente à casa dos Fair entre as onze da noite e as três da manhã na noite em que Josie afirma ter sido espancada por Walter, para ver se algum deles avistou alguma coisa através da janela. Localizaram pessoas a quem Erin enviara mensagens nos dias e semanas que antecederam o seu desaparecimento. Estiveram em contacto com os dois filhos de Walter, do seu primeiro casamento, que estão no Canadá, e estiveram em contacto com os chefes e colegas de trabalho de Josie.

Mas já passaram quase quatro dias desde que Josie raptara Nathan do

passeio frente ao hotel à saída de Tottenham Court e não há nada. Nem uma única pista.

Até agora. No momento em que Alix insere a chave na sua porta da frente, o seu telemóvel toca. É a subcomissária Sabrina Albright.

– Seria conveniente deslocar-se até à esquadra logo que possível? Para falar comigo e com o meu colega subcomissário Bryant. Quando puder. Encontrámos alguns objetos na propriedade dos Fair. Uma estranha seleção de objetos. Incluindo a edição da revista de decoração de interiores que mencionou ter visto a senhora Fair remover do seu caixote de reciclagem enquanto estava fora. E mais umas coisas que, bem... se pudesse vir dar uma vista de olhos, ver se reconhece mais alguma coisa...?

– Posso ir agora mesmo. Dê-me só... – Ela olha para os seus dois filhos, ainda de farda escolar, a descalçar os sapatos à entrada, e pensa em quanto tempo a sua mãe demorará a vir de Harrow até aqui de carro e diz: – Uma hora. Estou aí dentro de uma hora.

*

Na mesa à frente de Alix está uma cápsula Nespresso, uma embalagem do sabonete líquido caro que ela usa na casa de banho de serviço, a sua pulseira com os pequenos pendentos que Nathan lhe oferecera no seu aniversário, um recibo do supermercado de produtos orgânicos com data do dia de aniversário de Alix, a revista de decoração de interiores, uma colher de chá brilhante, um cartão da parede da cozinha de Alix que Eliza desenhara três anos antes depois do seu cão *Teeny* ter morrido e uma tira de fotografias tipo passe de Leon. Sente um amargo de boca perante a visão destes pedaços pequenos, vitais, intensamente pessoais da sua vida familiar sobre o frio tampo de mesa.

Mas também há outras coisas sobre a mesa à frente de Alix. Há uma fotografia de duas crianças pequenas sentadas sobre o joelho de uma jovem menina, todas as três crianças a sorrir amplamente para a máquina fotográfica. Há um elástico de cabelo feito de seda cor-de-rosa. Há uma capa de telemóvel emborrachada com pedras coladas no formato de flores. Há uma caixa de pastilhas vazia. Há um único brinco de prata com um pendente de crucifixo. Há um guardanapo amarrotado com manchas cor-de-rosa e uma grande flor de seda presa a um elástico. Ela abana a cabeça e diz:

– Estes não são meus. Não sei, quer dizer, diria que pertencem às filhas dela. Mas estas... – Os seus olhos dirigem-se à fotografia da menina com as crianças ao colo. – Estas não são a Erin nem a Roxy. Mas a miúda... ela parece-me familiar. Parece... – Alix procura na sua mente o momento em que já antes vira este rosto. E depois percebe e aponta para a foto enquanto o seu coração galopa sob as suas costelas e diz:

– Brooke Ripley. Essa é a Brooke Ripley, não é? Vejam! E eu lembro-me de a Josie ter dito que a Brooke tinha dois irmãos pequenos, um meio-irmão e uma meia-irmã? E que... esperem... – Ela retira o seu telemóvel da mala e faz uma pesquisa pelo nome Brooke Ripley no Facebook. – Vejam. É ela. E... – A sua atenção vai para um detalhe da foto de Brooke da noite do baile de finalistas que ela ainda não notara antes – uma grande flor branca atada ao seu pulso. A sua garganta queima, e ela aperta a barriga de forma subconsciente com a sua mão esquerda. – Veja – diz ela, os seus olhos dirigindo-se da foto para a flor e para os dois detetives. – Vejam.

Os detetives fitam os objetos e a fotografia do telemóvel de Alix, e um ar gélido inunda o gabinete ameno.

– Há uma chave – dá por si a contar a Sabrina. – A Josie deixou-a debaixo do colchão no meu quarto de hóspedes. Está manchada de sangue.

– Descreva-me essa chave – Sabrina diz a Alix.

– É pequena. De ouro, acho eu, ou bronze. Uma simples chave. Tem uma etiqueta de plástico, daquelas que vêm em embalagens de múltiplas, com uma janela que indica o número seis. Só isso. Está na minha casa. Posso dar-vos. Peço desculpa. Já vos devia ter entregado antes. Nem pensei.

– Por favor, não se preocupe. Tem sido uma grande ajuda. E isto... – Sabrina faz sinal na direção da flor de seda e da fotografia de Brooke Ripley com os seus dois irmãos –, isto pode ser muito importante. Vamos redobrar os nossos esforços para encontrar a família de Brooke. E enquanto isso, por favor, cuide de si e da sua família. Entraremos em contacto quando tivermos mais informações.

Alix levanta-se para sair e depois para quando se lembra de algo que a tem vindo a incomodar há dias.

– É tudo? – pergunta à detetive. – Não havia um colar? Com um pendente dourado de uma abelha?

– Não – diz Sabrina. – Não que eu saiba. Mas se aparecer, entro em contacto.

– Obrigada – diz Alix, levando instintivamente os dedos à sua clavícula, onde o colar costumava estar. – Isso seria ótimo.

*

Sentada na mesa da cozinha com Leon, a mãe de Alix levanta a cabeça quando ouve Alix fechar a porta atrás de si, uma hora mais tarde. Atira-lhe um olhar que questiona: «Sim?»

Alix abana a cabeça, discretamente, e por algum tempo ocupa-se de algumas tarefas, coloca a louça na máquina de lavar, o telemóvel à carga, limpa pelo da gata de cima da placa do fogão. Quando termina, gesticula, pedindo à

mãe que a siga até ao jardim. Sentam-se lado a lado, a olhar para a parede de fundo. A luz do final de tarde reflete-se nas janelas do estúdio de gravação de Alix, criando um brilho dourado, e, por momentos, ela pergunta-se se alguma vez tornará a sentar-se atrás da mesa de som, se alguma vez terá de novo interesse genuíno na vida de terceiros.

– E então? – diz a mãe, alguns segundos depois.

– Nada – diz Alix. – Não descobriram nada. Mas... – ela estremece ligeiramente ao recordar-se dos pequenos retalhos da sua vida, da sua casa, da sua família, ali colocados à sua frente, ao que parece, retirados das profundezas da gaveta da roupa interior de Josie. Imaginar o precioso desenho de Eliza onde Alix está com *Teeny*, o seu falecido cão, e o rosto ligeiramente sobressaltado de Leon com apenas quatro anos no meio da triste e desvanecida roupa interior de Josie dá-lhe náuseas.

– Encontraram alguns objetos numa das gavetas dela: alguns deles pertencem-me. Coisas que ela roubou cá de casa. Nada de valor. Só pedaços. – A voz dela emociona-se e ela aperta a mão da mãe com a sua, e sente a mãe devolver o gesto.

Não conta à mãe sobre a pulseira de flor, sobre Brooke Ripley, sobre a chave manchada de sangue debaixo do colchão de Josie. Simplesmente aperta-lhe a mão e fica a observar o vazio, tentando reprimir as lágrimas que ameaçam levá-la ao descontrolo.

– Ele vai aparecer – diz a mãe suavemente. – Sei que vai. Consigo senti-lo. Ele anda aí. Cá para mim no fim de semana já estará em casa.

E é só isso que Alix quer ouvir. Quer pensar que também ela sente que ele anda aí; quer ter a certeza de que ele vai entrar por aquela porta no próximo fim de semana, que vai ter uma história para lhe contar enquanto bebem vinho, que irão aninhar-se ambos na cama, o corpo dele talvez mais pequeno, mais magro, os seus braços em torno dela desesperados pelo alívio de estar de novo em casa, que irão esperar, esperar para conversar sobre Katelyn, esperar para conversar sobre o quarto de hotel, que irão curar as feridas, reconciliar-se, amar, e depois irão reparar o que quer que fosse que estava tão mal que fizera Nathan ir parar a um quarto de hotel com uma rapariga chamada Katelyn. Quer esse final para esta história e beija a mãe suavemente no rosto e diz:

– Obrigada. Sim. Obrigada.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!
UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra Katelyn Rand sentada no pequeno sofá de veludo vermelho.

– Então, o Nathan não se calava com a conversa de querer ir para casa para ter sexo com a mulher, apesar de mal conseguir dar dois passos seguidos. Acabámos por ir para um bar no Soho e eu consegui perceber que os amigos dele já estavam cansados, a ficar impacientes. Estava tanto calor nessa noite e, quer dizer, eles já não eram novos, não é? Mas ele continuava a pedir *só mais um copo*. Então eu disse: «Ouçam. Porque é que não vão andando? Deixem-no comigo. Eu posso levá-lo a casa.» E depois eles foram-se embora e eu disse ao Nathan que o levava a casa, mas primeiro devíamos ir comer qualquer coisa para ajudar a passar a bebedeira, e fui com ele até ao hotel que a Josie me tinha mandado levá-lo. Ela disse que havia lá um quarto, em nome dele, já pago. Só tinha de fazer o *check-in*. Parecia fácil, mas nem por isso. Mal conseguia mantê-lo de pé. Tive de o encostar a qualquer coisa enquanto tratava do assunto. Ele só dizia: «Onde está a Alix? Ela está aqui? Está aqui?»

– E eu disse: «Sim. Está lá em cima, à tua espera. Anda, querido, vou levar-te até lá.» E depois entrámos no quarto e ele disse que tinha fome, por isso, mandei vir McDonald's; comemos; ele bebeu as miniaturas de bebidas todas do minibar. Enquanto isso só dizia: «Onde está a Alix? Ela vem? Ela vem?»

– Eu disse que sim. Ela vem. Apanhou um Uber. Não tarda está aqui. E depois... Bom, ele tentou sair. Sim.

Ela leva a mão até à nuca e afaga-a, sorrindo apologeticamente para o entrevistador fora do enquadramento.

– Foi mau. E eu só olhava para o meu telemóvel à procura de uma mensagem da Josie a dizer-me que estava a caminho. E eu só lhe ligava. Tranquei a porta do quarto e pus-me à frente. Ele estava doido. «Deixa-me sair. Deixa-me sair!» E depois começou a atirar coisas, a derrubar objetos. Não me tocou, mas acidentalmente atingiu-me a bochecha com qualquer coisa afiada. E eu estava presa neste quarto com um maluquinho, a perder as estribeiras, e a Josie não estava a atender, não atendia, e depois finalmente às três da manhã ela ligou. Disse para o deixar sair. Para lhe dizer que a Alix estava lá fora, num Kia preto, matrícula tal, já não sei. Então destranquei a porta, deixei-o ir. Deixei alguma roupa interior no chão da casa de banho. Borrifei o meu perfume por todo o lado. Desfiz a cama. Saí. Dez minutos depois caíram mil libras na minha conta Paypal. E, pensei eu, estava feito. Jesus Cristo.

Ela suspira, passando de novo a mão na nuca.

– Não podia estar mais enganada, pois não?

Quinta-feira, 25 de julho

A mãe de Alix passa a noite na sua casa. No dia seguinte, acompanha Alix à reunião de fim de ano letivo no auditório escolar demasiado abafado, onde as portas estão abertas, mas não há ar fresco a circular. Sentam-se lado a lado no banco corrido, joelhos fletidos num ângulo agudo, e Alix sabe que a mãe, embora jovem para a sua idade, ficará feliz quando terminar e puder esticar de novo as pernas. Este é o fim do ensino básico para Eliza. No mundo em que vivia antes de sábado à noite, este teria sido o dia pelo qual Alix se tinha sentido mais ansiosa. O fim de uma era. O fim da rede de segurança de uma escola primária generosa e cuidadora. Acabaram-se os polos azuis-claros para Eliza. Acabou-se o saco de livros de fecho de velcro. Acabaram-se as reuniões para Alix comparecer, as visitas de estudo a museus que ela podia acompanhar.

E depois termina, a escola esvazia-se, o sol brilha, o verão acaba de começar, seis semanas de inocência e liberdade e o começo de uma nova fase na vida da sua filha e ela não sente nada. Caminham até ao parque e ficam na fila para comprar gelados. As crianças brincam com os amigos. Alix senta-se com a sua mãe, longe dos outros pais. Regressam a casa e Alix coloca as fardas dos miúdos na máquina de lavar pela última vez até setembro. Espera o mais que pode, que acaba por ser até às 16h58, e depois serve-se e à sua mãe de vinho.

E depois, enquanto olha para o seu copo vazio e considera a possibilidade de o encher novamente, apesar de não serem ainda cinco e meia, o seu telemóvel toca. É Sabrina Albright.

– Adivinhe quem acaba de entrar na esquadra, Alix? E quem a quer ver?

O ecrã mostra uma jovem mulher sentada num cadeirão vintage posicionado no centro de uma divisão vazia, iluminada por uma luz ténue.

Tem cabelo louro, rapado de um lado e pelos ombros do outro. Veste uma camisa azul-claro abotoada até cima e calças de ganga pretas.

Tem muitos brincos em ambas as orelhas e sorri nervosamente.

No ecrã pode ler-se:

Roxy Fair, filha de Josie e Walter Fair

No ecrã surge o título da série e o episódio termina.

*

14h50

Roxy puxa a pele em redor das unhas e olha para o relógio na parede. Está prestes a descobrir o que raio se passa, se alguém afinal viria ou não ao encontro dela. Alguns minutos depois, a porta abre-se e entram dois polícias, um homem e uma mulher, chamam-se Chris e Sabrina, sorriem e dizem o quanto lamentam em relação ao pai de Roxy, e depois pigarreiam e abrem os blocos de notas. A mulher diz:

– Sabe onde está a sua mãe, Roxy?

Roxy abana a cabeça.

– Não a vejo desde os meus dezasseis anos.

– Conseguimos contactar com a sua avó Pat O'Neill.

Roxy assente.

– Está em Menorca, mas amanhã irá regressar. Diz que a Roxy pode ficar hospedada em casa dela, se desejar.

– Não posso ficar. Tenho trabalho. Tenho de voltar.

– OK. Tudo bem. Mas tenho de a informar, se não viu já nas notícias, que estamos a procurar ativamente a sua mãe com relação ao homicídio do seu pai e tentativa de homicídio da Erin.

Roxy olha-a espantada, e depois para o outro detetive.

– A sério?

– Sim. Está muita coisa a acontecer neste momento, Roxy. E acho que talvez seja melhor explicar-lhe tudo por partes, para não se tornar muito confuso. Pode ser?

Roxy acena com a cabeça.

– Parece que os seus pais tiveram uma altercação na noite de sexta-feira, 12 de julho. Tinham ido jantar a casa de uma amiga...

Roxy deixa escapar uma pequena gargalhada.

– Sim, sim, deve ser.

– Uma mulher chamada Alix Summer tinha recentemente estabelecido amizade com a sua mãe. Trabalharam juntas numa espécie de projeto durante algumas semanas. Isto culminou num convite para jantar nessa sexta-feira à noite. Algumas horas depois dos seus pais terem deixado a casa da senhora Summer, a sua mãe reapareceu à porta da senhora Summer com ferimentos graves, afirmando ter sido espancada pelo seu pai.

– Pelo meu pai?

– Sim. Isso foi o que ela disse à senhora Summer. Contou-lhe que ela e a Erin tinham abandonado juntas o apartamento de madrugada e deu a entender que o seu pai estava vivo e de saúde. Passou a semana hospedada na casa da senhora Summer, antes de sair na manhã de sábado, dizendo à senhora Summer que ia para casa da mãe, a sua avó Pat. Nessa mesma noite, o marido da senhora Summer desapareceu depois de uma noite de copos na cidade com os amigos. Os dois acontecimentos poderiam parecer totalmente independentes, à exceção do facto de que o quarto de hotel em que o marido da senhora Summer esteve quando desapareceu, e do carro que surge em imagens de videovigilância a apanhá-lo à porta desse mesmo hotel, ambos foram pagos com um cartão de débito bancário em nome de...

A mulher pausa, e Roxy fita-a como se dissesse «Vá, desembucha»:

– Erin Fair.

– O quê, desculpem, a minha irmã, que está presentemente em coma, pagou um quarto de hotel a um gajo qualquer?

– Não achamos que tenha sido a sua irmã, Roxy. Achamos que a sua mãe tem estado a usar o cartão da sua irmã. Também estivemos a analisar a conta bancária da sua irmã e, bom, tinha uma quantia considerável. Mais de quarenta mil libras. E nas últimas duas semanas foram levantadas mais de dez mil libras dessa conta em diversas caixas de multibanco em Queen's Park. Segundo o que a sua mãe disse à senhora Summer, a sua irmã, Erin, tem necessidades especiais. Consumia boiões de comida para bebé e não saía de casa e, no entanto, tinha entradas diárias de dinheiro na sua conta bancária. Todas de uma empresa relacionada com o mundo virtual, Glitch. Sabe alguma coisa deste aspeto da vida da sua irmã?

– Sim, ela é famosa.

– Famosa porquê?

– Pelos jogos. As pessoas pagam um valor pela subscrição do Glitch e depois podem ver os jogadores a jogar *online*. E a minha irmã era uma das melhores.

– Então, ela ganha dinheiro a jogar computador?

Roxy nem acredita o quão velhas algumas pessoas parecem, como se vivessem num mundo diferente do seu, mas controla a sua vontade de revirar os olhos e diz:

– Sim. É isso.

– Então, hum... – Ambos os detetives se ajeitam nas cadeiras. O homem olha para a papelada à sua frente; a mulher olha para Roxy.

– Onde acha que poderá estar a sua mãe?

Roxy deixa escapar uma gargalhada ríspida.

– Está a perguntar-me?

– Bem, sim.

– Não vou conseguir ajudar-vos, lamento. A minha mãe... – Roxy para, deixando cair por um momento a sua expressão irascível. – A minha mãe odiava-me. A minha mãe odiava o meu pai. A minha mãe odeia a minha irmã. É evidente que pegou no dinheiro da Erin e foi começar uma vida nova que não incluía nenhum de nós.

– Mas imagina algum sítio em particular? Um lugar que tivesse algum significado para ela? A senhora Summer diz que a sua mãe sente muita nostalgia em relação aos primeiros anos em que formaram a vossa família. Demasiada até, talvez? Então há algum lugar que tenham visitado em família, por exemplo?

Roxy encolhe os ombros. Não é dessa forma que vê a sua infância. Não há qualquer brilho dourado que reluzia em nenhum aspeto dessa fase.

– Costumávamos ir ao Lake District todos os verões, por uma semana. Eu odiava, ficávamos todos enfiados numa caravana, ou numa cabana no meio do bosque com, tipo, aranhas por todo o lado. Mas ela adorava. Costumava beber vinho todas as noites e não se calava com a maravilhosa paisagem.

– Lembra-se onde exatamente em Lake District?

– Sim. Ambleside. Mesmo à beira do lago.

Roxy observa enquanto eles anotam esta informação. Semicerra os olhos e diz:

– Sabem que é completamente impossível que o meu pai alguma vez tenha batido na minha mãe, não sabem?

– Bem, temos registos fotográficos que mostram os ferimentos da sua mãe.

– Como?

– A senhora Summer tirou fotos, na semana passada.

Roxy suspira impacientemente.

– Desculpem, *a senhora Summer... a senhora Summer*. Mas quem raio é esta senhora Summer?

– É a amiga da sua mãe.

– Mas a minha mãe não tem amigas.

– É uma amiga, mas também tem estado a gravar um *podcast* com ela.

– Um *podcast*? Que tipo de *podcast*?

– Tem estado a entrevistar a sua mãe sobre a vida dela.

Roxy não consegue evitar rir.

– A sério?
– Sim. Estivemos a ouvir as gravações. São muito... perturbadoras.
– Em que sentido?
– A sua infância. Os abusos. O que aconteceu à sua amiga Brooke.
– A Brooke? – Por momentos, o seu coração fica imerso na escuridão, o seu estômago revira-se.

Os detetives trocam olhares.

– Sim. A Brooke Ripley. Era sua amiga de escola. Teve uma relação com o seu pai?

– Teve uma relação com o meu...?

– Ela desapareceu, sabe, por volta da mesma altura em que você saiu de casa, e estamos a investigar a possibilidade desse desaparecimento estar relacionado com os seus pais.

– Estão a brincar, certo?

– Não. Não estamos a brincar. Estamos a guiar-nos pelo testemunho deixado pela sua mãe na gravação do *podcast* da senhora Summer.

Roxy abana a cabeça e fecha os olhos.

– Ouçam. Não consigo lidar com isto, OK? O que mais disse a minha mãe a esta mulher?

– Partilhou horas de testemunhos com ela. Todos apontam para um cenário de vida doméstica muito tóxico na sua casa, para a possibilidade de abusos ao cônjuge e às crianças, incluindo alegados abusos sexuais à sua irmã.

– A mulher para, passa a língua pelos lábios, toca na papelada com as suaves pontas dos dedos. – Da parte do seu pai.

– Do meu...? – Roxy bate com as mãos no tampo da mesa e os dois detetives sobressaltam-se levemente. – A sério? O meu pai? Isso foi o que a minha mãe lhe contou, foi?

– Disse que o seu pai abandonava o leito conjugal todas as noites e se dirigia ao quarto da Erin, e depois não regressava.

– Sim. Estava a jogar com ela.

– A jogar?

– Sim. Ele fazia parte da coisa, parte do espetáculo, digamos assim. Os subscritores adoravam que o meu pai lá estivesse. Ele ficava só sentado atrás dela e fazia comentários e piadas. Tinha um apelido. Pops2. Erased e Pops. Era em parte a razão pela qual o jogo dela era tão procurado, por causa dele.

– Então por que acha que ele não contou à sua mãe?

– Ela não conseguia, simplesmente não conseguia lidar com o facto de ele ter uma relação com qualquer uma de nós. Tinha tantos ciúmes dele, de nós o amarmos. Ficava doente. Sabe. Doente da cabeça. Então diga-me, por favor, eu aguento. Diga-me o que ela lhe fez. Diga-me o que a minha mãe fez ao meu pai.

Roxy está sentada no café sofisticado em Salusbury Road. Tem a mente em polvorosa. Está atolada de coisas, de pensamentos que vêm e se sobrepõem, imagens que surgem e palpitam, e faz de conta que não quer saber, faz de conta que já passou por coisas destas antes, mas não passou, o pai dela está morto, foda-se, e a Erin está presa a mil fios num quarto de hospital, com a vida em risco. Rasga um guardanapo de papel com dedos tensos, depois percebe o que fez e torna a juntar os pedaços. Olha através do vidro e vê uma mulher a entrar apressadamente no café. É alta, o seu cabelo muito louro, parece natural, mas Roxy consegue ver as raízes a surgir no risco ao lado. Veste calças de ganga à boca de sino e uma *sweatshirt*, ténis pretos com sola grossa e não está maquilhada. Aparenta não dormir há dias. Vê Roxy quando entra no café e olha para ela com ar interrogativo. Roxy anui.

– Olá, Roxy. – Ela senta-se. – Céus. Isto é... – Ela parece não ter palavras e os olhos dela examinam o rosto de Roxy, como se mais tarde quisesse recordá-lo. – Nem acredito que és tu. Sinto-me como se... – As mãos dela agitam-se no ar e rodopiam vagamente, até aterrarem no colo. – Estás bem?

Roxy acena com a cabeça. Ela está sempre bem e nunca há de querer que alguém pense o contrário.

– Lamento muito pelo teu pai.

Roxy assente de novo. Depois olha para Alix e diz:

– O que é que a minha mãe lhe contou sobre o meu pai?

Alix fita-a, cheia de incertezas, e depois diz:

– Não sei bem se o que me contou era verdade.

– Conte-me só.

Então Alix conta.

15h00

– Estás confortável?

Alix olha para Roxy, sentada à sua frente na secretária do seu estúdio de gravação, a ajustar os auscultadores. Roxy anui e ergue a mão com o polegar esticado para cima.

– Ótimo.

Roxy mede metro e meio e é assustadora. A sua mandíbula sobressai em tom desafiador, mesmo quando está a ser simpática.

– Isto são tudo tretas! – Tinha dito ainda há pouco no café, suficientemente alto para as duas jovens mães sentadas mais atrás interromperem a conversa e se virarem ligeiramente nas suas cadeiras. – Não acredito que ela lhe disse isso. É.... – Estava prestes a lançar-se sobre o seu próprio relato da sua infância quando Alix ergueu a mão e a travou.

– O que achas – disse ela – de contribuir para o *podcast*? Contar o teu ponto de vista?

– Quando? – perguntou Roxy.

– Agora? Eu moro mesmo ali. A dois minutos de distância. Menos.

Esperava que Roxy se negasse, que permanecesse fechada no seu casulo, cheia de segredos, escudada por espinhos, mas imediatamente ela pegara na sua pequena mochila e se levantara.

– Então, isto vai ser tipo um *podcast* de *true crime*? – perguntara, e Alix sentiu um arrepio ao aperceber-se que de alguma forma, por culpa da névoa estupidificante de medo e terror, lhe tinha escapado que era exatamente isso que estava agora a fazer. Estava a realizar um *podcast* de *true crime*, baseado nos acontecimentos da sua própria vida.

Neste momento está a partilhar com Roxy uma pequena parte das gravações de Josie. É do dia em que Josie lhe contara sobre Brooke. Observa o rosto de Roxy enquanto escuta, a expressão de confusão e incredulidade que toma conta das suas feições delicadas. De vez em quando abana a cabeça como se tentasse apagar algo do seu ouvido. Alix pressiona o botão da pausa e espera que Roxy fale.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia! UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra agora uma reconstituição em plano aproximado da cena em que alguém pressiona o botão de gravação numa mesa de mistura.

Na legenda pode ler-se:

Nas vinte e quatro horas seguintes, Alix Summer gravou quase quatro horas do testemunho de Roxy Fair.

Ouve-se a voz de Roxy enquanto se vê uma imagem desfocada que recria o interior do apartamento dos Fair.

Há uma adolescente de costas, a conversar com um homem mais velho na cozinha.

– A Brooke Ripley entrou na minha escola já muito tarde. Toda a gente a odiava. Lembro-me de ficar feliz porque isso retirava as atenções de cima de mim. Ela era bonita, parecia ter mais do que catorze anos, tinha mamas grandes. E acabámos por nos juntar porque toda a gente nos odiava. E, sim, tornámo-nos muito próximas. Mesmo muito. Na realidade, eu e a Brooke acabámos por estar, tipo, juntas, sabes? Eu sempre soube que era lésbica,

desde muito nova. Mas a Brooke foi a minha primeira namorada, e foi mesmo muito intenso durante algum tempo. Estávamos mesmo apaixonadas. Não contámos a ninguém, só à Erin. Mas não à mãe, nem ao pai. E eu lembro-me de uma vez, era Natal, o meu pai estava em casa. Lembro-me disso agora. Estava a fazer biscoitos, com o seu avental de Natal. Estávamos a ouvir músicas de Natal. Foi giro, parecia que éramos uma família normal, para variar.

Alix intervém:

– Não eram uma família normal?

– Não. Não éramos uma família normal. Nem por sombras. Mas ali, naquele momento, parecíamos ser. E o meu pai estava a rir e a contar piadas, e eu olhei para a Brooke e pensei: *aposto que gostavas de que o teu pai fosse como o meu*. Lembro-me de pensar nisto. Lembro-me perfeitamente. Senti orgulho. Sabes? E, sim, claro que a minha mãe odiava. Odiava ver-nos todos divertidos. Todos felizes. Depois disso a Brooke disse qualquer coisa tipo: «Acho que a tua mãe me odeia.» Eu disse: «Por que dizes isso?» Ela respondeu: «Não sei. Foi a ideia que ela me passou.» Eu acho que a minha mãe ficava irritada porque conseguia perceber o quanto eu gostava dela. O quanto *todos* gostávamos dela. Consequia perceber que a Brooke era mais importante para mim do que ela, que eu a amava, sabes, e não conseguia lidar com isso. Não conseguia lidar com nada que não a colocasse no centro das atenções. Ficava doente de ciúmes.

O cenário muda para um recreio escolar cheio de adolescentes vestidos de farda.

Alix pergunta:

– E depois houve uma briga? Segundo testemunhas, tu e a Brooke envolveram-se num confronto físico nas instalações da escola próximo do fim do ano letivo.

– Sim. Ela disse, hum, ou pelo menos eu *pensei* que ela tinha dito algo sobre a Erin. Alguém me disse que ela se tinha referido à Erin de uma forma menos correta. Por isso avancei, como é meu costume, estúpida, sem confirmar nada, dei-lhe um soco. Fui suspensa pela escola, apesar dos meus exames estarem mesmo a começar.

O ecrã mostra Roxy sentada num banco de um bar vazio.

Está a sorrir friamente.

Na gravação ouve-se o seu suspiro.

– Era muito impetuosa, quando era nova. Era um pesadelo, para ser sincera. E aquilo pôs fim ao meu percurso escolar. Estava farta. Estava farta daquilo tudo. Sobretudo, estava farta da minha mãe. Por isso fugi de casa. Queria que a Brooke viesse comigo. Ela disse que não estava pronta. Queria fazer os exames. Queria ir à merda do baile de finalistas. Queria fazer tudo como deve ser. Então fui sem ela. Esperei que ela cáisse em si. Esperei que ela viesse ao meu encontro. Mas em vez disso, ela desapareceu. Sumiu-se no ar. E

foi assim.

Alix pergunta:

– Então teres fugido de casa não teve nada a ver com o teu pai e a Brooke? Não se passava nada? A Erin não te disse que os tinha ouvido a ter sexo? Nada disso aconteceu?

Roxy ergue os olhos para a câmara e abana a cabeça.

– Nunca ouvi tanta parvoíce na minha vida.

*

23h00

Nessa noite, Roxy dorme no quarto de hóspedes de Alix. Apesar do seu ar áspero e intimidante, Alix consegue discernir no seu interior a criança frágil, a menina de dezasseis anos a viver num ambiente tóxico que só precisa de alguém que cuide dela. Enquanto Alix lhe mostra o quarto, explica que foi ali que a mãe dormira por uma semana, mesmo antes de desaparecer.

– Ela tinha esta chave, escondida debaixo do cobertor. Tinha o número seis inscrito. Entreguei-a à polícia, mas eles não conseguiram estabelecer correspondência com nenhuma das fechaduras da casa dos teus pais. Sabes alguma coisa sobre isto?

Roxy encolhe os ombros.

– Não.

– Não tens acesso a um barracão ou cabana ou, não sei, a um armazém qualquer?

– Penso que não. Mas o meu pai tinha uma garagem. O pai dele guardava lá umas velharias, acho eu. Lembro-me de lá ir uma ou duas vezes, quando éramos pequenas. Estava cheia de pó e teias de aranha.

– Lembras-te de onde era?

– Sim. Nas traseiras.

– Nas traseiras do quê?

– Da casa. Há uma espécie de... como se chama? Uma rua estreita com casas geminadas de ambos os lados, viradas umas para as outras, sete ou oito, acho eu.

– E como é que lá chegas a partir da tua casa?

– A partir da fachada e depois virando a esquina e passando um portão. Mas também tínhamos uma janela na casa de banho que abria diretamente para lá.

Alix e Roxy trocam um olhar, mas nenhuma delas dá voz aos seus pensamentos.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!
UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra uma mãe e a filha adolescente sentadas num sofá de um pub do século dezasseis, com um pequeno cão castanho que dorme no meio delas.

A mãe tem cabelo curto branco e óculos de leitura de armação vermelha.

A filha tem o cabelo longo e louro, com pesados caracóis pela cintura. Na legenda pode ler-se:

**Clare e Georgie Small,
veraneantes no Ambleside Manor Lodge Park**

A filha, Georgie, fala primeiro.

– Estávamos lá em julho de 2019. Eu, a minha mãe, o meu pai, os meus irmãos. Tínhamos chegado dois dias antes. Foi durante aquela onda de calor que tivemos nessa altura. Estava tanto calor, mesmo ali à beira dos lagos. Não a vimos chegar. Acordámos na manhã seguinte e ela estava lá. Acho que lhe acenámos do outro lado do parque, não foi? Ela tinha um cãozinho, e também acenou de volta, mas deu para ver que não era simpática. Mas não faz mal. Não estávamos lá para fazer amigos.

Clare, a mãe, fala:

– Os bangalôs servem para termos privacidade, percebe. Não é como os parques de campismo normais das férias, onde estamos todos ao molho. As cabanas são novas, foram construídas há poucos anos, estão todas viradas para o lago e têm espaço em volta para não termos de ver os alojamentos das outras pessoas. Por isso, sim, sabíamos que ela estava lá, mas não a víamos muito. Ela ficava sentada no terraço à noite com um copo de vinho a olhar para o pôr do sol no lago. Uma vez ergui o meu copo e fiz um brinde na direção dela. Ela devolveu o gesto. Porém, a nossa interação não passou disso. Três ou quatro dias depois de chegar desapareceu. Simplesmente foi-se embora. No entanto, o carro ainda lá estava. Eu achei aquilo estranho. Mas não pensei mais nisso. Nós ficámos dez dias no total. E foi no nosso último dia que a polícia chegou a Ambleside.

Georgie intervém:

– É incrível termos estado ali todos aqueles dias. Só a conviver, a beber, a fazer desportos de água, a admirar a paisagem, a divertirmo-nos, a sermos felizes, e enquanto isso...

Clare toca no braço de Georgie, e esta limpa uma lágrima.

– Quer dizer, qual é o problema destas pessoas? A sério. O que raio se passa com algumas pessoas?

Domingo, 28 de julho

A casa parece vazia sem Roxy, sem Nathan, sem a mãe. Só ela e os miúdos num domingo longo e triste. Roxy enviara-lhe mensagem de manhã cedo, do hospital, para dizer que Erin ainda estava inconsciente, ainda ligada às máquinas, ainda em estado crítico. E à sua volta as notícias vão rebentando como um tsunami lento e poderoso. O horror de tudo é demasiado para Alix conseguir processar. As irmãs dela estão constantemente a enviar-lhe mensagens. Por esta altura deviam estar a trocar mensagens sobre as férias. Deviam estar a partilhar fotografias dos vestidos novos que compraram e a pedir recomendações, a perguntar se a casa tem secadores, a fazer reservas em restaurantes, já que é impossível arranjar mesa para tanta gente sem planear antecipadamente. Alix devia estar a experimentar fatos de banho ao espelho do seu quarto, que permite ver as costas, e a perguntar-se se aos quarenta e cinco anos ainda podia usar um biquíni, e depois a pensar, céus, *claro* que sim, que podia, e se não pudesse agora, então quando havia de ser? E iria encolher a barriga e virar-se para um lado e para o outro, a pensar: *nada mau, nada mau para uma mãe de dois*.

Era isso que deveria estar a fazer agora.

Em vez disso, está enjaulada num pesadelo gótico, enervante e arrastado. Fica muito contente quando naquele domingo longo e interminável, por volta das duas da tarde, Pat O'Neill lhe oferece uma pequena distração e lhe liga do hospital, dizendo:

– A Roxy contou-me do teu *podcast*. Sobre as coisas que a Josie te disse. Alix, acho que, pelo bem da justiça e da verdade, devíamos conversar. Eu devia contar-te o meu lado da história. Porque sei que pensas que provavelmente não fui uma boa mãe, e em muitos aspetos não fui. Mas, sinceramente, precisas de perceber a Josie como deve ser, como ela é na realidade, antes de conseguires sequer tentar compreender alguma coisa do que se passa.

– Pode vir agora? – diz Alix, e depois dá a Pat o seu endereço e senta-se na cozinha enquanto espera que ela chegue.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!
UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra a reconstituição do momento em que uma menina está sentada num apartamento luminoso e moderno.

Tem cabelo castanho com um corte estilo bob e está no chão a brincar com um brinquedo.

A atriz que interpreta uma ainda jovem Pat O'Neill está na cozinha do apartamento a falar com um homem. Está a rir-se de algo que ele acabou de dizer.

A atriz que interpreta a jovem Josie observa-os com ar curioso.

Na legenda pode ler-se:

**Esta é a voz de Pat O'Neill, em conversa
com Alix Summer no dia 28 de julho de 2019.**

– É verdade que eu não estava pronta para ser mãe da Josie. De todo. Estava a chegar ao fim do segundo ano do curso em Antropologia Social. Estava no meu auge. Sentia-me tão viva. Tão plena. Só queria continuar. Continuar o meu progresso, ver até onde conseguia chegar. Depois engravidei e, como não se notava, não descobri até ser demasiado tarde para resolver o assunto. O pai da Josie já há muito tinha desaparecido. Até hoje não me consigo lembrar do apelido dele. Não é horrível? Acho que começava por K. Kelly, talvez? Seja como for. A Josie nasceu e eu não estava pronta. Não. Não estava pronta para ser mãe. Mas, principalmente, não estava pronta para a Josie.

A atriz que interpreta a jovem Josie na reconstituição vira-se e olha para a câmara.

– Ela era uma criança sombria. Sim, talvez em parte isso estivesse relacionado comigo, com o meu estilo de parentalidade. Queria que ela fosse independente. Queria que fosse forte e que tivesse presença. Provavelmente deixei-a demasiado entregue a ela própria. Mas é importante que as crianças cometam os seus próprios erros e aprendam com eles. Não é bom deixarmos os nossos filhos fazerem asneiras. Contudo, ela era tão carente. Tão carente. Dava-lhe o máximo que conseguia, mas nunca era suficiente. E não era só comigo. Fazia o mesmo com os amigos; eu assisti, vezes sem conta. Ela era uma presença deprimente em situações de convívio social; era como se tivesse passado toda a sua vida à espera que alguém lhe mostrasse que não a queria. Afastou tantos amigos por causa de coisas insignificantes. E quanto a eu alguma vez poder ter um namorado – esquece. A sério, esquece. Entrava no modo psicopata assim que achava que um homem podia intrometer-se nas nossas vidas. Pregava-lhes partidas cruéis. Insultava-os. Fingia estar doente

quando eu tinha algum encontro marcado. Uma vez até fez uma boneca vodu, não estou a brincar. Quer dizer, onde é que ela foi buscar aquela ideia? Mas sim, fez uma de um homem com quem eu andava na altura e deixou-a largada no apartamento, com alfinetes espetados, quando ele me veio visitar. Por isso todos eles fugiam, claro que fugiam. E depois comecei a andar com o Walter...

A voz de Alix interrompe-a.

– Perdão?

– Comecei a andar com o Walter. Quando a Josie tinha uns treze anos.

Há um silêncio prolongado.

– A Josie não me contou isso.

– Pois, claro que não contou, porque ela só te contou o que queria que soubesses, o que lhe interessava para a sua versão da história. E é precisamente por isso que estou aqui hoje a falar contigo, percebes? Porque a Josie não te contou imensas coisas e a Josie fugiu e deixou o mundo inteiro convencido de que o marido dela era um monstro, que a seduziu, que abusava das próprias filhas, e o mundo precisa de saber que tudo isso são tretas. *Tu* tens de saber que são tretas. O Walter Fair estava longe de ser perfeito. Era muito controlador. Gostava que as coisas fossem feitas à maneira dele. Era muito narcisista, sim. E claro que eu sabia que não estava certo termos um caso à revelia da mulher dele. Claro que sabia. Mas ele era um homem carinhoso, um homem a sério, só queria amar e ser amado. Ele só queria uma vida pacata. E o que nós tivemos foi muito real, muito intenso, e eu estava preparada para esperar até ele encontrar o momento certo para deixar a mulher. A princípio, a Josie não o aceitou muito bem, como fazia com todos os meus namorados. Mas depois, à medida que foi ficando mais velha, parecia ter criado uma obsessão por ele. Tentava desviar as atenções dele da minha pessoa e atraí-las para ela mesma. Maquilhava-se quando ele nos vinha visitar e dizia coisas depreciativas sobre mim, sobre o quão velha eu era, o quão gorda eu era. Ao início, eu e o Walter até nos ríamos juntos à conta disso, mas depois deixámos de rir, por volta do décimo sexto aniversário da Josie, e depois, logo depois de ela ter feito dezoito anos, eles contaram-me.

Há um silêncio prolongado. Depois Alix fala.

– Então a Pat não sabia? Antes disso, não sabia que eles estavam juntos?

Pat suspira.

– Obviamente devia ter percebido. Como mãe da Josie, *devia ter percebido*. E assumo total responsabilidade por ter falhado. Estava tão desesperada por querer que a Josie fosse independente, que tivesse a sua própria vida. Só queria – e sei que isto soa muito mal – mas queria que ela estivesse noutro lado qualquer. Não em casa. Odiava quando ela estava em casa, ela criava uma energia, um ambiente estranho. Não queria falar com ela. Eu não... Deus me ajude, eu não *gostava* dela. Então nunca lhe perguntava onde ela tinha estado,

o que tinha estado a fazer. Não queria saber. Ficava feliz só de não ter de lidar com ela. Mas céus. O choque, quando eu descobri. O puro horror daquilo tudo. E sabes, quando o Walter e eu estávamos juntos, a Josie costumava dizer-me que eu era nojenta por andar com um homem casado. E depois ela fez exatamente a mesma coisa e roubou-o à mulher dele, e a mim.

– Então, na sua opinião, não foi o Walter que seduziu a Josie?

– Seduziu? Queres dizer, manipulá-la para ter uma relação com ele? Não. Não me parece. Acho que ela o viu, desejou-o, conseguiu-o. Não se importou com quem iria magoar. Nunca se importava com as pessoas que magoava. Ela – e isto é uma coisa horrível de se dizer da própria filha, e obviamente eu também estou longe de ser perfeita – acho mesmo que a Josie tem um coração de pedra. Um coração frio de pedra.

O ecrã escurece e depois mostra Pat O'Neill sentada num centro comunitário.

Ela abana levemente a cabeça.

Tem os olhos marejados de lágrimas.

*

18h00

Por breves instantes depois de Pat sair, Alix sente-se paralisada. A mãe dela vem e cozinha qualquer coisa para os miúdos comerem, serve-lhes a refeição, senta-se à mesa com eles enquanto comem, ouve as suas conversas, cria um ambiente de calma e paz que de momento Alix se sente incapaz de fazer.

– Acho que ele está morto – diz ela mais tarde à mãe, quando estão sozinhas no jardim.

A mãe olha para ela com preocupação e diz:

– Não. De certeza que não.

– Não. Está. Consigo senti-lo. Este tempo todo acreditava que a Josie era estranha porque estava traumatizada. Este tempo todo acreditava que ela só queria ser ajudada. Que precisava de mim. Contudo, agora percebo que ela nunca quis ajuda. Nunca precisou de mim. Mas tinha um plano. Este tempo todo. E eu fui só um peão no jogo dela. E o Nathan também.

– Mas porquê? Por que haveria ela de querer magoar o Nathan? Ela mal o conhecia.

– Ouve. Ela deixou claro que a opinião dela sobre o Nathan era péssima, que achava que eu estaria melhor sem ele. Uma vez até me perguntou como me iria sentir se ele morresse e depois pareceu ficar muito desapontada quando lhe disse que ficaria triste. E quando me propôs fazermos o *podcast*, basicamente disse-me que estava prestes a embarcar num projeto de mudança e que gostaria que eu o documentasse.

– Achas que tudo isto foi propositado?

– Não sei como exatamente, mas sim, acho que foi. Quer dizer, ela obviamente sabia que a Erin tinha aquele dinheiro todo na sua conta bancária e depois de alguma maneira arranhou forma de descobrir o PIN, para levantar todo aquele dinheiro, para pagar a alguém que atraísse o Nathan para aquele hotel. Ela sabia que o Nathan ia sair naquela noite porque ele lhe disse e, sabes, quando ela se foi embora naquele dia, fiquei surpresa com o quão facilmente ela saiu, com o facto de ela não ter colocado objeções nem ter tentado ficar, e agora sei que isso também fazia parte do plano. Acho mesmo que ela o levou para o matar, mãe. Acho mesmo. A cada segundo que estamos aqui sentadas, é menos um segundo de vida para o Nathan. E eu não sei o que fazer, mãe. Sinceramente não sei o que fazer.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!
UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra Tim, Angel e Fred.

Na legenda pode ler-se:

Tim e Angel Hiddingfold-Clarke,
atuais donos do cão de Josie, Fred

Angel oferece a Fred um pequeno biscoito.

A câmara foca o animal enquanto o come, depois alarga novamente o enquadramento.

Tim começa a falar.

– Sinceramente, não fazíamos ideia de que a Josie era procurada. Estávamos a desfrutar da nossa lua de mel, não tínhamos visto televisão, nem tínhamos lido as notícias. Só quando começámos a enviar mensagens aos nossos amigos sobre esta maluquice que nos tinha acabado de acontecer, sobre esta mulher que acabara de nos dar o cão dela, é que começámos a receber respostas a dizer: «hum, sabem que essa pode ser a mulher que é procurada pela polícia?», E nós ficámos tipo, que mulher? E depois fomos à internet e vimos as fotos da mulher, Josie, e sim, era ela. E sim, claro, fomos diretos à polícia. Sem dúvida.

O ecrã muda para a imagem da subcomissária Sabrina Albright.

– Recebemos uma chamada das forças policiais de Cúmbria no sábado dia vinte e sete. Tinham recebido informações da parte de um casal de veraneantes a quem tinha sido confiado um cão de porte pequeno uns dias antes. Disseram

que as fotografias de Josie Fair que viram *online* correspondiam à mulher que lhes tinha entregado o cão. Disseram que tudo isto ocorrera em plena luz do dia, numa área apinhada de turistas; disseram que tudo se tinha desenrolado num ápice. Mas conseguiram dar-nos mais pormenores sobre o que Josie vestia, que ela estava a tentar disfarçar a sua aparência com óculos de sol e um capuz. Disseram que ela seguiu na direção da pequena localidade de Ambleside, levando consigo uma pequena mala.

– Começámos imediatamente as buscas nas ruas e batendo de porta em porta. Mas só já ao final do dia de domingo tivemos novas informações. Uma família que jantava num restaurante da vila disse-nos que havia uma mulher que correspondia à imagem de Josie com um cão pequeno e que tinha estado hospedada no parque de bangalôs onde eles também haviam permanecido. Disseram que ela tinha chegado no domingo anterior, a meio do dia, e tinha partido na manhã de quinta-feira. Contactámos a gerência e foi-nos confirmado, a senhora Fair tinha reservado um bangalô *online* duas semanas antes. Disseram-nos que o acesso aos bangalôs era feito por via de um código e que não tiveram necessidade de contactar presencialmente com a senhora Fair, e que desconheciam que ela teria abandonado o parque na manhã de quinta-feira, já que a reserva teria sido efetuada para toda a semana, e ela não os teria notificado que tinha feito *check-out*. Enviámos imediatamente uma equipa e entrámos no bangalô pouco antes da meia-noite de domingo.

O ecrã mostra imagens de arquivo de carros de polícia a chegar ao parque à beira do lago, a altas horas da noite, com as luzes azuis a refletirem-se na água. Ouve-se uma gravação da polícia datada dessa mesma noite.

– O Grupo de Mergulho Forense vai dar início aos trabalhos. Repito, o Grupo de Mergulho Forense vai dar início aos trabalhos. Aguardem.

Depois o ecrã escurece e muda para uma imagem artística do lago, com música suave em pano de fundo.

O sol brilha sobre a superfície da água.

Um bando de pássaros rodopia sob água.

A câmara segue o rasto da luz solar até todo o ecrã se tornar branco.

*

23h00

Roxy liga a Alix nessa noite, pouco depois de Alix se ter deitado.

– Como está a Erin?

– Ainda nada – diz Roxy. – Mas eles dizem que os sinais vitais dela continuam a melhorar. Acham que pode acordar nas próximas horas. E tu? Tiveste alguma notícia?

– Ainda não. Suponho que está a tornar-se um pouco tarde. Mas esperemos que amanhã surja alguma coisa. – Alix faz uma pausa. – A tua

avó contou-me hoje sobre ela e o teu pai. Que o Walter era namorado dela.

– *Blhec*, sim, eu sei. Nojento, não é? A cena toda... a minha família. Desculpa.

– Desculpo-te? Porquê?

– Desculpa teres sido envolvida nisto. Desculpa ela ter-te arrastado, teres de saber desta história toda.

– A escolha foi minha, Roxy. Eu fui ao encontro dela, lembras-te? Não tinha de ir à loja de arranjos de costura naquele dia. Não tinha de concordar com a sugestão dela de fazer um *podcast*. Não tinha de a ter deixado ficar aqui depois de ela alegar que o teu pai lhe tinha batido. Podia ter acabado com tudo a qualquer momento, mas deixei-me ser controlada por ela. Fui eu a culpada, em última instância. De tudo.

Há um silêncio curto e triste e depois Roxy diz:

– O que viste na minha mãe? Porque é que o quiseste fazer?

Alix hesita e reflete sobre a questão. Depois diz:

– Sinceramente? Acho que estava aborrecida, Roxy. Acho que estava aborrecida e estava a ter problemas com o meu marido, cheia de raiva e ressentimento, frustrada. E a tua mãe apareceu com as histórias dela e por comparação elas transformaram os meus problemas numa brincadeira de crianças, e acho que isso me impediu de me focar tanto nas merdas da minha vida. Foi só isso. Uma distração. Ignorei todos os meus instintos quando aceitei. E acho que o fiz deliberadamente porque desde sempre que havia seguido os meus instintos e tomara boas decisões, e parte de mim só queria ver o que aconteceria se os ignorasse. Se fosse um pouco impulsiva. Sabes, como quando vais a conduzir por estradas sinuosas e fechas propositadamente os olhos por um segundo, só para ver o que acontece. Foi o que eu fiz. E agora, bem, aqui estamos nós.

Terminam a chamada e Alix coloca lentamente o telemóvel sobre a mesa de cabeceira. Está prestes a pegar no seu livro quando o uivo de uma raposa a inquieta. Sai da cama e vai até ao assento da janela com vista para o jardim. Aqui senta-se sobre os joelhos fletidos e observa por momentos enquanto duas raposas brincam no jardim sob a luz amena do luar. Ela e Nathan já antes se haviam sentado aqui, juntos, a observar raposas através da janela, e ela sente o eco desses momentos a percorrer todo o seu corpo, da cabeça aos pés. Nathan de boxers, escova de dentes na boca, a vir sentar-se ao lado dela, o cheiro dele – qual era? Uma espécie de cheiro muito distinto, como o de carros, como o de livros, ou de árvores. E o reflexo da pele das costas dele. A sensação apaziguadora da sua presença ao seu lado na cama que, embora tantas vezes tivesse fantasiado com a ideia de ter o seu próprio quarto, sempre apreciara. E depois recorda-se de um momento há algumas semanas, no estúdio de gravação com Josie, quando ela lhe contara a história falsa de como ela e

Walter se tinham juntado, e lembra-se de Josie a dizer:

– Bom, como fazemos anos no mesmo dia, é mais do que justo que me contes como conheceste o Nathan. Como foi? Onde o conheceste?

Alix veste rapidamente o seu roupão e dirige-se em silêncio pela casa até ao jardim, onde as raposas a observam corajosamente por alguns segundos antes de desaparecerem nos arbustos. Abre a porta do seu estúdio, coloca os auscultadores e procura entre as gravações até achar a que pretende. E ali está a voz de Josie, aquela voz estranha, vazia sem qualquer inflexão ou emoção, a perguntar a Alix:

– Onde o conheceste? – A resposta de Alix surge em seguida.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

A câmara abre o enquadramento da imagem ofuscada pela luz solar e mostra o vídeo captado pelo drone das águas calmas e ondulantes do Lago Windermere.

O drone vai percorrendo a extensão do lago enquanto se ouve a voz de Alix.

Na legenda pode ler-se:

Gravação do *podcast* de Alix Summer, junho de 2019

– Tinha quase trinta anos quando nos conhecemos. Já estava a começar a preocupar-me se algum dia iria conhecer alguém. Na altura, trabalhava numa editora de livros, uma área onde a maioria das pessoas são mulheres e as hipóteses de conhecer alguém são mínimas. Vivía com a minha irmã Zoe. Estávamos solteiras há anos a fio. A Zoe era dois anos mais velha do que eu e já tinha desistido. Mas eu ainda achava que ele andava por aí. Sabes? Conseguia cheirá-lo, quase, conseguia ouvi-lo a vir na minha direção. Então continuava a arriscar. Vezes sem conta. Mas nada. Ninguém.

A voz de Josie intervém:

– Não acredito. Uma mulher linda como tu.

Alix diz:

– Ah. Não é assim que funciona. Acredita, não é. E depois, uma noite, pouco antes do meu trigésimo aniversário, estava a caminho de casa, e estava bêbada, e lembrei-me que tinha de ir buscar qualquer coisa à lavandaria. Há semanas que andava para lá ir, mas por algum motivo escolhi lá passar às nove da noite de uma terça-feira quando tinha acabado de beber meia garrafa

de vinho e um gim tónico. E à minha frente estava um tipo, a levantar umas camisas, com cabelo ruivo luminoso, mais alto do que eu, uma camisa bonita, um corpo interessante. No entanto, foi a voz dele. Isso foi o que me chamou a atenção. A voz. Tão confiante. Mas não arrogante. Simplesmente uma voz perfeita. E depois quando ele pagou, virou-se e pude ver o rosto dele. Não consigo explicar. Vi a cara dele e pensei: *és tu. És tu.* Como se já o tivesse conhecido. Como se alguém já me tivesse falado dele. Mas claro que ninguém tinha. Ninguém me tinha falado dele. Eu simplesmente soube. Disse uma parvoíce qualquer, tipo, isso são muitas camisas. Ele parou e olhou para mim, eu estava bêbada e ele estava sóbrio. Acho que ele só pensou que podia brincar um pouco comigo e disse: «Sim. Eu como muitas camisas.» Depois eu disse: «Desculpe, estou um pouco bêbada», e ele disse: «Sim, eu sei.» Ele olhou para mim e os olhos dele eram de uma cor, nem sei se há palavra que a descreva. O tom mais incrível de coisa nenhuma. E eu levantei a minha roupa lavada a seco e ele levou-me ao *pub*. Foi assim. Dois anos depois estávamos casados. Um ano depois disso estava grávida da Eliza.

O suave vídeo do drone para abruptamente.

A cena altera-se para um plano do interior de um estúdio de gravação vazio.

Ouve-se a voz de Josie.

– Ainda o amas?

– Claro. Sim.

– Mas, tipo, amar mesmo. Como amavas na altura, na lavandaria? Quando não sabias nada sobre ele?

– É um amor diferente. Mas sim, amo.

– Nunca pensas que a tua vida seria melhor se estivesse sozinha?

– Não. Não, não penso.

– E, no entanto, consideras-te feminista.

– Sim. Considero. E sou. Podes ter um casamento feliz e ser feminista.

– Não me parece. Acho que só podes ser feminista se fores solteira.

– Oh! É um ponto de vista interessante. Queres desenvolver?

– Não devia ter de o fazer, Alix. Devias entender o que estou a dizer.

Segue-se uma curta pausa.

Depois Josie diz:

– Tens de ser livre para estares no comando, Alix. Tens de ser livre. Não podes ter bagagem. Um corte definitivo. Como a tua amiga Mari Le Jeune disse, aquela do teu *podcast*. Lembras-te do que ela disse sobre cortes definitivos. Lembras-te?

O áudio avança e retrocede por instantes antes de surgir outra voz.

No ecrã pode ler-se:

Esta é a voz de Mari Le Jeune, a entrevistada num dos *podcasts*

As suas palavras aparecem numa legenda em movimento no ecrã.

– E por muito mau que soe, a morte é um corte definitivo. Não há zonas cinzentas. Não há ambiguidade. É como se fosse uma tela em branco, de certa forma...

A voz de Josie regressa.

– Nunca pensaste, Alix, em como tudo seria mais fácil se eles estivessem mortos?

O ecrã escurece.

*

00h45

Alix prime o botão «stop» e retira os auscultadores. Recosta-se na sua cadeira, deixa cair a cabeça para trás e expira audivelmente. Ali estava. Ali estava, desde o começo. Naquele momento não tinha compreendido. Não se lembrava do que Mari Le Jeune tinha dito sobre cortes definitivos e sobre a morte. Pensou que Josie estava a divagar. Mas na realidade ela tinha-lhe indicado as suas intenções distorcidas, perfeitamente explícitas, para que Alix entendesse. E escapara-lhe totalmente. *Isto*, Alix percebe agora, era o que Josie tinha querido partilhar com Alix quando a abordou à porta da escola dos seus filhos com aquele ar levemente desesperado. Tinha tido uma epifania e queria que Alix fosse a fiel depositária. Tinha-lhe demonstrado isso durante esta entrevista e Alix tinha estragado tudo. Tinha estragado tudo completamente.

Bate com os punhos sobre a secretária do estúdio e grita de raiva e frustração perante a sua própria estupidez.

– Estúpida! Tão estúpida!

E depois recompõe-se quando ouve o seu telemóvel a tocar e vê o número da subcomissária Albright no ecrã. Olha para as horas. É quase uma da manhã.

O seu estômago revira-se e ela inspira até os seus pulmões estarem cheios. Depois prime «atender» e espera que Sabrina fale.

*

A viagem de carro é interminável. As crianças estão em casa de Maxine e são quase duas da manhã. Alix recorda as palavras de Sabrina ao telefone que parece ter ouvido já há uma eternidade, mas na realidade passou apenas uma hora e meia.

– Definitivamente ele esteve aqui, Alix. Parece que foi retido à força no

bangalô. Há vestígios de ter sido amarrado. De luta. E há rastros que levam ao lago. Por isso, o que vamos fazer é o seguinte, Alix: vamos pôr em marcha uma operação de salvamento na água, agora mesmo. Também vamos enviar barcos para percorrer todo o lago, para o caso de terem fugido por meio aquático. Alix, acho que devia vir para cá assim que possível. Tem alguém que a possa trazer?

Ela e a mãe estão na estrada há quase uma hora e mal saíram de Londres. Alix sente-se nervosa e vazia. Não comeu nada o dia inteiro. O conteúdo do seu estômago resume-se ao copo de vinho que bebeu com a mãe no jardim às nove da noite. Devia comer, mas não consegue e não quer parar para comprar comida e tornar esta viagem ainda mais longa do que já é. Vai percorrendo os conteúdos do seu telemóvel, passando o dedo no ecrã, distraidamente, sem objetivo, dolorosamente. Olha para todas as mensagens que lhe enviaram nos últimos dias de pessoas que não via e em quem não pensava há anos, mas que a amam e se preocupam com ela, e quer responder a todas, mas não pode, não sabe que palavras existem ou como as ordenar ou de que serviria, de qualquer modo, por isso, coloca-as de parte e, em vez disso, olha para a escuridão da noite, para os ocasionais faróis de carros que se dirigem para Londres enquanto ela se afasta, e os quilómetros passam tão devagar. O Lake District é tão longe, o marido dela está por lá algures e está prestes a descobrir onde; ama-o tanto e odeia-se tanto a si mesma por ter trazido aquela mulher para as suas vidas, para as suas desordenadas, sórdidas, desfeitas e perfeitamente imperfeitas vidas, o mundo que ela achava que não queria, mas que agora sabe ser a única coisa, *a única coisa* que realmente quer: a sua família, a sua casa, o seu mau marido, as suas farras, a normalidade desesperada, inglória e ridícula de tudo. Quer tudo isso, quer o seu marido, quer aquilo, não quer *isto*, esta viagem interminável, os nós dos dedos brancos da sua mãe sobre o volante do carro, as luzes que encandeiam, a fome que sente nas entranhas, a enjoativa insignificância de tudo. Quer Nathan de volta. Quere-o de volta. E depois sente o seu telemóvel a vibrar na sua mão e liga o ecrã, há uma mensagem de um número que desconhece. Os seus pulmões enchem-se de ar e ela coloca o dedo sobre a mensagem para a abrir. Quando vê o que é, sabe, mesmo antes da chamada da subcomissária Albright que chega pouco depois. Ela já sabe.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!
UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra um vídeo pouco nítido de uma repórter às primeiras horas da madrugada. Atrás dela está um mar de luzes da polícia, agentes e repórteres

a segurar microfones.

Mais ao fundo está o Lago Windermere, com o nascer do sol a refletir-se sobre a superfície da água. Na legenda pode ler-se:

Lago Windermere, 5h27, 29 de julho de 2019

A repórter pronuncia-se num tom respeitoso.

– Estou aqui nesta manhã nas imediações da bonita vila de Ambleside, nas margens do Lago Windermere, onde durante a noite foi feita uma descoberta macabra. O corpo de Nathan Summer, oriundo do norte de Londres, que desapareceu de um hotel no centro da capital às primeiras horas de domingo, dia 21 de julho, foi encontrado em águas pouco profundas, aqui mesmo, há poucas horas. A polícia terá entrado num dos bangalôs, mesmo atrás do lago, e terá descoberto objetos que pertenciam ao senhor Summer. Isto acionou uma operação de buscas no lago durante a noite que culminou com a triste descoberta feita por volta das duas e meia da manhã. A família do senhor Summer terá sido notificada e estará a caminho do local neste momento. Josie Fair continua a monte. Kate Mulligan, BBC News, Ambleside.

O ecrã desvanece e mostra a reconstituição de uma mulher sentada no banco do passageiro num automóvel, retirando um telemóvel de uma mala após ouvir o sinal de mensagem.

Ela abre e verifica o conteúdo.

No ecrã surge uma mensagem de voz.

Ela pressiona «play».

Na legenda pode ler-se:

Esta é a mensagem de voz que Josie Fair enviou a Alix Summer. Terá chegado cinco minutos antes de Alix Summer ter sido informada da descoberta do cadáver do seu marido.

– Alix. Olá. Sou eu. Não sei bem o que dizer. Não sei o que aconteceu. No que me passou pela cabeça. Não era minha intenção. Nada disto. Esta história toda. Estava a tentar ajudar-te, a tentar mostrar-te o quão melhor poderia ser a tua vida sem ele. Só ia mantê-lo preso durante uns dias e depois deixá-lo num lado qualquer para ele poder voltar para ti, mas correu tudo mal, foi tudo um desastre. Faz-me parecer uma pessoa má. Mas eu não sou má. Tu sabes que não sou, Alix. Foi por isso que eu quis partilhar a minha história contigo, porque somos iguais, tu e eu. Somos ambas esposas perfeitas com maridos dececionantes. Ambas temos vivido na sombra de homens terríveis que nos escolheram pelo que nós representamos, e não pelo que somos. Ambas tínhamos mais para dar, mais para oferecer. E agora a Erin vai acordar e também vai dizer coisas sobre mim, e não serão verdade, Alix, tens de

acreditar. Não serão verdade. Tudo o que te contei é a verdade. Sabemos disso. Tu e eu. Tu és a única pessoa no mundo inteiro em quem posso confiar para poder revelar quem sou realmente, Alix. Por favor, diz ao mundo que não sou uma pessoa má. Que sou só uma pessoa normal que tem de lidar com situações más. Não só as situações más que te contei, mas outras. Aquilo que te queria contar, o *verdadeiro* fim da história, o mais sombrio, mais terrível de todos, mas perdi a coragem, não consegui fazê-lo e gostava de o ter feito porque agora, por causa deste estúpido erro com o Nathan, estraguei tudo. Agora ninguém vai acreditar em mim, de qualquer maneira. Por isso, por favor. Não acredites em tudo o que vais ouvir. Lamento, Alix. Lamento mesmo. Adeus.

Segunda-feira, 29 de julho

A subcomissária Albright dá um passo atrás para permitir que Alix espreite o interior do bangalô. Alix tem protetores de sapatos e foi advertida para que não passasse da ombreira da porta. O bangalô é considerado o local de um crime, mas ela implorara à subcomissária Albright para que pelo menos a deixasse ver o sítio onde o seu marido passara os seus últimos dias. Tem de saber. Enquanto permanece à entrada sente um estranho e provavelmente inapropriado consolo ao aperceber-se de que o bangalô é lindo. É moderno e bem decorado e arejado, com enormes janelas em todas as paredes, vistas incríveis do lago na fachada, e do campo nas restantes. Parece-se, de uma forma estranha, com a casa de Alix em Londres, com as suas almofadas cor-de-água e torneiras de cobre e o revestimento das paredes com painéis de madeira pintados em tons pastel. Até tem um banco à janela na zona da cozinha com vista para a varanda da frente. É maravilhoso. Alix fica surpresa consigo própria por achar consolo nestes pormenores. Questiona-se e aos seus valores e cada aspeto de si mesma, tal como fizera na última semana. Quem é ela? Porque é? O que fez? O que deve fazer? É uma boa mãe? Foi uma boa esposa? Boa irmã? Uma boa amiga? Uma boa mulher? Merece o que tem? É superficial? É irrelevante? Quer ser relevante? É feminista? Ou só feminina? O que mais poderia ter feito por Josie? E por mulheres como ela? O que mais poderia ter feito pelo seu casamento?

O seu filho fica dentro de casa todas as noites a olhar impávido para um ecrã, de auscultadores nos ouvidos. A sua filha chora por causa de coisas más que outras meninas lhe disseram através do pedaço de plástico e de vidro ao qual ela lhe concede acesso. O marido entrega-lhe dinheiro como se ela tivesse uma arma apontada à cabeça dele. Senta-se no seu estúdio de gravação a arrancar palavras de mulheres que tiveram uma vida muito mais difícil que a dela, que sofreram e sobreviveram, que trabalharam muito e foram bem-sucedidas, contra todas as probabilidades. E ela aqui está, sentada num estúdio de gravação de vinte mil libras construído para ela como presente de aniversário pelo seu marido, com quem não tem sexo há mais de dois meses e

que prefere sair e ir para os copos com estranhas no Soho do que voltar para casa para o corpo dela, que ela lhe oferece como se fosse um jarro de biscoitos por bom comportamento – e que tipo de feminista recompensa um homem por não fazer asneiras com promessas de penetração? Ela não é uma feminista, não é nada; é uma anedota, uma falsificação; e por um momento, sim, consegue ver-se pela perspectiva de Josie, consegue ver o que Josie viu nela, o grande vazio na sua alma que preencheria com coisas que não poderiam magoá-la, e percebe por que concordara trabalhar com Josie: porque, subconscientemente, queria que algo a magoasse, e aqui está ela agora, a olhar para as últimas quatro paredes que o seu marido vira na vida, e está a sofrer, está a sofrer tanto que parece que há dedos nas suas entranhas a esfaqueá-las em pedaços. Agarra-se à moldura da porta com ambas as mãos e deixa-se cair em posição fetal, e chora desalmadamente.

8h30

Erin geme e Roxy endireita-se na sua cadeira. Observa a irmã por momentos, para ver se repete o gesto. Um segundo depois ela fá-lo e Roxy vira-se para chamar uma enfermeira.

A enfermeira aparece e observa Erin do outro lado da cama, toma-lhe o pulso com os dedos, avalia os olhos, chama outra enfermeira, que olha para os dados dos aparelhos que rodeiam a sua cama, sorri e diz:

– Ora, olá, Erin! Que bom ter-te de volta!

Roxy inclina-se para a frente, mais perto do rosto de Erin, e vê um pequeno sorriso começar a formar-se.

– Oh, meu Deus! – diz ela. – Foda-se. Erin! Olá!

O sorriso fica maior por um segundo e depois diminui de novo quando Erin se apercebe dos detalhes do cenário que a rodeia.

– Onde estou? – sussurra ela.

– Estás no hospital. Quase morreste.

Roxy vê mil imagens inundarem a consciência da sua irmã, ainda agora acabada de recuperar, em apenas alguns segundos. Vê as emoções a desenrolarem-se à medida que as memórias regressam.

– A mãe...

– A mãe está... – começa Roxy, mas depois para. Não sabe o que dizer. A mãe está o quê? A mãe está onde? – Não te preocupes com a mãe – diz ela, pegando na mão de Erin e apertando-a suavemente.

– E o pai. Está...?

Roxy anui, firmemente, e segura as lágrimas. Tem de se manter forte pela Erin.

– Ele não se safou. Mas está tudo bem, mana. Fica tranquila. Está tudo bem. Estou aqui. A avó também está. Foi só buscar-nos qualquer coisa para

comer. Estamos aqui. E o mundo... Oh, meu Deus! Erin, sabes quantas pessoas assinaram o teu livro de vigília no Glitch quando desapareceste? Tipo umas cem mil pessoas. Cem mil pessoas assinaram. Hashtag SalvemAErased. Ficaste viral por uns bons tempos. E agora posso dizer-lhes que te safaste. Estás de volta! A Erased não foi apagada! – Está a falar em modo acelerado e sabe que está a fazê-lo, mas não quer que Erin caia no poço negro das suas memórias, ainda não, não tão imediatamente após acordar. Está feliz por ver Erin a sorrir enquanto ouve as suas palavras e aperta-lhe de novo a mão. – És uma lenda, mana, foda-se. A sério. Uma lenda.

A avó regressa com folhados de bacon e café de má qualidade e pouso-os imediatamente quando vê Erin acordada.

– Oh, meu Deus! Erin! Estás acordada! Nem acredito. Saio por cinco minutos e é quando tu decides acordar! – Senta-se do outro lado da cama de Erin e pega na sua outra mão, leva-a à sua boca e beija-a. – Tive tantas saudades tuas – diz ela. – Tantas, tantas.

– Que dia é hoje? – pergunta Erin.

– É segunda-feira. Dia...?

Roxy olha para a enfermeira que diz:

– Vinte e nove.

– Vinte e nove.

– Sinto-me estranha.

Roxy e Pat riem-se ambas com vontade.

– Tenho fome.

Riem-se de novo e a enfermeira diz:

– Vamos mandar fazer algo para ela. Comida passada, não é, Erin? Ouvi dizer que gostas de comida em puré?

Erin assente.

– Vamos tratar disso. Uma sopa, talvez.

As enfermeiras terminam a sua avaliação de Erin e depois saem, dizendo que o médico virá assim que puder. A avó passa a Erin um copo de água. E depois, quando estão apenas as três, Roxy e a avó conversam e devaneiam, tentando manter a inevitável maré de escuridão à distância o máximo de tempo possível. Mas depois, alguns minutos depois, aí vem ela.

– Oh, meu Deus! – diz Erin, os seus olhos repletos de lágrimas e terror. – O que aconteceu? *O que aconteceu?!*

– Está tudo bem – diz Roxy calmamente. – Vou contar-te exatamente o que aconteceu. OK? Vou contar-te tudo tintim por tintim.

O ecrã mostra um vídeo desfocado de um portão de uma garagem e depois uma pequena fileira de casas geminadas em Londres.

Na legenda pode ler-se:

Shortland Mews, Londres NW6, 30 de julho de 2019

Ouve-se uma gravação pouco nítida de uma chamada da polícia.

– Estamos neste momento a aproximar-nos da garagem com o senhor Roberts, o proprietário do quarteirão. O senhor Roberts está a abrir o portão principal e estamos a preparar-nos para entrar.

O vídeo mostra uma mão que segura uma chave a dirigir-se para uma fechadura grande e ferrugenta. A chave tem uma etiqueta com o número seis escrito. A chave vira lentamente e o clique do abrir da fechadura é intensificado no áudio.

O vídeo abrande e o ecrã escurece...

... O ecrã mostra agora as imagens de um noticiário da BBC News. Um apresentador anuncia os títulos das notícias enquanto o tema familiar da música da BBC vai esmorecendo.

– Boa noite. A Polícia Metropolitana descobriu hoje, pelas onze e meia da manhã, os restos mortais de uma jovem na bagageira de um carro no interior de uma garagem em Kilburn, Londres. Acredita-se que pertencem a Brooke Ripley, a jovem que desapareceu do baile de finalistas da sua escola em junho de 2014. O contrato de arrendamento da garagem estava em nome de Walter Fair, o homem de setenta e dois anos encontrado morto no início desta semana no seu apartamento, enquanto a sua filha, Erin Fair, foi encontrada quase sem vida e atada a uma cadeira de criança dentro de um armário. Erin, de vinte e três anos, tinha sido vista pela última vez por amigos nas primeiras horas da madrugada de sábado, dia treze de julho, enquanto jogava *online*. A sua legião de seguidores instaurou uma busca para a encontrar depois de terem ouvido algo estranho a acontecer durante a sua transmissão de vídeo em direto, e estava em curso uma campanha global para descobrir o que lhe tinha acontecido. Ela afirma ter sobrevivido a esta provação tendo sugado os fios de uma esfregona de chão dentro de um balde com água suja deixado numa prateleira do armário onde foi abandonada. Entretanto, Josie Fair, a mãe de Erin, está também a ser procurada pelo envolvimento na morte suspeita de Nathan Summer, o agente imobiliário londrino encontrado em águas pouco profundas do Lago Windermere na manhã de ontem. Pede-se a quem possa ter informações sobre Josie Fair ou sobre o seu paradeiro que contacte a Polícia Metropolitana de Londres assim que possível.

O ecrã mostra agora a subcomissária Sabrina Albright.

Ela encolhe os ombros e abana a cabeça tristemente apenas uma vez.

– Quando encontrámos a Brooke, ela ainda tinha o seu vestido branco do baile. O tecido desintegrou-se quando lhe tocámos. Desfez-se literalmente em pó, como as asas de uma borboleta. Puf.

Sabrina Albright sorri melancolicamente. Os seus olhos enchem-se de lágrimas.

– Triste – diz ela. – Tão triste.

*

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra uma mulher com cerca de quarenta anos. Tem cabelo negro comprido, óculos de armação de tartaruga e uma T-shirt branca.

Está sentada numa cadeira de cinema vintage desdobrável no meio de um cinema vazio.

O entrevistador pergunta-lhe fora do enquadramento se ela está bem e ela responde:

– Sim. Estou bem. Vamos avançar.

Na legenda pode ler-se:

Abigail Kurti, mãe de Brooke Ripley

O ecrã mostra por breves instantes a reconstituição do momento em que um agente de polícia gira a chave na fechadura, com música dramática como banda sonora.

Depois, novamente Abigail Kurti sentada no cinema vazio.

Ela começa a falar.

– A Brooke saiu de casa pelas seis da tarde. Estava linda. Quer dizer, ela estava sempre linda, mas, naquela noite, com aquele vestido branco...

O ecrã mostra por segundos a foto de Brooke Ripley com o seu vestido do baile de finalistas.

– E depois não voltou para casa. Quer dizer, não sabíamos o que pensar. A Brooke era uma miúda complicada, sabem. Havia sempre birras e estardalhaço com a Brooke. Ela odiava o meu marido, o padrasto; estavam *constantemente* a discutir. Raramente estava em casa, e já uma vez tinha fugido. Mas isto... eu sabia que era diferente. Pensei que estivesse relacionado com algum rapaz. Não sabia nada sobre a Roxy Fair. Sabia que tinham estado envolvidas numa

briga no recreio, mas pensei que era mais uma daquelas briguinhas de miúdas de escola, sabem? Típico da Brooke. Não sabia que a Roxy e a Brooke eram amigas, muito menos *namoradas*. Não sabia nada sobre a Roxy, não sabia onde a Roxy vivia e por isso não consegui estabelecer nenhuma ligação com o facto de a Brooke ter saído naquela paragem. E não tinha nenhuma razão para achar que era para lá que a Brooke poderia estar a dirigir-se naquela noite. E, céus, como gostava de ter sabido. Assim poderia ter dito à polícia. Eles poderiam ter investigado e questionado. Aquela mulher...

A voz de Abigail altera-se. Ela coloca as costas da mão à frente da boca e sorri tristemente.

– Desculpem.

– Não faz mal. Esteja à vontade – *diz o entrevistador fora do enquadramento.*

– Aquela mulher devia ter sido detida. Naquele momento. Antes de ter tido a hipótese de magoar mais alguém. E a Brooke poderia ter sido resgatada.

Ela começa a chorar e o ecrã escurece.

*

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra Roxy Fair sentada num sofá, mas desta vez Erin está ao seu lado.

Erin tem o cabelo longo com risco ao meio. Usa um boné de beisebol com o logotipo do seu jogo de computador e uma T-shirt a condizer.

Na legenda pode ler-se:

Roxy e Erin Fair

Depois surge um texto no ecrã, digitado letra a letra.

Erin Fair foi recentemente diagnosticada como tendo TEA3.

Para compensar por ter de viver com esta condição num ambiente tóxico e disfuncional, desenvolveu diversos hábitos e mecanismos de defesa. Nestes, incluem-se expressar-se num tom de voz muito suave.

Tendo em conta que algumas das suas palavras são difíceis de compreender, criámos legendas para o depoimento de Erin.

– A nossa mãe não queria que o nosso pai gostasse de nós e não queria que gostássemos dele. Queria-o só para ela e queria-nos só para ela. Não ficava feliz quando íamos ao encontro dele ou nos divertíamos com ele ou o amávamos. Não ficava feliz quando ele estava connosco e nos tentava demonstrar amor ou carinho. Controlava cada pormenor da nossa relação com o nosso pai e a dele connosco. Foi piorando à medida que fomos crescendo. Sempre que tentávamos trazer amigos à nossa casa, ela fazia-os sentir-se mesmo indesejados e, quando o pai tentava planejar coisas divertidas para fazermos em família, ela encontrava sempre forma de os sabotar. E obviamente houve outros desafios na nossa família. O facto de a Roxy ter perturbação de oposição e desafio. Os meus problemas. Ela não deixava o meu pai ter qualquer relação com a sua primeira família no Canadá. Ele tinha de lhes ligar pelo Skype às escondidas, quando ela estava no trabalho, e um dia ela fingiu que ia trabalhar, mas não foi, e sentou-se na paragem do autocarro lá fora e depois o pai desviou os olhos da chamada de Skype com os filhos e viu a mãe a olhar para ele pela janela. Depois disso, ela não lhe falou dias a fio, então o meu pai começou a ligar-lhes do meu quarto. Ela não gostava que visitássemos a avó porque ela era o inimigo. Contou-nos uma série de mentiras sobre ela, que ela já tinha sido prostituta, que trazia clientes para dentro de casa, que a espancava e a fazia passar fome, e nós éramos pequenas, por isso, claro, acreditámos nela. Mas depois o nosso pai disse-nos que não era verdade, que a mãe só tinha ciúmes da avó porque a avó tinha namorado com o pai antes dela.

– Mas ficou mesmo, mesmo mau quando o meu pai arranjou o emprego no Norte, quando só vinha a casa aos fins de semana, e ficávamos sozinhas com a mãe. Ela não conseguia tomar conta de nós. Sobretudo da Roxy. Tirou a Roxy da escola quando ela me partiu o braço, o que – ela lança à irmã um olhar de troça –, já agora, foi mais ou menos um acidente. Quer dizer, ela fez aquilo num acesso de raiva durante uma briga, mas não foi com maldade, mas os serviços sociais tentaram intervir, com base em coisas que eu e a Roxy contámos na escola sobre a nossa vida familiar, e a mãe tirou a Roxy da escola durante quase dois anos e disse que estava a «dar-lhe aulas em casa». O que eram tretas. Só a punha a ver televisão o dia inteiro. E depois quando o pai voltava aos fins de semana, ela deixava espalhadas pelo apartamento uma série de cenas de «aprendizagem» a fingir, para fazer parecer que tinha estado a ensiná-la. E deixava a Roxy atada na «Cadeira Marota» no nosso quarto. Às vezes durante horas. E disse que, se alguma de nós algum dia contasse ao pai, que ele nos abandonaria e voltaria para a outra família no Canadá, e nunca mais o veríamos. O pai vinha aos fins de semana e ela agia como se tudo estivesse ótimo e maravilhoso. Acho que ele sabia. Ele *sabia*. Mas também estava encurralado. Não tinha para onde ir. Estava a envelhecer e já tinha perdido dois filhos, não queria perder-nos também. Ele foi aguentando o máximo que pôde.

Tratava-a com paninhos quentes. Fazia tudo o que podia para a manter feliz. E, uma noite, o pai não conseguia dormir, passou pelo meu quarto e ouviu-me a jogar *online*. Acho que isto foi há uns quatro ou cinco anos – foi depois de eu ter terminado a escola, de qualquer forma, e eu jogava o dia todo, ele entrou e os meus seguidores disseram: «Oh, meu Deus, é o teu pai?» E eu: «Sim, é o Pops.» Ele disse olá a todos e queria saber o que estávamos a fazer, puxou uma cadeira e sentou-se, ficou a ver e passado cerca de uma hora ele já estava viciado naquilo. E foi muito bom tê-lo ali, porque eu falo tão baixinho, por vezes é difícil criar aquele tipo de energia que os jogadores querem quando estão a observar *online*, e ele ali estava a dar toda a sua energia, todas as suas boas vibrações. Ele era tão divertido, toda a gente o adorava, por isso ele começou a fazer-me companhia mais vezes e, claro, não podíamos contar nada à mãe. Nem pensar. Ela iria pôr termo àquilo, ponto final. Acabava de vez com tudo. Então o pai costumava esperar que ela adormecesse à noite e depois escapulia-se. E foi o pai que ajudou a tirar vantagem financeira de tudo, pôs-me no Glitch, geria as minhas subscrições, abriu as minhas contas bancárias. Ele fez tudo isso por mim. Foi ele que me tornou famosa. E estávamos a planear viajar até ao Nevada nesse verão, no verão em que ele morreu, para irmos a uma convenção. Eu ia jogar perante o público, pela primeira vez. Depois, quando voltássemos para casa, eu ia sair de casa, ia morar com a Roxy em Bristol. Queria libertar-me. Estava tudo a acontecer. Estava tudo ao meu alcance. E eu acho que ela sabia. Conseguia pressenti-lo. E foi por isso que se agarrou à Alix Summer, inventou toda aquela história louca de o pai a espancar e de o pai abusar de mim. Ela queria desaparecer da sua própria vida antes de perder o controlo total sobre ela. Queria impedir todas as liberdades e todas as fugas. A Roxy já tinha escapado; ela não estava preparada para deixar que eu e o pai fugíssemos também.

– E a Brooke? – *pergunta o entrevistador fora do enquadramento.* – O que nos podes contar sobre a Brooke?

Erin suspira.

– Eu estava em casa com a minha mãe. Só as duas. O meu pai não estava em Londres nessa noite. Estava fora em trabalho, por isso não teve nada a ver com ele. A Roxy estava em Bristol, por isso não teve nada a ver com ela. E eu estava no meu quarto, noutro mundo. Mas depois ouvi vozes. A voz de uma rapariga. E reconheci-a. Era a Brooke, a amiga da Roxy. Ela costumava vir muitas vezes à nossa casa nos últimos meses, mas já há uns tempos não a via. Fui até à porta e espreitei. Vi a Brooke de pé junto à porta da sala de estar; a sua postura dava a entender que ela não queria ficar. Tinha um vestido branco bonito. Era comprido. Até aos tornozelos. E a minha mãe estava a dizer: «Ela não está cá. Ela fugiu. A culpa é tua.» E a Brooke estava a dizer: «Não. Não, a culpa não é minha. Eu amava-a. Ela fugiu de ti.» E depois vi a minha mãe...

Erin pausa, fecha os olhos por um momento e depois abre-os de novo, sorri

de forma constrangida e continua:

– Ela bateu-lhe. Bateu-lhe com tanta força. Na cara. E a Brooke simplesmente ficou ali. Tocou na bochecha. E disse: «Vês. Vês, é por isto que a Roxy fugiu. Por causa de ti. Porque és uma louca de merda. És totalmente louca. A Roxy odeia-te, sabes. Ela contou-me. Odeia-te.» E depois a Brooke levantou a bainha da saia e virou-se, e eu voltei a fechar a porta do quarto e ouvi os passos dela até à porta da frente, mas depois ouvi um ruído. Um estrondo. E ouvi um barulho, um som de engasgamento. Não me atrevi a espreitar. Fiquei só ali, a minha adrenalina disparou de tal forma que a conseguia sentir no sangue, enquanto ouvia aqueles sons de luta, de violência. E depois...

Fecha de novo os olhos. Roxy estende o braço e segura na sua mão, apertando-a.

– E depois ficou tudo em silêncio. E eu não saí do meu quarto durante muito tempo. Durante mesmo muito tempo.

O entrevistador pergunta, fora do enquadramento:

– Durante quanto tempo?

– Muito tempo mesmo.

Entrevistador:

– Contaste a alguém o que tinhas ouvido?

Erin abana a cabeça.

– Nem ao teu pai?

Abana a cabeça de novo.

– Na altura, não. Mas contei recentemente. Cerca de um ano antes de ele morrer.

– E o que disse ele?

– Não disse nada. Só abanou a cabeça e suspirou. Acho que disse *foda-se*.

– E o que aconteceu depois disso?

– Nada. Não aconteceu nada. A vida continuou.

– E nunca disseste nada à tua mãe?

– Não. Nunca disse nada à minha mãe. Simplesmente cortei relações com ela.

– Porquê?

Há uma curta pausa.

A câmara foca as mãos entrelaçadas de Erin e Roxy, e depois afasta de novo o enquadramento.

– Porque tinha medo. Porque se ela podia fazer aquilo à Brooke, também podia fazê-lo a mim.

– Então o que aconteceu realmente naquela noite? – *pergunta o entrevistador fora do enquadramento.* – Na noite em que ela apareceu à porta da casa de Alix Summer afirmando ter sido atacada pelo teu pai?

Erin suspira.

O ecrã mostra uma reconstituição daquela noite.

Uma atriz interpretando o papel de Erin está num quarto desarrumado à noite, o rosto iluminado pelo monitor do computador. Tem auscultadores e está a interagir com os seus amigos online.

Para e retira os auscultadores.

Vai até à porta do seu quarto e coloca o ouvido à escuta.

Ouve-se a voz de Erin como pano de fundo:

– Eles chegaram a casa. Ouvi-os abrir a porta da frente por volta das dez horas. Por momentos, houve silêncio, mas alguns minutos depois comecei a ouvir gritos. Muito altos. Abri a minha porta e espreitei pela fresta. A minha mãe estava a acusar o meu pai de ser um embaraço. A dizer que a tinha envergonhado, que ela tinha vergonha dele e o meu pai fez o que fazia sempre, ficou ali sentado e aguentou. Mas depois, do nada, a minha mãe chamou-lhe pedófilo. Começou a gritar-lhe, repetidamente, a dizer que ele tinha abusado dela e que agora abusava de mim e depois ouvi o meu pai a começar a gritar de volta. Disse que estava farto dela, que não aguentava mais, que tinham chegado ao fim da linha. E depois ele disse que ela era louca – «És mesmo louca» – e disse-lhe que ela era estúpida, e foi aí que ouvi a minha mãe a gritar, um grito animalesco. Em seguida houve uma batida e um ruído e depois tudo ficou em silêncio. Eu fui até lá e vi o meu pai no chão. Pensei que estava a ter um ataque cardíaco. Tinha as mãos junto ao peito, havia sangue a escorrer-lhe da cabeça, e eu corri para ele e ia tentar, não sei, tentar ressuscitá-lo, ou assim. A minha mãe ficou ali, de pé, a observar. Ela disse: «É demasiado tarde. Ele é velho. Iria acontecer, mais cedo ou mais tarde.» E virou-se, e eu respondi: «Mas temos de chamar uma ambulância!»

Ela disse: «Eu já chamei. Está a caminho.» E eu perguntei: «Por que lhe chamaste pedófilo? O pai não é um pedófilo.» E ela respondeu: «Ele teve sexo comigo quando eu tinha dezasseis anos. Ele tinha quarenta e três. Isso não é ser pedófilo? Vocês colocam-no num pedestal, mas ele não é nada do que vocês pensam que era. Não é nada, de todo. É só um velho nojento. Um velho triste, patético e nojento.» E foi aí que eu avancei. Eu disse: «E tu és uma assassina», e peguei no comando da televisão e corri na direção dela e bati-lhe. Bati-lhe e bati-lhe e ela não resistiu, só colocou as mãos sobre a cabeça, e depois, de repente, fez este barulho estranho, levantou-se e empurrou-me com muita força e eu caí de costas, de tal forma que mal conseguia respirar. Ela pôs o pé na minha barriga e carregou com tanta força, eu não conseguia afastá-la, o meu pai gemia, a tentar levantar-se, ela deu-lhe um pontapé com a outra perna e ele ainda estava agarrado ao peito, a fazer uns barulhos horríveis, e a minha mãe, de pé sobre nós os dois, tinha uma expressão vazia – não estava lá nada. E só dizia: «Eu não sou louca. Não sou estúpida.» Ela afirmou: «Foram vocês. Foram vocês. Vocês os dois levaram-me a fazer isto. Vocês os dois. Passo a vida a cuidar dos dois e o que recebo em troca é ódio. Mereço melhor do que isto.

Mereço melhor do que isto tudo.» E depois disso não me lembro de mais nada. Acordei dentro do armário. Amarrada a uma cadeira. E o pai estava... bom. Todos sabemos o que aconteceu depois disso.

Erin abana a cabeça, tristemente, e o ecrã escurece.

³ TEA: Transtorno do Espectro Autista. (N. da T.)

Quarta parte

Quatro semanas depois

O funeral de Nathan foi tão avassalador quanto se esperava que fosse. Nathan conhecia tantas pessoas e quem o conhecia adorava-o. O ambiente no crematório apinhado de gente estava dominado pela dor e pelo choque. Ao contrário de Alix, Nathan tinha sido confrontado com desgostos ao longo da sua vida. A mãe dele morrera quando ele tinha doze anos. O seu irmão mais novo tinha-se suicidado quando Nathan tinha vinte e oito, apenas dois anos antes de conhecer Alix. E Nathan tinha conseguido sobreviver e ultrapassar a dor e o luto e construíra uma boa vida. Não tinha ido para a universidade; tinha ingressado diretamente no mercado de trabalho e tinha trabalhado arduamente para ganhar cada cêntimo e era extremamente generoso com o dinheiro pelo qual tanto trabalhara. E o problema com a bebida – era agora tão dolorosamente claro para Alix – nada tinha a ver com ela, nunca teve nada a ver com ela. Tudo se baseava nele mesmo, Nathan, e na forma como ele geria o delicado ecossistema da sua mente perturbada. Ele não queria que Alix conhecesse aquele seu lado negro. Não queria que ela o visse naquele estado. Quando bebia daquela forma, até à exaustão, era uma espécie de medicação, era um escape, não era para se divertir e fugir da rotina. Ele odiava-se naqueles momentos e era por isso que não voltava para casa. Não era por não querer estar com ela, mas por não querer que ela estivesse com ele.

Quase trezentas pessoas encheram o crematório perto da casa do pai de Nathan em Kensal Rise. À porta do cemitério e junto à estrada principal, a imprensa e os *paparazzi* mantiveram-se à distância, discretamente. Alix escolheu usar um vestido da mesma cor dos olhos de Nathan. A lojista tinha dito que era cor de *alcachofra*. Alix não sabia de que cor era a alcachofra; só sabia que o vestido tinha a mesma cor dos olhos de Nathan e isso era o mais importante.

Estava um dia bonito, quatro semanas depois do corpo de Nathan ter sido retirado das águas do Lago Windermere, antes de estar inchado, graças a Deus, ainda era possível reconhecê-lo. Aquele mês tinha sido toda uma névoa, mas, de alguma forma, aquele dia parecia muito presente e claro a Alix. Estar na

companhia de tantas pessoas fê-la sentir-se bem e depois, na vigília organizada pela empresa de Nathan, num grande bar em Paddington, situado à beira do canal, com lugares no exterior e champanhe à descrição e uma *playlist* escolhida pelos melhores amigos dele, as crianças a brincar vestidas com roupas de verão, as conversas e o riso animados, as pessoas no auge da sua aparência da estação quente, quase parecia que Nathan iria surgir a qualquer momento, neste ambiente que ele tanto apreciava, e ia adorar cada segundo. Quando ele não apareceu, parecia que poderia estar em casa à espera dela, e quando não o encontrou em casa, parecia que poderia estar em viagem com os amigos, e quando, dez dias depois do funeral, ele ainda não tinha regressado a casa, só nesse momento é que Alix desmoronou. Está deitada na sua cama, na véspera do primeiro dia de Eliza na escola secundária, com o seu vestido cor de alcaçofra e abraçada a uma almofada, sentindo a força dos espasmos que a fazem arquear e endireitar repetidamente as costas enquanto chora de forma agonizante ao se aperceber do que perdeu.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia! UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra imagens de um noticiário da BBC News captadas às portas de um cemitério em Kensal Rise, noroeste de Londres.

O repórter fala respeitosa e solenemente.

– Nathan Summer, marido da *podcaster* Alix Summer, descansou hoje na sua última morada no crematório Kensal Green, no norte de Londres. Dezenas e dezenas de amigos e familiares passaram esta manhã estes portões para um último adeus a um homem que era, ao que parece, amado por muitos. Mas ainda hoje, um mês depois do seu cadáver ter sido encontrado nas águas do Lago Windermere, a polícia não tem qualquer pista acerca do paradeiro da mulher acusada de o matar com uma overdose de barbitúricos num rapto que correu mal. Josie Fair, de quarenta e cinco anos, foi vista pela última vez na quinta-feira, dia vinte e cinco de julho, na vila de Ambleside, onde entregou o seu cão a um casal de estranhos antes de desaparecer por completo. Fair é também procurada pelos homicídios do seu marido, Walter Fair, de setenta e dois anos, e da jovem de dezasseis anos Brooke Ripley, e pela tentativa de homicídio da sua filha Erin Fair, de vinte e três anos. Desde o seu desaparecimento, a polícia tem seguido pistas com base em avistamentos de Fair no norte de França, Marraquexe, Belfast e em Hébridas Exteriores, mas até ao momento o seu paradeiro permanece um mistério.

As imagens mostram um plano afastado de Alix Summer e os seus dois

filhos a sair do cemitério.

Alix tem um vestido verde, um casaco preto sobre os ombros e óculos escuros.

Algumas pessoas vêm ao encontro dela e oferecem-lhe os pêsames.

– Por agora – continua o repórter –, Alix Summer pode pelo menos encontrar nesta última despedida ao seu marido alguma réstia de consolo. Matt Salter, Kensal Green, BBC.

O ecrã mostra Alix Summer.

Está sentada no seu estúdio de gravação, com um top amarelo de manga cava. O seu cabelo louro está atado.

Na legenda pode ler-se:

Alix Summer, janeiro de 2022

Alix fala para o entrevistador fora do enquadramento.

– Não consegui entrar aqui – ela faz sinal na direção do estúdio – durante meses e meses. Parecia tão... *tomado* por ela. Tomado pela Josie. Por isso, abandonei-o. Foquei-me nos miúdos, em acompanhar a minha filha no seu primeiro período de escola secundária sem o pai, em convencer o meu filho enlutado que eu também sabia ser divertida. Sabem? E alguns meses depois, claro, veio a pandemia e a vida mudou e toda a gente começou a fazer coisas diferentes. A arranjar cães. A fazer pão. A escrever romances. Isso tudo. E eu percebi que agora a responsabilidade estava toda nas minhas costas, tudo. Não havia seguro de vida, não havia rendimentos. Quando o Nathan desapareceu, tínhamos alguns milhares na nossa conta conjunta, mas isso não iria durar muito. Precisava de arranjar um emprego, mas, claro, como é que se arranja um emprego no meio de uma pandemia à escala mundial quando se é mãe solteira e se dá aulas aos dois filhos em casa? Senti-me aterrorizada, comecei a fazer planos para vender a casa, cortar nas despesas. Mas depois uma noite, algumas semanas após o primeiro confinamento, olhei para o jardim e estava lá uma raposa, sentada à porta do meu estúdio, a olhar para mim. E ela parecia estar a lançar-me um desafio. Do género, sabem, «*e agora, o que vais fazer?*» Tipo, «*vais ficar aí a chorar e a sentir-te triste por tudo o que aconteceu ou vais pôr mãos à obra e criar alguma coisa a partir deste pesadelo todo?*» Porque, acreditem, era mesmo um pesadelo. Mas eu sabia que tinha os ingredientes, se conseguisse suportar tudo aquilo, para uma história inacreditável.

– Então, na manhã seguinte, preparei um café forte, abri a porta do estúdio e pensei: *Muito bem, Alix Summer, está tudo aqui, tudo o que precisas para fazer isto acontecer, horas e horas de gravações com a Josie, com a Roxy, com a Pat.* Tinha acesso a todas as reportagens *online*. Tinha gravado todas as minhas chamadas ao longo do processo, por isso, tinha as minhas conversas com os subcomissários Albright e Bryant. Tinha mais do que suficiente para

criar algo completamente inesquecível, algo imperdível. Entrei em contacto com a Andrea Muse, a famosa *podcaster* de *true crime*, e perguntei-lhe se me ajudaria a produzir e editar. Os meus *podcasts* anteriores eram simples entrevistas a uma única pessoa, todas gravadas de uma assentada, só precisavam de um polimento e uma pequena edição antes de serem divulgados. Isto seria algo totalmente diferente, envolvia competências complexas de edição que eu não possuía. Então, com a Andrea a meu lado, eu comecei, naquele dia. No final do mês já tínhamos o primeiro episódio e o mesmo foi para o ar no fim de maio. E sim, como sabem, tornou-se viral. Completamente viral. Depois do primeiro episódio ter ido para o ar, houve pessoas que entraram em contacto direto comigo e me pediram para as entrevistar. A mãe da Brooke Ripley. A Helen, amiga de escola da Josie. O filho do Walter no Canadá. Então, semana após semana o *podcast* estava a tornar-se mais e mais complexo, mais e mais multifacetado, mais e mais envolvente. E depois, a meio do verão de 2020, quase um ano após a morte do Nathan, recebi uma mensagem da Katelyn. Sabem – a Katelyn Rand? Eles tinham acabado de abrandar as restrições, o que significava que podia encontrar-me com ela, cara a cara. Então combinámos encontrar-nos em Queen's Park, mesmo à esquina da minha casa. Foi numa quarta-feira à tarde. Eu estava aterrorizada.

Quarta-feira, 15 de julho de 2020

Alix retira os óculos de sol da cara e prende-os sobre o cabelo quando vê Katelyn a aproximar-se. O seu coração está a mil e sente uma mistura doentia de nervos e excitação.

Depois, o rosto da mulher esboça um enorme e encantador sorriso, acelera o passo e aproxima-se de Alix, parecendo que está prestes a abraçá-la; depois lembra-se que já não é permitido, por isso permanecem a cerca de dois metros de distância e Katelyn diz:

– Uau, és linda. Quer dizer, vi-te nas notícias, obviamente. Mas és muito mais bonita ao vivo.

– Também és linda – diz Alix, sem conferir o mesmo entusiasmo que se notou no elogio de Katelyn. E Katelyn é espetacularmente bonita. A pele dela é suave, sem imperfeições, o cabelo tem volumosos caracóis louros, atados num rabo de cavalo. Tem covinhas e uma pequena falha entre os seus dentes muito brancos, as suas pernas longas exibem calças de ganga *skinny* e um casaco curto justo assenta sobre seios pelo menos três tamanhos acima dos de Alix.

Katelyn desvaloriza o elogio, com ar amável, e mesmo não querendo, Alix sente imediata simpatia por este ser humano que desempenhou um papel tão significativo na morte do seu marido. Prepara o seu telemóvel e microfone portátil para gravar a conversa. Katelyn vai falando enquanto ela o faz.

– Não acreditei quando vi que tinhas lançado um *podcast*. Está em todo o lado! Quer dizer, eu nem costumo ouvir *podcasts*, basicamente *mal sei* o que é um *podcast*. Mas este – uau! Quer dizer, é inevitável, suponho eu. Não é todos os dias que somos arrastados para a história de um crime na nossa vida real. E, desculpa, Alix, tenho de prevenir-te desde já, eu não tenho filtros. Digo as coisas antes de as ouvir na minha cabeça, sabes? E às vezes isso faz-me parecer insensível. Despedada? Mas, na realidade, não sou assim. De todo. E preciso que saibas, Alix, o quão lamento tanto, mas tanto o que aconteceu. E pelo papel que desempenhei. Mal consigo dormir às vezes, a pensar naquilo tudo, a querer voltar atrás no tempo, a desejar nunca ter entrado naquela loja de arranjos de costura naquela manhã.

– Conheceste a Josie na loja de arranjos?

– Sim. Bom, eu já sabia quem ela era, ela era mais ou menos conhecida no meu bairro por ter sido a rapariga que tinha fugido com o namorado da mãe, sabes? Mas não a via há anos. Mas ouve, Alix, por favor, acredita em mim, eu pensei que estava a fazer algo com um bom propósito, sabes? Pensei que estava a fazer algo em prol de nós, mulheres. Foi assim que ela mo descreveu, que estavas presa naquele casamento com um tipo que não podia ver um rabo de saia, sabes? E ela estava a ajudar-te a escapar. E eu queria ajudar-te a escapar também. Obviamente, o dinheiro foi um grande incentivo. Mil libras são mil libras, né? Mas mais do que isso eu pensei: vamos mostrar a esta mulher que tipo de homem é o marido. Vamos mostrar-lhe e depois ela pode libertar-se dele. E depois, claro, viu-se que o teu marido não era de todo esse tipo de homem. *De todo*. Meu Deus, Alix, aquele homem amava-te. Ele não me abordou dessa forma. Não estava interessado em mim dessa forma. Ele estava só muito bêbado e acho que me viu como a sua parceira de copos, sabes? Ele só queria uma parceira de copos. Mas estive o tempo todo «a Alix isto e a Alix aquilo». E a mostrar-me fotos tuas no telemóvel dele.

Alix olha para Katelyn quando ela diz isto.

– O telemóvel dele. Sim. Sempre me perguntei, por que não me ligou ele? Por que não me enviou mensagem? Por que não me atendeu as chamadas? Quando estava contigo?

– Ele estava demasiado bêbado, Alix. Não sei se te consigo bem explicar o estado de merda em que ele estava. Desculpa dizer asneiras. Podes cortar essa parte? Desculpa. Mas ele estava a ver a dobrar. Então eu tomei conta do telemóvel dele. Disse-lhe que estava a enviar-te mensagens para o vires buscar. Mas sempre soube que era a Josie que o viria buscar. Menti-lhe, Alix, e *lamento tanto*. Quer dizer, a sério. Ele era uma boa pessoa. Tão boa pessoa. E eu menti-lhe. Disse-lhe que ele estava em segurança. Disse-lhe que estavas a caminho. Disse-lhe que tomava conta dele. E enquanto isso... – Katelyn abana tristemente a cabeça.

Alix sente o amargo da bÍlis na garganta enquanto absorve as palavras de Katelyn. Quer magoá-la. Quer gritar-lhe.

– Podes odiar-me – diz Katelyn, como se lesse a mente de Alix. – Quero que me odeies. Quero mesmo. Não estou aqui para ser tua amiga ou em busca de perdão. Estou aqui para o teu *podcast*. Para o tornar, tipo, o maior *podcast* que alguma vez existiu, para te tornar famosa, para te fazer voar. Porque foi isso que pensei estar a fazer naquela noite, na noite em que menti ao teu maravilhoso marido e destruí a tua vida; pensei que estava a ajudar-te a voar. – Ela deixa escapar um som abafado em jeito reprovador e abana de novo a cabeça. – Fica ciente, Alix Summer, que tinhas um marido que te adorava, adorava os filhos, adorava a vida que tinha. Um marido que não queria mais

ninguém. Só a ti.

Alix assente e tenta resistir à vontade de chorar. Depois sorri tristemente e diz:

– Muito bem, podemos começar pelo princípio? Pelo dia em que encontrei a Josie na loja de arranjos de costura. – E a entrevista começa.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra Alix Summer no seu estúdio de gravação, a retirar os auscultadores, a desligar os ecrãs, a dirigir-se para a porta do estúdio e a fechá-la atrás de si.

A câmara foca depois lentamente os detalhes do estúdio vazio de Alix e o seguinte texto surge no ecrã:

O último episódio do podcast de Alix foi para o ar em agosto de 2020, assinalando um ano após o funeral de Nathan.

Esta é a mensagem final de Alix.

Ouve-se a voz de Alix enquanto a câmara continua a explorar o seu estúdio.

– E tudo nos trouxe até hoje. Estou aqui, quase no fim de agosto, no meio de uma pandemia à escala mundial, sem ter certeza do que o mundo me reserva, ou a qualquer um de nós. Mas uma coisa sei, amanhã vou buscar o nosso cachorro do confinamento a um criador em Hampshire. É um pastor-australiano com um olho de cada cor e vai-se chamar *Matilda*, por razões óbvias. Vai, espero eu, trazer muitas alegrias à nossa pequena família enquanto aprendemos a viver com a ausência, com a tristeza, com as interrogações, com a dor. E ainda há pouco recebi um *e-mail* muito entusiasmante de uma produtora dos Estados Unidos que indicava interesse em comprar os direitos deste *podcast* para o transformar num documentário, por isso nunca se sabe, quando derem por isso poderão estar a assistir a *Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!* no conforto do vosso sofá. E, há dois dias, a Roxy disse-me que ela e a Erin encontraram uma casa para morar juntas, que a Erin se vai mudar este fim de semana e irá trazer com ela todo o universo *gaming*. Por isso, há muito que celebrar quando chegamos a estes instantes finais. Mas, algo que é frustrante para mim, enquanto jornalista, e para vocês, ouvintes, como muito habitualmente acontece com podcasts de *true crime*, não há uma conclusão real, não há FIM, porque, claro, neste momento, Josie Fair ainda se encontra a

monte. Pode afirmar ter feito tudo isto para assegurar a sua liberdade, mas a verdade é que Josie Fair não é livre. De todo. Está agora cativa numa prisão que ela própria criou, onde sempre terá de desconfiar da sua sombra, sempre em fuga, sempre a manter-se discreta, escondida. E isso deixa-me satisfeita. Claro que alimento a secreta fantasia de que, momentos antes de terminar esta gravação, o meu telemóvel irá tocar e será a subcomissária Albright a dizer-me que a encontraram, que a vão deter, que ela irá a tribunal, que irá para a prisão, que pagará pelos crimes que cometeu. E que crimes, esses. Que crimes chocantes, impensáveis, insuportáveis. Uma adolescente aguerrida e inteligente com toda a sua vida pela frente, o seu corpo sovado deixado a apodrecer numa garagem suja e húmida, sem nenhuma justificação. Sem uma justificação que seja. O marido reformado de Josie, embora longe de ser um bom esposo e, em alguns aspetos, até um mau homem, mas um bom pai para as suas filhas, espancado enquanto sofria um ataque cardíaco e deixado a morrer dentro de uma banheira. A tentativa de homicídio da própria filha, a sua vulnerável primeira filha. Para quê? Roubar-lhe o dinheiro? Para a impedir de viver a sua própria vida? De realizar os seus sonhos? Meu Deus... E, finalmente, o inútil, ridículo, hediondo homicídio do meu marido. Nathan Summer. O meu menino. O meu homem. O meu parceiro de vida de cabelos cor de fogo. O pai dos meus filhos. Amigo de dezenas. Colega estimado. Só... céus. Um bom homem, sabem? Tínhamos os nossos problemas, sim. Tínhamos as nossas quezílias. E, sim, nas semanas antes de a Josie o ter levado, eu tinha considerado uma vida sem ele. Tinha mesmo. Imaginei como seria ficar sozinha e não ter de viver com aquelas longas e horríveis noites em que ele não voltava para casa, para mim, e eu ficava deitada no escuro sem conseguir dormir, com o estômago às voltas, os meus pensamentos à solta, a perguntar-me se ele estaria morto, a perguntar-me se ele estaria a ter sexo com uma estranha, a perguntar-me por que razão ele simplesmente não queria voltar para casa e para mim. E talvez um dia tivesse chegado ao fim da linha, talvez um dia tivesse decidido viver sem ele. Mas a Josie privou-me dessa escolha. Tirou-nos todos os outros possíveis rumos que as nossas vidas poderiam ter tomado. E, pior do que isso, roubou um bom pai aos seus filhos. E quaisquer que fossem as suas razões – a sua psicose, o seu trauma de infância, a sua saúde mental, as suas dificuldades e os seus problemas – qualquer que seja a razão que ela dê para justificar o que fez, eu mantenho, independentemente do que ela possa dizer, que ela fez o que fez porque é má. Pura e simplesmente. Então, Josie Fair, se estás por aí algures a ouvir-me, fica ciente. A tua luta é única e exclusivamente tua. Não afirmes que estás a lutar em nome de terceiros. Não afirmes que és a vítima. Não afirmes que és outra coisa além do que és. Uma cabra de merda malévola muito parola.

– O meu nome é Alix Summer. E este foi o *Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!* Obrigada por estarem desse lado. E adeus.

Ouve-se o clique de um botão a terminar a gravação.

O ecrã escurece e passam os créditos finais.

Termina a série.

Quarta-feira, 28 de outubro

Em outubro desse mesmo ano, mesmo antes de ser decretado o segundo confinamento nacional, a subcomissária Albright liga a Alix.

– Vamos encerrar grande parte da investigação, esvaziar algumas das caixas de provas, e tenho algo para si. Aquelas coisinhas que a Josie retirou da sua casa no ano passado, achei que poderia querê-las de volta, não? Posso deixá-las na sua casa esta tarde.

A subcomissária Albright chega pouco depois das quatro, quando ambas as crianças já regressaram da escola e a cachorra está em modo hiperativo, deixando um rasto de pequenas poças de chichi enquanto rodopia com entusiasmo perante a presença de alguém à porta.

– Desculpe, Alix. Estou a ver que está ocupada. Não lhe tomo muito tempo. Mas só queria dizer, ouvi o seu *podcast*, a série toda, e foi extraordinário. Foi mesmo. Sabe, para um detetive, é raro poder aceder àquele nível de análise profunda do criminoso que estamos a tentar capturar. E a voz dela... só de a ouvir, dá-me novamente arrepios na espinha. Foi como ler um romance, sabe, não conseguia parar de ouvir. E aquela última frase! Meu Deus! Ri-me à gargalhada! E, claro, gerou muitas mais informações que nos chegaram. – Ela revira os olhos. – A maioria é um disparate total e uma perda de tempo. Mas algumas pistas valem a pena seguir. Uma pessoa acha que a viu em Northampton na semana passada. Vamos investigar isso. Por isso, sim, vamos mantê-la informada de tudo. E vamos fazer figas. Não deve demorar. Quer dizer, dez mil libras não duram para sempre, não é? A certa altura ela vai ter de regressar ao mundo real, e vai começar a deixar rasto de novo. É uma questão de tempo. Seja como for, aqui tem. Aqui estão as coisas. Devolvemos as outras à mãe da Brooke, mas ela disse que só algumas pertenciam a Brooke. A pulseira de flor. O elástico de cabelo. Ela disse que nunca viu a capa de telemóvel. E a Roxy e a Erin não a reconheceram. Por isso, sim, é um mistério. Um de muitos.

Ela sorri afavelmente para Alix e depois vai-se embora. Alix dirige-se diretamente para a cozinha para pegar no *spray* de animais domésticos e no

papel absorvente e limpar os acidentes de Matilda, e depois senta-se à mesa com o envelope almofadado à sua frente. Demora um minuto a reunir a força de vontade para o abrir. Retira os objetos, um a um, e coloca-os em fila. Está horivelmente ciente de onde eles estiveram, do que simbolizam, mas também ciente de que estes são pequenos pedaços relevantes dela própria que Josie roubara, e subitamente a vontade de os devolver ao seu devido lugar na sua casa fala mais alto do que o repúdio pelo sítio onde estiveram. Ela rapidamente se levanta e começa a caminhar pela casa, colocando de volta cada objeto à vez. Descobre o pequeno espaço no quadro de cortiça onde o desenho de Eliza costumava estar e prende-o novamente no seu lugar, no sítio exato de onde fora retirado, sentindo uma estranha satisfação quando a ponta do pionés encontra e se insere precisamente no mesmo buraco. Coloca novamente o recibo dentro da revista *Livingetc* e leva-a até à porta da frente, encaixando-a a meio da pilha do caixote de reciclagem. Leva a cápsula Nespresso e devolve-a ao jarro no seu estúdio de gravação, coloca a colher de chá na máquina de lavar louça e o sabonete líquido na casa de banho de serviço debaixo das escadas. Está prestes a deixar as fotografias tipo passe de Leon na gaveta desarrumada onde antes estavam, mas não o faz. Ele parece tão bebé, tão estranho, tão aborrecido nas fotos. Mas são fotos dele, tiradas num momento da sua vida em que ele ainda não conhecia a dor, a perda ou a tristeza, e ela quer celebrá-lo, por isso, retira outro pionés e prende a tira de fotos no quadro de cortiça, tocando-lhes com carinho. E, por fim, a pulseira. A delicada pulseira dourada que Nathan lhe oferecera no seu aniversário, e enquanto a observa ouve o eco da sua própria voz, perguntando ao marido que já não tem: *Nathan! Viste a minha pulseira? Aquela que me deste nos meus anos?* e depois recupera a memória do momento em que Nathan lha oferecera um ano antes, fechando-a suavemente em torno do seu pulso, que ela segurava aqui mesmo, sobre esta mesa, neste exato local. E vira o pulso e chama alto pelo seu filho, o seu menino cabelo cor de fogo.

– Leon! Querido! Podes ajudar-me com uma coisa?

E ele aparece junto à porta, de olhos claros, a pestanejar.

– O quê?

– Podes colocar-me esta pulseira?

Ele pousa o seu iPad sobre a mesa da cozinha e vai ao seu encontro. Cheira a menino, cheira à sua casa, cheira ao seu cabelo, cheira a amor. Ela consegue ouvi-lo a respirar pelo nariz enquanto ele está junto dela, concentrado em fazer passar o arco pelo fecho, falhando algumas vezes e depois dizendo:

– Pronto. Já está.

Está prestes a ir embora de novo, mas Alix prende-o junto a si, colocando os braços em torno da cintura dele.

– Estamos bem, não estamos? – pergunta-lhe. – Nós os três. Estamos bem?

Leon acena com a cabeça, encosta o queixo à cabeça dela e diz:

– Sim. Estamos bem.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã mostra a reconstituição do momento em que um carteiro faz passar uma pilha de cartas através da abertura da caixa de correio de uma vivenda vitoriana.

A atriz que interpreta o papel de Alix Summer recolhe as cartas e leva-as para a cozinha, onde começa a abrir uma delas.

Na legenda pode ler-se:

No dia 2 de novembro de 2020, dois meses após o lançamento do último episódio do *podcast* de Alix Summer, Alix recebeu uma carta na sua caixa de correio.

O ecrã mostra agora Alix Summer a ler em voz alta a carta no seu estúdio de gravação.

«Alix. Demorei muito tempo a conseguir perceber o que haveria de te dizer e como dizê-lo. Ouvi o teu *podcast* este verão. *Cabra parola?* A sério? Toda a minha vida fui atacada, Alix. Toda a minha vida. E agora também da tua parte.

Quando te conheci, achei que eras especial. Achei que era obra do destino. Finalmente, alguém que me entendia, que me compreendia, alguém que percebia o quão dura tinha sido a minha vida. E ofereci-te a minha verdade, Alix. E o que fizeste tu? Transformaste-a numa porcaria foleira de «*true crime*» quando nem um único minuto daquilo era verdade. Nada. E quanto à Erin e às suas mentiras todas, eu já calculava que ela iria mentir. Claro que ia mentir. Ela e a Roxy a tentarem fazer de mim a má da fita, quando foram sempre elas. O facto de teres ido na conversa delas fez-me diminuir a minha consideração por ti. Estou mesmo desiludida contigo. Estou mesmo.

E não te roubei o Nathan de propósito; já te disse isso. Eu expliquei: foi um acidente. Dei-lhe a dosagem certa, mas deixou de fazer efeito e ele estava a fazer tanto barulho que tive de lhe dar mais. Como era suposto saber que aquilo o ia matar? Mas ainda assim continuas a acusar-me, como se eu soubesse o que estava a fazer, como se houvesse algo de errado comigo, quando não há. O mundo é que está errado – tu e eu sabemos disso.

O destino juntou-nos duas vezes, Alix, a primeira vez no dia em que nascemos e depois na noite do nosso quadragésimo quinto aniversário. Talvez

encontre uma outra forma de nos juntar de novo e talvez então possamos voltar ao que éramos. Espero que sim, espero mesmo.

Por favor, manda beijinhos meus aos teus filhos, sobretudo ao Leon. Tinha um fraquinho por ele. Um rapaz amoroso. Delicado. Mantém-no seguro.

Josie.»

Alix dobra a carta ao meio e coloca-a sobre a sua secretária.

Olha para o entrevistador e abana a cabeça com ar irónico.

Na legenda pode ler-se:

**No momento em que este programa foi gravado,
Alix Summer não mais tinha tido notícias de Josie Fair.**

Dezasseis meses mais tarde

Josie ajusta a máscara e cobre o rosto com o seu cabelo pintado de louro quando as duas jovens entram no autocarro vazio e se sentam à sua frente.

Olha resolutamente através da janela do autocarro, observando enquanto as ruas escuras da pequena cidade nas Midlands⁴ onde agora vive vão passando, mantendo o rosto longe dos olhares das pessoas, como sempre faz.

As mulheres à sua frente conversam, um rio interminável de palavras que atravessa a mente de Josie como uma névoa espessa e insignificante, até que uma delas inspira intensamente e exclama:

– Oh, meu Deus, tens visto aquela cena na Netflix? A do *Fazemos Anos no Mesmo Dia*?

A outra mulher diz:

– Ui, sim, vi tudo de uma assentada. Quer dizer, que raio foi aquilo?

– Sim! Exatamente! Foi tipo... aquela mulher! Foda-se, que sinistra.

– Tão estranha. E o que ela fez às filhas. E raptar o marido daquela mulher. Eu fiquei tipo... mas que raio?

– Mas o que achaste das miúdas? Da Roxy e da Erin. Achas que disseram a verdade?

– Como assim?

– Quer dizer, tipo, pareceram-me um pouco duvidosas. E depois o que aquela mulher, a Josie, disse no fim na carta à *podcaster*... Fiquei a pensar se elas também não estariam envolvidas naquilo.

– Céus. Nem me passou pela cabeça. Mas pareceu-me tudo muito impreciso. Parecia que a Josie não era a única a mentir, sabes. Aquilo tem mais que se lhe diga, eu acho. Toda aquela história foi tão estranha. É difícil acreditar que pessoas assim existem, sabes, na vida real.

As duas mulheres permanecem em silêncio por uns segundos, depois a sua paragem aproxima-se e elas preparam-se para sair.

Josie observa-as, sentindo a respiração quente e acelerada no interior da sua máscara, o coração a bater violentamente contra o peito. Uma delas vira-se e Josie volta rapidamente a dirigir o olhar para a janela. Quando se vira de

novo, as mulheres já se foram embora e ela está de novo sozinha no autocarro.

As pontas dos seus dedos vão ao encontro da abelha dourada que tem pendurada ao pescoço e ela fá-la deslizar pelo fio, para um lado e para o outro, sente a batida do seu coração enquanto os seus pensamentos se enrodilham e se embrulham, tentando encontrar a lógica para tudo o que vive dentro de si, todos os momentos da sua vida, os erros que cometeu, as mentiras que contou, a sua própria versão de uma vida que começou quando era um feto ignorado e indesejado no ventre da sua mãe, trazido ao mundo para sentir cada minúcia daquele erro da sua mãe, uma vida que sempre fora destinada a terminar desta forma, em fuga, sozinha, uma mulher de máscara, e lembra-se das coisas que fez, enquanto criança, enquanto adulta, de todas as coisas que não contou a Alix, e pensa naquilo que disse *ter* feito, embora não tivesse. E tudo aquilo lhe parece um novelo anormal e doentio de verdades e inverdades que ela nunca conseguirá desemaranhar, que nunca ninguém conseguirá desemaranhar, mas algo permanece. Parece ser verdade e ela espera que seja verdade, porque a define de tantas formas: a noite em que chegou a casa e encontrou Roxy ajoelhada junto ao corpo pálido de Brooke Ripley com lágrimas a escorrerem-lhe pela cara, a gritar: «Eu não queria, mãe, eu não queria.» E Erin de pé junto à porta, a observar e a balançar-se, tapando a boca com a mão, e Roxy a dizer: «O que vamos fazer? *O que vamos fazer?*» e a chamada para Walter em Newcastle, que lhes explicou muito lenta e firmemente o que tinha de acontecer depois: o rolo de plástico na despensa, a janela na casa de banho que abria diretamente para a rua estreita onde ficava a garagem, a chave na gaveta com o número 6 preso a uma etiqueta plástica.

Pensa nos dias que se seguiram, na chave que lhe queimava a palma da mão, a olhar para ela, a olhar para ela, a virá-la vezes sem conta, à espera que tocassem à campainha, à espera que algo acontecesse, a querer dirigir-se à polícia, a querer fazer desaparecer aquilo tudo, acabar com tudo, e dias depois o desaparecimento de Roxy, as suas palavras cheias de ódio antes de partir: «Se contares a alguém, eu digo que foste tu. Digo que foste tu.»

Pensa na discussão que teve com Walter na noite do jantar na casa de Alix, em como retirara a chave da gaveta e dissera a Walter que ia contar tudo a Alix, agora mesmo, que ia contar ao mundo sobre o horrível pequeno segredo encerrado na bagageira do carro *Morris Minor* do pai dele, dentro da garagem atrás da sua casa. Lembra-se de que ele levava a mão ao peito, a expressão de dor no rosto dele, lembra-se de o fitar enquanto ele caía ao chão, de o fitar e ver a cor a esvaír-se da cara dele, enquanto mantinha o punho junto ao peito. Tenta lembrar-se do que aconteceu depois disso, mas enquanto as memórias se recompõem, ela não está certa se são reais ou se são sonhos, alucinações, mas Erin estava lá, isso ela sabe, a bater-lhe e a bater-lhe e a bater-lhe. E depois as memórias desvanecem-se de novo em nada.

Olha através da janela do autocarro e, por um fugaz segundo, Josie tem a certeza, tem *tanta* certeza de que – sim! – foi isso mesmo que aconteceu e que ela talvez não tenha sido uma boa mãe, mas foi uma *verdadeira* mãe, que fez o que qualquer mãe faria e protegera a sua menina, manteve-a segura, salvou a sua filha dela própria e das consequências da sua raiva, como sempre fizera e sempre continuará a fazer, agora, amanhã, para sempre, custe o que custar. E não fez nada de mal, nem por isso, nunca. Tudo o que fez, à sua maneira, foi cuidar das pessoas que ama, tentar ajudar as pessoas, tentar ser uma boa pessoa.

Está tão certa de que é essa a verdade.

Absolutamente certa.

⁴ Região central de Inglaterra. (N. da T.)

AGRADECIMENTOS

Bem, este livro foi uma incrível produção! Comecei a escrever em maio de 2022 e terminei em setembro. Seria de esperar que após vinte e um livros já teria uma ideia formada sobre como escrever, sobre como as coisas se desenrolam e sobre o que é preciso para fazer tornar um livro realidade, mas, tal como os filhos, cada livro é diferente, e tudo o que se aprendeu ao escrever os livros anteriores não conta para NADA quando se é confrontada com a organização de todo um novo universo. E assim foi com este. Eu não sabia que conseguia escrever tão depressa! Estava preocupada por não estar a fazer o que faço habitualmente, como criar duas linhas temporais ou *flashbacks*; onde estão os pontos de vista do adolescente, pensava eu? Onde está a minha personagem masculina? Que livro é este? Por que estou a escrevê-lo tão depressa?

Por isso, acho que gostaria de agradecer a Will Brooker, em primeiro lugar, que apesar de este ano não estar a escrever nenhum livro sobre o facto de eu estar a escrever um livro, ainda assim, quis ler o meu mais recente trabalho em curso, só por graça, e que, quando eu estava perto das 30 mil palavras, cheia de incertezas e de medos, me escreveu a dizer: «Não faço ideia do que se está a passar, mas é delicioso, f**a-se.» Só isto fez-me conseguir escrever mais 60 mil palavras. Obrigada, Will.

Também queria agradecer à minha irmã, Sacha, pela conversa na sua cozinha em fevereiro, quando eu disse: «Há um idoso ao computador junto à janela e está alguém dentro de um quarto no corredor, por detrás de uma porta fechada, e eu ainda não sei quem é», e ela disse: «E se for uma adolescente, que é viciada em jogos de computador?», e isso imediatamente fez surgir toda a história na minha cabeça. As coisas mais pequenas podem ter o maior impacto.

Obrigada como sempre à minha editora, Selina Walker, que tanto fez por este livro – não sei quantas vezes o leu, mas foram muitas – e a todas as outras pessoas da Century UK que trabalham tanto em meu nome, sobretudo a

Najma (que recebeu o muito merecido prêmio de agente publicitária do ano, e não era para menos!), a Claire Bush e Sarah Ridley por todos aqueles pormenores importantes de bastidores que ajudaram a tornar este livro um sucesso. Obrigada também à Claire Simmonds por se esforçar tanto nas vendas dos meus livros. Obrigada ao Jonny Geller, o meu agente da Curtis Brown, por levar sempre este navio a bom porto e me deixar ficar sentada à secretária a inventar coisas sem ter de me preocupar com mais nada, e obrigada ao resto da equipa – Viola, Ciara, Kate e Nadia. À Deborah Schneider, a minha agente nos Estados Unidos, obrigada por cada minuto de tudo o que fizeste por mim ao longo dos anos. És incrível e sou-te eternamente grata.

Obrigada também à excelente equipa da Simon & Schuster nos Estados Unidos, a Lindsay Sagnette, a minha fantástica editora, e a Ariele Fredman, a quem ainda-não-atribuíram-nenhum-prémio-mas-deviam-atribuir-depressa-porque-é-a-minha-fantástica agente publicitária, obrigada por trabalhares tanto e tão incansavelmente em meu nome e por me ajudares a criar um público tão brilhante e leal de leitores do outro lado do oceano. Obrigada também a Jade, Dayna, Karlyn, Camila e Libby. São todas maravilhosas.

E o habitual agradecimento a todas as pessoas que fomentam a leitura: bibliotecários, livreiros, *bloggers*, *bookstagrammers* e professores. Sou-vos muito grata. E a vocês, claro, os leitores, obrigada por escolherem os meus livros, por partilharem e falarem sobre eles e me fazerem sentir que o que faço é relevante.

E, por fim, obrigada a todas as pessoas que fazem parte do meu mundo, o mundo que me traz estas histórias e me permite ter tempo e espaço e inspiração para as escrever: os meus amigos, família, vizinhos, colegas escritores e, sobretudo, aos misteriosos estranhos à janela, em praias e na rua, que despertam ideias e fazem nascer mundos e nunca saberão que alguém escreveu um livro inteiro sobre eles.

Obrigada!

Uma nota sobre o nome Giovanni Comoli

O nome do amigo de Nathan, Giovanni, surgiu-me pelo vencedor de um leilão com o objetivo de angariar fundos para a instituição de caridade Young Lives vs Cancer. Aqui está um resumo do seu trabalho:

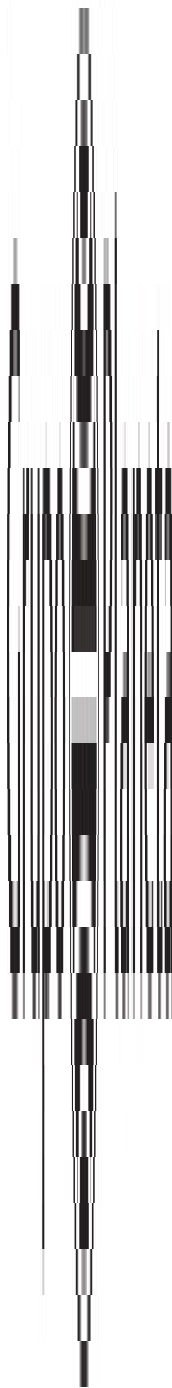
Quando uma criança é diagnosticada com cancro isso coloca tudo em risco, para elas e para a sua família. Numa altura em que deviam estar ocupadas em ser crianças, a desfrutar dos seus turbulentos anos de adolescência ou a adaptar-se à faculdade, a vida enche-se de medo. Medo do tratamento, mas também da possibilidade de poder destruir as suas famílias, ou preocupações financeiras avassaladoras, a saúde mental levada ao ponto extremo, de não ter ninguém a quem pedir ajuda, ninguém com quem falar.

Na Young Lives vs Cancer, nós compreendemos. Somos a instituição de caridade que ajuda crianças e jovens (0-25) e as suas famílias a encontrar a força para enfrentar o que quer que o cancro lhes reserve.

Sabemos que toda a gente é diferente, por isso trabalhamos muito para certificar-nos que cada família tem o que precisa para superar o cancro. Pode ser uma ajuda financeira para um progenitor que está com dificuldades em manter o bem-estar do seu filho durante o tratamento ou para um jovem que não tenha meios para se deslocar até ao hospital. Ou ajudar uma família a permanecer unida num dos nossos abrigos gratuitos Homes from Home perto do hospital onde a criança se submete aos tratamentos.

E se acharmos que as famílias estão a ser esquecidas pelo sistema, não temos medo de as fazer ser ouvidas ou de gritar em seu nome. As crianças e jovens com cancro merecem as mesmas oportunidades de todas as outras pessoas. Estaremos sempre cá para as ajudar, porque já passámos pelo mesmo.

Com a ajuda da generosidade dos nossos apoiantes, conseguiremos enfrentá-lo juntos.



PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Rua dos Lusíadas, 63 B
1300-366 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2023, Lisa Jewell Ltd
© 2023, Planeta de Livros Portugal

Título original: *None of This is True*

Design da capa: José Moreno

Imagens da capa: © Nicole Matthews / Arcangel
y © KOTOIMAGES / Shutterstock

Edição em epub: Julho de 2024

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-922-0 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

1. *Introduction*

2. *Methodology*

3. *Results*

4. *Discussion*

5. *Conclusion*